

*Sophia Bell with Professor Wang Ming*

# POEIRA VERMELHA

# LUZ DOURADA

RED DUST, GOLDEN LIGHT

MISTÉRIOS E VERDADES NA CHINA

# POEIRA VERMELHA, LUZ DOURADA

(RED DUST, GOLDEN LIGHT)

*Mistérios e Verdades na China*

Autores: **Sophia Bell** com o Professor **Wang Ming**

---

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

# NOTA DOS EDITORES

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, para respeitar a privacidade e evitar impactar certas pessoas, os nomes dos personagens e alguns detalhes de identificação foram alterados, simplificados ou reestruturados em forma literária.

Alguns trechos do livro são narrados a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas experiências e percepções no momento dos acontecimentos. Esses pontos de vista não refletem necessariamente a posição do THE LIVES MEDIA.

Em relação ao estilo de escrita, embora o Conselho Editorial tenha feito os ajustes necessários, para respeitar o personagem original e preservar o espírito e a vivacidade da história, esforçamo-nos para manter ao máximo a autenticidade e a voz original do personagem.

## O Conselho Editorial



---

# NOTA DA ESCRITORA

A jornada narrada nestas páginas pertence inteiramente ao Professor Wang Ming. Meu papel, como escritora, foi colaborar de perto com ele, ouvir suas experiências e ajudar a transmitir sua extraordinária história neste livro. Embora o livro tenha sido formado a partir de nossa colaboração, a narrativa, as memórias e as verdades profundas aqui apresentadas são exclusivamente suas.

- **Sophia Bell**

---

# PREFÁCIO

Eu era um homem que acreditava plenamente na ciência. Como professor de medicina e empresário que via o mundo através das lentes da lógica, das evidências e do que podia ser visto e ouvido, eu achava que entendia muito bem a vida – o sucesso, os limites do ser humano. Aquela viagem de verão à China, inicialmente motivada apenas pela curiosidade sobre a medicina tradicional e as transformações de minha terra natal após tantos anos de distância, não me preparou para o que estava por vir.

A porta para outro mundo se entreabriu não nos laboratórios ou nas salas de aula da universidade, mas em salões de chá serenos, nos picos enevoados das montanhas, em pequenas cidades onde o tempo parecia ter parado e através dos olhos de pessoas simples que carregavam uma sabedoria extraordinária. Encontrei eremitas, curandeiros com métodos peculiares, pessoas que podiam ver coisas muito além do alcance da ciência. A visão de mundo sólida que construí ao longo de toda a minha vida começou a ser abalada em seus alicerces.

Mas a jornada para descobrir as maravilhas da antiga cultura oriental também nos levou – minha esposa, Qing Ling, e eu – a uma outra realidade, uma realidade

sombria e brutal escondida por trás do brilho moderno da China. Acidentalmente, encontramos um caminho de cultivo espiritual genuíno, uma escola de Dharma baseada nos princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância, que trouxe luz e esperança para milhões de pessoas. E, por causa disso, tivemos que enfrentar a verdade nua e crua sobre uma perseguição absurda, uma repressão brutal à fé que o mundo exterior pouco conhecia.

Este livro é o registro dessa jornada de quase sete meses cheia de reviravoltas – de um cientista cético a um buscador da verdade, de um turista curioso a uma testemunha involuntária tanto da bondade sublime quanto da maldade extrema. Esta não é apenas a minha história, mas também uma história sobre a perseverança, sobre a força da fé em meio à adversidade e sobre a luz da esperança que nunca se apaga, mesmo na noite mais profunda.

Eu escrevo estas coisas não para convencer, mas para compartilhar uma experiência que mudou completamente a minha vida. Talvez, em algum lugar nesta jornada, você também encontre algo para si, uma inspiração, um raio de luz, uma resposta para as perguntas que sempre carregou em seu coração.

Convido você a embarcar comigo nesta jornada, onde o Oriente verdadeiramente resplandece.



**Wang Ming**

---

# **CAPÍTULO 1: UM MOMENTO FORA DO ROTEIRO**

## **O convite peculiar e um espaço incomum**

Eu fiquei parado diante da porta de madeira escura com o número 603.

A sala estava aninhada em um canto escondido no final do corredor do térreo – um lugar que parecia ter sido esquecido pela própria luz pálida e fluorescente do centro de convenções. Minha mão ainda sentia o frio da placa de latão com o número da sala, que havia escurecido com o tempo. Sob a luz fraca, o número

parecia tremer levemente, uma sensação vaga, como se estivesse esperando por mim.

Cerca de dez minutos antes, eu estava sentado no salão principal do terceiro andar, onde slides de PowerPoint exibiam gráficos complexos, piscando incessantemente como o ritmo acelerado de uma indústria médica global em constante corrida. Então, um impulso súbito me fez lembrar do pequeno pedaço de papel, aquele que eu pretendia jogar no lixo no primeiro dia da conferência, ainda imóvel no bolso do meu paletó.

Não tinha nada de chamativo. Um pedaço de papel marfim, com apenas uma linha impressa em inglês de forma simples:

“Ancient Healing Arts and Uncharted Possibilities”  
(*Artes de Cura Antigas e Possibilidades Inexploradas*)

E um nome: Zhang Feng – da China.  
Sala da organização: 603.

Naquele momento, lembro-me de ter sorrido levemente. Em parte porque o título soava um tanto clichê, como um anúncio para um retiro de meditação de fim de semana em alguma zona rural remota. Em parte, e talvez a maior parte, porque eu era um homem de números, de pesquisas verificadas, de dados analisados com rigor. Qing Ling, minha esposa, com a sutileza de uma

linguista, costumava dizer que meu pensamento era tão rigoroso e preciso quanto o mecanismo do relógio suíço que eu sempre usava. Eu geralmente ficava em silêncio, considerando aquilo um elogio implícito à minha firmeza.

No entanto, por alguma razão, o pedaço de papel permaneceu quieto no bolso do meu paletó por dois dias, em meio a agendas lotadas e reuniões importantes. Como se tivesse um peso invisível, esperando por um determinado momento. Foi só naquela tarde, quando minha agenda de repente teve um intervalo de cerca de quarenta minutos e minha mente estava exausta com gráficos estatísticos que pareciam se repetir infinitamente, que minha mão pareceu tocar o bolso por conta própria – e lentamente retirou o papel.

“Não custa nada dar uma olhada”, murmurei, um pensamento passageiro mais do que uma decisão ponderada.

E agora eu estava aqui, diante da sala 603. Quanto mais perto eu chegava, o barulho e os sons confusos das principais salas de conferência pareciam ser filtrados e depois dissolvidos por uma parede invisível. Ouvi claramente o som dos meus passos no carpete grosso, cada passo como uma pequena gota d'água caindo lentamente em um espaço estranhamente silencioso, uma quietude quase tangível.

Empurrei a porta levemente. Ela rangeu suavemente, como um suspiro de madeira velha.

Lá dentro... era um mundo completamente diferente.

Não havia projetores brilhantes. Nem um pódio formal. Nem luz branca e fria ou o som de microfones amplificados ecoando pelo moderno sistema de som da conferência. Em vez disso, a sala era iluminada por uma luz amarela suave e quente, emanando de algumas lanternas de papel de arroz penduradas perto do teto. Um aroma puro e delicado de ervas flutuava no ar – semelhante ao sândalo, mas mais claro e refinado, o que, por alguma razão, acalmou minha mente de forma inesperada.

Havia apenas cerca de uma dúzia de pessoas na sala, sentadas em cadeiras de madeira simples. Elas estavam sentadas de forma ereta, em silêncio, todas voltadas para a frente, como se estivessem ouvindo uma música invisível, uma melodia que só podia ser sentida nas profundezas da consciência. Ninguém olhava para o celular. Ninguém fazia anotações apressadamente. Ninguém falava. O silêncio aqui não era a mera ausência de som, mas uma entidade viva e palpável que envolvia e permeava cada canto da sala. Isso me fez prender a respiração involuntariamente.

Eu parei na entrada por alguns segundos. Meu terno de negócios impecável, a gravata de seda listrada, o crachá de metal brilhante preso na lapela – coisas que eram símbolos do meu status e confiança – de repente me fizeram sentir... deslocado, como uma nota desafinada em uma sinfonia silenciosa. Mas, estranhamente, ninguém me olhou como se eu fosse um intruso indesejado. Seus olhares passaram por mim, muito rapidamente, mas sem julgamento ou curiosidade inquisitiva – era como o olhar de pessoas que... já tinham visto isso, ou algo semelhante, antes. Uma aceitação silenciosa.

Respirei fundo suavemente, tentando entrar o mais silenciosamente possível, e escolhi uma cadeira vazia na última fileira. O encosto da cadeira estava ligeiramente inclinado para trás, o tecido gasto e velho, mas eu nunca havia me sentado em uma cadeira com tanta hesitação e cautela em toda a minha vida.

Na frente, sentado em uma cadeira de madeira rústica, um pouco mais baixa que as dos outros, estava um homem. Zhang Feng, presumi, com base no nome no papel. A luz amarela da lanterna mais próxima lançava um feixe diagonal em sua bochecha e em uma de suas têmporas. Seu rosto, à primeira vista, talvez não fosse notável – mas havia algo nele que me impedia de desviar o olhar. Seus olhos não eram penetrantes, nem inquisitivos. Eles simplesmente estavam presentes,

quietos e profundos como um lago de outono sem ondulações, tolerantes e silenciosos.

Eu não conseguia dizer que entendia o que realmente estava acontecendo ali.

Também não me lembrava mais do que esperava ao decidir entrar naquela sala. Uma palestra erudita sobre medicina tradicional? Uma demonstração colorida de qigong secreto? Ou, pior, algum tipo de persuasão inteligente para um método de tratamento não verificado?

A atmosfera ali não sugeria nada parecido. Tudo era... estranhamente real. Tão real que eu, um homem que sempre confiou em sua capacidade de controle e análise, comecei a me sentir um pouco... desorientado.

Eu permaneci sentado, com as mãos apoiadas nos joelhos, tentando regular minha respiração para que ficasse lenta e suave, para não perturbar a quietude quase sagrada que envolvia o espaço. Cada minuto passava pesadamente como chumbo. Um sentimento estranho, uma curiosidade sem precedentes, se infiltrou em todos os cantos da minha mente – como se eu estivesse acidentalmente na beira de algo imenso, um mundo que eu nunca soube que existia, uma verdade... que nunca havia sido nomeada.

Ajustei minha postura levemente, tentando me misturar à quietude que se adensava. Meu olhar se voltou involuntariamente para o homem chamado Zhang Feng, esperando.

Esperando pelo quê, eu mesmo não sabia.

## **Pessoas calmas e misteriosas**

Escolhi um lugar discreto na última fileira, tentando me encolher, como um espectador que acidentalmente entrou em uma peça de teatro mudo que já havia começado.

Nenhum som. Nenhuma palavra. Eles apenas se sentavam ali – de uma maneira estranhamente ereta e natural – como se aquela postura fosse parte de sua carne e sangue. As costas retas, mas os ombros completamente relaxados, as mãos pousadas nos joelhos. Uma calma que vinha de dentro, sem esforço, sem ostentação.

Comecei a observar cada pessoa com mais atenção.

A mais próxima de mim era uma senhora idosa – talvez com mais de sessenta anos – vestindo uma blusa simples de cor escura, seu cabelo grisalho preso em um coque



arrumado na nuca. Seus olhos não estavam fechados, mas seu olhar parecia penetrar uma névoa etérea, fixo em um ponto indefinido, além da parede no fundo da sala. Em outro canto, um homem bastante jovem – seus olhos claros, mas calmos, sem um pinga de curiosidade inquisitiva, carregava a solenidade de alguém que já havia passado por muitas provas, embora sua idade provavelmente não chegasse aos trinta. E na frente deles, um senhor idoso estava sentado relaxado, as costas levemente apoiadas na cadeira, sua expressão tão serena que pensei que ele poderia ter adormecido ali.

Ninguém trocava olhares. Nenhum sorriso de cortesia, nenhum aceno sutil, nem mesmo uma sobrancelha levantada. No entanto, a presença de cada um deles era... plena, densa.

Eu não sentia uma indiferença fria, muito menos a atitude de "estar presente por obrigação" que se vê com frequência. Eles estavam realmente ali, completamente presentes em cada momento, em cada respiração. Um sentimento estranho se infiltrou em mim. Parecia haver algo invisível, sem som, sem forma, impossível de medir com qualquer instrumento que eu conhecesse, espalhando-se suavemente pelo ar. Seria isso uma forma de energia que nossa ciência ainda não havia definido, ou apenas uma ilusão minha neste espaço peculiar?

Eu não sabia de onde eles vinham, o que faziam, ou como era sua vida cotidiana. Também não sabia se eles se conheciam. Mas aqui, nesta sala – eles eram como rochas antigas e silenciosas no meio de um grande rio: não tentavam chamar a atenção, mas continham uma firmeza e segredos não ditos.

Mais uma vez, a sensação de estar deslocado me invadiu. O terno de marca, o prestigioso diploma de professor de medicina, os artigos de pesquisa citados centenas de vezes em revistas internacionais – todas as coisas que antes eram meu orgulho, agora pareciam não ter peso algum nesta sala.

Um silêncio... abrangente. Mas não vazio. Era como se eu estivesse na beira de um poço antigo e profundo, e uma vaga sensação de expectativa surgisse em mim, como se algo misterioso estivesse esperando para ser descoberto das profundezas.

Na frente, Zhang Feng continuava sentado em silêncio, sem ter dito uma palavra. Mas então, ele se moveu levemente.

Apenas uma leve inclinação de cabeça – como uma brisa passando sobre um lago calmo – e toda a sala pareceu se mover sutilmente com ele. Vi todos os olhares se voltarem para ele simultaneamente, de forma lenta,

natural, sem pressa, sem pressão. Um... consentimento não verbal.

Eu também, involuntariamente, direcionei meu olhar para ele. Não por curiosidade, mas como se houvesse uma força de atração invisível que me impedia de fazer o contrário.

## **O encontro com Zhang Feng**

Após aquela leve inclinação de cabeça, Zhang Feng permaneceu em silêncio por algumas respirações. A sala ficou ainda mais quieta. Então, sem nenhuma introdução, sem nenhum gesto supérfluo, ele começou a falar.

Sua voz era profunda, quente e clara em cada palavra, nem rápida nem lenta – completamente diferente do estilo eloquente e manipulador de emoções dos palestrantes profissionais que eu conhecia. Ele falava em chinês, um dialeto antigo e rústico, como se tivesse sido transmitido de uma era em que as pessoas conversavam com sinceridade, e não através de microfones ou slides chamativos.

Ele falou sobre o *qi*. Sobre os fluxos de energia invisíveis no corpo. Sobre a conexão entre o batimento cardíaco e

as sutis flutuações do universo. Sobre o pulso – os sinais silenciosos que o corpo envia. Eram todos conceitos que eu já havia encontrado em livros ao pesquisar a medicina tradicional oriental, mas nunca os havia levado a sério. Para um professor de medicina treinado no Ocidente, "qi" era tão vago quanto "espírito corajoso" ou "coração ardente" – belas e ricas metáforas, mas como poderiam ser quantificadas, como poderiam ser levadas para um laboratório?

Mas a maneira como Zhang Feng falava era completamente diferente. Ele não estava apresentando uma teoria. Ele estava contando histórias. Histórias de médicos antigos que às vezes curavam doenças incuráveis apenas ajustando o estado mental do paciente antes mesmo de usar remédios. Sobre casos médicos complexos onde o pulso revelava coisas mais profundas do que os mais modernos exames de sangue. Eu ouvia, inicialmente por cortesia, mas logo me vi cativado – não porque acreditasse, mas porque não conseguia parar de ouvir. Havia algo em seu tom, em sua narrativa calma, que realmente me prendia.

Então, abruptamente, ele parou.

O espaço, que já estava quieto, agora parecia se adensar, congelar. Um silêncio quase absoluto, sem uma tosse, sem uma respiração forte, pairou sobre tudo.

Ele varreu lentamente o olhar pelas pessoas na sala. E então – seu olhar pousou em mim, o único estranho.

Não havia curiosidade inquisitiva. Nenhum olhar do tipo "eu-sei-quem-você-é". Apenas um olhar direto, calmo, mas profundo. Uma sensação estranha percorreu minha espinha. Sob aquele olhar, senti como se as coisas que me definiam – o terno caro, os diplomas – não tivessem mais muito significado. Até mesmo os cantos da minha mente que eu pensava ter trancado pareciam ter sido tocados.

Ele sorriu levemente, um sorriso muito sutil, apenas no canto da boca. Então ele falou – sua voz ainda firme, nem alta nem com qualquer tom de aviso ou julgamento. Apenas uma frase, dita em meio ao silêncio, como se ele estivesse tocando gentilmente uma ferida profunda que eu mesmo tentava esquecer.

"Seu pulso", disse ele, ainda olhando para mim, "está um pouco fraco, e há um bloqueio em algum lugar. Como um riacho com uma rocha no meio, impedindo a água de fluir naturalmente. O *qi* e o sangue, portanto, estão estagnados. Mas o mais notável é que parece haver um fardo em seu coração. Uma velha ferida que não cicatrizou, uma pressão sem nome, que impede o fluxo de *qi* em seu corpo de retornar ao seu equilíbrio natural."

Meu corpo inteiro enrijeceu. Meus ouvidos zumbiram.

Eu não havia dito uma única palavra a ele. Nenhum aceno de cabeça. E, obviamente, ele não havia se aproximado, não havia usado seus dedos longos para tocar meu pulso – ele não havia "tomado meu pulso" de nenhuma maneira que eu tivesse aprendido ou conhecido em todos os meus anos de estudo médico.

Então... o que ele tinha acabado de fazer? Como ele sabia?

O ceticismo inerente, o instinto de um cientista, imediatamente se levantou com força em minha mente. Poderia ser apenas um truque psicológico sofisticado? Uma "leitura fria" bem preparada baseada na observação? Ou ele havia feito uma "investigação" sobre mim antes da palestra?

Mas não. Como poderia ser? O que ele acabara de dizer... como um estranho poderia saber? Eram coisas que eu guardava para mim, ou que, no máximo, Qing Ling, minha esposa, poderia vagamente perceber. Havia até coisas tão profundas que nem ela, a pessoa mais próxima de mim, jamais me ouviu confessar.

Eu fiquei ali sentado, com as mãos nos joelhos, tentando evitar que tremessem, mas meu peito estava um emaranhado de confusão.

Minha mente racional e científica clamava por uma explicação lógica. Mas outra parte de mim – a parte

intuitiva que eu geralmente ignorava, a parte que raramente usava – permaneceu em silêncio, observando.

De repente, senti-me como uma criança diante de um mapa-múndi gigante pela primeira vez, descobrindo de repente que, por trás daquele papel familiar, havia um segundo mapa escondido, com linhas estranhas, terras sem nome, mais complexo, mais profundo – um mapa sem bordas e sem legenda.

Diante daquele mapa sem bordas, senti que minhas medidas familiares de repente se tornaram muito limitadas. Haveria verdades que estavam além da capacidade de quantificação da ciência?

## **A conversa não verbal e uma profunda impressão**

Depois daquela estranha declaração dirigida diretamente a mim, Zhang Feng pareceu não me dar mais atenção. Ele continuou sua palestra naturalmente, como se não houvesse interrupção, sua voz ainda suave e constante como o som da chuva fina caindo em um telhado.

Eu permaneci em meu lugar, mas minha mente não conseguia se acalmar.

Cada palavra, cada ideia que ele disse depois – sobre a conexão entre *qi* e mente, sobre a harmonia entre o pequeno ser humano e o vasto universo – agora eram apenas sons fluando em meus ouvidos. Porque toda a minha atenção estava focada em uma única pergunta, uma pergunta sem uma resposta clara: Como ele sabia aquelas coisas sobre mim?

Tentei manter a expressão mais calma possível, para não revelar a turbulência interna. Mas eu tinha certeza de que meu rosto devia estar um pouco rígido, pouco natural. Ocasionalmente, quando levantava o olhar, encontrava o dele passando por mim, muito rapidamente. Em seu olhar, não havia o menor traço de desejo de explicar ou um pinga de remorso. Apenas uma... presença. Silenciosa. Profunda. Como se ele pudesse sentir perfeitamente a pequena tempestade se formando dentro de mim – e simplesmente a aceitasse, sem julgamento.

A sensação quando nossos olhares se cruzaram era difícil de nomear. Não era como um diálogo comum, muito menos uma persuasão intencional. Era mais como uma percepção silenciosa, uma conexão que não precisava de palavras, muito vaga, mas presente.

Eu não era alguém que acreditava facilmente em coisas espirituais. Mas naquele momento, eu sabia que algo estava me tocando – não com lógica, mas com o próprio



silêncio e aquele olhar perspicaz. Não causou um grande choque, mas lentamente criou uma marca profunda em minha consciência.

E talvez, uma parte de mim não quisesse mais resistir a essa estranha sensação.

Quando a palestra terminou, toda a sala manteve um silêncio impressionante. Nenhum aplauso. Ninguém se apressou para apertar a mão do palestrante. As pessoas se levantaram, uma por uma, curvaram-se levemente em direção a Zhang Feng e saíram em silêncio, com uma solenidade e familiaridade – como se não fosse uma conferência especial, mas um encontro íntimo, uma atividade regular entre pessoas que pareciam se conhecer há muito tempo... em algum nível de consciência que eu ainda não havia alcançado.

Eu me vi demorando, sem saber ao certo por quê. Quando restavam apenas algumas pessoas na sala, me aproximei involuntariamente.

Zhang Feng olhou para mim, seus olhos tão calmos e brilhantes como no início.

"Eu sei que você deve ter muitas perguntas", disse ele em voz baixa, sem surpresa, como se tivesse previsto isso.

Eu apenas assenti levemente, inicialmente sem intenção de dizer nada. Mas as perguntas acumuladas saíram como palavras, embora um pouco hesitantes: "O que o senhor disse sobre... meu pulso... e... como o senhor sabia daquelas coisas..."

Ele sorriu levemente, sem me interromper, nem se apressou em responder. Após alguns segundos de silêncio, ele falou lentamente, sua voz leve como uma brisa:

"Isso é apenas um pouco de compreensão rudimentar da íntima conexão entre o corpo e a mente de uma pessoa. A ciência moderna de vocês alcançou feitos extraordinários na exploração da estrutura visível do corpo, mas talvez ainda esteja um pouco perdida diante dos aspectos invisíveis, dos sutis fluxos de energia."

Eu fiquei em silêncio, ouvindo.

Então ele continuou, sua voz ainda lenta, mas seus olhos fixos em mim, contendo algo profundo:

"Há coisas que não podem ser explicadas em detalhes em uma breve palestra. Se você realmente deseja entender mais profundamente – não através de teorias de livros, mas através de sua própria experiência – então, talvez, a China seja o lugar para onde você deveria ir."

Meu coração deu um pulo.

Ele parou por um momento, então disse a última frase, sua voz calma, mas cheia de peso, como se estivesse fechando uma porta familiar e, ao mesmo tempo, abrindo um caminho completamente novo:

"Se você se atrever a embarcar nessa jornada, talvez não seja mais a mesma pessoa que era antes."

Ele acenou levemente para mim mais uma vez, e com uma calma estranha, misturou-se com as poucas pessoas restantes e saiu da sala. Sua figura desapareceu atrás da porta, tão rápido que pensei ter testemunhado uma ilusão.

Fiquei sozinho na sala que começava a esfriar. O vento de fora de Tóquio começava a soprar pelas frestas da porta.

Mas em meu coração...  
algo havia realmente sido tocado. Muito levemente. Mas o suficiente para que eu não pudesse ignorar.

## **O convite para uma jornada**

As sombras das últimas pessoas desapareceram atrás da porta. Eu permaneci ali, no meio da sala vazia, tentando organizar meus pensamentos confusos. O convite do Sr. Zhang Feng para a China, embora vago, ecoava em minha mente. Um impulso inexplicável me fez sair rapidamente para o corredor, na esperança de encontrá-lo novamente.

Felizmente, ele não tinha ido longe. Estava sozinho no final do corredor, perto da saída, com uma expressão pensativa, como se estivesse esperando por algo – ou talvez, por mim.

Ele olhou para mim quando me aproximei, seus olhos ainda mantendo aquela calma e profundidade, como se minha busca por ele fosse algo totalmente natural.

"Sr. Wang Ming, gostaria de discutir algo mais?", sua voz era baixa, firme, como o som do vento soprando pelas folhas em um jardim silencioso.

Eu apenas assenti levemente. "Na verdade, há muitas coisas que eu gostaria de entender melhor. Mas... não sei por onde começar, o que perguntar."

Zhang Feng sorriu, um sorriso raro, mas sincero. "Não precisa tentar 'começar' de uma maneira formal, senhor. Às vezes, apenas deixar as coisas 'continuarem' naturalmente é o suficiente."

Eu fiquei em silêncio, sentindo minha pequenez diante de palavras que pareciam simples, mas continham um nível de significado que eu ainda não conseguia compreender completamente. Sentia-me como se estivesse diante de uma floresta antiga e densa, onde todos os mapas familiares se tornavam inúteis.

"As coisas que pude compartilhar na palestra", continuou ele, sua voz ainda firme, "são, na verdade, apenas algumas gotas na superfície de um vasto oceano. Se você realmente quer entender, sentir, precisa entrar no próprio fluxo."

Franzi a testa levemente, tentando visualizar o que ele queria dizer.

"Não se trata de você vir para estudar um assunto", continuou ele, parecendo ler meus pensamentos. "Nem de aprender uma nova teoria para adicionar ao seu conhecimento. É simplesmente viver – viver plenamente, por tempo suficiente – em um lugar onde as coisas que você procura ainda estão presentes na respiração da vida cotidiana."

Dizendo isso, ele lentamente tirou do bolso de seu paletó um pequeno pedaço de papel, aparentemente arrancado de um velho caderno amarelado. Ele me entregou. Nele, com uma caligrafia bastante clara, havia um endereço na

província de Guizhou, na China, acompanhado por um número de telefone.

"Se você puder arranjar tempo, talvez este verão seja adequado", disse ele. "Não precisa me avisar com antecedência. Apenas venha, se seu coração realmente quiser vir e sentir que é a hora."

Peguei o pedaço de papel, a palma da minha mão sentindo involuntariamente sua fragilidade e o calor remanescente de sua mão. Dezenas de perguntas estavam na ponta da minha língua, mas algo me impediu de expressá-las.

"Você pode considerar trazer sua esposa junto", acrescentou ele, seus olhos ainda em mim, um olhar que parecia ver através de tudo. "Sinto que ela tem uma conexão muito natural com a cultura tradicional. Há coisas lá que ela provavelmente sentirá mais rápido do que você, sem a necessidade de explicações lógicas."

Levantei o olhar abruptamente, tentando não revelar a surpresa que crescia em meu peito. Ele sabia sobre Qing Ling. Como era possível? Em apenas alguns minutos, como ele poderia saber coisas tão pessoais?

Zhang Feng não pareceu notar minha expressão. Ele se endireitou ligeiramente. Sua estatura não era alta, mas

quando ele ajustou a lapela de seu paletó, senti que havia uma firmeza incomum em suas costas.

"Esta não será uma viagem de lazer comum, Sr. Wang Ming", disse ele em suas palavras finais, sua voz profunda e clara. "Nem um experimento científico para você verificar algo. Considere isso um início predestinado, uma oportunidade. O resto... depende inteiramente da sua escolha."

Ele acenou com a cabeça em despedida, depois se misturou à multidão apressada de Tóquio lá fora, desaparecendo tão rapidamente como se fosse apenas um pensamento passageiro em minha mente.

Fiquei para trás, sozinho no corredor que começava a ficar barulhento novamente.

O pequeno pedaço de papel com o endereço manuscrito repousava em minha palma, estranhamente quente. A tinta no final da linha estava um pouco borrada.

Eu não havia tomado nenhuma decisão. Mas uma sensação de agitação, um chamado vago de algum lugar muito distante, parecia ter começado a se infiltrar nos cantos mais escondidos da minha alma.

\* \* \*





# CAPÍTULO 2: OS PRIMEIROS PASSOS EM TERRA ESTRANHA

## **A decisão de partir**

Naquela noite, saí da sala 603 com uma sensação estranha, como alguém que acaba de acordar de um breve sonho em plena luz do dia. O salão principal do centro de convenções ainda estava brilhantemente iluminado, e o som dos microfones ainda ecoava regularmente das salas de apresentação ao lado – mas todos aqueles sons familiares pareciam recuar para longe, tornando-se pálidos e menos reais. No bolso do meu paletó estava o pequeno pedaço de papel que o Sr. Zhang Feng havia me dado. Sem logotipo de empresa,

sem título de cargo, nada além de um endereço manuscrito na província de Guizhou, um número de telefone e um eco indescritível deixado pelo encontro incomum.

De volta ao hotel, entrei no quarto luxuoso como sempre, mas a sensação não era mais a mesma. O quarto – ainda com a luz amarela e quente, os móveis de madeira bem arrumados, a bandeja de frutas frescas na mesa – parecia estranhamente vazio naquela noite. O silêncio, que geralmente era confortável, agora parecia apenas amplificar as coisas vagas e inexplicáveis que se agitavam dentro de mim.

Tirei o pedaço de papel do bolso e o coloquei sobre a mesa. Virei-o de um lado para o outro. Apenas algumas linhas simples. No entanto, meu olhar era atraído para o nome desconhecido daquele lugar, uma sensação indescritível, como se fosse uma porta entreaberta para algum lugar que eu nunca conheceria.

Senti a necessidade de compartilhar com alguém, mesmo que fosse apenas para encontrar um pouco de equilíbrio para meus pensamentos confusos. Peguei o telefone e liguei para Qing Ling.

“Olá, meu amor, como foi a conferência hoje?” – sua voz soou do outro lado da linha, familiar, suave e cheia de calor como sempre.

“Tudo bem... mas algo bastante estranho aconteceu... e acho que você deveria ouvir.”

Comecei a contar tudo – lentamente, tentando manter a voz calma, sem adicionar ou exagerar nenhum detalhe. Contei sobre a incomum sala de reuniões no térreo, sobre as pessoas silenciosas com uma calma indescritível, sobre um homem chamado Zhang Feng. Tentei descrever seus olhos, a “leitura de pulso à distância” sem tocar em mim, e as coisas que ele disse sobre minha condição – coisas que eu acreditava que ninguém mais poderia saber, exceto eu e, talvez, Qing Ling.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha. Eu podia imaginar sua expressão pensativa.

“...Você tem certeza de que não imaginou, Ming?” – sua voz finalmente soou, não com forte suspeita, mas como uma linguista tentando encontrar uma definição precisa para um novo conceito. “Talvez você estivesse um pouco cansado depois de vários dias de conferências intensas?”

“Não, eu estava completamente acordado, Ling.” Respondi, com a voz firme. “E você conhece minha natureza – não sou do tipo que acredita facilmente em coisas sem base científica. Mas... isso, aconteceu de forma tão real. E, para ser sincero, não sei onde encaixar isso em tudo o que aprendi e estudei até hoje.”

Continuei a contar a ela sobre a estranha sensação de ter uma comunicação não verbal com o Sr. Zhang Feng – uma conexão não através da análise racional, mas de algum nível mais profundo de consciência.

“E ele me convidou para ir à China, talvez neste verão”, disse eu, tentando manter a voz o mais normal possível. “Um lugar bastante remoto, em Guizhou. Ele não disse especificamente o que faríamos lá, ou quem encontraríamos, apenas disse que... se eu realmente quisesse entender melhor o que vivenciei, deveria ir para lá.”

Qing Ling ficou em silêncio novamente. Desta vez, o silêncio durou um pouco mais.

Eu sabia que ela era uma amante da cultura chinesa, fluente em muitas histórias antigas, e até mesmo já havia lecionado sobre escolas de filosofia oriental. Mas conceitos como “qigong”, “cultivo espiritual” ou “despertar de habilidades latentes” sempre pertenceram para ela principalmente ao domínio da literatura, da história do pensamento – nunca uma realidade a ser vivenciada ou uma crença prática na vida.

“Você acha que... ele é algum tipo de cultivador?” – Qing Ling perguntou, sua voz um pouco hesitante. “Sem informações claras, sem antecedentes verificáveis? E se... e se tudo for apenas uma performance muito bem

orquestrada? Um tipo especial de manipulação psicológica?”

“Eu também pensei em todas essas possibilidades.” Admiti honestamente. “Mas o que me impede de simplesmente descartar tudo é – o que ele disse sobre minha condição. Ninguém poderia adivinhar com tanta precisão. E seus olhos... eram realmente diferentes de qualquer pessoa que já conheci.”

Eu não tentei convencê-la. Eu mesmo ainda estava tentando entender.

Qing Ling era muito cautelosa. Muitas vezes, sua cautela me ajudou a evitar decisões arriscadas desnecessárias nos negócios. Mas eu também sabia que ela era profunda o suficiente para não rejeitar apressadamente algo apenas porque estava fora das explicações convencionais.

“Pelo que você está contando,” disse ela após uma longa pausa pensativa, “também acho um pouco... estranho. Você sabe que não acredito facilmente em coisas místicas. Mas também estou curiosa. Guizhou? Aquela terra, nas histórias culturais antigas, também contém muitos mistérios... Tudo bem então,” sua voz de repente ficou mais decidida, “se você realmente quer ir, vou me organizar para ir com você. Vamos considerar como uma viagem de campo para aprender mais sobre aspectos da cultura que talvez os livros não tenham registrado

completamente. Mas precisamos planejar com cuidado, e talvez, devêssemos ir apenas durante nossas férias de verão, tudo bem, querido?”

Eu sorri levemente, uma sensação de calor se espalhando pelo meu peito. Com ela ao meu lado, eu me sentia muito mais seguro.

“Obrigado, meu bem.” Eu disse, com sinceridade.

“Eu só não quero que você vá sozinho para um lugar desconhecido com coisas tão vagas. E além disso...” – do outro lado da linha, sua voz de repente ficou mais leve, com um toque de provocação – “eu também realmente quero saber que homem misterioso poderia deixar o famoso e racional Professor Wang Ming tão confuso.”

A ligação terminou. Do lado de fora da grande janela de vidro do quarto do hotel, a cidade de Tóquio brilhava intensamente, mas em meu coração naquele momento... parecia que outra luz acabara de ser acesa – não brilhante e chamativa, mas ardente, persistente e quente o suficiente para iluminar o próximo passo.

Involuntariamente, olhei pela janela, para longe, onde o céu noturno de Tóquio se misturava com as estrelas tênues.

Uma viagem a Guizhou. Com Qing Ling. A ideia permaneceu em minha mente.

## A jornada para Tongren

Embora a razão de um cientista continuasse a levantar uma série de perguntas sobre o convite peculiar e o homem misterioso chamado Zhang Feng, uma certa curiosidade, uma vaga crença, cresceu silenciosamente dentro de mim. Finalmente, após muitas noites sem dormir, a decisão de ir para a China foi tomada. A viagem estava planejada para durar cerca de três meses, começando nos primeiros dias do verão. Qing Ling, com sua fluência em chinês e profundo conhecimento da cultura oriental, tornou-se naturalmente uma companheira indispensável. Ela me ajudou muito a organizar tudo e, embora ainda mantivesse a cautela necessária, pude sentir em seus olhos uma excitação silenciosa, um desejo de explorar aspectos culturais e espirituais que talvez os livros nunca pudessem descrever completamente.

No início do verão, quando o calor úmido característico do Oriente começou a se espalhar, pegamos um longo voo para Xangai – a cidade onde Qing Ling passou sua infância. Foi a primeira vez que pisei na China continental e, embora eu estivesse preparado para um país vasto com milhares de anos de história, a modernidade e a escala de Xangai ainda me

surpreenderam de verdade. O enorme e movimentado aeroporto internacional, os arranha-céus que se erguiam orgulhosamente no centro da cidade, o complexo, mas eficiente sistema de transporte urbano... tudo testemunhava um desenvolvimento notável, uma vitalidade incrível.

“Xangai mudou tanto, não é, querido?” disse Qing Ling, sua voz um pouco nostálgica enquanto pegávamos um táxi do aeroporto. “Esta é apenas uma pequena parte da China de hoje. Este país é vasto, e você verá muitas outras diferenças, especialmente quando formos mais para o interior.”

O que mais me impressionou, como alguém com formação em tecnologia, foi a eficiência e a modernidade do sistema de trens de alta velocidade da China. De Xangai, pegamos um desses trens para a província de Guizhou. O trem deslizava suavemente, passando por campos de arroz verdejantes que se estendiam até o horizonte, colinas de chá que se sucediam, e gradualmente, a paisagem das planícies deu lugar a picos de calcário que começaram a aparecer no horizonte distante. Senti como se estivesse realmente entrando em outra terra, onde o tempo parecia passar mais devagar e o ritmo de vida era mais tranquilo.

Quanto mais adentrávamos em Guizhou, a paisagem de ambos os lados da estrada se tornava mais majestosa e



possuía uma beleza primitiva indescritível. As cadeias de montanhas de calcário, cobertas por uma vegetação verdejante e exuberante, frequentemente apareciam e desapareciam em camadas de névoa que flutuavam como fitas de seda branca que a natureza havia deixado cair acidentalmente, pintando uma enorme e vibrante pintura em aquarela. Esta era, de fato, uma China muito diferente da que se costuma ver nas metrópoles modernas.

Depois de chegar a uma cidade maior da província, continuamos nossa jornada de carro até Tongren (铜仁) – a pequena cidade cujo endereço estava escrito no papel do Sr. Zhang Feng. Esta viagem nos levou por estradas de montanha sinuosas, através de florestas densas que mantinham sua aparência selvagem e ao longo de riachos frescos e cristalinos. A natureza aqui realmente me surpreendeu com sua beleza magnífica. Os penhascos íngremes, os vales profundos que pareciam esconder segredos de milênios. Em um ponto, até vislumbramos de longe o imponente Pico Fanjingshan, envolto em névoa – uma montanha sagrada que os locais sussurravam ser o lar de seres iluminados.

No caminho, o carro ocasionalmente passava por pequenas aldeias, onde casas de palafitas feitas de madeira ou bambu, com telhados de telhas yin-yang antigas, se aninhavam pacificamente aos pés das majestosas montanhas. A fumaça da cozinha à noite

pairava sobre os telhados simples, e os terraços de arroz, com o brilho dourado do arroz maduro, se estendiam pelas encostas. As pessoas aqui, com sua pele bronzeada e sorrisos gentis, tinham uma aparência rústica, muito diferente da agitação e da competição vistas nos habitantes das cidades.

“É tão quieto e pacífico aqui, não é, Ming?” Qing Ling observou suavemente, seus olhos seguindo um rebanho de búfalos que pastava tranquilamente à beira da estrada. “Eu não esperava que Guizhou tivesse uma beleza tão rústica e um ar tão fresco.”

Eu concordei com um aceno de cabeça. Acostumado ao barulho e à pressão incessante do mundo moderno, achei que o ar fresco, a quietude das montanhas e o ritmo de vida um tanto lento aqui criavam uma sensação muito diferente – ao mesmo tempo atraente e um pouco estranha. Isso fez minha mente se acalmar involuntariamente, dando-me mais espaço para pensar em coisas que não eram trabalho ou projetos de negócios pendentes.

Finalmente, chegamos a Tongren. Era uma cidade muito menor do que eu imaginava, aninhada pacificamente nos braços de montanhas ondulantes. Dizia-se que o local não ficava longe da famosa Cidade Antiga de Fenghuang, mas tinha uma quietude profunda, como se nunca tivesse sido perturbada pelo fluxo do turismo de massa.

Ao contrário da magnificência moderna de Xangai, Tongren vestia uma beleza antiga e solene, impregnada do sopro da região montanhosa. As pequenas ruas pavimentadas com lajes desgastadas pelo tempo, as casas com arquitetura tradicional, telhados curvos cobertos de musgo, misturadas com mercados locais que, embora movimentados, não eram barulhentos ou caóticos. O aroma característico de ervas secas das farmácias tradicionais, o cheiro de pratos rústicos de pequenas barracas de rua e o cheiro úmido e suave da região montanhosa se misturavam, criando uma atmosfera única.

Saímos do carro em uma bifurcação perto do que se supunha ser o centro da cidade, com apenas algumas mochilas leves e o pedaço de papel com o endereço que o Sr. Zhang Feng havia nos dado. Em vez de irmos direto para o endereço, Qing Ling e eu decidimos encontrar um lugar temporário para ficar primeiro – em parte porque queríamos descansar após a longa viagem, e em parte, para ser sincero, porque eu queria um pouco mais de tempo para sentir o ritmo de vida e as pessoas daqui antes de qualquer encontro.

Qing Ling, com sua habilidade linguística e tato, tomou a iniciativa de conversar com alguns locais para pedir informações e encontrar uma pousada adequada. Embora ela já tivesse morado em Xangai, Tongren era claramente um mundo completamente diferente – um

lugar onde as pessoas ainda se cumprimentavam com um sotaque local caloroso e rústico, e ainda recebiam estranhos como nós com um olhar que era ao mesmo tempo gentil, curioso e um pouco reservado.

Finalmente, viramos em uma pequena rua de paralelepípedos que corria ao longo de um rio, onde havia algumas pousadas antigas com paredes caiadas de amarelo, humildemente aninhadas sob a sombra de árvores antigas. Naquele momento, tive uma sensação vaga – como se estivesse prestes a entrar em uma história cujo final eu não conhecia.

## **A atmosfera e as pessoas de Tongren**

O carro finalmente parou em Tongren, a pequena cidade indicada no papel do Sr. Zhang Feng. Assim que saí do carro e respirei o primeiro ar, senti como se tivesse atravessado um limiar invisível para um mundo completamente diferente.

O ar aqui era estranhamente fresco.

Não havia o som incessante de buzinas como em Xangai, nem outdoors eletrônicos piscando ou luzes de néon

brilhantes varrendo as fachadas de vidro dos arranha-céus.

Havia apenas pequenas ruas estreitas pavimentadas com lajes, telhados irregulares cobertos por uma camada de musgo e um cheiro úmido muito característico da região montanhosa, da terra, pairando na brisa da tarde.

Qing Ling respirou fundo e se virou para mim, sua voz um pouco surpresa:

“O ar aqui... é realmente diferente, querido. Me lembra dos lugares sobre os quais li em romances antigos. Mas essa sensação... é estranhamente real.”

A pequena cidade estava aninhada pacificamente entre cadeias de montanhas de calcário. Cada pequena rua aqui parecia levar a um espaço diferente – havia ruas de mercado que pareciam bastante movimentadas, mas não eram barulhentas ou caóticas; as pessoas na rua pareciam menos apressadas; cada pequeno restaurante, farmácia tradicional ou barraca de artesanato tinha uma aparência lenta, um pouco antiquada, mas exalava um calor e uma proximidade. O cheiro de anis estrelado, de vários tipos de chá seco, de madeira úmida e o cheiro familiar da fumaça da cozinha das casas se espalhavam, misturando-se no ar. Nada era excessivamente limpo ou moderno e brilhante – mas era incrivelmente autêntico.

Eu me vi parando inúmeras vezes apenas para observar um senhor idoso arrumando meticulosamente ervas medicinais sob um beiral de madeira antigo, ou um grupo de estudantes em uniformes desbotados pedalando alegremente por uma viela coberta de musgo.

Tongren não tentava "impressionar" os turistas. Mas talvez fosse justamente por causa de sua aparência natural e sem adornos que meu coração se sentiu tocado por algo muito real e muito pacífico.

Conforme o plano, Qing Ling tomou a iniciativa de procurar uma pousada. Fluente em chinês e com algum conhecimento da cultura local, ela rapidamente perguntou e conversou com alguns locais. Em pouco tempo, ela me levou a uma pequena rua de paralelepípedos ao longo do rio, onde havia uma fileira de pousadas de três andares com fachadas de madeira, não muito novas, mas muito arrumadas e aparentemente aconchegantes.

A dona da pousada era uma mulher de quarenta e poucos anos, de constituição robusta e rosto gentil. Ela nos recebeu calorosamente, mas sem o tipo de insistência excessiva. Ao saber que éramos professores universitários de ascendência chinesa morando nos EUA, que viemos aqui para aprender mais sobre a cultura tradicional, ela apenas sorriu com conhecimento de causa:

“Nossa cidade ainda preserva muitas coisas antigas, senhores. Mas nem todos que vêm aqui têm o destino de vê-las.”

Sua declaração me surpreendeu um pouco. Não sabia se era por causa do significado profundo oculto em suas palavras, ou simplesmente pela voz genuína e rústica desta mulher.

O quarto que alugamos ficava no segundo andar, com uma pequena varanda com vista para uma colina baixa coberta de árvores verdes à distância. As portas e janelas eram de madeira, do tipo deslizante. O mobiliário do quarto também era extremamente simples – uma cama de madeira resistente, um pequeno conjunto de chá de bambu, uma chaleira elétrica e uma pequena estante em um canto. Não havia TV de tela plana. Nem placas de regras em três ou quatro idiomas.

Sentei-me na beira da cama, olhando pela janela aberta. A luz amarela pálida do final da tarde caía sobre o beiral de uma casa do outro lado da rua, onde um velho de cabelos grisalhos regava calmamente alguns vasos de flores com uma concha feita de casca de coco.

“Acho que este é um bom lugar para ficarmos, Ming,” disse Qíng Líng em voz baixa, depois de inspecionar o quarto.

Eu assenti levemente. Não apenas pelo conforto adequado ou pelo preço razoável. Mas, mais importante, porque aqui... eu sentia que poderia realmente "me acalmar".

Não para escrever um relatório científico. Nem para fazer um cronograma detalhado para os próximos dias. Mas para tentar ouvir o que este mundo simples e um tanto estranho queria sussurrar para mim.

Naquela noite, pela primeira vez após muitos dias de viagem cansativa e turbulência mental, tive um sono muito profundo. Nenhum sonho. Nenhuma vez acordei no meio da noite.

Apenas o som do vento noturno soprando suavemente pelas frestas da porta de madeira – e uma sensação muito leve, pacífica... como se eu estivesse lenta e gradualmente entrando em algo que não podia ser nomeado.

## **A morada simples de Zhang Feng**

Depois de três dias em Tongren, acostumando-me gradualmente ao ritmo de vida lento e à quietude característica da região montanhosa, Qing Ling e eu



decidimos que era hora de procurar o endereço que o Sr. Zhang Feng havia escrito no pequeno pedaço de papel. Eu estava um pouco hesitante nos últimos dias – não por dúvida, mas talvez porque queria me dar um pouco mais de tempo para realmente me acalmar, para me preparar para um encontro que eu sentia que seria diferente de qualquer outro. Mas a atmosfera pacífica e serena desta terra me fez pensar mais nele, e nas impressões e perguntas não respondidas que ficaram do nosso breve encontro em Tóquio.

Seguimos as instruções, entrando em uma pequena via pavimentada com lajes, onde as paredes de casas antigas e cobertas de musgo se aninhavam humildemente sob a sombra de árvores frondosas. A tarde em Tongren sempre parecia mais densa, mais silenciosa do que em outros momentos do dia. O som de nossos passos ecoava suavemente nas pedras, como sons perdidos que acidentalmente despertavam um espaço que dormia há muito tempo.

Finalmente, o portão de madeira apareceu diante de nós – um portão simples, escurecido pela chuva e pelo sol, coberto de trepadeiras verdes, tão antigo que parecia uma parte natural da paisagem. Respirei fundo e bati levemente três vezes. O som não foi alto, mas foi o suficiente para fazer meu peito vibrar levemente.

Era um sábado. Não tínhamos ligado com antecedência, mas esperávamos secretamente que ele estivesse em casa.

Um momento depois, o portão de madeira rangeu ao abrir. Uma senhora pequena, com cabelos grisalhos presos em um coque arrumado, saiu. Seu rosto era gentil, radiante com inúmeras rugas do tempo, e seus olhos brilhavam com uma bondade e clareza como um riacho fresco. Ela sorriu para nós – um sorriso caloroso, sem formalidade ou escrutínio.

“Por favor, entrem”, disse ela com um sotaque local caloroso, depois que Qing Ling a cumprimentou e se apresentou em mandarim padrão. “Meu marido está esperando por vocês na sala de chá lá dentro.”

Seguimos a senhora por um pequeno pátio. O espaço interno se abriu como um mundo completamente diferente – não de uma forma metafísica ou mística, mas era muito... quieto. Muito leve. E cheio de vida.

Um pequeno e charmoso jardim apareceu sob a sombra das árvores, com um pequeno lago com algumas carpas coloridas, vários tipos de flores silvestres em flor e o som suave da água corrente de uma rocha em miniatura feita de seixos. Tudo ali não parecia seguir nenhuma escola de design, nem parecia ter sido intencionalmente cuidado. Parecia um espaço que se formou e se arranjou naturalmente ao longo do ritmo de vida de seus

habitantes ao longo de muitos anos – uma harmonia muito natural, muito real.

A casa principal era uma estrutura tradicional simples, com pilares de madeira de limoeiro que haviam escurecido, paredes caiadas de branco e um corredor de tijolos vermelhos que serpenteava ao redor do jardim. Não havia aparelhos modernos em exibição. Nem decorações luxuosas ou supérfluas. Apenas móveis de madeira simples, polidos pelo uso prolongado, marcados pelo tempo e pela vida.

Zhang Feng estava sentado ali, em uma pequena sala com vista para o jardim, onde a luz da tarde se inclinava através das treliças da janela, lançando raios de sol amarelo-pálido sobre a blusa marrom escura que ele usava. Ele ergueu os olhos quando entramos, seus olhos ainda claros e seu rosto ainda mantendo uma expressão calma e serena – como se ele soubesse que este momento chegaria há muito, muito tempo.

“Ah, os dois professores chegaram”, disse ele, sua voz ainda profunda e calma, enquanto se levantava lentamente. “Bem-vindos à minha humilde morada.”

Curvamo-nos levemente em resposta. Nenhuma introdução elaborada. Nenhuma formalidade cortês. Apenas um espaço quente e estranhamente confortável,

o suficiente para sentirmos que poderíamos nos sentar e não precisar dizer mais nada.

Ele nos convidou para tomar chá.

A senhora idosa havia se retirado discretamente, deixando-nos em nosso próprio espaço. O próprio Zhang Feng pegou um conjunto de chá de porcelana branca, com pequenas xícaras que cabiam na palma da mão. Ele calmamente enxaguou o bule e as xícaras com água fervente, depois abriu uma pequena caixa de madeira contendo folhas de chá secas e enroladas, de um verde escuro.

“Este é o chá Shan Tuyet”, disse ele, com a voz suave. “Chá de árvores antigas que crescem naturalmente nas altas encostas da Montanha Fanjing.”

Observei em silêncio seus dedos enquanto ele colocava cuidadosamente o chá no bule e depois adicionava a água. Seus movimentos eram lentos e deliberados, sem qualquer teatralidade. Era simplesmente o foco e a naturalidade de alguém que provavelmente já havia preparado chá milhares, dezenas de milhares de vezes na vida – mas a cada vez, parecia manter uma reverência, uma devoção completa pelo momento presente.

A água fervente foi derramada no bule. Uma fina névoa de vapor com o aroma do chá começou a se espalhar –

um aroma muito leve, muito puro, não forte – como o cheiro do orvalho da manhã nas folhas, ou o cheiro das nuvens no topo de uma montanha após uma chuva.

Ele metodicamente serviu o chá em cada xícara pequena e depois nos ofereceu. Levantei cuidadosamente a xícara de chá, levei-a ao nariz para inalar o aroma e depois tomei um pequeno gole. O sabor do chá não era amargo como eu esperava. Nem era fortemente adstringente. Era leve e suave, como um riacho claro de água, apenas morno, fluindo lentamente pelo meu peito, trazendo uma sensação estranha de bem-estar.

Qing Ling também bebeu seu chá e depois olhou silenciosamente para o pequeno jardim banhado pela luz da tarde. Ela não disse nada. Mas eu vi que seu olhar não era mais o de uma professora examinando um objeto de estudo, mas como se... ela estivesse realmente ouvindo algo deste espaço silencioso.

Coloquei minha xícara de chá na mesa e perguntei em voz baixa: “Sr. Zhang, o senhor vive neste lugar há muito tempo?”

Zhang Feng sorriu levemente. “Eu vivo. Mas talvez, não apenas neste lugar.”

Esperei que ele explicasse mais, mas ele não disse mais nada, apenas silenciosamente serviu mais chá em sua própria xícara.

Um pensamento repentino brilhou em minha mente, vago, mas persistente: Será que existem pessoas que não vivem realmente 'em' um lugar específico, mas 'em' um certo estado de ser? E este lugar, esta casa, este jardim... talvez sejam apenas uma manifestação externa desse estado?

Olhei ao redor da simples sala de chá. Não havia nada de especial para tentar explicar. Nem havia nenhum mistério a ser desvendado.

E talvez – pela primeira vez em toda a minha vida, depois de tantos anos perseguindo a lógica e a evidência científica – eu senti uma estranha paz, sem a necessidade de entender o porquê.

## **As primeiras conversas mais profundas**

A conversa fluiu naturalmente, sem pressa ou tentativa de condução por parte de ninguém. Não sei em que momento, a conversa entre nós deslizou silenciosamente para um fluxo diferente – mais lento, mais profundo, e

aparentemente muito mais distante do que eu estava acostumado em minhas conversas diárias.

Olhei para Zhang Feng – o homem sentado calmamente à minha frente, sua figura um tanto magra, seus cabelos já com fios grisalhos, mas seus olhos ainda claros, não afiados, mas contendo um calor estranho. Embora eu supusesse que ele tivesse mais de setenta anos, seu rosto ainda mantinha uma expressão brilhante e alerta, sua pele não pesada com as rugas típicas da idade. Seus olhos tinham uma profundidade especial, tornando difícil adivinhar sua verdadeira idade.

Sentado à sua frente, senti involuntariamente que o papel de professor de medicina que eu geralmente carregava não parecia mais apropriado. Havia um impulso interno, um desejo de deixar de lado temporariamente o conhecimento, os preconceitos arraigados, para ouvir com uma mente completamente aberta.

"Sr. Zhang", comecei, tentando manter minha voz calma, "na conferência em Tóquio... o senhor falou sobre a íntima conexão entre mente e corpo. E também... a maneira como o senhor 'tomou meu pulso' naquele dia... para ser sincero, ainda não consigo explicar."

Fiz uma pausa, respirei fundo e continuei:

"Com o conhecimento médico moderno que aprendi e ensinei, tudo o que o senhor disse naquela época parece estar além da capacidade de medição e verificação experimental."

Zhang Feng sorriu levemente, um sorriso que não tinha intenção de refutar ou ridicularizar.

"A ciência de vocês é de fato muito boa, muito extraordinária em investigar e analisar o que pode ser visto a olho nu, medido por máquinas e replicado em laboratórios", disse ele lentamente, com calma. "Mas este mundo – e nós mesmos – não existimos apenas nesse nível material visível. Há coisas mais sutis, pertencentes ao espírito, à energia, que talvez a ciência atual ainda não tenha as ferramentas adequadas para tocar e sentir."

Ele falou como se estivesse recontando algo que era excessivamente natural, excessivamente familiar para ele, sem qualquer intenção de me persuadir ou impor algo a mim.

Ele mencionou novamente o conceito de "qi" – uma forma de energia sutil que se acredita fluir constantemente dentro e ao redor do corpo de cada pessoa, e é grandemente influenciada pelos pensamentos, emoções e toda a disposição da pessoa. Quando a mente está instável, ansiosa, esse fluxo de qi pode ficar bloqueado, caótico. Pelo contrário, quando o coração está



sereno, pacífico, o qi fluirá suavemente, sem impedimentos. Eu ouvi, e involuntariamente me lembrei do momento em Tóquio – quando seus olhos me encararam, e a frase que me deixou atônito: “Seu coração está sobrecarregado.”

Qing Ling, que estava ouvindo em silêncio até agora, inclinou-se ligeiramente para a frente. “Senhor, o que o senhor acabou de dizer... parece bastante semelhante aos princípios fundamentais da medicina tradicional chinesa, não é? E parece que também já li conceitos semelhantes nas escrituras do Taoísmo e do Budismo.”

Zhang Feng acenou levemente para ela. “A cultura tradicional de nosso povo já possuiu um sistema de conhecimento extremamente profundo e completo. Não é apenas medicina para curar doenças físicas, mas pode ser considerada uma ciência abrangente da vida humana – ajudando as pessoas a entenderem a profunda conexão entre corpo, mente e a própria vida.”

Ele não usou a linguagem de um pesquisador acadêmico, ou de um teórico. Cada palavra que ele dizia parecia destilada de experiências profundamente absorvidas, de uma vida de verdadeira contemplação e verificação.

Então ele começou a contar lentamente, sua voz firme, sem altos e baixos:

“Muitos anos atrás, conheci um homem. Ele trabalhava na área médica, tinha algum sucesso, vivia de forma muito disciplinada e carregava muitas responsabilidades. Por fora, todos pensavam que ele tinha uma vida estável, sem nada com que se preocupar – mas no fundo, seu coração estava sempre pesado com pressões sem nome, sentimentos difíceis de expressar. Naquela época, ele tinha um pequeno tumor se formando em seu coração, que o equipamento médico moderno provavelmente não conseguiria detectar, mas eu podia sentir sua presença – não a olho nu, mas através de uma indução muito vaga, muito sutil...”

Ele não olhou diretamente para mim enquanto contava essa história. Mas cada palavra, cada sílaba, parecia bater suavemente em uma porta secreta em minha alma, uma porta cuja existência eu nunca soube, ou que eu havia intencionalmente esquecido há muito tempo.

Senti involuntariamente um calafrio percorrer minha espinha.

Meu coração doeu levemente – não por uma dor física, mas por uma súbita percepção, tão clara que era chocante. Eu sabia que ele não estava falando apenas de “alguém”. Ele estava falando de mim.

“O senhor... o senhor realmente... sabia disso?!” – deixei escapar, minha voz tremendo incontrolavelmente.

Zhang Feng então olhou para mim. Seus olhos não tinham nenhum traço de auto-satisfação ou ostentação sobre suas habilidades, nem tentavam criar uma aura de mistério – apenas uma estranha bondade e calma.

“Isso é apenas uma pequena percepção, Sr. Wang”, disse ele, com a voz ainda suave. “Não é nenhuma habilidade sobrenatural especial. É que... quando a mente de uma pessoa está suficientemente calma, às vezes, ela pode ver coisas que são difíceis de ver a olho nu.”

“E não se preocupe muito com isso...” – ele continuou, sua voz como um consolo. “Sinto que você e sua esposa têm uma grande afinidade com os antigos ensinamentos sobre o cultivo do corpo e da mente. Essa é também a principal razão pela qual sinceramente o aconselhei a dedicar tempo a esta jornada. Chegará um momento, talvez não muito longe... haverá outra pessoa, outro caminho, que realmente os ajudará a curar tanto o corpo quanto a mente.”

Eu fiquei completamente em silêncio, sem saber o que dizer...

Ele serviu mais chá em nossas xícaras com calma e depois disse em voz baixa, como se falasse para si mesmo:

“As pessoas se voltam para o cultivo espiritual, não principalmente para obter habilidades sobrenaturais. Mais importante, é para encontrar e retornar à parte mais pura e benevolente que existe no fundo de cada um.”

Ele olhou para o pequeno jardim, onde a brisa da tarde balançava suavemente as folhas verdes.

“Fan ben gui zhen”, ele recitou suavemente esses quatro caracteres, e depois explicou. “É retornar à raiz, à verdadeira natureza original, à essência mais autêntica da vida.”

Eu ouvi, mas para ser sincero, não consegui entender completamente de imediato. Não porque as palavras fossem muito difíceis ou complexas. Mas porque... eu tinha a sensação de que seu verdadeiro significado não estava apenas na superfície das palavras.

Era como o eco de um sino de templo de algum lugar muito distante – não muito alto, não insistente – mas seu som ressoava, se espalhava e ecoava suavemente em minha mente por um longo tempo.

Qing Ling também permaneceu em silêncio por um bom tempo. Eu sabia que, como pesquisadora e professora de cultura chinesa, ela havia lido inúmeros livros sobre “cultivar a mente e nutrir a natureza”, sobre eremitas e verdadeiros cultivadores do passado. Mas talvez, esta

fosse a primeira vez em sua vida que ela encontrava uma pessoa – em carne e osso, bem diante de seus olhos – vivendo e expressando exatamente as coisas que ela só tinha visto em livros antigos.

Olhei involuntariamente para Qing Ling e vi que os cantos de seus olhos estavam ligeiramente úmidos. Ela rapidamente se virou, como se quisesse esconder uma emoção que acabara de surgir.

Nossa conversa continuou até quase o meio-dia. A atmosfera na sala de chá permaneceu leve e serena. Ninguém tentou chegar a uma conclusão final sobre nada. Nem havia uma “resposta correta” a ser afirmada. Era simplesmente uma pessoa que havia vivido, que havia experimentado – compartilhando com duas pessoas que ainda estavam em seu caminho de busca.

Zhang Feng nos convidou para almoçar. Foi uma refeição extremamente simples – apenas arroz branco recém-cozido, um prato de couve verde do jardim e uma tigela de sopa de tofu com cogumelos shiitake. Sem temperos fortes e elaborados. Nem convites formais. Mas por alguma razão, achei mais delicioso do que a maioria dos banquetes suntuosos que já havia desfrutado em restaurantes de luxo.

Quando nos levantamos para nos despedir, o sol já estava no auge. Zhang Feng não tentou nos fazer ficar

mais tempo, nem marcou um encontro específico. Ele apenas nos acompanhou até o portão, depois se curvou levemente em despedida – como um aceno silencioso para uma semente do destino que acabara de ser plantada.

Ao sair daquele portão de madeira coberto de trepadeiras, de volta à pequena viela de pedra, nem eu nem Qing Ling dissemos uma palavra um ao outro.

Nós dois permanecemos em silêncio. Como se nossas mentes ainda estivessem naquele espaço silencioso e quente, com o aroma persistente do chá e as palavras que ainda não haviam esfriado.

\* \* \*

# **CAPÍTULO 3: O EREMITA NO PICO DA MONTANHA**

## **Preparação e partida para o novo local**

Antes de deixarmos Tongren, o Sr. Zhang Feng disse que nossa jornada, na verdade, estava apenas começando. Ele não nos deu um itinerário específico, mas sugeriu algumas pessoas que ele achava que deveríamos encontrar, se o destino permitisse. Entre elas, a mais próxima era um cultivador que, segundo se dizia, vivia recluso em uma pequena montanha a cerca de trinta quilômetros da cidade de Tongren. Não era um ponto turístico famoso nem um local de peregrinação que atraía visitantes; os moradores locais pareciam raramente mencioná-lo. Mas, pela maneira como o Sr. Zhang Feng

falou, tive a sensação de que aquele lugar guardava algo especial, uma oportunidade para continuar explorando.

Assim, os dias em Tongren se encerraram como um prelúdio sereno para uma jornada mais longa. Através de dois encontros e conversas com o Sr. Zhang Feng, senti verdadeiramente que nesta terra da China, com sua profunda cultura antiga, ainda havia inúmeros segredos escondidos – o suficiente para despertar em mim um forte interesse, impulsionando-me a continuar esta jornada, embora eu realmente não soubesse para onde ela me levaria.

Decidimos ficar em Tongren por mais alguns dias para nos prepararmos para a viagem à montanha. Qing Ling tentou sondar a opinião de alguns moradores das aldeias vizinhas. A maioria deles conhecia a área da montanha – um lugar com vastas florestas de bambu, algumas pequenas cachoeiras que corriam o ano todo e algumas trilhas antigas que levavam a áreas mais altas. Alguns disseram que já haviam subido para colher cogumelos e brotos de bambu. Outros ouviram vagamente que um projeto de ecoturismo estava sendo pesquisado pelo governo. Mas quando Qing Ling perguntou habilmente sobre alguém vivendo recluso na montanha, quase todos balançaram a cabeça: “Se houvesse alguém morando lá, deveria ser bem fundo na floresta. Nós, quando vamos, só ficamos perto do pé da montanha.”



Ninguém expressou ceticismo ou negou abertamente. Era apenas que... o assunto parecia nunca ter realmente chamado a atenção deles.

Fomos ao mercado da cidade para comprar alguns itens necessários para a viagem: um par de botas de caminhada melhores que os tênis que eu estava usando, uma mochila mais leve, um pouco de comida seca fácil de carregar e algumas roupas leves para o caso de chuva ou sol inesperados. Eu ainda tentava manter contato regular com meus colegas nos EUA, verificando e-mails diariamente e participando de algumas reuniões online curtas à noite – o trabalho não podia ser completamente deixado de lado, especialmente com projetos importantes em andamento. Mas, fora desses horários de trabalho fixos, eu deliberadamente deixava minha mente mais relaxada, com menos pensamentos.

Sem perceber, comecei a prestar mais atenção às pequenas coisas simples que aconteciam ao meu redor – uma brisa fria repentina passando pela manga da minha camisa, um raio de sol matinal puro inclinado sobre o beiral de madeira da pousada, ou o som solene de um sino de templo de algum mosteiro distante na montanha ecoando através da névoa matinal. Embora eu não conseguisse me livrar completamente dos velhos hábitos, senti que estava gradualmente aprendendo a viver mais devagar, a deixar temporariamente de lado a

necessidade de controlar tudo – e a tentar deixar o fluxo natural da vida me guiar.

Deixamos Tongren em uma manhã cedo, quando a névoa branca ainda pairava sobre os picos das montanhas. Um carro local que havíamos alugado nos levou por estradas de asfalto bastante suaves. Somente quando começamos a virar em uma estrada menor em direção ao pé da montanha é que a superfície gradualmente se tornou irregular com cascalho – alguns trechos eram de terra vermelha de basalto, outros bastante acidentados e escorregadios, mas ainda transitáveis para o carro se mover lentamente. Os campos de arroz e milho esparsos gradualmente deram lugar a encostas suaves e trechos de floresta densa.

Depois de mais de uma hora de viagem, o carro não pôde mais continuar. Saímos, colocamos nossas mochilas nas costas e olhamos para uma trilha estreita que quase havia desaparecido sob a grama alta e a vegetação da floresta. Nenhuma placa. Nenhum vestígio de intervenção moderna.

“Você tem certeza de que estamos indo na direção certa?”  
– Qing Ling perguntou, sua voz um pouco hesitante, seu olhar cético para a trilha. “Parece um pouco... com uma cena de um filme de aventura.”

Eu ri baixinho, embora por dentro não estivesse mais certo do que ela. “Para ser sincero, eu também não sei, Ling. Mas por alguma razão, eu sinto que... esta é a direção certa. Não por qualquer razão lógica, mas simplesmente... um tipo de sentimento.”

“Um sentimento?” Ela olhou para mim, sua expressão como se tivesse ouvido a coisa mais estranha do dia. “Você esqueceu que é um professor de medicina? Não somos caminhantes profissionais, não temos nenhuma experiência.”

“Eu sei. Mas você se lembra do que o Sr. Zhang Feng disse? Que às vezes precisamos seguir a natureza, ouvir a voz do nosso coração. Talvez, neste momento, seja tudo o que estou tentando fazer.”

Qing Ling não disse mais nada. Ela olhou para a trilha em silêncio por um momento e depois assentiu levemente.

Começamos a entrar na floresta. Cada passo parecia nos levar um pouco mais para outro mundo – não o mundo de mapas detalhados ou rotas pré-determinadas, mas um mundo de uma ambiguidade convidativa. A trilha às vezes era bastante íngreme e traiçoeira, outras vezes escorregadia com o musgo verde que cobria as rochas. Senti meu corpo começar a ficar cansado, mas minha mente, pelo contrário, estava estranhamente clara e

alerta. Um tipo muito diferente de alerta, não vindo de xícaras de café forte ou da adrenalina – mas parecia vir da vasta quietude da floresta.

Continuamos caminhando, ocasionalmente trocando algumas palavras ociosas, outras vezes apenas ouvindo em silêncio o som do vento farfalhando através das copas das árvores acima. Em trechos difíceis, parávamos para descansar ao lado de um pequeno riacho com água corrente. A água do riacho era tão clara e fria como se tivesse acabado de derreter do gelo.

“Ainda não entendo por que você está tão fascinado por tudo isso”, Qing Ling disse de repente, enquanto descansava em uma grande rocha ao lado do riacho, seu dedo desenhando círculos vagos na superfície da água. “Não se parece nada com o seu eu pragmático e racional de antes.”

Sentei-me ao lado dela, respirando fundo o ar fresco da floresta.

“Talvez... seja porque vivi por muito tempo, muito acostumado com coisas que podem ser medidas, calculadas e controladas pela razão. Mas aqui – são justamente as coisas que não consigo explicar, as coisas que estão além do meu controle, que me fazem sentir... mais leve. Não porque eu as entenda, mas talvez, pela primeira vez na minha vida, sinto que não preciso

necessariamente entender tudo em detalhes para aceitar sua existência.”

Qing Ling virou-se para me olhar, seu olhar suavizou-se, e um vislumbre de compreensão apareceu nele. “Eu entendo esse sentimento. Não é como ser convencido por alguém com lógica, mas mais como estar diante de algo muito grande, muito diferente – mesmo que você não consiga compreendê-lo ou defini-lo – você ainda não consegue ignorá-lo.”

Eu sorri levemente. Talvez, embora ainda não compartilhássemos completamente a mesma crença, estávamos começando a compartilhar a mesma perspectiva, a mesma abertura para coisas novas.

Continuamos, sem mapa nas mãos, sem um roteiro claro à frente. Apenas a trilha que aparecia e desaparecia, e a sensação de que precisávamos ir mais devagar, olhar mais de perto e ouvir mais – tanto os sons da floresta ao redor, quanto, talvez, as vozes silenciosas de dentro.

## **A jornada até o pico da montanha**

Continuamos a seguir a trilha, que nos levava cada vez mais fundo nas encostas densas da montanha. O

caminho não era excessivamente perigoso, mas também não era fácil. Havia trechos que pareciam ter sido esquecidos há muito tempo – musgo verde cobrindo as rochas, folhas secas e em decomposição empilhadas em camadas espessas, e ervas daninhas crescendo quase até a altura dos joelhos. As chuvas da noite anterior haviam deixado o chão escorregadio e úmido, exigindo mais atenção e cuidado a cada passo. Às vezes, nós dois tínhamos que nos agarrar a árvores ao longo do caminho para manter o equilíbrio em trechos inclinados, ou usar um bastão para afastar a vegetação densa que obscurecia o caminho. Não era exatamente uma escalada de aventura, mas foi o suficiente para nos deixar em silêncio e cansados após várias horas de caminhada constante no silêncio quase absoluto da floresta.

À medida que o sol subia, dissipando a névoa persistente, a floresta gradualmente revelou muitas cenas que eu provavelmente nunca havia visto em minhas viagens de negócios ou turismo anteriores – não porque fossem particularmente especiais ou grandiosas, mas talvez porque fosse a primeira vez que eu realmente permitia que minha mente parasse e observasse. Árvores antigas se estendendo para o alto, formando uma abóbada de folhas verdes, alguns tufo de flores silvestres roxas florescendo silenciosamente ao lado da grama verde, o som dos insetos misturado ao som do vento soprando pelas folhas... todas essas coisas, por si só, talvez não

fossem esplendidamente belas, mas, estranhamente, pareciam sussurrar juntas algo muito pacífico.

Paramos para descansar em uma grande rocha, sua superfície coberta por um musgo verde e fresco sob a sombra de uma árvore antiga. Qing Ling sentou-se, tirou silenciosamente sua pequena mochila das costas e massageou suavemente o tornozelo – talvez ela o tivesse torcido levemente mais cedo. Ela não reclamou. Apenas olhou ao redor em silêncio, seu olhar demorando-se no vale enevado à distância, e então sorriu de repente, um sorriso gentil como se tivesse reencontrado algo muito familiar de suas memórias.

Eu estava prestes a dizer algo, mas desisti. O espaço ao redor estava tão quieto que senti que qualquer palavra seria supérflua. Uma folha amarela se soltou suavemente de um galho, girou algumas vezes no vento e pousou gentilmente ao lado do meu pé – e naquele breve momento, tive um pensamento passageiro: eu nunca havia estado verdadeiramente “presente” em cada pequeno detalhe da vida como agora.

Continuamos nossa jornada. O caminho começou a ficar mais íngreme, serpenteando pelas encostas rochosas. Quanto mais alto subíamos, mais forte o vento soprava, trazendo o cheiro úmido da terra, o cheiro de folhas em decomposição, misturado com o aroma leve e fresco de alguma flor silvestre escondida em algum lugar nos

arbustos. Senti minha respiração ficar mais pesada, meu coração bater mais rápido, mas minha mente, pelo contrário, estava estranhamente clara e alerta – não havia mais os pensamentos errantes, as preocupações diárias que costumavam me atormentar, apenas a pura presença de cada passo, de cada batida do coração e do farfalhar das folhas em algum lugar à frente.

Em um momento, Qing Ling parou de repente diante de uma grande pedra precariamente equilibrada na beira do caminho. Ela estendeu a mão e tocou a superfície da rocha, onde uma curva muito natural fazia com que toda a pedra se parecesse com a forma de um grande dragão enrolado. Sem dizer uma palavra, ela se virou e olhou para mim, seu olhar um tanto distante, e depois se voltou para a floresta profunda à frente. Algo em seu olhar me fez sentir que ela também estava sendo atraída pela atmosfera especial deste lugar.

Ao longo do caminho, encontramos muitas outras rochas com formas estranhas – uma parecia a figura de uma pessoa meditando, outra se assemelhava a um pequeno portão de pedra, todas silenciosamente imóveis na floresta antiga e densa. Não havia vestígios de intervenção humana – simplesmente a mão da natureza, por acaso ou de propósito, havia criado formas únicas que faziam com que aqueles que passavam parassem por um momento para admirar.



Eu não tinha certeza se esses eram os "vestígios dos antigos" aos quais o Sr. Zhang Feng havia aludido, mas uma coisa eu sentia cada vez mais claramente: este lugar possuía um tipo muito diferente de silêncio. Não era o silêncio vazio e desolado de um lugar selvagem e desabitado. Era um tipo especial de silêncio, com peso, que fazia a mente se acalmar naturalmente, não mais querendo falar ou pensar em coisas supérfluas e inúteis.

Após várias horas de subida contínua, quando o sol começou a se inclinar para o oeste, finalmente chegamos a uma área bastante plana perto do pico da montanha. Quando estávamos prestes a encontrar um lugar para descansar, de repente vi à frente, não muito longe, um pequeno abrigo feito de bambu e folhas, aninhado em uma grande rocha plana na beira do caminho. Sob o abrigo, um jovem casal – talvez locais que subiram para apreciar a vista ou fazer um piquenique – estava sentado bebendo água e conversando. Ao lado deles, um velho de cabelos grisalhos, com uma aparência refinada, estava sentado concentrado em um pequeno tabuleiro de Go.

Aproximamo-nos com cautela. A jovem sorriu amigavelmente para nós, enquanto o jovem continuava a observar o jogo no tabuleiro com uma expressão de fascínio. O velho permaneceu sentado ali, estranhamente calmo, sem levantar os olhos para nos olhar, aparentemente imperturbável pela presença de dois estranhos.

Eu não entendia muito de Go, então apenas olhei por alguns minutos e estava prestes a sair para não incomodá-los. Assim que me virei para dar alguns passos, uma voz profunda e muito clara veio de trás:

“Você é Wang Ming, não é?”

Parei abruptamente, meu coração batendo mais rápido. Olhei para trás – o velho ainda não estava olhando para mim, sua mão acabara de colocar suavemente uma peça preta em uma posição no tabuleiro.

Tentei manter minha voz calma e respondi lentamente: “Sim, sou eu.”

Quando eu estava prestes a perguntar mais, ele falou novamente – sua voz ainda firme, inalterada:

“Alguém me pediu para ficar aqui um pouco... para lhe mostrar o caminho.”

Ele ainda não olhou para cima, sua mão pegando gentilmente uma peça branca e colocando-a no tabuleiro.

Um momento depois, depois de fazer sua jogada, ele continuou, sua voz tranquila como se estivesse recitando algo que lhe fora dito antes, com muito cuidado:

“Continue seguindo esta trilha. Quando chegar a uma bifurcação, onde há alguns grandes tufos de bambu, vire à direita. Caminhe por cerca de uma hora e chegará a outra bifurcação – então vire à esquerda e siga em frente. No final desse caminho, você encontrará o lugar que procura.”

Tentei memorizar cada palavra que ele dizia. A instrução não era longa, mas na maneira como ele pausava e enfatizava cada palavra, tive a sensação de que tudo havia sido arranjado com antecedência – sem força, mas também não inteiramente por acaso.

Um pensamento repentino brilhou em minha mente: será que o Sr. Zhang Feng havia informado este velho sobre nossa chegada por telefone? Mas imediatamente me lembrei – desde que entramos nesta região montanhosa, meu celular havia perdido completamente o sinal. Eu havia tentado verificar algumas vezes quando passamos pelas pequenas aldeias no pé da montanha, mas não havia nem mesmo uma barra fraca de sinal. Qing Ling também havia dito que, até onde ela sabia, esta região montanhosa ainda não estava totalmente coberta pelo serviço de telecomunicações, embora houvesse rumores de que o governo local planejava desenvolver o ecoturismo aqui no futuro.

Pensando nisso, senti involuntariamente um calafrio percorrer minha espinha. Se não fosse por contato

prévio... então como este velho poderia saber meu nome, e a razão de eu ter vindo aqui?

Qing Ling olhou para mim, seus olhos cheios de surpresa e confusão inconfundível. Nós não dissemos nada, mas eu sabia que nós dois estávamos pensando a mesma coisa: esta viagem parecia estar nos levando a algo muito além de nossas expectativas iniciais.

## **Encontrando o eremita**

Seguimos cuidadosamente as breves instruções do velho jogador de Go. Passando pela bifurcação com os grandes tufos de bambu, viramos à direita e seguimos por uma encosta suave, o chão coberto de musgo verde escorregadio, o que levou quase uma hora. Depois, viramos à esquerda em um caminho estreito ao lado de um denso bosque de bambu antigo. Quando os últimos raios de sol da tarde começaram a brilhar em tons dourados através das folhas, de repente vimos um pequeno telhado de palha, aparecendo e desaparecendo atrás de uma fina camada de névoa e uma fileira de bambu verde – era tão simples e rústico que, se não tivéssemos prestado muita atenção, poderíamos ter passado sem perceber.

Um pátio de terra batida na frente do alpendre estava muito arrumado e limpo. Havia alguns canteiros de couve verde fresca, uma caramboleira carregada de frutos e um pequeno poço de pedra antigo aninhado humildemente sob a sombra de uma árvore antiga de nome desconhecido. O espaço aqui era estranhamente silencioso, tanto que podíamos ouvir claramente o som do vento da tarde soprando suavemente através dos tufo de bambu.

Na soleira da varanda, um homem estava sentado em meditação. Ele usava uma túnica de tecido rústico marrom, gasta e velha, seu cabelo grisalho caía sobre os ombros, e sua barba grisalha chegava ao peito. Sua figura parecia magra, mas não havia sensação de secura ou definhamento – pelo contrário, havia uma vitalidade interior, uma solenidade majestosa que emanava de seus olhos semicerrados e de sua respiração regular e suave. Ele sentou-se ereto em uma simples esteira de palha, as mãos pousadas levemente nos joelhos, em uma postura firme e serena, como se o tempo e todas as vicissitudes do mundo ao redor não existissem mais, não fluíssem mais.

Paramos involuntariamente, mantendo uma distância muito natural. Nenhum de nós falou. Talvez não houvesse necessidade de dizer nada naquele momento, pois sua própria presença, a atmosfera calma que o envolvia, tornava todo o espaço diferente – não uma

solenidade que inspirava medo, mas uma paz profunda que naturalmente acalmava o coração.

Um momento depois, como se sentisse nossa presença, ele abriu lentamente os olhos.

Aqueles olhos – claros, calmos, não "olhando" de forma inquisitiva e julgadora como as pessoas costumam se olhar, mas como um espelho refletindo, e depois baixando suavemente – calmos, profundos como a superfície de um lago de outono no fundo de um abismo.

Ele olhou para mim, e um sorriso muito leve, quase imperceptível, apareceu em seus lábios:

“Você é Wang Ming, não é?” Foi uma afirmação, não uma pergunta.

Antes que eu pudesse reagir, ele continuou, sua voz ainda firme, sem surpresa:

“Eu sabia que vocês dois viriam. Alguém enviou uma mensagem antes. Mas, na verdade, mesmo sem a mensagem, eu já sabia.”

Sua declaração fez com que tanto eu quanto Qing Ling parássemos abruptamente.

Era aquela sensação familiar novamente – a sensação que tive quando o Sr. Zhang Feng me chamou pelo nome pela primeira vez em uma casa de chá lotada em Tóquio, a sensação de que todos os meus cálculos, todos os meus preparativos anteriores, se tornaram completamente supérfluos. Mas desta vez, não havia o choque inicial como antes. Eu apenas assenti lentamente – como se eu mesmo, do fundo do meu ser, já soubesse vagamente que este encontro aconteceria, apenas não sabia quando.

“Olá, senhor”, comecei, tentando manter minha voz respeitosa. “Meu nome é Wang Ming. E esta é minha esposa, Qing Ling. Fomos... recomendados por um amigo, o Sr. Zhang Feng, para vir aqui.”

O homem assentiu levemente mais uma vez, seu olhar passando rapidamente por Qing Ling por um momento. Ele não fez mais perguntas, apenas disse, com a voz calma:

“Se não houvesse afinidade predestinada, mesmo que nos encontrássemos por acaso, seria difícil sentar e conversar. O fato de vocês terem conseguido encontrar este lugar significa que há algo em seus corações que vocês estão procurando, e também porque há alguma raiz que nos conectou antes.”

Ele fez um gesto muito gentil com a mão:

“Bem, por favor, entrem e tomem um copo de água. A jornada foi longa, vocês devem estar cansados. Se houver algo que queiram perguntar, podem falar com calma.”

Seguimo-lo para dentro da pequena casa. O chão era de barro batido, muito plano e limpo. Havia apenas algumas esteiras de palha no chão, uma mesa de chá baixa de madeira rústica e alguns livros antigos empilhados ordenadamente em uma prateleira simples de bambu. Não havia eletricidade. Nem conveniências modernas. Nenhum vestígio da era industrial que havíamos acabado de deixar para trás. Mas, estranhamente, não senti nenhuma sensação de falta ou inconveniência. Tudo aqui parecia ser suficiente, e tão limpo e arrumado que hesitei um pouco em pisar.

Ele mesmo nos serviu água. A água foi tirada de um poço de pedra do lado de fora, contida em um jarro de cerâmica antigo e escuro. A água do riacho era cristalina, fria, sem um sabor distinto, mas ao engolir, senti como se algo que me sobrecarregava tivesse sido lavado.

“Neste meu lugar, não muitas pessoas vêm”, disse ele, depois que nos acomodamos. “Não porque o caminho seja difícil ou perigoso. Mas talvez, porque poucas pessoas pensam que um lugar tão remoto e desolado tenha algo que valha a pena procurar. Algumas pessoas já vieram, mas apenas ficaram do lado de fora olhando



por um tempo e depois foram embora. Outras chegaram até a varanda, mas não conseguiram dizer uma palavra.”

Ele olhou para mim, um olhar profundo:

“Você tem afinidade, por isso conseguiu chegar até aqui. Seu amigo Zhang Feng já havia percebido isso. Quanto a mim... eu só recebo as pessoas que sinto que devo receber.”

Eu fiquei em silêncio. Algo estava mudando suavemente dentro da minha mente, como uma porta pesada que acabara de se abrir um pouco. Não tanto por causa das palavras específicas que ele acabara de dizer, mas talvez pela maneira como ele falou, a maneira como ele não tentou de forma alguma me convencer ou provar nada. Cada frase que ele dizia era gentil, calma, mas como gotas de água caindo precisamente no lugar mais profundo e silencioso da minha alma.

Qing Ling sentou-se ao meu lado, as mãos cruzadas no colo, seu olhar observando silenciosamente cada pequeno canto da casa, e depois pousando na moldura da janela com vista para o pátio silencioso. Ela não disse nada, mas eu vi uma expressão pensativa diferente em seu rosto.

Um momento depois, quando o copo de água estava quase vazio, ele disse, sua voz leve como o vento soprando pela floresta de bambu:

“Vocês dois acabaram de chegar, a jornada foi longa, por favor, descansem um pouco para recuperar as forças. Deixe-me preparar um bule de chá para vocês.”

Ele se levantou, seus passos leves e lentos, e foi para um canto da casa onde havia um pequeno fogão a lenha ainda com brasas, e depois calmamente serviu água de outro bule de cerâmica no fogão. Um aroma rústico e puro de chá começou a se espalhar suavemente no ar fresco e limpo da tarde na montanha.

Sentamo-nos em silêncio, ninguém disse uma palavra, nem queria falar naquele momento. Parecia que algo no ritmo calmo e sem pressa dele havia feito com que todos os meus pensamentos e perturbações recuassem temporariamente.

Quando ele colocou a xícara de chá quente na minha frente, ele olhou para mim mais uma vez e disse:

“Se vocês dois não estiverem muito ocupados com o trabalho... sintam-se à vontade para ficar aqui por alguns dias. Acredito que um lugar tranquilo como este será bom para pessoas que estão muito acostumadas a uma vida barulhenta e agitada.”

Eu estava prestes a agradecer ou perguntar mais alguma coisa, mas parei. O espaço e o tempo naquele momento pareciam tão pacíficos, tão profundos. Apenas fiquei ali sentado, com Qing Ling, esperando em silêncio que ele servisse mais água em minha xícara de chá.

## **A conversa com o eremita**

O céu começava a escurecer. Os últimos raios de um belo dia ensolarado desapareciam gradualmente na fileira de bambus verdes em frente à varanda. O eremita calmamente adicionou mais óleo à lâmpada antiga e depois colocou uma nova chaleira de água no fogo. Continuamos sentados ao redor da pequena mesa de madeira, dentro da casa simples que exalava um calor estranho. O espaço estava completamente silencioso, exceto pelo som dos insetos que começavam a cantarolar do lado de fora no jardim e pelo som regular da água fervendo na chaleira de cerâmica manchada pelo tempo.

Nem eu nem Qing Ling tínhamos pressa em fazer mais perguntas. Parecia que a própria atmosfera calma e solene deste lugar nos dizia que todas as perguntas encontrariam seu caminho... no momento certo.

Após um longo silêncio, quebrado apenas pelo som suave do chá sendo servido, falei, tentando manter minha voz o mais natural possível:

“Senhor, venho de um mundo onde a ciência experimental é considerada a base de todo o conhecimento, de toda a verdade. Mas, na verdade, o que vivenciei por acaso em Tóquio, e as coisas que o Sr. Zhang Feng sugeriu... junto com a atmosfera muito especial deste lugar... tudo isso está realmente me fazendo repensar muitas coisas. Gostaria muito de entender melhor – como era o caminho de cultivo dos antigos, e o que os levou a se dedicarem, a dedicarem suas vidas a esse caminho?”

O eremita sorriu levemente, um sorriso gentil, suas mãos ainda girando suavemente a xícara de chá quente. “O cultivo espiritual, na verdade, não é algo tão novo ou estranho, Sr. Wang. Ele existe neste mundo desde tempos muito antigos – não apenas em nossa Ásia, mas em muitas outras civilizações que apareceram e desapareceram nesta Terra. Embora as formas externas de expressão possam ser diferentes, a essência de todos os caminhos de cultivo genuínos é a mesma: é a jornada de retorno à nossa natureza benevolente e primordial, para gradualmente nos libertarmos das ilusões e sofrimentos da vida humana.”

Ele falou lentamente sobre os diferentes caminhos que os antigos escolheram para se cultivar: alguns buscaram a quietude dos templos ou das montanhas profundas, enquanto outros escolheram temperar sua mente em meio às turbulências da vida. Ele disse que cada pessoa pode ter seu próprio método, mas o importante é se o coração delas está verdadeiramente voltado para a benevolência, para a nobreza.

“O universo em que vivemos não é tão simples quanto o que os olhos nus podem ver. Existem inúmeros níveis diferentes de espaço, como ondas de energia invisíveis que se sobrepõem e se interpenetram. Nossas vidas humanas são as mesmas – não apenas este corpo físico, mas também outras partes, partes mais sutis: pode ser chamado de espírito, alma ou espírito primordial – o nome pode variar dependendo da compreensão de cada pessoa, de cada cultura. A ciência moderna de vocês, como vejo, só observou e estudou uma parte muito superficial disso.”

Ele se virou para me olhar, seus olhos ainda gentis, mas com uma profundidade indescritível:

“Você é um pesquisador médico. Você já se perguntou – emoções como medo, amor, ou uma palavra sincera de consolo... onde elas realmente residem no corpo de uma pessoa?”

Parei abruptamente diante da pergunta inesperada.

Ele não pareceu esperar uma resposta específica de mim, mas continuou:

“O coração não é o lugar que guarda os sentimentos. O cérebro também não fica um pouco mais pesado depois que temos um novo pensamento. Mas são essas coisas invisíveis, intangíveis, que não podem ser pesadas ou medidas, que estão no controle, dominando todo o corpo físico humano.”

Ele serviu mais chá em minha xícara, sua voz ainda firme, inalterada:

“As pessoas de hoje tendem a acreditar apenas no que pode ser visto, no que pode ser medido por máquinas. Mas o que realmente cria a vida, o que cria o ser... está sempre escondido, sempre além de todas as fórmulas, de todas as leis que os humanos tentam estabelecer.”

Eu olhei silenciosamente para a xícara de chá quente em minha mão, o vapor fino subindo, inclinando-se levemente com um tremor muito sutil de meus dedos, um tremor cuja causa eu não conhecia.

Ele continuou, sua voz ainda profunda e quente:

“Nos métodos de cultivo antigos, as pessoas frequentemente mencionam um conceito chamado ‘carma’. Não é apenas um conceito moral, sobre o bem e o mal – mas, na verdade, é um tipo de substância sutil e invisível. É formado e acumulado pelo que as pessoas fizeram em suas inúmeras vidas passadas – através de cada ação, cada pensamento, cada palavra. Essa substância existe em outros espaços, invisível a olho nu, mas pode causar doenças, infortúnios, sofrimento, e até mesmo criar traços de caráter ruins, desvios na alma. O propósito do cultivo genuíno, uma parte importante, é eliminar esse carma, tornar a alma cada vez mais pura e leve.”

“O Sr. Zhang Feng em Tóquio também mencionou brevemente isso para mim...” – murmurei, como se estivesse tentando juntar as peças do quebra-cabeça.

O eremita assentiu levemente:

“Você tem, de fato, afinidade. Nem todos que ouvem essas coisas conseguem entender de imediato, e nem todos que entendem conseguem acreditar imediatamente. Mas se uma pessoa realmente sabe viver com nobreza, sempre se esforçando pela benevolência em cada pensamento e ação, então, mesmo que essa pessoa nunca tenha ouvido as palavras ‘cultivo espiritual’, sua vida já começou a ter boas mudanças.”

Qing Ling permaneceu sentada ao meu lado, seu olhar levemente inclinado para a mesa de madeira gasta. Ela ouvia com muita atenção, sem interromper com uma única palavra. De vez em quando, eu a via assentir muito suavemente – como se estivesse tentando equilibrar sua mente diante do que acabara de ouvir, coisas que talvez fossem muito novas, mas também muito familiares para ela.

“E quanto aos vestígios que vimos no caminho até aqui – as rochas com formas estranhas, as gravuras tênues... elas têm alguma relação com os métodos de cultivo dos antigos, senhor?” – perguntei, lembrando-me de repente das rochas de aparência incomum que havíamos encontrado na encosta da montanha.

“É bem possível que sim”, respondeu ele, com a voz calma. “Houve épocas muito antigas em que as pessoas ainda mantinham sua simplicidade e podiam sentir os sutis fluxos de energia do céu e da terra, do universo. Elas tentaram registrar o que haviam compreendido, seu entendimento deste mundo. Mas com o passar do tempo, esse verdadeiro entendimento foi gradualmente se perdendo, esquecido pelas gerações posteriores. Agora, quando as pessoas olham para aquelas pedras, elas geralmente veem apenas pedras – poucas ainda conseguem sentir as coisas profundas que antes estavam escondidas por trás delas.”



Nenhuma afirmação definitiva, nenhuma resposta conclusiva.

Eu não disse mais nada. Em minha mente naquele momento, havia muitos pensamentos, muitos conceitos colidindo – não um debate sobre certo e errado, mas como se estivessem tentando encontrar uma abertura, um ponto de apoio para poderem se assentar lentamente.

Lá fora, o vento da fileira de bambus soprou novamente, trazendo o frio da floresta à noite. A luz da lâmpada a óleo sobre a mesa tremeu levemente. O eremita se levantou calmamente, foi até o fogo, adicionou mais alguns pedaços de lenha seca.

“Está começando a esfriar”, disse ele, com a voz ainda suave. “Esta noite, a lua na montanha provavelmente estará muito brilhante.”

## **A noite de luar e o visitante estranho**

A lua já estava alta. O céu noturno na montanha estava cristalino, sem uma única nuvem. A luz prateada e etérea da lua lançava um brilho suave sobre o pequeno pátio de terra em frente à varanda.

O eremita colocou outra pequena lâmpada a óleo na mesa de chá, sua luz amarela e quente misturando-se com o luar do lado de fora. Ele calmamente serviu outra rodada de chá e depois disse em voz baixa, com calma:

"Neste lugar montanhoso, geralmente sou só eu. Se vocês dois não tiverem nada que os prenda, sintam-se à vontade para ficar aqui por mais alguns dias para acalmar suas almas. Não há horários rígidos aqui, e eu também não tenho nada de urgente para fazer."

Ele sorriu levemente e depois se virou para mim:

"Gostaria de saber se o Sr. Wang estaria interessado em jogar algumas partidas de xadrez esta noite? Xadrez chinês ou Go, eu posso jogar um pouco de ambos."

Antes que eu pudesse responder, ele parou de repente, seu olhar se erguendo para a floresta de bambu que sussurrava na brisa da noite.

"Oh, um amigo taoista... parece que está vindo nos visitar."

Nem eu nem Qing Ling entendemos o que ele quis dizer, quando, de repente, uma figura alta apareceu do caminho escondido atrás da floresta de bambu. A figura tinha cabelo curto e arrumado, e seus passos eram

estranhamente leves. Havia algo muito diferente em seu movimento, uma graça que eu nunca tinha visto.

Quando a pessoa se aproximou, a cerca de uma dúzia de passos de nós, de repente percebi algo inacreditável: o homem parecia estar voando!

Ele não voou alto, mas deslizou suavemente a cerca de uma mão de distância do chão. Mas era claramente um deslize no ar. Seus calcanhares não tocavam as folhas secas e farfalhantes no chão, e sua sombra não se projetava tão claramente quanto as nossas sob o luar. Tudo aconteceu bem diante dos meus olhos, tão real, tão claro, mas ao mesmo tempo tão ilógico, muito além do meu entendimento comum.

Qing Ling involuntariamente apertou meu braço. Senti que nós dois estávamos prendendo a respiração, tentando não perder nenhum detalhe desta cena inacreditável.

O eremita se levantou calmamente, juntando as mãos na frente do peito em um gesto muito antigo:

"O amigo taoista Liu Yun chegou."

O estranho visitante também juntou as mãos em resposta e se aproximou. Neste momento, seus passos voltaram ao normal, tocando o chão como qualquer outra pessoa.

Ele tinha cerca de quarenta anos, vestia roupas simples de tecido cinza claro, sapatos de lona de sola macia, seu corpo parecia muito flexível e saudável, sua pele bronzeada como a de alguém que trabalha frequentemente ao ar livre, e seus olhos eram brilhantes e alertas.

O eremita se virou para nós e nos apresentou naturalmente:

"Este é Liu Yun, um amigo meu. Ele geralmente vive na cidade, trabalhando como comerciante autônomo. De vez em quando, ele sobe aqui para me visitar. Desta vez... ele provavelmente tem algo para me dar."

Liu Yun sorriu, acenou para nós e depois colocou um pequeno pacote de pano, cuidadosamente embrulhado, na mesa de chá:

"Sim, irmão. Alguns irmãos lá embaixo acabaram de reimprimir alguns desses livros. Pensei que você gostaria, então trouxe uma cópia para você."

Meu olhar não estava mais focado no pacote de livros, minha mente ainda girando com a maneira como ele havia aparecido mais cedo. Após algumas trocas de palavras muito suaves entre os três, não consegui mais conter minha curiosidade e me atrevi a perguntar:

"Sr. Liu Yun... com licença, posso fazer uma pergunta? Foi... foi verdade que o senhor pôde voar agora há pouco?... E se sim, o senhor costuma usar esse método para ir trabalhar todos os dias, ou apenas quando vem a lugares especiais e isolados como este?"

Liu Yun riu, uma risada calorosa, sem esconder nada.

"Todos os dias eu tenho que dirigir um carro, andar de moto como todo mundo, Sr. Wang. Quanto a isso..." ele balançou a cabeça levemente, "... não pode ser usado de forma casual. Os princípios celestiais não permitem. Apenas em lugares realmente tranquilos, onde não há pessoas comuns por perto, para não perturbar a ordem social, é que ocasionalmente se pode exibir um pouco."

Ele tomou um gole de chá e depois se levantou calmamente:

"Bem, acho que tenho que ir esta noite. Ainda tenho alguns assuntos para resolver na cidade. Quando não estivermos ocupados, com certeza teremos a chance de nos encontrar novamente."

Ele se curvou levemente para o eremita e para nós, depois partiu silenciosamente, sua figura rapidamente se misturando à escuridão da floresta, tão leve e misteriosamente quanto chegou.

A atmosfera na pequena casa voltou à sua quietude original. A chama da lâmpada a óleo sobre a mesa ainda tremeluzia suavemente, iluminando os rostos pensativos.

Qing Ling disse em voz baixa, quase um sussurro, como se temesse quebrar algo:

"Eu... eu nunca vi ninguém... voar de verdade assim."

Eu só pude ficar em silêncio. Nós dois ainda estávamos sentados ali, atordoados, tentando processar o que havíamos acabado de testemunhar, sem saber onde encaixar isso em nossa consciência.

O eremita fechou suavemente o livro que Liu Yun acabara de trazer e o colocou de lado na mesa.

"Não é procurando diligentemente no mundo exterior que se pode ver a verdade", disse ele, sua voz ainda suave, distante. "Às vezes, apenas sabendo como se sentar em silêncio, deixando a mente se acalmar, outras portas se abrirão por si mesmas."

Ficamos na casa do eremita por mais três dias. Aqueles dias passaram de forma muito simples. Pela manhã, às vezes íamos com ele para as colinas próximas colher alguns tipos de folhas medicinais. Ao meio-dia, sentávamos juntos tomando sol no pátio de terra em frente à varanda. À noite, nos reuníamos ao redor do chá

quente, observando silenciosamente a lua subir. Ele não falava muito, nem explicava nada profundo. Mas cada história que ele contava, cada palavra que ele dizia, embora muito simples, muitas vezes me fazia ponderar por um dia inteiro, e até mesmo por muitos dias depois. Havia dias em que nós três apenas nos sentávamos em silêncio por horas, ninguém perguntava nada, ele também não dizia nada. Mas, estranhamente, era nesses momentos de silêncio que as coisas que eu queria muito perguntar, as perguntas que me intrigavam, gradualmente se tornavam menos importantes, não mais precisando de uma resposta específica.

No terceiro dia, enquanto eu arrumava minhas poucas coisas, me preparando para descer a montanha, ele me disse em voz baixa, sua voz ainda suave como o vento soprando:

"Há outra pessoa esperando por você lá embaixo. A próxima porta desta jornada... se abrirá por si mesma quando você chegar lá."

Eu não entendi completamente o que ele quis dizer, mas também não perguntei mais nada. Naquele momento, eu só sabia uma coisa – os poucos dias que passei neste lugar, embora principalmente em silêncio, haviam realmente aberto algo muito novo, muito diferente dentro de mim. Como o luar brilhante da primeira noite em que chegamos – não barulhento, não ofuscante – mas

o suficiente para iluminar um caminho à frente para mim, mesmo que esse caminho ainda estivesse vago e cheio de incógnitas.

## **O fim do encontro e a continuação da jornada**

Ainda era cedo. Tiras finas de nuvens fluíam preguiçosamente pelos picos distantes das montanhas. A luz pura da manhã cobria o pátio de terra em frente à varanda com uma cor cinza-prateada suave. Da pequena cozinha, o som da água fervendo no fogo ecoava suavemente, regularmente. O eremita, como em todas as outras manhãs, estava calmamente atizando o fogo, preparando um novo bule de chá. Nenhuma despedida foi feita, nenhuma palavra de adeus foi dita.

Qing Ling e eu silenciosamente arrumamos nossa pouca bagagem. Havíamos ficado neste lugar por três dias. Inicialmente, planejavamos apenas visitá-lo por uma tarde, mas nenhum de nós mencionou a partida – e assim, os dias passaram em uma estranha quietude e paz. A cada dia que passava, o eremita apenas fazia tarefas muito simples e cotidianas: às vezes ele ia para as encostas próximas colher alguns tipos de folhas da floresta, outras vezes o víamos meticulosamente cozinhando remédios



no fogo, e outras vezes ele apenas acendia o fogo e preparava o chá. Ele quase não explicava nada, nem tomava a iniciativa de nos contar histórias. Mas, estranhamente, era nesse silêncio quase absoluto que sentíamos muitas coisas que talvez nenhuma palavra pudesse descrever completamente.

Uma tarde, enquanto eu o ajudava a espalhar algumas bandejas de folhas medicinais para secar ao sol no quintal, ele de repente perguntou, sua voz ainda firme, sem me olhar:

"No seu país agora, as pessoas ainda acreditam que os seres humanos realmente têm alma?"

Parei por um momento, levantei o olhar para ele. Ele ainda não olhou para trás, apenas continuou a arrumar meticulosamente cada punhado de folhas medicinais na bandeja de bambu. Eu respondi, minha voz um pouco hesitante:

"Senhor, eu acho que... talvez muitas pessoas ainda acreditem nisso, mas elas geralmente não sabem o que uma alma realmente é, e poucas realmente prestam atenção a isso."

Ele não disse mais nada. Mas a partir daquela tarde, comecei involuntariamente a prestar mais atenção aos pequenos eventos, aos sons muito comuns que

aconteciam ao meu redor. O som do vento soprando de repente e farfalhando o telhado de folhas de bambu, o som suave da água fervendo na chaleira de chá, ou a mudança na cor da luz do sol no chão do pátio toda vez que uma nuvem passava... Todas essas coisas pareciam querer me dizer algo – algo muito antigo, muito familiar, que talvez eu tivesse perdido por muito tempo.

Esta manhã, quando terminamos de nos preparar para descer a montanha, o eremita saiu de casa e me entregou um pequeno pacote embrulhado em papel de arroz. Dentro havia algumas folhas da floresta que haviam sido secas, emitindo um aroma puro, e um pequeno pedaço de papel com algumas palavras manuscritas:

"Não para curar doenças. Apenas para lembrar o cheiro da floresta."

Eu o peguei com reverência e me curvei para ele. Ele apenas assentiu levemente em resposta. Nenhuma outra palavra foi dita.

Deixamos silenciosamente a pequena casa simples. A trilha familiar através da floresta de bambu que levava ao pé da montanha era o mesmo caminho antigo de alguns dias atrás, mas por alguma razão, nossos passos hoje pareciam um pouco diferentes. Ninguém disse uma palavra um ao outro durante todo o caminho. O vento da montanha da manhã trazia um pouco de umidade fria e

o cheiro terroso da grama selvagem. Qing Ling caminhava ao meu lado, ocasionalmente estendendo a mão para tocar suavemente um galho fino ao longo do caminho, como um adeus silencioso.

Quando estávamos quase no pé da montanha, olhei para trás involuntariamente. A pequena casa de palha do eremita agora estava completamente escondida atrás das densas camadas de árvores verdes. Mas no fundo do meu coração, eu ainda guardava claramente a imagem de seus olhos silenciosos e claros – e o cheiro familiar da fumaça da cozinha misturada com a névoa da montanha das manhãs.

O vento do vale soprava, passando suavemente pelo meu colarinho, trazendo o sopro da vida cotidiana. Ajustei a alça da minha mochila em meu ombro e não olhei para trás novamente.

\* \* \*

# CAPÍTULO 4: A MEDICINA FORENSE DO MISTERIOSO

## **A história à beira da vida e da morte**

Ao deixar o pico da montanha onde o eremita vivia recluso, meu coração parecia ainda carregar o aroma das folhas da floresta e do orvalho da manhã, com ecos de mistérios que as palavras dificilmente poderiam descrever completamente. O ar fresco e o silêncio absoluto das montanhas pareciam ter lavado temporariamente parte da poeira mundana que se apegava à minha mente, mas, ao mesmo tempo, também semearam inúmeras novas perguntas que meu arsenal de conhecimento médico moderno não conseguia responder satisfatoriamente. Qing Ling, minha esposa, embora não tenha participado diretamente de todos os diálogos profundos com o eremita como eu, também sentiu, em certa medida, a atmosfera incomum e as

coisas que ultrapassavam nosso entendimento comum. Eu a vi mais quieta do que o habitual, e às vezes seu olhar se perdia à distância, contendo uma curiosidade e um toque de ceticismo ainda não verbalizado.

Decidimos não voltar apressadamente para as cidades grandes, barulhentas e agitadas. Em vez disso, seguindo uma sugestão um tanto vaga do guia local que havíamos contratado antes de nos despedirmos no pé da montanha, fomos para uma pequena cidade aninhada pacificamente no sopé de outra cordilheira, chamada Qingxi. A cidade, na verdade, não tinha nada de muito elaborado ou notável em termos de arquitetura ou paisagem, mas exalava uma paz e tranquilidade estranhas, como se o ritmo acelerado do tempo tivesse parado suavemente ou deliberadamente se esquecido deste lugar. Os telhados de telhas yin-yang antigos e cobertos de musgo se misturavam com alguns edifícios recém-construídos ainda cheirando a cal, as pequenas vielas de pedra sinuosas e um riacho – provavelmente o riacho Qingxi, como o nome da cidade sugeria – com águas cristalinas e calmas que abraçavam uma parte da cidade. As pessoas aqui também pareciam viver mais devagar, mais à vontade, completamente diferente da agitação e correria vistas em outros lugares.

Alugamos um pequeno quarto de pousada com uma varanda com vista para o riacho, planejando ficar alguns dias para organizar nossas ricas experiências recentes e

decidir juntos qual seria o próximo passo de nossa jornada. O dono da pousada era um velho chamado Chen, que parecia muito gentil, afável e de poucas palavras. E foi dele, em uma tarde, enquanto nós três estávamos sentados tomando chá em um banco de bambu na varanda, que a primeira história estranha de Qingxi chegou até nós.

Inicialmente, a história eram apenas sussurros e fofocas entre alguns vizinhos do Sr. Chen que passaram para tomar chá. Eles falavam sobre um funeral que havia acontecido na cidade alguns dias antes, o funeral do velho Wang, um carpinteiro que viveu toda a sua vida no final da cidade. A história provavelmente não seria digna de nota se não fossem os acontecimentos extremamente estranhos que se seguiram.

O velho Sr. Chen, depois que seus vizinhos foram embora, vendo que minha esposa e eu parecíamos bastante interessados e curiosos, calmamente serviu mais chá e começou a contar a história desde o início. O velho Wang tinha mais de setenta anos, vivia sozinho em sua casa antiga depois que sua esposa faleceu, e seus filhos trabalhavam em cidades grandes e distantes. Alguns dias antes, em uma tarde, o velho teve um ataque cardíaco súbito e severo. Os vizinhos o descobriram e o levaram às pressas para o posto de saúde da cidade, mas era tarde demais. O jovem médico que trabalhava no posto, que se dizia recém-formado de uma faculdade de

medicina na cidade e viera para cá, depois de examiná-lo cuidadosamente, confirmou que o velho havia parado de respirar, seu coração havia parado, suas pupilas estavam dilatadas e não havia mais reflexos – todos sinais clínicos muito claros de morte. A família do velho em províncias distantes foi notificada, e eles estavam a caminho para cuidar do funeral.

De acordo com os costumes locais, o corpo do velho Wang foi levado para casa pela família e vizinhos, lavado, vestido com roupas novas e colocado em uma cama de madeira na sala principal para que parentes e vizinhos pudessem prestar suas últimas homenagens. O funeral estava programado para o dia seguinte. Tudo parecia ocorrer em uma atmosfera de luto e tristeza comum a um funeral.

Mas a coisa mais estranha aconteceu por volta da meia-noite daquele dia, pouco antes do dia do funeral. Enquanto o filho mais velho do velho estava de vigília ao lado do caixão de seu pai, em meio à luz bruxuleante da lâmpada a óleo e à fumaça do incenso, ele de repente se assustou ao ver o peito de seu pai parecer se mover levemente. Inicialmente, ele pensou que seus olhos o estavam enganando devido ao cansaço e à dor. Mas então, sob a mesma luz fraca e a fumaça do incenso, o leve movimento no peito tornou-se inegavelmente claro. Não apenas isso, o velho se mexeu, abriu lentamente os olhos e depois se sentou na cama, seus olhos arregalados

olhando ao redor, com a expressão confusa de alguém que acaba de acordar de um sono muito longo e profundo.

Nem é preciso dizer o quão assustado o filho do velho ficou. Ele soltou um grito e correu para o pátio para chamar a todos. A família e alguns vizinhos que estavam ajudando com o funeral correram para dentro, chocados. Todos ficaram horrorizados, petrificados como estátuas, ao verem o velho Wang, que apenas um dia antes havia sido declarado morto pelo médico do posto de saúde, agora sentado na cama, vivo e bem.

“Isso... não pode ser real!” Deixei escapar, o reflexo profissional de um médico de longa data surgindo de repente. “Poderia ser um caso de morte aparente? Ou talvez o médico do posto tenha diagnosticado errado?”

O velho Sr. Chen balançou a cabeça lentamente:

“No começo, todos pensaram o mesmo, professor. A família do velho Wang rapidamente convidou o jovem médico de volta para dar uma olhada. Quando ele chegou, seu rosto estava pálido como um fantasma ao ver o velho Wang sentado ali. Ele tremeu ao verificar o pulso, a pressão arterial e a respiração do velho... todos os sinais vitais estavam presentes, embora fracos, mas claramente lá. O jovem médico gaguejou, incapaz de explicar, insistindo que, quando ele o examinou antes, o



velho havia de fato parado de respirar, seu coração havia parado, e não havia mais sinais vitais. Ele até já havia emitido o atestado de óbito para o velho.”

Qing Ling, que estava sentada em silêncio ao meu lado, pegou minha mão suavemente. Eu sabia que ela também estava cativada por esta história inacreditável. Ela perguntou suavemente ao Sr. Chen:

“Então... senhor, como está o velho Wang depois de ‘voltar à vida’? Ele se lembra de alguma coisa? E como está sua saúde?”

O velho Sr. Chen suspirou, sua voz baixando, seu olhar perdido no pátio à sua frente:

“Essa é a parte mais estranha de toda a história, senhora. Embora o velho Wang tenha realmente voltado à vida, ele não é mais a mesma pessoa de antes. Ele não reconhece seus filhos e netos, não se lembra quem é, onde fica sua casa. Ele fica sentado o dia todo, ou às vezes vagueia pela casa, murmurando coisas que ninguém consegue entender. Às vezes, ele fala com fluência sobre coisas que aconteceram há muito, muito tempo, coisas que nem os mais velhos da cidade já ouviram falar. Seus olhos geralmente estão vazios e sem vida, mas às vezes, de alguma forma, um olhar frio e penetrante brilha, fazendo as pessoas sentirem um arrepio.”

“Ele não reconhece os parentes? Amnésia total?” murmurei, tentando encontrar uma explicação razoável. “Poderia ser devido à falta prolongada de oxigênio no cérebro durante o período em que seu coração parou? Isso poderia causar danos cerebrais graves e irreversíveis?” Esta era provavelmente a explicação mais razoável do ponto de vista da medicina moderna.

“O jovem médico do posto de saúde também disse o mesmo”, assentiu o Sr. Chen. “Mas há coisas que nem ele consegue explicar. Por exemplo, o velho Wang costumava ser um carpinteiro, que mal sabia ler e escrever seu próprio nome. Mas nos últimos dias, as pessoas o viram pegando um pincel e escrevendo belos caracteres chineses antigos, que os alfabetizados da cidade dizem ser poemas sobre o Taoísmo ou algo semelhante. Outras vezes, ele apenas olha para a chuva do lado de fora e pode prever com precisão a hora da próxima chuva, ou apenas olha para o rosto de um vizinho e pode dizer com precisão as doenças ocultas em seu corpo, doenças que nem eles mesmos conheciam. Se for apenas dano cerebral, como isso pode ser explicado?”

A história do velho Sr. Chen realmente me deixou extremamente confuso. Como cientista, como professor de medicina com muitos anos de experiência, fui treinado para acreditar apenas no que pode ser observado, medido e provado experimentalmente. A morte, para mim, era um estado biológico muito claro e

definitivo: a cessação da circulação sanguínea, da respiração e, finalmente, a morte cerebral. O fato de uma pessoa declarada clinicamente morta por um médico profissional por quase um dia inteiro poder “voltar à vida” já era extremamente raro, podendo ser classificado como um erro médico raro ou um fenômeno de morte aparente extremamente raro no mundo. Mas as estranhas mudanças na mente, no conhecimento e nas habilidades “preditivas” que apareceram subitamente no velho Wang depois foram o que realmente desafiou todos os limites do meu entendimento. O dano cerebral comum só leva a uma diminuição das funções corporais, como poderia “desbloquear” habilidades aparentemente tão transcendentais?

Qing Ling permaneceu em silêncio, ouvindo do início ao fim, suas sobrancelhas delicadas franzidas em profunda reflexão. Eu supus que, como professora de língua e cultura, ela provavelmente estava fazendo associações com as histórias misteriosas de “possessão por espíritos” ou “tomar emprestado um corpo para retornar à vida” que são frequentemente transmitidas no folclore chinês desde os tempos antigos. Eram todos conceitos que, antes, nós dois considerávamos apenas produtos da imaginação rica e um tanto supersticiosa dos antigos.

“Então... como está o velho Wang agora?” Qing Ling perguntou, sua voz incapaz de esconder sua curiosidade.

“Ainda o mesmo, nada mudou”, respondeu o Sr. Chen, com um tom um tanto pesaroso. “Seus filhos e netos agora estão felizes e preocupados. Felizes porque seu pai voltou à vida milagrosamente, mas preocupados porque ele parece ter se tornado uma pessoa completamente diferente. Eles convidaram alguns curandeiros, alguns sacerdotes taoistas de algum lugar para dar uma olhada, mas ninguém pôde fazer nada. Alguns dizem que o velho está ‘possuído por um fantasma’, outros dizem que esta é uma ‘grande bênção’, que a alma de algum cultivador entrou no corpo do velho para continuar o trabalho inacabado do passado. Ninguém sabe o que pensar.”

O velho parou por um momento, serviu lentamente mais chá em nossas xícaras e depois continuou, sua voz um pouco mais hesitante do que antes:

“Nesta nossa pequena cidade, sempre que coisas estranhas acontecem, coisas em que a linha entre a vida e a morte se torna tênue como uma teia de aranha, as pessoas sussurram sobre uma pessoa – o Mestre Mo. Dizem que ele pode ver através de coisas que nossos olhos mortais não conseguem ver. Ele não é médico, nem feiticeiro ou curandeiro, mas dizem que ele tem olhos especiais, capazes de ver coisas que as pessoas comuns não podem, especialmente assuntos misteriosos relacionados à linha muito tênue entre a vida e a morte.”

A introdução ao Mestre Mo chegou a nós de forma tão natural, quase como uma consequência inevitável da história cheia de detalhes estranhos sobre o velho Wang. Uma forte curiosidade surgiu de repente em mim. Seria esta a próxima peça do quebra-cabeça misterioso que esta jornada estava lentamente revelando diante de nós? Um homem que podia ver através da vida e da morte, além do alcance dos bisturis afiados e dos microscópios mais avançados? Embora minha mente racional e científica ainda estivesse cheia de ceticismo, meu coração agora me impulsionava fortemente a encontrar este homem especial. Olhei involuntariamente para Qing Ling e vi em seus olhos a mesma expectativa, o mesmo anseio. Parecia que nós dois sentíamos vagamente que outra porta para os mistérios mais profundos do Oriente mágico estava prestes a se abrir.

## **Encontrando o Mestre Mo**

Na manhã seguinte, incapazes de conter nossa curiosidade, Qing Ling e eu decidimos tentar encontrar o Mestre Mo que o Sr. Chen havia mencionado na noite anterior. Seguindo as instruções um tanto vagas do velho dono da pousada e de alguns outros moradores que perguntamos cuidadosamente, a residência do mestre não ficava na área residencial movimentada, mas na

periferia da cidade, perto de um antigo cemitério que não era usado há muito tempo, um lugar onde a vegetação era bastante densa e a atmosfera sempre um tanto quieta e deserta. O caminho até lá era uma pequena viela pavimentada com pedras desgastadas pelo tempo, irregular e úmida, como um caminho separado que se afastava do mundo barulhento e agitado do dia a dia, serpenteando entre paredes de pedra cobertas de musgo, levando-nos gradualmente a um espaço que parecia mais silencioso e antigo.

Finalmente, depois de procurar por um tempo, paramos em frente a uma pequena casa de madeira, que parecia bastante antiga, mas ainda muito limpa e resistente, aninhada humildemente sob a sombra de uma enorme figueira-de-bengala, com suas raízes nodosas agarradas ao chão como grandes pítons. Não havia nenhuma placa, nenhum sinal que indicasse que este era o local de trabalho de alguém, apenas uma porta de madeira marrom-escura entreaberta. A atmosfera ao redor era estranhamente silenciosa, um silêncio diferente da desolação um tanto sombria do cemitério próximo, mas um silêncio especial, que parecia conter uma força interior invisível, fazendo com que aqueles que se aproximavam baixassem involuntariamente a voz e andassem mais suave e lentamente.

Levantei a mão e bati levemente três vezes na porta de madeira. Nenhuma resposta veio de dentro

imediatamente. Qing Ling e eu nos olhamos, com um toque de hesitação em nossos olhos. Deveríamos entrar por conta própria? Ou talvez tivéssemos ido ao lugar errado? Nesse exato momento, uma voz profunda, quente e um tanto rouca veio de repente de dentro da casa:

“Entrem, a porta não está trancada. Os convidados de longe já chegaram, não fiquem do lado de fora no sereno.”

A voz não era alta, mas tinha uma estranha penetração, como se seu dono soubesse de cada passo nosso há muito tempo e estivesse apenas esperando por este momento para nos convidar a entrar. Olhamo-nos mais uma vez, e então eu empurrei suavemente a porta e entrei, com Qing Ling logo atrás.

O interior não era uma clínica médica comum, nem um templo taoista para adoração de divindades como eu poderia ter imaginado. Parecia mais uma biblioteca antiga estranhamente misturada com um laboratório de pesquisa um tanto desordenado. A luz natural de fora entrava pelas janelas cobertas com papel de arroz, suave como fios de seda dourada, flutuando em um espaço tão quieto que parecia que até o tempo estava prendendo a respiração. A luz iluminava estantes que quase alcançavam o teto, cheias de livros antigos com capas de tecido desgastado, rolos de bambu cuidadosamente amarrados e documentos impressos em estilo moderno.

Sobre as mesas de madeira rústica, havia uma variedade de itens que eu mal conseguia nomear: havia modelos em miniatura do corpo humano feitos de bronze, vários tipos de pedras de cores e formas diferentes, bússolas antigas, várias lupas de tamanhos diferentes, pincéis, papel xuan, e notavelmente, um microscópio que parecia bastante deslocado em um canto da sala. Um leve cheiro de papel velho, tinta chinesa e alguma erva seca se misturava, criando uma atmosfera que era ao mesmo tempo solene e misteriosa.

Sentado atrás da maior mesa no meio da sala, de frente para a porta, estava um homem. Ele não parecia muito velho, talvez na casa dos sessenta, mas seu cabelo era branco como a neve, preso em um coque arrumado na nuca com um simples grampo. Ele usava um traje de tecido rústico de cor índigo, de estilo muito simples, mas que exalava uma elegância incomum. Sua constituição não era alta, até um pouco pequena, mas seus olhos eram estranhamente brilhantes e alertas. Quando entramos, ele levantou a cabeça, e seu olhar passou rapidamente por mim e por Qing Ling, um olhar muito profundo que parecia ir além de nossa aparência externa.

“O que os traz aqui?” ele perguntou, sua voz ainda profunda e um pouco rouca como antes.

Limpei a garganta, tentando manter a compostura e o autocontrole de um cientista, embora não pudesse deixar



de me sentir um pouco impressionado com a presença deste homem e deste espaço especial.

“Senhor, eu sou Wang Ming, e esta é Qing Ling, minha esposa. Viemos da América para viajar e também para aprender mais sobre a cultura tradicional. Aconteceu de ouvirmos as pessoas da cidade mencionarem o senhor...”

Ele sorriu levemente, um sorriso muito gentil que parecia já entender por que havíamos vindo até aqui.

“As pessoas da cidade me chamam de Mestre Mo. Quanto ao título de ‘Médico Forense do Misterioso’ que vocês provavelmente ouviram, é apenas uma forma divertida que eles usam quando encontram coisas difíceis de explicar pela razão comum. Eu sou apenas alguém que gosta de ser curioso sobre o funcionamento da vida humana, tanto quando se manifesta claramente do lado de fora, quanto quando se esconde nos reinos invisíveis.”

A maneira como ele usou a palavra “vida” e falou de seu “ocultamento” chamou minha atenção. Não era como a fala usual de um médico sobre as funções biológicas do corpo, mas parecia ter um significado mais profundo, mais filosófico.

“Senhor, quando o senhor diz ‘se esconde’... o senhor quer dizer a morte?” Qing Ling perguntou de repente, a

curiosidade inerente de uma pesquisadora de cultura e linguagem aparentemente superando seu ceticismo inicial.

Mestre Mo olhou para Qing Ling, um lampejo de aprovação em seus olhos.

“Você está parcialmente correta. As pessoas muitas vezes chamam isso de morte. Mas a ‘morte’ é realmente um fim completo, um desaparecimento eterno? Ou é simplesmente uma transição no estado da vida, outra porta que se abre ou se fecha?” Ele parou por um momento e depois olhou diretamente nos meus olhos. “O Professor Wang trabalha na área médica, ele certamente já testemunhou muitas partidas humanas. Então, com sua experiência, professor, tente definir o que é chamado de ‘morte’?”

Sua pergunta inesperada e direta me fez parar por um momento. Tentei apresentar as definições médicas padrão que costumo ensinar: a cessação da atividade cardíaca, da respiração, a morte cerebral, a perda das funções vitais básicas... Mas enquanto eu falava, o olhar do Mestre Mo parecia ver através de todas as palavras científicas, de todos os termos técnicos.

“Essas são todas manifestações externas, sinais que suas ferramentas e máquinas podem medir neste corpo físico”, disse ele lentamente, depois que eu terminei minha

apresentação. “Mas e a ‘coisa’ que realmente fez este corpo funcionar, a ‘coisa’ que criou a consciência, os sentimentos e o fluxo interminável de pensamentos em cada um de nós... Então, quando essas manifestações biológicas param, para onde foi essa ‘coisa’? Ela realmente se dissolve no nada como a fumaça ou a névoa?”

Eu fiquei completamente em silêncio. Esta era a questão central, o abismo com o qual nossa ciência moderna ainda lutava para encontrar uma resposta, a linha muito tênue entre a matéria e a consciência, entre a biologia pura e o que poderia ser chamado de vida espiritual.

“Eu não uso bisturis ou microscópios como o professor”, continuou o Mestre Mo, sua mão gesticulando levemente para os estranhos objetos em sua mesa. “Eu tenho outras ferramentas, outros métodos para ‘ver’. Ver os sutis fluxos de energia, ver as marcas que os antigos chamavam de ‘alma’ ou ‘consciência divina’ deixadas para trás depois de deixarem o corpo físico, ver as conexões cármicas que silenciosamente levaram ao evento do nascimento ou da morte de uma pessoa.”

“Energia? Alma?” repeti involuntariamente essas palavras, palavras que estavam fora do meu dicionário científico habitual. “Senhor, o senhor realmente acredita na existência dessas coisas?”

Ele não respondeu diretamente à minha pergunta, apenas sorriu levemente, um sorriso um tanto misterioso.

“Se eu acredito ou não, na verdade, não é tão importante quanto se elas realmente existem e operam de acordo com suas próprias leis, professor. É como o vento lá fora. Não podemos ver sua forma, mas podemos sentir a brisa fresca que ele traz, podemos ver seus fortes efeitos nas árvores, na superfície da água. Há coisas que os olhos nus não podem ver, que as máquinas não podem medir, mas isso não significa que elas não existam.”

Ele se levantou calmamente, caminhou até a janela e olhou para o espaço silencioso e nebuloso do antigo cemitério à distância.

“Vocês vieram aqui, provavelmente porque ouviram a história do velho carpinteiro Wang no final da cidade, não é?”

Sua pergunta não precisava de resposta. Claramente, ele já sabia de tudo.

“Sim, é verdade”, admihi honestamente. “Nós realmente não conseguimos explicar o que aconteceu com ele com base no entendimento médico comum. Uma pessoa declarada completamente morta por um médico, mas que voltou à vida e depois se transformou em uma pessoa completamente diferente...”

Mestre Mo se virou, seu olhar agora parecendo ainda mais distante e profundo do que antes.

“Esse é de fato um caso muito interessante”, disse ele em voz baixa. “Um exemplo bastante típico para nos mostrar que a linha entre o que as pessoas chamam de ‘vida’ e ‘morte’ às vezes é muito mais tênue e complexa do que imaginamos. Não é tão simples quanto um interruptor de luz. É como uma porta giratória cheia de maravilhas, onde cada ser vivo, dependendo do peso do carma ou da luz da benevolência que carrega em seu coração, será guiado para um caminho completamente diferente. É como uma porta giratória, que pode levar a muitos caminhos diferentes, dependendo de inúmeros fatores que as pessoas comuns dificilmente conseguem perceber.”

Ele nos fez um gesto para nos sentarmos nas simples cadeiras de madeira perto da mesa de chá.

“Se vocês dois realmente querem aprender mais, posso compartilhar algumas de minhas próprias perspectivas. Mas, por favor, lembrem-se de que este não é um conhecimento que vocês encontrarão nos livros de ciência moderna. Requer que tenhamos uma mente mais aberta, uma escuta com o coração e não apenas com a análise racional.”

Qing Ling e eu nos olhamos. O ceticismo inerente de um cientista ainda estava lá, mas ao mesmo tempo, a curiosidade e a sensação de que estávamos realmente diante de uma porta entreaberta para um mundo de conhecimento completamente diferente haviam vencido. Este homem, Mestre Mo, com sua aparência muito simples, mas possuindo um olhar perspicaz e palavras cheias de significados profundos, claramente não era uma pessoa comum. Ele não se parecia com um médico forense que examina corpos para encontrar a causa da morte física, mas parecia ser alguém que “disseca” os mistérios mais profundos da própria vida e da morte. Nós dois assentimos levemente, em silêncio e prontos para ouvir.

## **Uma perspectiva além do corpo físico**

Mestre Mo calmamente serviu chá para nós em pequenas xícaras de cerâmica verde-jade. O aroma puro e suave do chá se espalhou pelo ar, misturando-se delicadamente com o cheiro de papel velho e ervas secas característico da sala, criando uma sensação que era ao mesmo tempo serena e um tanto solene. Ele não se apressou em explicar imediatamente, mas tomou um pequeno gole de chá, seu olhar parecendo flutuar com a fina fumaça que

subia da xícara, imerso em profundas reflexões antes de condensá-las em palavras calmas.

“Para entender coisas como o que aconteceu com o velho Wang”, ele começou, sua voz ainda profunda e lenta como antes, “talvez precisemos deixar de lado temporariamente a perspectiva que se concentra apenas no aspecto físico que a medicina moderna de vocês costuma usar.”

Ele colocou a xícara de chá na mesa de madeira e olhou diretamente para mim: “Professor Wang, pelo que entendi, vocês costumam ver o corpo humano como uma máquina biológica extremamente complexa, não é? O coração é visto como uma bomba de circulação, o cérebro como uma unidade central de processamento que controla todas as atividades, e outros órgãos desempenham funções especializadas. Quando uma parte importante dessa máquina para de funcionar, a máquina é considerada ‘quebrada’, ou seja, morta.”

Eu assenti levemente. Essa era, de fato, a abordagem muito básica e comum da medicina moderna.

“Mas”, ele continuou, seu olhar pensativo em mim, “o que fez essa ‘máquina’ começar a funcionar em primeiro lugar? O que realmente criou a consciência, os sentimentos, as memórias e os traços de personalidade únicos – todas essas coisas invisíveis que compõem uma

‘pessoa’ real, e não apenas um conjunto de células e órgãos? A medicina de vocês pode chamar isso de funções complexas do cérebro, o resultado de inúmeras reações químicas e impulsos nervosos sofisticados. Mas será que essa é toda a história?”

Ele parou por um momento, deixando essas perguntas pairarem no ar silencioso da sala.

“Do ponto de vista dos antigos, e daqueles que hoje ainda seguem o caminho de entender mais profundamente a verdadeira natureza da vida, além deste corpo físico, cada um de nós carrega um eu espiritual central. As pessoas podem chamá-lo por nomes diferentes, dependendo de cada cultura ou escola de pensamento. O nome mais comum e fácil de visualizar é provavelmente a alma. Alguns que se aprofundam no caminho do cultivo podem chamá-lo de espírito primordial, referindo-se ao verdadeiro eu, à parte mais original de um ser. Às vezes, as pessoas usam o termo consciência divina para descrever seu aspecto de consciência e percepção. Embora os nomes possam ser diferentes, todos eles se referem à parte invisível e sutil, que não é matéria no sentido comum que entendemos, e não pode ser pesada ou medida pelas ferramentas científicas de vocês. Mas é o núcleo da vida, o lugar que realmente contém o eu único de cada pessoa, as memórias passadas, a sabedoria latente e as marcas profundas de vidas muito antigas.”



“Alma? Espírito primordial?” Qing Ling repetiu suavemente essas palavras, seus olhos brilhando com uma curiosidade e fascínio distintos. “Eu também já li sobre esses conceitos em livros e materiais culturais.”

Mestre Mo assentiu levemente: “Isso mesmo. Embora a palavra ‘alma’ no folclore às vezes tenha sido revestida pelas pessoas com muitas camadas de superstição e credence. Tentem imaginar desta forma: nosso corpo é como uma carruagem visível, e essa alma (ou espírito primordial, consciência divina) é o cocheiro invisível que a conduz. Quando a carruagem se desgasta, envelhece ou por alguma razão tem que parar, o cocheiro ainda pode continuar a existir, esperando uma oportunidade adequada para partir em novas jornadas, com outras carruagens.”

Tentei visualizar o que ele estava dizendo. A ideia não era completamente estranha para mim; ela existia em muitas das principais religiões e escolas filosóficas antigas do mundo. Mas hoje, ao ouvi-la apresentada de forma tão calma e coerente por um homem de aparência erudita e profunda como o Mestre Mo, ela carregava um peso, uma persuasão muito diferente.

“Então, a morte... vista desta perspectiva, o que é, senhor?” Eu perguntei.

“A morte do corpo físico”, respondeu ele, sua voz ainda firme, “é o momento em que a alma se separa completamente desse corpo. A conexão entre o ‘cocheiro’ e a ‘carruagem’ é permanentemente interrompida. Nesse ponto, o corpo físico começará o processo de decomposição de acordo com as leis da natureza. Mas a alma não ‘morre’ nesse sentido. Ela levará consigo tudo o que acumulou durante o processo de ‘conduzir a carruagem’ – e o que quer que tenha vindo de jornadas mais antigas – para entrar em outro estado de existência, para começar outra jornada.”

Ele olhou atentamente para nós dois e continuou: “E uma das coisas mais importantes que cada alma carrega consigo é o carma.”

“Carma?” Franzzi levemente a testa. Eu já tinha ouvido esse conceito algumas vezes, e geralmente era associado aos ensinamentos do Budismo.

“Isso mesmo. Carma, se entendido da maneira mais simples, é o fluxo invisível da lei de causa e efeito, onde cada pensamento, cada palavra, cada ação nossa nesta vida – ou mesmo em vidas passadas – está silenciosamente tecendo os fios do destino que nossos olhos mortais não podem ver. Ações benevolentes e boas criarão bom carma (também conhecido como mérito ou virtude), enquanto ações más e erradas criarão mau carma. O carma nunca desaparece por si só; ele se

acumula, ligando-se firmemente à alma de cada pessoa e determinando em grande parte seu destino, circunstâncias de vida e o que encontraremos no futuro, mesmo depois de deixarmos este corpo atual.”

Ele explicou de forma muito clara e lúcida, sem qualquer traço de tentativa de proselitismo ou de nos impor qualquer crença.

“É como um rio invisível, onde cada ação, cada pensamento nosso é como uma gota de água derramada nele. O rio flui para sempre, carregando tanto a doçura das boas ações quanto a amargura das más, e mais cedo ou mais tarde, teremos que provar a mesma água que contribuímos.”

Neste ponto, ele parou por um momento, antes de voltar à história do velho carpinteiro Wang.

“O caso do carpinteiro Wang que vocês ouviram é de fato muito especial. Quando ele sofreu o ataque cardíaco súbito e foi posteriormente declarado morto pelo médico do posto de saúde, é muito provável que sua alma original, carregando todo o carma de uma vida inteira como carpinteiro, tenha realmente deixado o corpo de acordo com o processo normal de vida e morte.”

“Então, por que ele pôde ‘voltar à vida’ depois?” Qing Ling não conseguiu se conter e perguntou imediatamente.

“Este é o ponto complexo e também a raridade do evento”, disse o Mestre Mo, sua voz baixando um pouco. “Existem casos extremamente raros em que um corpo acaba de se tornar ‘vazio’ porque a alma partiu, mas o próprio corpo ainda não começou o processo de decomposição, e nesse exato momento, sob uma convergência muito sutil e complexa de fatores predestinados, de tempo, espaço e os fluxos invisíveis de carma, outra alma – talvez por causa de uma dívida cármica não paga, ou por causa de uma promessa, uma missão de tempos antigos – chega e assume o corpo recém-desocupado.”

Eu quase congelei. “O senhor quer dizer... o fenômeno que o folclore chama de ‘tomar emprestado um corpo para retornar à vida’?”

“O termo popular é esse”, ele assentiu levemente em confirmação. “Mas sua natureza mais profunda provavelmente ainda está intimamente relacionada ao carma. É muito possível que essa nova alma carregue uma grande dívida cármica que precisa ser paga neste exato lugar, ou talvez tenha uma missão especial que não foi concluída em uma vida anterior. ‘Tomar emprestado’ um corpo que acabou de ser abandonado por seu antigo

dono é uma possibilidade, embora seja extremamente rara e exija a convergência de muitos fatores predestinados complexos ao mesmo tempo.”

“Isso poderia explicar por que o velho Wang parecia uma pessoa completamente diferente depois de voltar à vida?” perguntei, começando a sentir um vislumbre de lógica neste emaranhado de eventos aparentemente ilógicos.

“É bem possível que seja assim”, Mestre Mo assentiu. “A nova alma, ao entrar, trará consigo todas as suas próprias memórias, conhecimentos, traços de personalidade e carma. Ela não tem nenhuma lembrança da vida do carpinteiro Wang, então é compreensível que não reconheça seus filhos e netos. Ela também pode trazer conhecimentos ou habilidades especiais de uma vida passada distante – como saber ler e escrever chinês antigo, ou compor poemas sobre o Taoísmo. Ela também pode possuir habilidades especiais devido ao carma ou ao cultivo de vidas anteriores, como ser capaz de sentir o que está para acontecer ou ver doenças ocultas no corpo de outras pessoas.”

Ele suspirou levemente. “No entanto, este negócio de ‘tomar emprestado um corpo’ nunca pode ser perfeito. A conexão entre a nova alma e o corpo antigo pode não ser totalmente compatível, o que pode levar a estados de confusão, momentos de lucidez e delírio, ou outras

manifestações estranhas que são difíceis para os outros entenderem. E, mais importante, essa alma ainda estará sujeita a todo o carma que carrega, bem como a quaisquer resquícios de carma relacionados a este próprio corpo.”

As explicações do Mestre Mo pareciam ter aberto uma porta completamente diferente para eu reexaminar todo o evento. Elas não negavam os sinais biológicos de morte que eu conhecia, mas adicionavam uma camada de significado mais profundo, outra dimensão de existência – a da alma e do carma. Esta explicação, embora parecesse difícil de acreditar, poderia explicar os pontos extremamente ilógicos na história do velho Wang que nossa medicina moderna era completamente incapaz de resolver: o milagroso “retorno à vida” e a mudança completa de personalidade, conhecimento e habilidades especiais depois.

Embora minha mente racional e inerentemente cética ainda estivesse cheia de perguntas e dúvidas sobre a validade dessas coisas, sobre a evidência concreta que poderia ser verificada, eu não podia negar que essa explicação parecia tocar em aspectos do evento que nossa medicina moderna não conseguia explicar.

Olhei para Qing Ling. Ela ouvia atentamente, seus olhos arregalados e fixos no Mestre Mo. Com sua formação em cultura e filosofia oriental, eu supus que esses conceitos

de alma e carma provavelmente não eram tão estranhos para ela, embora talvez fosse a primeira vez que os ouvia apresentados de forma tão vívida e ligados a um caso específico.

A sala mergulhou novamente em silêncio, quebrado apenas pelo som suave da água fervendo na chaleira de chá e pela respiração suave de nós três. As palavras do Mestre Mo ainda ecoavam em minha mente, não como uma explicação completa, mas como os primeiros esboços de uma imagem imensamente grande, uma visão de mundo que eu nunca havia imaginado antes.

## **Entre o ceticismo e a abertura**

Ao sair da casa de madeira do Mestre Mo, senti como se tivesse retornado de um mundo muito diferente. A atmosfera do lado de fora, embora ainda fosse a quietude familiar da periferia da cidade de Qingxi, agora parecia cobrir tudo com uma fina névoa invisível – algo pesado que eu não conseguia nomear. A curiosidade, até mesmo um pouco de excitação, que eu senti inicialmente quando viemos aqui, parecia ter desaparecido completamente, dando lugar a um silêncio avassalador e denso entre mim e Qing Ling. Caminhamos lado a lado pela pequena viela de pedras irregulares, o som do cascalho sob nossos

sapatos soando estranhamente alto, como se fossem os únicos sons que restavam em um mundo interior que acabara de ser completamente virado de cabeça para baixo.

Eu não disse nada, e Qing Ling também ficou em silêncio. Nós dois precisávamos de nosso próprio espaço, de mais tempo para digerir lentamente tudo o que havíamos acabado de ouvir e sentir naquela pequena sala que cheirava a papel velho e ervas. Minha mente era como um velho rolo de filme documental, rebobinando incessantemente as palavras e imagens do Mestre Mo, e cada vez que o filme era reproduzido, parecia gravar perguntas ainda mais assombrosas em minha mente. Alma? Carma? Tomar emprestado um corpo para retornar à vida? Todos esses conceitos, que antes para mim existiam apenas em romances de fantasia ou em estudos sobre crenças folclóricas, agora eram apresentados por um homem com olhos alertas e uma calma imensa como verdades óbvias, leis invisíveis que operavam em paralelo com o mundo físico que eu sempre conheci.

Absurdo! Uma parte teimosa e racional de mim – a parte que havia sido forjada por tantos anos de pesquisa científica rigorosa – ainda gritava em protesto, como se tentasse erguer as últimas muralhas para resistir à onda de ceticismo que invadia silenciosa, mas poderosamente, minha consciência. Onde estava a evidência concreta?



Onde estavam os dados verificáveis? Como eu poderia aceitar coisas tão vagas e imateriais? A morte, pelo que aprendi e testemunhei, era um fenômeno biológico claro, o fim irreversível das funções vitais básicas. Eu a havia testemunhado centenas de vezes em minha carreira, assinado inúmeros atestados de óbito, e explicado aos parentes dos pacientes com termos médicos específicos e claros. Essa era a base do meu conhecimento, a verdade comprovada pela ciência por gerações.

Mas então, a imagem do velho carpinteiro Wang com suas estranhas mudanças após "voltar à vida" apareceu vividamente em minha mente, como um desafio inegável. Um corpo declarado clinicamente morto por um médico profissional por quase um dia inteiro. Um carpinteiro que passou a vida inteira trabalhando com as mãos, que mal sabia ler e escrever, de repente "acorda" e se transforma em uma pessoa completamente diferente – com profundo conhecimento antigo, com a capacidade de ver coisas que as pessoas comuns não podiam. Dano cerebral? Falta prolongada de oxigênio no cérebro? Todas as explicações médicas familiares que eu conseguia pensar agora pareciam um tanto forçadas, fracas, como uma camisa muito apertada tentando cobrir um corpo muito grande. Elas não conseguiam explicar completamente o súbito aparecimento daquele novo conhecimento e habilidades.

E também o Mestre Mo... ele não se parecia em nada com os videntes ou curandeiros que eu costumava imaginar. Nenhum traço de falso misticismo, nenhuma palavra encantadora, vazia e incompreensível. Apenas uma calma estranha, uma perspicácia em seus olhos e uma lógica alarmanamente coerente na maneira como ele conectava esses conceitos aparentemente fantásticos para explicar um fenômeno anômalo. Ele falava sobre alma, sobre carma, tão naturalmente como se estivesse falando sobre o fluxo de sangue nas veias ou a transmissão de impulsos nervosos no cérebro. Era essa calma, essa certeza que não precisava de exagero ou adorno, que me deixava ainda mais confuso e perplexo.

Involuntariamente, levei a mão às têmporas, sentindo como se a própria base do meu pensamento, da qual eu sempre me orgulhei de ser científica e objetiva, estivesse sendo violentamente abalada. Será que a visão de mundo que eu sempre considerei completa e correta era, na verdade, muito limitada, muito unilateral? Será que, apenas porque nossas ferramentas de pesquisa atuais só podem medir o mundo físico visível, nós apressadamente negamos a existência de outros níveis de realidade, de algumas leis invisíveis que silenciosamente governam o destino humano de maneiras que não conseguimos entender? O encontro com o eremita no pico da montanha alguns dias antes havia semeado as primeiras sementes de dúvida em meu

coração, e agora, o Mestre Mo parecia ter derramado sobre elas um forte fluxo de água, fazendo com que essas sementes começassem a brotar e crescer. Senti como se estivesse diante de um vasto e misterioso oceano de conhecimento, do qual antes eu só conhecia a existência através de uma pequena e estagnada poça d'água.

Olhei de relance para Qing Ling. Ela ainda caminhava lentamente ao meu lado, seus olhos fixos nas pedras antigas sob seus pés, mas eu tinha certeza de que sua mente não estava ali naquele momento. Suas sobrancelhas delicadas estavam levemente franzidas, e de vez em quando seus lábios se apertavam como se estivesse lutando com um fluxo complexo de pensamentos. Com seu vasto conhecimento da cultura oriental, ela aceitaria essas coisas mais facilmente do que eu? Ou seria precisamente por causa desse conhecimento que ela achava o assunto ainda mais complexo e difícil de explicar? Lembrei-me de repente de seu olhar quando ainda estávamos na casa do Mestre Mo – inicialmente curiosidade, depois um pouco de espanto e, finalmente, uma profunda reflexão. Ela não estava apenas ouvindo com os ouvidos, mas parecia estar mobilizando todo o seu conhecimento e percepções mais sutis para enfrentar os conceitos que acabara de ouvir.

"No que você está pensando, Ming?"

A voz suave de Qing Ling finalmente quebrou o longo silêncio entre nós. Soou um pouco hesitante, como se ela mesma não tivesse certeza de que tipo de resposta queria ouvir.

Parei e me virei para olhá-la. A luz da manhã do novo dia começava a penetrar pelas folhas, criando raios de luz dançantes em seu rosto delicado, mas parecia incapaz de dissipar a preocupação evidente em seus olhos. Respirei fundo, tentando encontrar palavras que pudessem descrever o caos que se passava em meu coração naquele momento.

"Eu... eu realmente não sei, Ling", respondi honestamente, minha voz um pouco cansada. "É como... como se todo o mapa do mundo em que eu costumava acreditar absolutamente em sua precisão, de repente se tornasse uma folha de papel em branco, e eu estou no meio de terras completamente estranhas, horizontes que eu nunca ousei sonhar antes. Novas terras, novos caminhos estão surgindo gradualmente, que aquele mapa antigo não registrou de forma alguma."

Qing Ling assentiu suavemente, seu olhar cheio de simpatia, mas também incapaz de esconder sua própria confusão. "Eu entendo", disse ela em voz baixa. "Eu tenho um sentimento semelhante. Os conceitos de alma, de retribuição cármica... eu já li sobre eles inúmeras vezes em livros antes, e geralmente os considerava

apenas como parte das crenças folclóricas, ou das escolas filosóficas antigas. Mas ao ouvir o Mestre Mo explicar em detalhes, e ligá-lo diretamente à história do velho Wang... não parece mais apenas teoria. Torna-se vívido, concreto e... estranhamente assustador." Ela ficou em silêncio por um momento e depois continuou, sua voz quase um sussurro para si mesma: "Faz-me sentir como se eu tivesse acabado de passar por um espelho. Tudo ao redor parece o mesmo, mas sua essência parece ter mudado muito."

Ficamos em silêncio novamente. Mas desta vez, a atmosfera entre nós não parecia mais tão pesada com dúvidas separadas. Havia uma conexão silenciosa, como se nós dois estivessemos olhando na mesma direção, enfrentando juntos algo muito grande que acabara de chegar.

Quando nos aproximamos do final da viela, onde a estrada começava a se alargar e os sons familiares da vida cotidiana na cidade se tornavam mais claros, meus olhos acidentalmente captaram uma pequena imagem. Em uma parede de pedra antiga e coberta de musgo, um galho fino, mas muito resiliente, de uma flor silvestre, tentava se espremer por uma fenda fria e úmida para alcançar um pouco da fraca luz do sol – como um testemunho silencioso da vitalidade imortal, sempre se esforçando para superar todas as adversidades. A delicada cor roxa de suas pequenas pétalas se destacava

contra o fundo de pedra cinza, como uma expressão extremamente forte da vida, desafiando todas as circunstâncias adversas. Parei involuntariamente e olhei para ela por um longo tempo, um pensamento muito vago surgindo em meu coração. Esta vida... é realmente apenas o resultado de reações químicas complexas e divisão celular? Ou é também algum tipo de vontade, algum tipo de energia invisível, sempre tentando se expressar, sempre tentando existir, mesmo nas circunstâncias mais impossíveis, de maneiras que nunca poderíamos esperar?

Não expressei esse pensamento repentino a Qing Ling, mas tive a sensação de que a imagem daquele pequeno galho de flor silvestre, junto com as palavras enigmáticas do Mestre Mo, assombraria minha mente por muito tempo.

Quando os sons familiares da pequena cidade de Qingxi começaram a ecoar mais claramente, eu soube que havíamos retornado ao mundo cotidiano. Mas algo dentro de mim, e talvez de Qing Ling também, não era mais o mesmo. O ceticismo inerente de um cientista em mim ainda estava lá, forte e racional. Mas ao lado dele, uma fresta muito estreita parecia ter se aberto de verdade, levando a uma terra de possibilidades que eu nunca havia ousado pensar antes. As perguntas sobre a natureza da existência, agora, pareciam maiores e mais profundas do que nunca.

\* \* \*

# CAPÍTULO 5: A CIDADE ONDE O TEMPO PAROU

## O sono de treze dias na terra esquecida

Após o encontro assombroso com o Mestre Mo e suas explicações chocantes sobre alma e carma na cidade de Qingxi, tanto eu quanto Qing Ling sentimos um forte impulso de encontrar um verdadeiro momento de tranquilidade. As experiências avassaladoras, do pico da montanha do eremita à história de "tomar emprestado um corpo para retornar à vida" do velho Wang, haviam abalado os próprios alicerces de nosso pensamento. Precisávamos de tempo, de um espaço verdadeiramente silencioso para reorganizar os fragmentos de nossas crenças, para enfrentar as inúmeras e vastas questões que haviam sido reveladas diante de nós.



Na última conversa com o Mestre Mo, quando expressamos nosso desejo de encontrar um lugar tranquilo para meditar por alguns dias, ele apenas olhou pensativamente pela janela e, como que por acaso, mencionou um nome de lugar bastante estranho: “Cidade Wangyou”. Ele não disse muito sobre o lugar, apenas sorriu levemente e disse que lá, “o tempo às vezes se estica de uma maneira estranha para algumas pessoas, e também é mais fácil esquecer as preocupações do mundo”. Suas palavras, meio brincando, meio sérias, juntamente com o nome sugestivo “Wangyou” (Esquecer as Preocupações), semearam silenciosamente em nossos corações uma curiosidade indescritível.

Encontrar o caminho para a Cidade Wangyou não foi tarefa fácil. Ela não aparecia nos mapas turísticos comuns, e os moradores das cidades vizinhas que perguntamos só sabiam vagamente da existência de algum vale remoto. Nossa jornada começou com uma viagem de trem, depois mudamos para um ônibus local velho que se arrastava por estradas sinuosas de montanha, e finalmente parou em uma pequena e desolada cidade no pé de uma alta cordilheira. A partir dali, para chegar a Wangyou, tivemos que contratar um jovem local que usou sua motocicleta de três rodas caseira para nos levar por uma estrada de terra acidentada e traiçoeira.

Quando chegamos à beira do vale de Wangyou, já estava escurecendo. Tanto eu quanto Qing Ling estávamos exaustos após um dia de viagem contínua. A vista da Cidade Wangyou à distância, com seus telhados de telhas marrons escuras aparecendo e desaparecendo na névoa da noite, era antiga e um tanto isolada. O jovem guia nos apresentou a uma hospitaleira família local na entrada da cidade, que tinha um pequeno quarto simples reservado para viajantes perdidos.

A família anfitriã, um casal de meia-idade e seu filho pequeno, nos recebeu calorosamente, embora com um pouco da timidez dos montanheses que raramente encontram estranhos. Eles rapidamente nos serviram um jantar simples com arroz branco, vegetais da floresta cozidos e um pouco de peixe de riacho salgado. Devido ao cansaço extremo, nem eu nem Qing Ling comemos muito. Logo após o jantar, uma sonolência pesada e sem precedentes nos atingiu de repente, tão rápida e forte que era impossível resistir. Lembro-me vagamente de sentir minha cabeça girar, minhas pálpebras pesadas, e então tudo se afundou em um vazio. O último pensamento que passou pela minha mente antes de perder completamente a consciência foi que o espaço aqui era incrivelmente silencioso, um silêncio extraordinário.

Acordei sentindo meu corpo leve e estranhamente revigorado, como se tivesse acabado de ter um sono

incrivelmente profundo e relaxante. Minha mente estava completamente clara, sem nenhum vestígio de fadiga, completamente diferente das manhãs sonolentas habituais após longas viagens. Mexi-me suavemente, olhando ao redor do simples quarto de madeira, a luz da manhã já se infiltrando pelas frestas da porta, lançando raios de sol amarelo-pálido no chão.

Qing Ling também acabara de acordar ao meu lado, e ela estava olhando ao redor com a mesma expressão que eu, um pouco surpresa e estranhamente revigorada e aliviada.

“Você dormiu bem?” perguntei em voz baixa. “Eu me sinto estranhamente revigorado, e minha mente está muito clara. Parece que acabei de tirar uma soneca, inacreditável!”

Qing Ling assentiu, esfregando os olhos suavemente. “Eu também. Incrivelmente aliviada. Mas é estranho, acabei de ter um sonho muito vívido e claro.”

“Um sonho?” Fiquei surpreso. Eu raramente me lembrava dos meus sonhos. “Com o que você sonhou?”

“Sonhei que nós dois estávamos perdidos em um vale coberto de névoa branca”, contou Qing Ling, sua voz ainda um pouco sonhadora. “Então encontramos uma trilha que levava a uma montanha muito alta. No topo

da montanha, havia um templo antigo, com telhados curvos, muito majestoso. Entramos e vimos muitos monges em vestes amarelas, sentados em fileiras cantando sutras. O som dos cânticos era profundo e ressonante, o som dos sinos e dos blocos de madeira ecoava... a sensação era muito pacífica, muito serena, e um tanto familiar, como se eu já tivesse estado lá antes...”

Ouvi Qing Ling contar, meu coração se agitando um pouco. Na verdade, eu acabara de ter um sonho quase idêntico, claro em todos os detalhes. Mas antes que eu pudesse compartilhar com ela, a porta do quarto rangeu suavemente.

A dona da casa entrou, carregando uma pequena bandeja com duas tigelas de mingau de arroz branco fumegante e um prato simples de vegetais cozidos. Vendo que estávamos acordados, ela deu um sorriso gentil:

“Ah, os estimados hóspedes já acordaram. Por favor, tomem um pouco de mingau para aquecer o estômago. Vocês devem estar com muita fome.”

“Sim, obrigado, senhora”, eu disse, um pouco surpreso com sua atenção. “Acho que dormimos um pouco demais, desculpe o incômodo.”

A dona da casa apenas riu: “Não há incômodo algum. É bom que vocês tenham dormido. Vendo vocês dormirem tão profundamente, não ousamos perturbá-los.”

“Sim, provavelmente dormimos até quase meio-dia, não é, senhora?” Qing Ling perguntou, olhando pela janela onde o sol já estava bem alto.

A dona da casa olhou para nós, seus olhos um pouco hesitantes, e então ela disse lentamente:

“Bem... senhores... não sei se vão acreditar, mas hoje é o décimo quarto dia desde que vocês chegaram aqui.”

“Quatorze... quatorze dias?!” Qing Ling e eu exclamamos em uníssono, nossas vozes cheias de espanto, incapazes de acreditar no que ouvíamos. Olhei apressadamente para o meu relógio de pulso – ele havia parado em algum momento, provavelmente a bateria acabou há muito tempo. Qing Ling também rapidamente pegou seu celular, mas a tela estava escura, sem sinal.

“A senhora... está falando sério?” gaguejei, meu coração batendo forte no peito como se quisesse saltar para fora. “Nós... nós dormimos por treze dias e treze noites seguidas?”

A dona da casa assentiu, sua expressão estranhamente calma. “Sim, é verdade. Nos primeiros dias, vendo vocês

dormirem tão profundamente, ficamos um pouco preocupados. Mas meu marido e alguns dos mais velhos da aldeia disseram que, há muito, muito tempo, já houve um ou dois casos de estranhos de longe que vieram aqui e também dormiram por um longo tempo. Alguns dizem que é porque não estão acostumados com o ar da montanha daqui, outros dizem que são pessoas com afinidade espiritual, com uma conexão com os deuses e budas desta montanha, e é por isso que isso acontece. Vendo que a respiração de vocês estava regular e seus rostos ainda rosados, não ousamos perturbá-los muito, apenas entrávamos de vez em quando para verificar, e umedecíamos seus lábios com um pouco de mingau ralo quando pareciam muito secos.”

Treze dias! Treze dias e treze noites se passaram sem que tivéssemos a menor ideia, parecendo apenas um cochilo, um sonho passageiro. O mais inacreditável era que, depois de tanto tempo sem quase comer ou beber (o pouco mingau ralo não era suficiente para sustentar o corpo), não nos sentíamos famintos, cansados ou exaustos. Pelo contrário, eu sentia um vigor, uma clareza mental estranha, como se meu corpo tivesse acabado de ser recarregado com alguma nova fonte de energia. Eu nem mesmo sentia a necessidade de ir ao banheiro.

Olhei para Qing Ling e vi em seu rosto o mesmo choque e espanto, misturados com algo indescritível. O sonho sobre o templo antigo, sobre a solene cerimônia de

cânticos... o que isso significava? E nos últimos treze dias, onde estivemos realmente, o que vivenciamos naquele estado de sono profundo e inconsciente?

Minha mente racional e científica gritava que isso era completamente ilógico, impossível de acordo com qualquer lei biológica que eu conhecesse. Mas a verdade estava bem diante dos meus olhos, junto com as palavras sinceras e sem adornos da dona da casa, tornando impossível negar.

Cidade Wangyou. Esta terra, parecia conter muito mais segredos, muito mais maravilhas além do que o Mestre Mo havia sugerido.

## **Encontrando pessoas com experiências ou conceitos incomuns sobre o tempo e o envelhecimento.**

Após uma noite de sono um tanto agitado, em parte por ser um lugar novo, mas principalmente talvez porque a sensação do ritmo de tempo muito incomum da Cidade Wangyou da tarde anterior ainda assombrava minha mente, Qing Ling e eu acordamos quando os primeiros raios de sol da manhã mal haviam penetrado pela fresta da janela de madeira. O ar da manhã aqui era

estranhamente fresco, trazendo um pouco da umidade do rio próximo e o cheiro terroso característico das montanhas. Completamente diferente do barulho habitual visto em outros lugares a esta hora, a Cidade Wangyou ainda estava imersa em um silêncio quase absoluto. Apenas o chilrear dos pássaros de longe e o som suave e murmurante do rio eram os raros sons que quebravam a vasta quietude.

Descemos para a sala de estar, onde a dona da pousada de cabelos brancos – cujo nome descobrimos ser Sra. Lin – varria calmamente o pequeno pátio de terra em frente à varanda. Cada movimento de sua vassoura era rítmico, sem pressa, embora o sol já estivesse subindo, como se estivesse desenhando as linhas do silêncio na superfície do pátio. Seu cabelo era branco como a neve, seu rosto, embora com muitas rugas da idade, tinha olhos claros e muito alertas. A pele de suas mãos, embora pontilhada de manchas da idade, não parecia seca ou enrugada como a de outras pessoas idosas da mesma idade que eu costumava ver. Ela se movia com leveza e graça, sem nenhum sinal de cansaço ou peso da velhice.

“Bom dia, estimados hóspedes”, ela sorriu gentilmente ao nos ver, um sorriso que também era... lento como tudo aqui. “Vocês dormiram bem na noite passada?”

“Sim, senhora. Dormimos bem”, respondeu Qing Ling, e notei que sua voz também se tornara involuntariamente



mais suave e calma. “Esta Cidade Wangyou é realmente muito pacífica, senhora.”

“Pacífica, é claro”, a Sra. Lin assentiu levemente, suas mãos ainda continuando os movimentos regulares da vassoura. “Neste lugar, não há nada com que se apressar.”

“Senhora, a senhora vive aqui há muito tempo?” perguntei, incapaz de esconder minha curiosidade sobre esta mulher de aparência e comportamento muito especiais.

A Sra. Lin parou de varrer, levantou a cabeça e olhou para mim, seus olhos claros parecendo ver através da alma da pessoa à sua frente. Ela não respondeu imediatamente, mas parecia estar tentando encontrar algo em suas memórias distantes. “Há muito tempo, meu filho”, disse ela em voz baixa, sua voz como um eco de algum lugar muito distante. “Há tanto tempo que eu nem me lembro mais de quantas estações chuvosas e ensolaradas se passaram nesta terra. Nesta Cidade Wangyou, as pessoas não têm o hábito de contar os dias e os meses, sabe. Apenas vivemos, um dia após o outro, uma estação após a outra.”

Sua resposta um tanto vaga me surpreendeu. Não se lembrar de quanto tempo viveu? Ou não se importar mais com isso? Isso era realmente muito incomum em

comparação com nossos conceitos normais de tempo e vida. Ela sorriu levemente novamente, um sorriso um tanto misterioso: “O tempo neste lugar é como aquele rio, ele simplesmente flui à sua própria maneira – às vezes parece muito rápido, às vezes parece muito lento – mas nunca para de fluir, como uma canção sem fim. O importante é se você está quieto o suficiente para sentir esse fluxo especial.”

Dizendo isso, ela retomou seu trabalho, deixando-nos ali com pensamentos errantes. Suas palavras, embora parecessem muito simples, pareciam conter uma filosofia profunda sobre o tempo que eu ainda não conseguia compreender completamente.

Após um café da manhã simples de mingau de arroz branco e alguns vegetais da floresta cozidos com gergelim salgado, preparados pela própria Sra. Lin, decidimos dar um passeio pela cidade para observar mais de perto a vida das pessoas. E, de fato, a sensação de que o tempo parecia estar passando mais devagar neste lugar tornou-se cada vez mais clara em minha mente. Todos que encontramos no caminho – desde os idosos tomando sol na varanda, as mulheres carregando seus filhos nas costas indo ao mercado, até os homens consertando cercas de bambu ou retelhando telhados de palha – todos tinham um comportamento muito comum: calmo, deliberado, e aparentemente não pressionado por nenhuma das pressões da vida.

Paramos por um bom tempo em frente a uma pequena oficina de cerâmica aninhada humildemente na margem de um afluente do rio. Lá dentro, um homem de meia-idade, talvez com cerca de cinquenta anos, estava sentado concentrado em uma roda de oleiro antiga, suas mãos acariciando e moldando suavemente um bloco de argila marrom-avermelhada. Seus movimentos eram extremamente focados, meticulosos, mas tinham um ritmo muito tranquilo e à vontade, como se cada carícia na argila fosse uma respiração lenta e regular em harmonia com o pulso da terra e do céu. O vaso de cerâmica que gradualmente tomava forma sob suas mãos habilidosas tinha uma beleza muito rústica e simples, mas também muito harmoniosa e equilibrada. Ao redor dele havia inúmeros outros produtos de cerâmica, acabados ou inacabados, de todos os tamanhos e formas, todos com um estilo único, diferente de qualquer cerâmica que já havíamos visto.

Vendo-nos parados na porta, ele levantou a cabeça e deu um sorriso muito gentil. “Vocês são visitantes de longe, não são?”

“Sim, viemos da América”, respondi. “Sua cerâmica é linda. Este ofício deve exigir muita paciência.”

Ele riu, um riso que revelou rugas profundas ao redor de seus olhos, mas seus olhos eram muito brilhantes. “Paciência? Acho que não. É simplesmente seguir a

natureza dela. Como a argila quer se tornar, minhas mãos apenas a seguem. A rapidez ou a lentidão com que um produto é concluído não é tão importante quanto se o vaso de cerâmica tem sua própria ‘alma’.”

Apontei para um vaso de cerâmica com esmalte verde-jade de aparência muito bonita em uma prateleira. “Este vaso, o senhor deve ter levado muito tempo para fazer, não é?”

Ele seguiu meu dedo, seu olhar afetuoso como se estivesse olhando para um de seus filhos espirituais. “O tempo para fazê-lo?” Ele riu novamente e balançou a cabeça levemente. “Para ser sincero, eu também não me lembro mais. Pode ter levado algumas semanas, ou talvez vários meses. Quando você realmente faz o que ama, quando está completamente imerso nisso, o tempo parece parar também. Você só sabe quando começa e quando termina. O processo no meio é como um fluxo contínuo, não há necessidade de medir ou calcular para não se cansar.”

Qing Ling, com sua sensibilidade inerente de alguém que trabalha com cultura e artes, mostrou grande interesse por esses produtos de cerâmica únicos. Ela começou a perguntar a ele sobre as técnicas de cerâmica específicas da região, a origem da argila que ele estava usando, o significado dos padrões decorativos nos vasos. Ele respondeu alegremente a todas as perguntas dela,

mas quando mencionamos acidentalmente o tempo, a duração de sua carreira, ou as rápidas mudanças do mundo exterior, ele pareceu bastante indiferente. “O mundo lá fora deve estar mudando muito rápido, não é?” ele nos perguntou de volta. “As pessoas lá estão sempre com pressa para ir a algum lugar, para fazer algo muito rápido. Mas aqui nesta Cidade Wangyou, tudo simplesmente acontece lentamente. O sol nasce e se põe, as árvores brotam e depois mudam de folhas com as estações. Não há pressa.”

Observei atentamente este ceramista. Ele parecia muito forte e saudável, sua pele escura pelo tempo, suas mãos calejadas pelo trabalho. Mas algo não parecia se encaixar. Se ele realmente tivesse apenas cerca de cinquenta anos como sua aparência sugeria, quem teria feito aqueles produtos de cerâmica de estilo antigo, com marcas de tempo muito claras? Ou será que este homem era, na verdade, muito mais velho do que sua aparência robusta sugeria? Não me atrevi a perguntar diretamente, com medo de ofendê-lo, mas a pergunta permaneceu em minha mente.

Saindo da pequena oficina de cerâmica, caminhamos ao longo da margem do rio. Sob a sombra de uma enorme figueira-de-bengala, cujas folhas exuberantes cobriam um grande pátio de terra, alguns idosos jogavam Go tranquilamente. O tabuleiro de Go, esculpido em pedra, estava desgastado pelo tempo, e cada peça preta e branca

também estava polida e brilhante, parecendo conter inúmeras tardes silenciosas que haviam passado. Os idosos jogavam muito devagar, cada movimento cuidadosamente considerado, às vezes levando uma tarde inteira para fazer apenas alguns movimentos. A atmosfera ao redor era extremamente silenciosa, apenas o som seco de uma peça sendo colocada na pedra e a respiração regular e suave dos idosos.

Ficamos em silêncio observando por um bom tempo. O que achei estranho foi a conversa dos idosos. Eles não discutiam apenas os movimentos atuais no tabuleiro, mas às vezes mencionavam coisas que aconteceram há muito, muito tempo, com um tom natural como se tivessem acontecido ontem. Um idoso mencionou a grande inundação que devastou a região em algum ano desconhecido, outro contou sobre uma colheita abundante de sua juventude. Ouvindo-os falar, tive a estranha sensação de que o passado e o presente não tinham mais uma fronteira clara em suas mentes. O tempo para eles era um fluxo completamente diferente?

“Você notou?” Qing Ling sussurrou em meu ouvido. “Os idosos falam sobre coisas que aconteceram há décadas como se fosse ontem. E olhe, embora seus cabelos estejam brancos e suas peles enrugadas, seus espíritos ainda estão muito alertas, sem nenhum sinal de senilidade ou fraqueza que costumamos ver em outras pessoas idosas.”

Eu assenti. Era verdade. Esses idosos, embora certamente muito velhos, não mostravam sinais de declínio cognitivo ou de saúde graves. Eles ainda estavam muito alertas, ainda ativos à sua maneira, e ainda participavam da vida comunitária de uma forma muito calma. O envelhecimento aqui parecia estar acontecendo de uma maneira muito diferente – mais lento, e parecendo não carregar o peso do declínio que eu costumava ver, mas mais como um amadurecimento, uma sedimentação do espírito.

Quanto mais eu interagía com as pessoas da Cidade Wangyou, mais confuso eu ficava. A maneira como eles percebiam e vivenciavam o tempo, a maneira como lidavam com o envelhecimento de seus corpos, era completamente diferente de tudo o que eu conhecia. Não parecia ser uma negação ou uma tentativa de resistir ao fluxo do tempo, mas uma harmonia, uma aceitação a ponto de quase esquecer sua existência. Eles não viviam para correr contra o tempo, mas pareciam estar realmente vivendo em um fluxo de tempo diferente, um fluxo muito mais suave e silencioso.

Como médico, eu sabia muito bem que o processo de envelhecimento biológico do corpo é inevitável. As células envelhecem gradualmente, a função dos órgãos diminui e as doenças se tornam mais frequentes. É uma lei muito natural da criação. Mas nesta Cidade Wangyou, essa lei parecia estar sendo distorcida, ou pelo menos

significativamente retardada. Seria o ambiente de vida puro e isolado, a atmosfera sempre tranquila e uma atitude de vida tranquila e à vontade que realmente afetaram esse processo biológico? Ou havia algum outro fator, algum segredo ainda escondido no coração deste vale, algo intimamente relacionado à própria natureza do tempo e do espaço?

Olhei para Qing Ling e vi em seus olhos as mesmas perguntas que as minhas. Parecia que havíamos entrado em uma terra onde o tempo parecia ter esquecido deliberadamente, onde as leis familiares do mundo exterior não tinham mais muito significado. E as pessoas que encontramos, com sua calma incomum diante dos anos e seus conceitos muito diferentes de tempo, apenas tornaram o mistério deste lugar mais denso em minha mente.

## **Tempo elástico e outras dimensões?**

A tarde na Cidade Wangyou parecia ter uma duração estranhamente longa. A luz do sol dourada ainda permanecia suavemente, como finos fios de seda, nos telhados de telhas cobertos de musgo antigo, pairando sobre o rio que fluía silenciosamente, e parecia hesitar em se apagar completamente, embora, de acordo com



meu relógio, a escuridão já devesse estar muito próxima. Sentamo-nos em um banco de madeira em frente à pousada, observando silenciosamente o rio, tentando sentir o ritmo estranho e esquivo deste lugar. As histórias sobre os habitantes que não pareciam ter pressa com os anos, sobre um envelhecimento que parecia desacelerar, continuavam a girar em minha mente.

A Sra. Lin, a dona da pousada, depois de terminar suas tarefas da tarde, também trouxe uma pequena cadeira e sentou-se ao nosso lado, abanando-se com um leque de bambu gasto. Ela olhou para nós dois, seus olhos gentis, mas contendo uma estranha compreensão.

"Meus estimados hóspedes parecem estar pensando muito sobre esta nossa Cidade Wangyou", disse ela, sua voz ainda firme e lenta como sempre.

Qing Ling virou-se para olhá-la, sorrindo gentilmente: "Senhora, este lugar é de fato muito especial. Temos a sensação de que... o tempo aqui não parece ser o mesmo que em outros lugares. Tudo parece acontecer mais devagar, e as pessoas aqui parecem viver em grande harmonia com esse ritmo."

A Sra. Lin assentiu levemente, seu olhar perdido nas montanhas que se desvaneciam na névoa no final do vale. "Tempo?" Ela repetiu a palavra, como se fosse um conceito ao mesmo tempo muito familiar e um tanto

estranho. "Vocês de fora costumam usar relógios para medi-lo, dividindo-o em segundos e horas precisas. Mas aqui na Cidade Wangyou, costumamos senti-lo de uma maneira diferente."

Ela parou por um momento, olhando para o rio que fluía lentamente. "Os antigos daqui costumavam compará-lo a este rio. Há trechos onde a água corre rapidamente sobre as corredeiras, e há trechos onde a água apenas sussurra suavemente em curvas tranquilas. Há lugares onde a água é tão profunda quanto um espelho refletindo todo o céu, e há lugares onde a água flui subterrânea em correntes que nossos olhos mortais não podem ver. O tempo, talvez, seja assim – um fluxo que é ao mesmo tempo visível e invisível."

Eu ouvia atentamente cada palavra dela. Sua expressão era rica em imagens, mas um tanto vaga, não seguindo nenhuma lógica científica. "A senhora quer dizer... que o tempo neste lugar pode realmente mudar de velocidade?" Tentei perguntar mais especificamente, incapaz de esconder minha curiosidade de cientista.

A Sra. Lin sorriu gentilmente, um sorriso que não zombava da minha pergunta um tanto ingênua, mas mais como um adulto tentando explicar a uma criança algo que era muito óbvio para eles. "Não exatamente 'mudar de velocidade' da maneira como vocês pensam", disse ela lentamente. "Mas dizem que, às vezes, em

alguns momentos aqui, um dia pode parecer uma semana, mas outras vezes, uma estação inteira pode passar em um piscar de olhos. Dizem que isso é especialmente fácil de sentir quando as pessoas estão realmente focadas em algo, ou quando suas mentes estão completamente calmas, livres de preocupações."

Ela inclinou a cabeça levemente, olhando para nós dois com um olhar um tanto inquisitivo: "Vocês já tiveram sonhos estranhos? Sonhos em que veem coisas que nunca aconteceram, ou encontram parentes que estão longe há muito tempo?"

Qing Ling e eu nos olhamos involuntariamente. Quem na vida não teve alguns sonhos estranhos assim? Mas senti que o significado de sua pergunta ia muito além disso.

"As pessoas costumam dizer", continuou ela, sua voz baixando como se sussurrasse um segredo, "que neste lugar, às vezes as pessoas sonham com fragmentos do futuro que ainda não chegou, ou se perdem em memórias antigas tão claramente que parece que aconteceram ontem. Algumas pessoas até dizem que, em tais sonhos, foram a lugares muito estranhos, encontrando pessoas que não pareciam pertencer a este nosso mundo."

"Lugares estranhos? Pessoas que não pertencem a este mundo?" Qing Ling repetiu, a curiosidade evidente em seus olhos.

A Sra. Lin assentiu, seu olhar agora fixo em algum espaço indefinido. "Os mais velhos desta Cidade Wangyou sempre transmitiram a existência de 'portas ocultas' – lugares onde se acredita que a fronteira entre nosso mundo e outros mundos se torna tão fina quanto uma névoa matinal, apenas esperando pelo momento certo de harmonia para revelar uma realidade completamente diferente. Dizem que, especialmente nos momentos de transição do dia, como o amanhecer ou o entardecer, ou em noites de lua cheia e clara, em lugares profundos nas florestas daquelas montanhas..." Ela gesticulou em direção à cordilheira distante. "... já houve pessoas que se perderam, apenas por um momento, e se viram de repente em um lugar completamente estranho, com árvores, casas e até a luz do sol diferentes. E então, num piscar de olhos, elas se viram de volta no mesmo lugar, mas a sensação do tempo que passou era muito diferente."

Eu ouvi cada palavra dela e senti involuntariamente um calafrio percorrer minha espinha. Ela estava falando de outras dimensões? Do conceito de multiverso? Eram todos conceitos que até mesmo nossa física teórica mais avançada apenas ousava especular e ainda debatia ferozmente. No entanto, aqui, uma senhora de aparência

muito comum falava sobre isso como histórias transmitidas, crenças que existiam por gerações.

"Os 'outros mundos' que a senhora mencionou... como eles são realmente?" Tentei manter minha voz calma, embora minha mente estivesse em turbilhão.

A Sra. Lin balançou a cabeça levemente: "Eu só ouvi as histórias, meu filho, nunca vi com meus próprios olhos. Dizem que alguns lugares são extremamente bonitos, sempre cheios de luz e sons e músicas melodiosas e maravilhosas, mas também há lugares muito sombrios e assustadores. Mas parece que eles coexistem com nosso mundo, bem aqui, só que nossos olhos nus não podem vê-los, assim como não podemos ver o ar que nos rodeia. Dizem que apenas pessoas com mentes verdadeiramente calmas, ou em momentos muito especiais, quando o destino os leva, podem vagamente senti-los ou ter a sorte de vê-los."

As palavras da Sra. Lin, embora apresentadas como contos folclóricos, crenças antigas transmitidas, ressoaram de uma maneira muito estranha com o que havíamos experimentado e sentido nos poucos dias na Cidade Wangyou. A sensação de um fluxo de tempo que parecia "esticar", o envelhecimento aparentemente mais lento de alguns moradores, os sonhos estranhos que nós dois tivemos, e agora o conceito de espaços paralelos, de "portas ocultas"... Todas essas coisas pareciam estar

gradualmente se conectando, formando uma imagem muito complexa e misteriosa da verdadeira natureza deste lugar.

Não era uma teoria física elevada sobre a curvatura do espaço-tempo ou a complexa teoria das cordas. Parecia ser um tipo de experiência, uma percepção direta do funcionamento do universo de uma perspectiva completamente diferente – uma perspectiva que minha ciência empírica provavelmente ainda não conseguia alcançar. Neste lugar, o tempo não parecia ser uma linha reta imutável, e o espaço não tinha apenas as três dimensões familiares e visíveis. Eles pareciam mais flexíveis, mais mutáveis, e poderiam existir em muitos mais níveis e camadas do que costumávamos imaginar.

Olhei para Qing Ling e vi que ela também estava em profunda reflexão, suas sobrancelhas levemente franzidas. Talvez esses conceitos, embora parecessem estranhos e difíceis de acreditar, não fossem completamente estranhos para a base cultural oriental com a qual ela teve contato desde a infância, uma cultura onde histórias sobre reinos celestiais, o submundo e cultivadores capazes de entrar e sair de outros espaços existem há milhares de anos.

“Então, senhora, é porque vivem em um lugar tão especial como este”, Qing Ling perguntou lentamente à Sra. Lin, “que as pessoas da Cidade Wangyou têm uma

serenidade, menos presas pelo tempo e pela idade do que as pessoas de outros lugares?”

A Sra. Lin sorriu levemente, um sorriso cheio de significado. “Pode ser que sim, minha senhora. Quando as pessoas sabem que este mundo é, na verdade, muito maior do que elas pensam, que o tempo nem sempre é o único mestre que governa tudo, e que a morte talvez não seja o fim de tudo, elas naturalmente se preocupam menos, competem menos pelas trivialidades da vida cotidiana. Elas aprendem a viver mais devagar, a ouvir mais e a sentir mais profundamente. E quando a alma de uma pessoa está verdadeiramente em paz, talvez os anos que passam também sejam mais gentis com ela, não acha?”

Ela se levantou calmamente, o leque de bambu em sua mão ainda se movendo suavemente. “Bem, acho que tenho que ir para dentro preparar o jantar. Sintam-se à vontade para sentar aqui e apreciar o pôr do sol.”

Ela entrou na casa, deixando a mim e a Qing Ling sentados ali com uma mistura de emoções e inúmeros pensamentos não resolvidos. Suas explicações não eram científicas, nem havia evidências concretas para verificar, mas elas tocaram em algum nível mais profundo de consciência dentro de nós, respondendo de alguma forma às nossas perguntas sobre a Cidade Wangyou de uma maneira muito única. Elas não fizeram o mistério

deste lugar desaparecer, mas, pelo contrário, nos fizeram sentir mais claramente a existência de coisas maravilhosas, além do entendimento comum dos seres humanos.

Sentamo-nos ali, observando silenciosamente a luz roxa etérea do pôr do sol gradualmente permear cada nuvem flutuante, cada cúpula de árvore verde, como se o mundo inteiro estivesse respirando em uníssono com os pensamentos ainda pesados em nossos corações. Meu coração agora estava cheio de perguntas não respondidas. Será que a chamada "realidade" que eu sempre conheci era apenas uma fatia extremamente fina de um universo multidimensional e multinível muito mais complexo? Será que o tempo e o espaço nem sempre são constantes imutáveis, mas podem "esticar", "curvar-se" por fatores que nossa ciência ainda não descobriu, como o estado de consciência de uma pessoa, ou um campo de energia especial de um lugar?

Eu não tinha resposta para nada. Mas, sentado ali, observando a luz roxa etérea do pôr do sol descer sobre o vale de Wangyou, eu sabia que os limites do meu pensamento estavam sendo empurrados para trás pouco a pouco. Este mundo, parecia conter muitas coisas maravilhosas e misteriosas, muito além do que meus grossos livros de ciência já haviam descrito.



## **Pensamento expandido diante do incognoscível**

O pôr do sol na Cidade Wangyou foi de fato uma experiência muito diferente. Ele não se apagou apressadamente como em outros lugares, mas parecia ter uma certa relutância, como um velho amigo, espalhando lentamente camadas de luz dourada, depois laranja suave, depois roxo etéreo sobre toda a paisagem, como se tentasse segurar tudo por mais um pouco antes de mergulhar completamente na escuridão. Qing Ling e eu ainda estávamos sentados no banco de madeira gasto em frente à pousada, quase imóveis, apenas nossos olhos seguindo silenciosamente a mudança mágica de cores no céu e na superfície calma do rio. O ar começou a esfriar gradualmente, trazendo o cheiro úmido característico da terra e o aroma das plantas da montanha após um longo dia de sol.

O silêncio aqui não era um silêncio mortal, mas uma paz incrivelmente profunda, ocasionalmente pontuada pelos sons únicos do vale: o som constante e suave do rio Wangyou, o coro noturno dos insetos das moitas densas ao longo da margem do rio, o farfalhar suave das folhas sempre que uma brisa leve passava. À distância, algumas lâmpadas a óleo bruxuleantes começaram a ser

acesas nas casas de palafitas antigas, projetando sombras longas de pessoas fazendo algo muito calmamente, sem pressa, nas paredes de madeira. Nenhum som de TV ou rádio, nenhum barulho de motores de veículos, apenas o ritmo primordial e puro de uma vida que parecia completamente integrada à natureza.

Olhei involuntariamente para o meu relógio de pulso. Os ponteiros dos segundos ainda se moviam regularmente, diligentemente como um viajante solitário, tentando contar cada momento em um mundo onde o tempo parecia ter se tornado extremamente vago, não mais querendo seguir as velhas regras. Mas esse ritmo mecânico e preciso agora parecia completamente estranho, lamentavelmente deslocado no espaço da Cidade Wangyou. Olhei para a lua crescente que acabara de surgir de trás do alto pico da montanha a oeste, uma lua que parecia muito tênue e etérea na fraca luz do crepúsculo. Teoricamente, eu poderia estimar o tempo com base em sua posição no céu, mas uma vaga sensação de cansaço me deteve. Parecia que tentar impor números específicos, cálculos lógicos e secos a este lugar era um ato completamente sem sentido, até um tanto brutal. Balancei a cabeça levemente, ri de mim mesmo e parei de olhar para o relógio.

Qing Ling soltou um suspiro suave e depois apoiou a cabeça em meu ombro. O longo silêncio entre nós agora não era nada sufocante, mas mais como uma profunda

empatia que não precisava de palavras. Nós dois estávamos vivenciando juntos, sentindo juntos a atmosfera muito especial deste lugar.

“Ming,” sua voz sussurrou de repente, tão baixo que quase se misturou ao vento noturno. “Lembrei-me de repente das palavras do Mestre Mo... Quando estávamos em Qingxi, tudo o que ele disse sobre alma, sobre carma, parecia tão estranho e difícil de acreditar para mim naquela época. Mas agora, sentada neste espaço, essas coisas parecem ter se infiltrado suavemente em meu coração, tão naturais quanto minha própria respiração, não mais parecendo fantásticas ou irracionais.”

Fiquei em silêncio por um longo tempo, meu olhar ainda fixo nas sombras que se tornavam cada vez mais densas na superfície calma do rio. As palavras de Qing Ling pareciam ter tocado exatamente os pensamentos ainda muito vagos em mim. As experiências contínuas ao longo do tempo, desde o primeiro encontro com o Sr. Zhang Feng, passando pelo eremita no pico da montanha, o Mestre Mo com suas profundas interpretações, e agora este espaço especial da Cidade Wangyou, todas elas pareciam peças de um quebra-cabeça que, embora aparentemente desconexas, estavam juntas apontando para uma imagem maior e muito mais complexa deste mundo. “Eu entendo o seu sentimento”, respondi em voz baixa, minha voz também se aprofundando. “Em lugares como este, parece haver

regras muito diferentes em operação, regras que talvez nunca tenhamos conhecido.”

A Sra. Lin nos chamou para jantar. A luz bruxuleante da lâmpada a óleo na casa projetava sombras longas e dançantes no chão de madeira gasto. O jantar desta noite ainda era pratos muito simples e rústicos: um prato de peixe de rio pequeno cozido levemente, um prato de vegetais da floresta recém-colhidos cozidos com gergelim salgado e uma panela de arroz recém-cozido ainda perfumado. Sentamo-nos ao redor da mesa baixa de madeira, comendo lenta e deliberadamente. A Sra. Lin não falou muito, apenas ocasionalmente colocava mais comida em nossas tigelas com cuidado, seus olhos gentis sempre brilhando com um sorriso silencioso e caloroso. A atmosfera da refeição era muito simples, íntima, diferente de qualquer refeição que eu já tivesse desfrutado em restaurantes luxuosos ou festas sociais barulhentas. Tinha uma autenticidade muito especial, uma conexão muito simples entre as pessoas e entre as pessoas e a natureza circundante.

Naquela noite, deitado na cama de bambu que rangia suavemente no quarto do sótão, não me vi mais revirando com pensamentos errantes como nas noites anteriores. Parei de tentar analisar ou explicar tudo com conhecimento científico seco e, em vez disso, abri silenciosamente todos os meus sentidos, deixando minha alma flutuar livremente com o ritmo de respiração lento

e profundo da noite de Wangyou. Sentindo o silêncio quase absoluto da noite aqui, ocasionalmente quebrado apenas pelo som incessante dos insetos do lado de fora do jardim e pelo som vago e distante do rio. Sentindo a brisa fresca da noite soprando suavemente pelas frestas da janela, trazendo o cheiro fresco das montanhas. Sentindo a presença das casas simples ao redor, de pessoas que provavelmente também estavam em um sono muito pacífico. Parecia haver algo invisível, uma quietude especial envolvendo todo este vale, infiltrando-se em cada pensamento, acalmando os fluxos intermináveis em minha mente. Adormeci sem saber quando, um sono profundo e sem sonhos.

Na manhã seguinte, quando os primeiros raios do novo dia mal haviam penetrado na espessa névoa que ainda pairava sobre o vale, acordamos com uma sensação estranha de leveza e frescor. O ar era tão puro que apenas respirar fundo parecia purificar completamente meus pulmões. O ritmo de vida na Cidade Wangyou continuava como sempre, lento e extremamente calmo. Alguns moradores já haviam começado o dia com suas tarefas diárias familiares: acendendo o fogo para cozinhar o café da manhã, indo ao rio buscar água, ou levando o gado para os pastos verdes distantes. Tudo acontecia em sequência, ritmicamente, sem qualquer sinal de pressa.

Arrumamos nossa pouca bagagem, cada um de nós com uma sensação indescritível de nostalgia e relutância. Embora tivéssemos ficado na Cidade Wangyou por apenas alguns dias, este lugar havia realmente deixado uma marca muito profunda em nossas almas. Quando descemos, a Sra. Lin já havia preparado alguns bolos de arroz quentes e um bule de chá de ervas perfumado para o nosso café da manhã. Ela não nos perguntou para onde íamos, ou o que faríamos a seguir.

Quando nos despedimos dela para partir, ela nos acompanhou até o final da viela, onde a trilha começava a subir a montanha. Ela discretamente colocou em minha mão uma pequena bolsa de pano, dentro havia algumas folhas secas que emitiam um aroma muito suave. “Isto é um pouco de folhas medicinais desta terra de Wangyou”, disse ela, sua voz ainda firme, inalterada. “Ajudará vocês a se acalmarem e a dormirem bem. Cuidem-se na estrada.”

Khánh Linh pegou a bolsa de folhas medicinais, agradeceu profusamente, seus olhos um tanto comovidos. Eu também me curvei para ela mais uma vez, tentando encontrar palavras para expressar minha gratidão e apreço, mas no final só consegui dizer uma frase muito simples: “Muito obrigado, senhora. Nós nunca esqueceremos este lugar.”

A Sra. Lin apenas sorriu levemente, um sorriso que ainda era gentil e um tanto misterioso como este próprio vale. “A Cidade Wangyou está sempre aqui. Sempre que quiserem esquecer as tristezas da vida, sintam-se à vontade para voltar.”

Partimos, seguindo a trilha coberta de folhas em decomposição. Depois de caminhar uma boa distância, olhei para trás involuntariamente. A Cidade Wangyou ainda estava lá, aninhada pacificamente em um mar de névoa matinal branca, com apenas alguns telhados marrons escuros e fileiras de fumaça de cozinha subindo preguiçosamente. Era como um belo sonho, um mundo que parecia completamente separado do barulho e da agitação da vida moderna lá fora.

Eu não sabia se realmente havia "entendido" todos os segredos da Cidade Wangyou. Provavelmente não. Mas isso, neste momento, não parecia mais tão importante. De repente, percebi que talvez nem todas as perguntas precisem de uma resposta clara imediatamente, nem todos os mistérios precisem ser desvendados pela razão. Há coisas que parecem simplesmente existir, e nosso trabalho é aprender a sentir, a aceitar sua presença com uma alma mais aberta. Há verdades que simplesmente existem, além do nosso entendimento e capacidade de explicação atuais. E aceitar a existência do "incognoscível", aceitar as próprias limitações, às vezes é o primeiro passo para expandir ainda mais o próprio

pensamento, para se aproximar de níveis mais profundos de consciência.

Apertei suavemente a mão de Qing Ling, sentindo o calor familiar passar. A jornada dos últimos dias teve muitos pontos difíceis de explicar do ponto de vista científico. Mas, estranhamente, isso não trazia mais uma sensação de perplexidade ou um pouco de medo como antes. Uma curiosidade, uma vaga sensação de excitação, estava se acendendo suavemente em meu peito, impulsionando-me a continuar, a desvendar mais camadas do mistério deste Oriente mágico.

\* \* \*



# **CAPÍTULO 6: A TECELÃ DO DESTINO**

## **A Cidade Antiga de Huanglongxi e a Senhora à Beira do Rio**

Ao deixar o vale de Wangyou, levamos conosco uma sensação de ter nos livrado de um fardo invisível, mas também um toque de nostalgia e relutância. O mundo exterior, com seu ritmo familiar de tempo, parecia um pouco mais estranho depois de nossos dias naquele lugar especial, especialmente após o estranho sono de treze dias e noites. Decidimos não nos apressar em voltar para as cidades grandes e barulhentas, mas continuar nossa jornada explorando as terras que ainda preservavam muitas características culturais antigas da China.

No caminho de volta de Wangyou para a pequena cidade no pé da montanha, onde poderíamos pegar transporte para continuar, o jovem guia do dia anterior nos mostrou um antigo templo aninhado em uma encosta próxima. Ele disse que era um templo muito sagrado, não muito grande, mas com uma história de várias centenas de anos, e que ocasionalmente peregrinos de longe vinham visitá-lo. Com nossas recentes experiências espirituais, tanto eu quanto Qing Ling sentimos um impulso de visitar.

O templo de fato não era grande, escondido entre fileiras de pinheiros antigos, com uma atmosfera extremamente serena. Encontramos o abade, um monge bastante idoso com um rosto bondoso e olhos gentis. Ao saber que éramos visitantes de longe, interessados em aprender sobre cultura e lugares sagrados, o monge ficou feliz em conversar. Ele nos contou sobre a história do templo, sobre os monges eminentes que haviam cultivado ali.

Ao saber que planejavamos continuar nossa jornada de exploração, o monge ponderou por um momento e depois disse: "Se vocês dois realmente desejam aprender mais sobre os valores espirituais e a cultura tradicional, talvez não devam perder Sichuan. Aquela terra não só tem paisagens majestosas, mas também é um ponto de encontro de muitos templos e mosteiros taoistas e budistas famosos, como a sagrada Montanha Emei ou o majestoso Buda Gigante de Leshan. Os antigos

costumavam dizer que ir a Sichuan é sentir a alma do céu e da terra e a maravilha do Dharma budista."

A recomendação do monge, embora apenas informativa como para qualquer outro turista, tocou inesperadamente em algo dentro de mim. Sichuan. Eu já havia lido sobre esta terra, mas nunca realmente tive a intenção de ir lá. Qing Ling também parecia muito interessada. "Sichuan? Eu também ouvi muito sobre suas relíquias culturais e escolas de cultivo", disse ela para mim, seus olhos brilhando com curiosidade. "Se o destino nos apresentou, por que não tentamos ir lá, querido?"

E assim, muito naturalmente, nosso próximo destino foi definido. Do antigo templo, voltamos para a pequena cidade, depois pegamos um ônibus para Guiyang. De Guiyang, compramos facilmente passagens de trem de alta velocidade para Chengdu, a capital da província de Sichuan. A viagem no trem moderno, passando por planícies e montanhas ondulantes, mais uma vez me mostrou o incrível desenvolvimento deste país.

Ao chegar em Chengdu, não ficamos muito tempo na cidade grande. Depois de descansar uma noite para recuperar as forças e obter algumas informações necessárias, decidimos alugar um carro particular com motorista para ir para o sul, com a intenção de ver o Buda Gigante de Leshan, uma das maravilhas budistas

mundialmente famosas sobre a qual eu já ouvira falar. No caminho, soubemos de uma cidade antiga chamada Huanglongxi, situada pacificamente ao longo de um rio, que se dizia ainda preservar muita arquitetura antiga e uma atmosfera muito tranquila. Decidimos parar lá para descansar por alguns dias antes de continuar nossa jornada para Leshan.

O carro confortável nos levou para longe da agitação de Chengdu. A paisagem urbana movimentada, com seus arranha-céus e tráfego intenso, rapidamente ficou para trás, dando lugar a vastos campos de arroz e aldeias prósperas e pacíficas da planície de Sichuan. O motorista, um homem de meia-idade local, era bastante entusiasmado e aberto, ocasionalmente nos mostrando belas paisagens ou contando histórias interessantes sobre os lugares por onde passávamos.

Quando chegamos à Cidade Antiga de Huanglongxi, ela de fato tinha uma beleza muito distinta. As pequenas ruas de pedra corriam ao longo do rio calmo, as antigas pontes de pedra arqueadas e as casas de madeira com telhados de telhas yin-yang cobertos de musgo se alinhavam. Embora houvesse alguns sinais de turismo, a atmosfera geral ainda mantinha sua simplicidade e autenticidade, o que nos fez sentir relaxados e aliviados após as experiências espirituais um tanto intensas que havíamos acabado de passar.

Encontramos uma pequena pousada de aparência bastante simples, com uma varanda com vista para o rio, planejando ficar por um ou dois dias. À tarde, depois de guardarmos nossas coisas, demos um passeio tranquilo ao longo da margem do rio, respirando o ar fresco e observando o ritmo de vida simples e lento das pessoas locais.

Enquanto caminhávamos, o olhar de Qing Ling de repente se fixou em um pequeno pátio de terra em frente a uma casa que parecia bastante antiga, mas ainda muito limpa e arrumada. Sob a sombra de uma treliça de bucha carregada de frutos, uma senhora idosa estava sentada em um banco baixo de bambu, suas costas ligeiramente curvadas, suas mãos movendo-se rapidamente com novelos de lã de várias cores e um par de agulhas de tricô de bambu. Ela usava roupas simples de tecido marrom desbotado, seu cabelo branco como a neve preso em um coque arrumado na nuca. Seu rosto estava profundamente marcado pelas rugas do tempo, mas seus olhos eram estranhamente brilhantes e gentis. Ela tricotava com tal concentração e calma que parecia inconsciente do mundo ao seu redor.

Qing Ling, que amava artesanato e sempre foi curiosa sobre a cultura local, ficou muito interessada. Ela puxou minha mão suavemente, e nós dois nos aproximamos. Ficamos em silêncio observando a senhora trabalhar por um tempo. Suas mãos envelhecidas, mas ainda muito

hábeis, moviam as agulhas de bambu rapidamente, cada ponto de lã uniforme e regular, criando gradualmente um padrão bastante complexo no suéter que estava tomando forma. Era um padrão muito estranho, que eu nunca tinha visto antes, parecendo uma combinação de muitos pequenos motivos, sobrepostos e entrelaçados em um todo muito harmonioso e único.

Como se sentisse que alguém a observava, a senhora levantou a cabeça, seus olhos gentis nos olharam, e então ela deu um leve sorriso silencioso. Seu sorriso era tão caloroso que nos sentimos imediatamente próximos e amigáveis.

“Olá, senhora”, Qing Ling cumprimentou educadamente em mandarim muito preciso. “Seu tricô é lindo. Este padrão parece tão especial.”

A senhora olhou para Qing Ling, um toque de surpresa divertida em seus olhos ao ouvir sua voz. “Obrigada, minha jovem”, respondeu ela, sua voz tão quente e gentil quanto seus olhos. “Este é apenas um padrão antigo de nossa aldeia. Hoje em dia, poucas jovens ainda querem se dar ao trabalho de aprender a tricotar padrões tão complexos como este.”

“Eu também adoro tricotar em casa, mas realmente nunca vi um padrão como este”, disse Qing Ling, aproximando-se um pouco mais para ver melhor o

suéter que a senhora estava fazendo. “Parece tão intrincado, como se muitos fios de cores diferentes estivessem se encontrando e se entrelaçando.”

A senhora sorriu levemente novamente, seu sorriso desta vez parecendo mais profundo do que antes. Ela olhou para os fios entrelaçados em suas mãos e depois olhou para nós dois. “Isso mesmo, minha jovem”, disse ela lentamente. “Cada fio tem seu próprio caminho, sua própria cor, sua própria espessura. Mas uma vez que se tocam nestas agulhas de tricô, o que vai na frente, o que vem atrás, o que fica por dentro, o que cobre por fora, todos eles se unem para formar um suéter quente. Assim como o destino das pessoas neste mundo, ninguém pode saber de antemão quem encontrará, como se conectarão, mas cada conexão, seja feliz ou triste, tem seu próprio significado.”

Suas palavras aparentemente simples eram como uma brisa fresca que de repente soprava através das camadas de pensamentos já densos em minha mente, sugerindo suavemente coisas que eu nunca havia colocado em palavras. Sua analogia tocou algo muito profundo dentro de mim, evocando pensamentos errantes sobre as duas palavras “afinidade predestinada”, sobre as conexões invisíveis que tanto eu quanto Qing Ling parecemos ter começado a sentir vagamente ao longo desta jornada. Olhei para a senhora com mais atenção. Sua aparência era muito comum, o trabalho que ela fazia era muito

simples, mas suas palavras continham uma filosofia de vida nada trivial.

A senhora nos fez um gesto para nos sentarmos em um banco de bambu vazio ao lado dela. “Vocês devem ser visitantes de longe, não são? Não parecem ser desta região.”

“Sim, senhora. Viemos da América”, respondi, sentando-me ao lado de Qing Ling. “Estamos a caminho de Leshan, paramos aqui para descansar e também para aprender mais sobre a cultura e a vida das pessoas em cidades antigas como Huanglongxi.”

“Ah, então vocês estão a caminho do Buda Gigante de Leshan”, a senhora assentiu levemente, seus olhos ainda nas agulhas de tricô. “Então parar em Huanglongxi foi um bom destino para vocês. Nossa cidade antiga, embora pequena, tem muitas coisas interessantes, e as pessoas aqui são gentis e simples. Sintam-se à vontade para ficar por alguns dias para descansar antes de continuar.”

Sentamo-nos ali, conversando mais com a senhora. Inicialmente, eram apenas perguntas de cortesia sobre a vida cotidiana, sobre os filhos, sobre a cidade antiga. Mas então, muito naturalmente, nossa conversa começou a se voltar para coisas aparentemente mais profundas, como se a senhora de alguma forma sentisse vagamente que



estávamos procurando por algo além das belas paisagens ou das experiências turísticas comuns.

Sentado à beira do rio, sob a treliça de bucha carregada de frutos, ouvindo as palavras simples, mas profundas, da senhora tricoteira, tive a súbita sensação de que este encontro casual não foi de forma alguma accidental. Algo novo, outra porta, estava se abrindo lentamente diante de nós nesta terra de Sichuan.

## **A história da reencarnação e os laços predestinados**

Sentamo-nos ao lado da senhora, em um espaço tão silencioso que só se ouvia o som rítmico das agulhas de tricô, misturado ao sussurro contínuo e incessante do rio Fu que corria à distância. A luz do final da tarde havia se tornado dourada, cobrindo suavemente o pequeno pátio de terra em frente à casa, criando uma cena muito pacífica e acolhedora.

Qing Ling, depois de examinar cuidadosamente os padrões um tanto complexos do suéter que a senhora estava tricotando, perguntou, sua voz incapaz de esconder sua admiração: "Senhora, vejo que esses fios de lã têm cores e espessuras muito diferentes, mas de

alguma forma a senhora consegue combiná-los de maneira tão harmoniosa. Qual é o seu segredo?"

A senhora parou de tricotar por um momento, admirou seu trabalho e sorriu gentilmente: "Não é que eu seja talentosa, minha jovem. É porque esses fios já estavam destinados a ficarem juntos. Este fio precisa ir com aquele, o fio escuro precisa do claro para realçar sua beleza. Eles simplesmente se encontram, se entrelaçam e se tornam um suéter quente."

Enquanto falava, ela continuou seu tricô, sua voz ainda lenta e deliberada: "As pessoas neste mundo são assim também. Cada um de nós é como um fio, cada um com sua própria cor, seu próprio caminho. Mas de alguma forma nos encontramos, como pais, filhos, maridos, esposas, amigos, e às vezes até como pessoas de quem não gostamos... nenhum desses encontros é por acaso. É porque alguns laços invisíveis já nos conectaram antes."

"Laços predestinados..." Qing Ling repetiu suavemente a palavra, seus olhos como se tocassem alguma memória distante, uma sensação ao mesmo tempo muito familiar e um tanto estranha e indescritível. Ela já havia encontrado, lido e até explicado esse conceito inúmeras vezes em obras literárias clássicas, em histórias da cultura chinesa. Mas hoje, ao ouvi-lo da boca desta senhora, de forma tão simples e cotidiana, ele assumiu

uma nuance completamente diferente. "...É como nos livros antigos, senhora?"

A senhora assentiu levemente, um olhar de satisfação em seus olhos. "Isso mesmo, minha filha. São os laços predestinados. São como fios invisíveis, entrelaçados há muito tempo, talvez até de vidas passadas."

"Vidas passadas?" perguntei, o ceticismo inerente de um cientista surgindo de repente. Mas Qing Ling teve uma reação completamente diferente. Ela ergueu ligeiramente a cabeça, uma expressão de surpresa misturada com uma estranha familiaridade em seu rosto. "Vidas passadas?" – este conceito era excessivamente familiar para ela através de inúmeros contos de fadas, lendas míticas e as doutrinas do Budismo e do Taoísmo que ela havia estudado. Era quase uma parte indispensável da cultura que ela ensinava todos os dias. Mas hoje, ao ouvi-lo da boca de uma senhora que tricotava calmamente à beira de um pequeno rio, como se estivesse recontando um fato óbvio e não um conto de fadas fantasioso, ela de repente sentiu a tênue linha entre "ficção" e "realidade" se tornar turva. A familiaridade do conceito e a estranheza de enfrentá-lo como uma realidade objetiva pareciam estar acontecendo bem diante de seus olhos.

A senhora pareceu notar a diferença em nossas reações, ela sorriu levemente para mim com indulgência e depois

se virou para Qing Ling: "Parece familiar para você, não é? Você deve ter lido muitos livros?"

"Sim... sim, senhora", respondeu Qing Ling, sua voz um pouco hesitante. "Eu também já li sobre essas coisas em histórias antigas e também nas escrituras. Mas... eu sempre pensei que fossem apenas símbolos, expressões metafóricas de princípios morais. Mas hoje, ao ouvir a senhora falar, tenho uma sensação muito diferente." Ela estava genuinamente curiosa sobre a "fonte" dessa crença na vida real das pessoas daqui.

A senhora assentiu levemente, seus olhos ainda gentis e calorosos: "Os livros só podem registrar uma parte, e as experiências reais das pessoas são outra. Bem, deixe-me contar a história desta nossa cidade de Huanglongxi, é também a história dos meus avós."

Ela gentilmente colocou as agulhas de tricô na cesta de bambu ao seu lado, seu olhar distante se voltou para o rio que fluía lentamente, e então ela começou a tecer lentamente a trágica história de um jovem casal chamado A Sheng e Lian – um fio triste que de repente se infiltrou no espaço que estava cheio da luz quente do pôr do sol.

Qing Ling ouviu a história atentamente, suas sobrancelhas delicadas levemente franzidas. Ela conhecia muito bem esses motivos, as histórias de amor frustrado que tinham que superar preconceitos sociais, as tragédias

que eram material muito familiar na literatura folclórica. Ela se sentiu comovida, triste pelo destino dos personagens da história, mas ao mesmo tempo, uma parte racional de uma pesquisadora nela ainda tentava analisar a estrutura da história.

"Uma história tão triste, senhora", disse ela em voz baixa quando a senhora parou após a primeira parte da história.

"É triste, de fato, minha filha", concordou a senhora. "Mas ainda não acabou." E ela continuou, contando sobre o nascimento de um menino chamado Chang e uma menina chamada An em famílias diferentes na cidade, algumas décadas depois. Ela contou sobre os sinais estranhos que apareceram em seus corpos e em seus sonhos, sobre seu medo irracional de abismos e rios caudalosos, e finalmente sobre o laço natural que os uniu e os fez viver felizes para sempre depois que se casaram.

Quando a senhora chegou ao detalhe de que o menino Chang tinha uma marca de nascença em forma de uma flor de lótus muito semelhante à tatuagem no ombro de Lian, e que a menina An tinha uma cicatriz tênue no pulso idêntica à de A Sheng, Qing Ling estremeceu involuntariamente. Esses detalhes não eram mais apenas motivos literários. Eram muito específicos, muito "reais" para serem ignorados.

"Os mais velhos desta nossa Huanglongxi", a senhora concluiu a história, sua voz cheia de convicção, "todos acreditam que Chang e An mais tarde eram A Sheng e Lian que retornaram para continuar seu amor inacabado. As marcas em seus corpos, juntamente com seus medos, são os vestígios da reencarnação. E o fato de que eles finalmente se encontraram e se casaram foi o arranjo de um laço predestinado de uma vida anterior."

A história terminou, deixando um longo silêncio. Qing Ling sentou-se em silêncio, seus olhos fixos no rio. Vi uma agitação indescritível em seu rosto. Os elementos de reencarnação e destino nesta história provavelmente não eram estranhos ao seu vasto conhecimento cultural. Mas eu tive a sensação de que a maneira como a senhora contou, com uma fé inabalável brilhando em seus olhos, juntamente com os fenômenos estranhos que havíamos vivenciado juntos ao longo desta jornada, parecia estar fazendo-a reavaliar tudo.

Ela se virou para me olhar, seus olhos contendo tanto a emoção de alguém que acabara de ouvir uma história comovente, quanto a clara confusão de uma acadêmica diante de um fenômeno que parecia desafiar tanto seu conhecimento quanto suas crenças. "Você vê?" ela sussurrou, sua voz muito baixa. "É como o que lemos nos livros... mas ao mesmo tempo, não é mais apenas sobre livros."

Olhei para Qing Ling e vi em seus olhos surpresos algo quebrando, derretendo. Os conceitos familiares dos livros que ela costumava estudar de repente carregavam um peso muito diferente. Às margens do rio Fu, sob o pôr do sol que se punha, a história da senhora tricoteira parecia ter semeado em nossos corações as sementes da reflexão, sobre os laços invisíveis e os ciclos misteriosos da vida humana.

## **O carma como um fio invisível conectando todas as coisas**

Quando a senhora terminou de contar a história de A Sheng, Lian, Chang e An, tanto eu quanto Qing Ling ficamos em silêncio por um tempo. Suas tristezas e reencontros pareciam ainda pairar no ar. Sentamo-nos em silêncio, observando o pôr do sol sobre o trecho distante do rio.

“Senhora,” Qing Ling começou, sua voz ainda tingida com o eco da história, mas seus olhos brilhando com a curiosidade de alguém que quer chegar à raiz das coisas. “É o que os antigos chamam de ‘carma’ que criou esses laços predestinados, que levou A Sheng e Lian a se encontrarem novamente na vida seguinte?” Quando Qing Ling mencionou a palavra “carma”, lembrei-me de

repente. Sim, o Mestre Mo em Qingxi também havia falado sobre isso, sobre a lei de causa e efeito que governa a vida. Mas, para ser sincero, naquela época, em meio a tantas coisas estranhas e conceitos além do meu entendimento, eu apenas ouvi, sem realmente pensar profundamente. Agora, após a história da senhora, a palavra “carma” de repente ganhou mais peso.

A senhora tricoteira assentiu levemente, um sorriso gentil e compreensivo em seus lábios. Ela pegou suas agulhas de tricô da cesta de bambu, seus dedos finos e habilidosos começando a trabalhar novamente. “Esta jovem entende rápido”, disse ela, sua voz ainda firme e quente. “Os laços predestinados são como cordas que unem as pessoas, às vezes próximas, às vezes distantes. E o carma, essa é a força que cria essas cordas, o que puxa as pessoas na roda interminável da reencarnação.”

Ela ergueu levemente o suéter que estava tomando forma, como se quisesse que víssemos seus contornos mais claramente. “Olhem”, disse ela, com a voz lenta, “neste suéter, há fios bonitos, lisos, de cores vivas, mas também há fios ásperos, escuros, que parecem mais fáceis de quebrar. O carma é como o material dos fios invisíveis que compõem o suéter da vida de cada pessoa. Os bons pensamentos, as palavras sinceras, as ações benevolentes que fazemos, é como se estivéssemos criando fios bons, fortes, brilhantes e bonitos. Mas os maus pensamentos egoístas, as palavras que ferem os



outros, as ações que prejudicam pessoas e coisas, é como se estivéssemos criando fios ruins, escuros e podres.”

Ela parou por um momento, seu olhar se perdendo no rio que fluía lentamente, e depois voltou para o suéter em suas mãos. “Os antigos tinham um ditado ‘você colhe o que planta’, e é por essa razão. Esses fios bons e ruins não desaparecem por si só. Eles se acumulam silenciosamente, envolvendo firmemente a alma de uma pessoa, ou o que as pessoas chamam de espírito.” Ao ouvir isso, Qing Ling e eu nos olhamos involuntariamente. O Mestre Mo em Qingxi também havia falado sobre um “eu verdadeiro” que transcende o corpo físico, embora ele tenha usado os termos “consciência divina” ou “corpo espiritual”, que na época me soaram estranhos. Agora, ouvindo a senhora falar sobre “alma”, “espírito”, tive a sensação de que, embora os nomes fossem diferentes, eles pareciam se referir à mesma essência central e imutável de um ser humano.

“E quando uma pessoa deixa este mundo”, continuou ela, sua voz ainda calma como se contasse uma história do dia a dia, “sua alma levará todos esses fios cármicos, bons e ruins, para uma nova jornada. Todo esse carma determinará onde ela renascerá, em que circunstâncias, feliz ou miserável, saudável ou doente, encontrando pessoas boas ou enfrentando pessoas más...”

Ela olhou para nós, seus olhos gentis, mas profundos, como se contivessem um rio de tempo. “Como A Sheng e Lian na história que acabei de contar, embora fossem pobres e enfrentassem muitas dificuldades na vida anterior, seu amor era sincero, seus corações eram bondosos, talvez eles tenham criado bom carma e um voto muito forte. Portanto, nesta vida, foi esse carma que os levou a se encontrarem novamente em melhores circunstâncias, para que pudessem pagar a dívida de amor inacabada, para desfrutar da felicidade que haviam semeado antes.”

“Então, o carma é algo predestinado, que não pode ser mudado, senhora?” perguntei, tentando buscar clareza de acordo com meu modo de pensar científico. “Se uma pessoa nasce para sofrer, é porque o carma de uma vida anterior o decretou, e ela deve suportá-lo para sempre?” Esta pergunta continha uma preocupação persistente minha: se tudo já está predestinado, qual o significado do esforço, da vontade humana na vida presente?

A senhora balançou a cabeça levemente, um lampejo de reflexão em seu rosto marcado pelo tempo. As agulhas de tricô em suas mãos ainda se moviam regularmente, sem parar. “Não é bem assim, meu jovem”, disse ela, com a voz ainda suave. “O carma tem, de fato, um grande poder, ele afeta as circunstâncias em que nascemos, as pessoas que encontramos, os eventos que

vivenciamos. Mas não é uma sentença selada, imutável.” Ela enfatizou este ponto.

“É como um ‘capital’ e uma ‘dívida’ que trouxemos de vidas anteriores. As circunstâncias em que nascemos nesta vida, nossa saúde, isso é devido ao ‘capital’ cármico inicial. Mas o mais importante é como vivemos nesta vida, como nos comportamos com o que temos.” Ela olhou diretamente para mim, e depois para Qing Ling, seu olhar encorajador. “Se soubermos fazer boas ações, ajudar os outros quando pudermos, cultivar nosso caráter para se tornar melhor a cada dia, então estamos criando novo bom carma. Nosso ‘capital’ bom aumentará, e pode ser usado para pagar gradualmente as dívidas ruins do passado, e assim, nosso futuro também se tornará gradualmente melhor. Pelo contrário, se continuarmos a fazer coisas ruins, criando mais carma ruim, então a ‘dívida’ se acumulará ainda mais, o sofrimento aumentará, afetando não apenas esta vida, mas também as vidas futuras.”

A senhora parou por um momento, como se nos desse tempo para absorver suas palavras. Então ela continuou: “Portanto, saber sobre o carma não é para que possamos culpar o destino ou desistir e suportar. É para entendermos que tudo o que nos acontece tem uma razão, nada é por acaso. E o mais importante, é que devemos ser responsáveis por cada pensamento, cada palavra, cada ação nossa no momento presente. Porque

são essas coisas, por menores que sejam, que estão silenciosamente tecendo nosso próprio futuro, e o futuro daqueles que têm laços predestinados conosco.”

As explicações da senhora, embora muito simples e rústicas, eram como gotas de chuva que se infiltravam profundamente no solo de minha alma, que estava árido com minhas dúvidas. O conceito da lei de causa e efeito e da responsabilidade pessoal foi expresso por ela de uma forma muito vívida e próxima. Não negava o papel do passado, do que já se foi, mas enfatizava especialmente o poder do presente, de cada momento que vivemos, na formação e transformação do futuro. O carma, através de sua narrativa, não era mais uma sentença fatalista ou um bilhete de loteria predestinado, mas um fluxo contínuo de energia, constantemente criado e mudado pelo comportamento e pela disposição de cada pessoa.

Sentei-me em silêncio, tentando visualizar essa rede invisível de carma. Parecia muito mais complexa do que as leis da física que eu havia aprendido e ensinado – não era simplesmente uma questão de ação e reação mecânica, mas o acúmulo de pensamentos, intenções, de laços invisíveis tecidos ao longo de inúmeras vidas. Uma teia invisível, ao mesmo tempo firme e flexível, abrangendo tudo.

Qing Ling também parecia profundamente cativada. Eu a vi assentir levemente, seus olhos pensativos. Este

conceito de carma, embora ela já o conhecesse através dos livros do Budismo, ao ouvi-lo explicado de forma tão vívida por esta senhora, com imagens tão cotidianas e simples, o conceito parecia ter deixado as páginas frias dos livros para se infiltrar em sua consciência como um rio subterrâneo, silencioso, mas poderoso. Era como uma chave que poderia ajudá-la a decifrar algumas das injustiças, dos sofrimentos, ou mesmo das alegrias aparentemente aleatórias que ocorrem nesta vida. As peças dispersas do conhecimento dos livros pareciam estar sendo reorganizadas por uma mão invisível, criando uma imagem mais significativa e profunda.

O encontro com a senhora tricoteira à beira do rio em Huanglongxi, que começou com a curiosidade sobre um padrão estranho em um suéter, nos levou inadvertidamente a uma compreensão mais profunda das leis invisíveis que parecem governar silenciosamente o universo e a vida humana. Reencarnação, laços predestinados e agora carma – esses conceitos não eram mais apenas palavras secas e estranhas em livros, mas estavam gradualmente se tornando presentes, vívidos como fios multicoloridos, tecendo silenciosamente o tecido extremamente complexo da realidade que tanto eu quanto Qing Ling estávamos experimentando passo a passo em nossa jornada de descoberta do Oriente. O pôr do sol do final do dia ainda tingia a superfície do rio de dourado, e os fios do carma, ao que parecia, ainda teciam

silenciosamente a imagem infinita da vida humana, bem diante de nossos olhos.

## **Refletindo sobre a própria vida através das lentes dos laços predestinados**

O céu começou a escurecer. A senhora tricoteira também parou seu trabalho. Seus olhos gentis olhavam para o espaço à sua frente, como se ainda estivesse ouvindo o eco das histórias e das coisas que acabara de compartilhar. Sentamo-nos ali, no silêncio do crepúsculo, cada um imerso em seus próprios pensamentos, mas aparentemente todos voltados para a mesma grande questão: como seria nossa vida se vista através das lentes da reencarnação, dos laços predestinados e do carma?

Olhei involuntariamente para Qing Ling. Ela também estava olhando para mim, seus olhos profundos, um tanto familiares, mas também como se contivessem algo novo, recém-descoberto. Todos os anos que estivemos juntos, desde os dias na universidade até nossa vida de casados, eu sempre considerei isso como uma escolha de ambos, o resultado do amor e da harmonia. Mas agora, depois do que a senhora disse, uma pergunta surgiu de repente em minha mente: nosso encontro foi realmente apenas por acaso, ou já estávamos conectados por alguns

fios invisíveis há muito tempo? Havia algum fio do destino que nos uniu habilmente, um laço predestinado de vidas passadas, como a história de Chang e An que ela acabara de contar? Esse pensamento não diminuiu meu amor por ela, mas, pelo contrário, pareceu dar ao nosso relacionamento uma camada de significado mais profundo, uma conexão um tanto sagrada e mais forte.

Então, outras imagens do meu passado lentamente voltaram. Minha carreira como professor de medicina e empresário, às vezes parecendo tranquila, com sucessos às vezes inesperados, mas também com quedas, parcerias de negócios que pareciam boas, mas de repente fracassaram por razões desconhecidas. As pessoas que conheci em minha vida, aquelas que me ajudaram, aquelas que me criaram dificuldades... Será que todas elas eram elos, conectados a mim por alguns laços predestinados e cármicos que operavam silenciosamente sem o meu conhecimento? Será que tudo o que vivenciei, alegrias e tristezas, foi o arranjo do carma, o resultado dos "fios bons e ruins" que eu mesmo havia criado no passado, talvez de algumas vidas das quais não me lembro mais? Pensando nisso, senti um arrepio, mas ao mesmo tempo, trouxe uma sensação de alguma ordem, explicando de alguma forma as coisas que eu antes considerava apenas sorte ou coincidência.

Vi Qing Ling suspirar suavemente e passar a mão pelos cabelos. Suponho que ela também estivesse pensando.

Sua vida, desde os dias em Xangai, passando pelo grande ponto de virada quando seguiu sua família para a América, os anos de estudo para se tornar professora. Nessa jornada, nos encontramos na universidade, depois construímos uma família juntos, tivemos filhos que agora também estão quase crescidos. Todas essas coisas, se vistas através das lentes dos laços predestinados, certamente continham muitos laços predeterminados, muitas orientações do carma. E o fato de ela ter voltado à China comigo nesta viagem, para ouvir histórias como esta, também fazia parte desse arranjo?

A senhora tossiu levemente, como se para nos lembrar. Ela havia guardado suas ferramentas. "Já está escuro, eu também preciso ir para casa cozinhar. Desejo a vocês uma boa viagem... Ah, a propósito, no final desta estrada há uma pequena praça de alimentação, se quiserem jantar, é um bom lugar."

Levantamo-nos e nos curvamos para ela mais uma vez. "Muito obrigado, senhora, por seu tempo e por compartilhar conosco histórias tão significativas", disse Qing Ling, com a voz sincera.

A senhora apenas acenou com a mão, sorrindo gentilmente: "São apenas histórias antigas contadas pelos mais velhos. Vocês ouvem por diversão." Mas em seus olhos, tive a sensação de que ela sabia que aquelas histórias significavam muito mais para nós.



Caminhamos lentamente de volta para a pousada pela estrada de paralelepípedos. Ao longo do caminho, lanternas vermelhas de estilo antigo (provavelmente com lâmpadas elétricas dentro) penduradas na varanda de algumas casas e em alguns cruzamentos, lançavam raios de luz quente na estrada, misturando-se com a luz da lua nova que já estava alta, criando uma cena noturna de cidade antiga que era ao mesmo tempo cintilante e silenciosa. Ninguém disse nada, mas eu entendi que nós dois estávamos refletindo, silenciosamente examinando nossas próprias vidas sob uma nova perspectiva – a perspectiva dos laços predestinados e do carma.

As pessoas, os eventos, os relacionamentos do passado não eram mais pontos dispersos. Eles pareciam estar sendo encadeados por fios invisíveis, alguns intencionais, outros acidentais, mas todos pareciam estar dentro de uma complexa rede de causa e efeito. Essa visão não me fez sentir preso pelo destino, mas, pelo contrário, me tornou mais profundamente consciente de minha própria responsabilidade em cada pensamento, palavra e ação presente. Porque eu sentia vagamente que eram essas coisas que continuavam a tecer silenciosamente o tapete de nossas vidas, e as vidas daqueles ao nosso redor, não apenas nesta vida, mas talvez também para as jornadas seguintes, se o que a senhora disse fosse verdade.

O encontro com a senhora tricoteira à beira do rio em Huanglongxi, embora casual, não trouxe apenas histórias interessantes. Mais importante, semeou em nossos corações uma nova e mais profunda maneira de ver a vida e os relacionamentos. Começamos a nos examinar, não mais apenas como indivíduos separados, mas como pequenos elos em uma vasta cadeia de causa e efeito, ao mesmo tempo sujeitos à sua influência e contribuindo para o fluxo do carma.

\* \* \*

# CAPÍTULO 7: A LOJA DO DESTINO

## **A estranha loja de antiguidades e seu misterioso dono**

Depois de deixarmos Huanglongxi, as histórias da senhora sobre afinidade predestinada e carma permaneceram em minha mente e na de Qing Ling. Esses conceitos, para um cientista como eu, soaram estranhos no início, mas quanto mais eu pensava neles, mais lógicos pareciam. Parecia haver outras leis, mais profundas, governando esta vida, das quais eu não tinha conhecimento. Esta viagem estava realmente nos abrindo para muitas coisas novas.

Decidimos continuar para o sul, para uma cidade antiga chamada Zhenyuan, que se dizia estar localizada ao longo do rio Wuyang. Disseram-nos que Zhenyuan não era muito grande, mas tinha muitas ruas antigas, casas sobre palafitas com vista para o rio e algumas pontes de pedra antigas. Soava interessante, então encontramos um pequeno quarto de pousada na cidade antiga, planejando ficar por alguns dias para ver.

Uma tarde, quando o sol estava ameno, depois de visitar alguns templos e fazer um passeio de barco no rio, Qing Ling e eu decidimos caminhar pelas pequenas vielas de pedra na área antiga. Essas vielas eram mais silenciosas que as ruas principais, ladeadas por velhas paredes de pedra cobertas de musgo, com portões de madeira fechados, e apenas ocasionalmente víamos um morador passar.

Enquanto caminhávamos, acidentalmente notei uma placa de madeira, muito antiga, pendurada atrás de uma treliça de buganvílias. Na placa havia três caracteres chineses, a tinta já desbotada, que se lia "Pavilhão Suiyuan". Logo abaixo havia uma porta de madeira baixa, apenas entreaberta, que não parecia diferente das casas vizinhas. Provavelmente não era uma loja movimentada. Se você não prestasse muita atenção, passaria direto sem perceber.

Por alguma razão, fiquei curioso. "Ling, olhe ali", cutuquei minha esposa. "Pavilhão Suiyuan. O nome também soa especial."

Qing Ling olhou. Ela conhecia bem o chinês, então entendeu imediatamente. "Suiyuan... Seguir o destino... Não soa como uma loja normal", observou minha esposa, seus olhos também curiosos. "Que tal darmos uma olhada?"

Eu assenti. O nome e a aparência silenciosa tinham algo que me fazia querer entrar. Empurramos suavemente a porta de madeira.

Um pequeno sino de vento tocou suavemente e depois silenciou. Lá dentro, o ar estava tão quieto que eu podia ouvir minha própria respiração. A iluminação na loja era fraca, apenas alguns raios de sol da tarde entrando pelas janelas cobertas com papel, e uma pequena lâmpada a óleo em um canto. A atmosfera era um tanto abafada, cheia do cheiro de madeira velha, umidade e algum incenso que eu não reconheci.

A sala não era muito grande, mas os itens estavam espalhados por toda parte, do chão quase até o teto. Nas prateleiras, nas mesas, e até no chão, havia antiguidades por toda parte: vasos de cerâmica com rachaduras, estátuas de Buda de bronze que haviam ficado verdes, rolos de pinturas antigas amareladas, algumas joias de

jade e prata que também pareciam manchadas, bússolas antigas, espelhos de bronze, tinteiros de pedra e até mesmo itens de aparência estranha que eu não conseguia identificar, como as ferramentas de antigos sacerdotes taoistas. Tudo estava espalhado, mas em uma inspeção mais atenta, parecia que cada item tinha seu próprio lugar, permanecendo ali por sabe-se lá quantos anos. Uma fina camada de poeira cobria a maioria das coisas, não o tipo de poeira suja, mas a poeira do tempo.

A atmosfera nesta loja era muito estranha, silenciosa, mas com algo pesado, diferente de qualquer lugar que já havíamos estado. Era como se cada antiguidade aqui tivesse sua própria história.

Então eu vi o dono da loja.

Ele estava sentado em silêncio atrás de um alto balcão de madeira em um canto da sala, quase se misturando com a escuridão e a desordem das antiguidades ao redor. Se não fosse pela luz bruxuleante da lâmpada a óleo iluminando um lado de seu rosto, provavelmente não teríamos notado que havia alguém ali. Ele parecia muito velho, com cabelos brancos, alguns fios esparsos, presos em um coque na nuca. Ele usava um longo manto de seda preta, velho, com um colarinho alto. Seu corpo era pequeno, suas costas ligeiramente curvadas, mas seus olhos eram muito estranhos. Seus olhos não eram claros como os do Mestre Mo ou da senhora que vendia lã, mas

muito profundos, escuros como azeviche, olhando para nós sem piscar. Seu olhar não era inquisitivo, nem curioso, nem convidativo, mas mais como os olhos de alguém que já viu muitas coisas na vida e agora estava apenas registrando silenciosamente mais dois estranhos que haviam entrado em seu lugar.

Ele não disse uma palavra quando entramos, nem se levantou para nos cumprimentar. Apenas ficou sentado em silêncio, as mãos no balcão, os olhos fixos em nós. Ele estava tão quieto, e a atmosfera na loja era tão peculiar, que Qing Ling e eu nos sentimos um pouco sobrecarregados, tendo que andar na ponta dos pés no chão de madeira.

“Com... com licença, senhor”, pigarreei, falando primeiro para quebrar o silêncio sufocante. “Estávamos passando, vimos a loja e achamos interessante, então entramos para dar uma olhada.”

O dono da loja apenas assentiu levemente, sem dizer nada. Seus olhos ainda estavam em nós, um olhar que parecia ler todos os pensamentos em minha cabeça. Qing Ling se aproximou mais de mim, eu sabia que minha esposa também estava um pouco tensa. Este lugar e seu dono tinham algo incomum, que me deixava ao mesmo tempo curioso e cauteloso.

Pavilhão Suiyuan. O dono parecia misterioso. As antiguidades cheias de marcas do tempo. De repente, um pensamento me ocorreu: não viemos aqui por acaso. Como o nome da loja, talvez o “destino” nos tenha trazido aqui, a uma encruzilhada que eu ainda não conhecia.

## **Cada item, uma história de escolha e destino**

O dono da loja permaneceu em silêncio, tornando a atmosfera na loja ainda mais peculiar. Qing Ling e eu nos olhamos, depois começamos a examinar mais de perto. O caminho era estreito, tínhamos que nos espremer entre as prateleiras e as coisas espalhadas pelo chão. Meus olhos percorreram inúmeras antiguidades, cada uma parecendo misteriosa, mas eu tive a sensação de que algo estava nos guiando sutilmente.

Qing Ling parou em frente a uma pequena vitrine de vidro, muito antiga, que continha algumas joias de jade e prata. Seus olhos se fixaram em um pingente de jade verde-esmeralda, esculpido com uma fênix muito habilmente, mas uma das asas tinha uma pequena rachadura, não muito óbvia, mas visível em uma inspeção mais atenta. O pingente de jade, apesar da fina



camada de poeira, ainda brilhava com uma beleza silenciosa e orgulhosa.

“Que jade lindo”, Qing Ling disse em voz baixa, quase para si mesma. Ela colocou o dedo indicador no vidro, como se quisesse tocá-lo.

Nesse exato momento, a voz profunda e rouca do dono da loja ecoou lentamente de trás do balcão, embora ele permanecesse imóvel: “Fênix de asa quebrada. É bonito, de fato, mas é a beleza do arrependimento.”

A voz súbita nos assustou um pouco. Nós nos viramos para olhar. Ele ainda estava sentado lá, seus olhos escuros e profundos fixos no pingente de jade na vitrine.

“Arrependimento?” Qing Ling repetiu, sua voz curiosa.

O dono não olhou para nós, seus olhos ainda fixos no jade. “Sua antiga dona”, disse ele firmemente, “era uma mulher de grande talento e beleza, de uma linhagem nobre. Ela se deparou com dois caminhos: um era viver uma vida rica e confortável de acordo com os desejos de sua família, o outro era seguir o amor, estar com um pintor pobre, mas com quem tinha afinidade.” Ele parou por um momento. “Ela escolheu o primeiro caminho. Não lhe faltou riqueza e honra, mas seu coração não estava feliz. Ela viveu toda a sua vida em seda e brocado,

mas nunca se sentiu verdadeiramente à vontade. A rachadura na asa da fênix... é o vestígio dessa escolha.”

Ele contou a história de forma concisa, sua voz sem emoção, mas soava pesada. Não parecia uma história inventada para vender mercadorias, mas mais como uma verdade que ele havia lido do próprio item. Qing Ling ficou em silêncio, olhando para o pingente, sua expressão indescritível. A beleza do jade não era mais simples, mas parecia ter uma certa tristeza.

Senti um arrepio na nuca. Será que cada item aqui tinha sua própria história? Uma história de escolha e seu resultado? Aprofundei-me mais na loja, meus olhos atraídos por uma bússola de bronze em uma mesa baixa de madeira, coberta de poeira. Não era como as bússolas modernas; sua agulha magnética tinha a forma de uma pequena tartaruga, com alguns símbolos antigos e incompreensíveis gravados em sua carapaça. A caixa de bronze estava manchada, o vidro um pouco embaçado, mas a agulha em forma de tartaruga permanecia imóvel, apontando para alguma direção na escuridão.

Involuntariamente, estendi a mão e toquei levemente o vidro frio da bússola. Uma sensação estranha percorreu a ponta dos meus dedos, como uma memória passageira que apareceu e desapareceu: a imagem de uma grande frota mercante em uma tempestade no mar, ondas altas, ventos fortes, e um homem de meia-idade no convés,

segurando firmemente uma bússola idêntica a esta, seus olhos ao mesmo tempo determinados e um pouco confusos enquanto olhava para a chuva e o vento.

“Uma bússola para encontrar o caminho”, a voz do dono da loja soou novamente, interrompendo as imagens em minha mente. Virei-me e o vi me observando, seus olhos escuros como se pudessem ler o que eu acabara de ver. “Ela já ajudou um comerciante a encontrar uma rota comercial no mar, trazendo-lhe uma riqueza incalculável.”

Fiquei em silêncio, esperando que ele continuasse, sentindo que a história não havia terminado ali.

“Mas”, ele continuou, sua voz ainda firme, “nesse caminho, para ter sucesso, ele teve que fazer muitas escolhas. Às vezes, era agir contra sua consciência, às vezes, era abandonar amigos, às vezes, era usar de artimanhas. Esta bússola só o ajudou a encontrar a direção certa do vento, da água, do lucro, mas não lhe mostrou a direção da moralidade, da humanidade.” Ele suspirou muito suavemente, quase inaudivelmente. “No final de sua vida, ele era muito rico, mas estava sozinho. Morreu em uma pilha de ouro sem nenhum parente ao seu lado. A bússola apontou para a direção certa da riqueza, mas perdeu a direção do coração.”

A história da bússola foi outro exemplo de escolha e destino. O sucesso material às vezes tem o preço do vazio interior. Cada antiguidade nesta loja parecia ser uma testemunha das encruzilhadas da vida, das decisões que moldaram o destino de uma pessoa. Elas eram como espelhos, não apenas refletindo o passado de seus antigos donos, mas também como se perguntassem silenciosamente àqueles que as olhavam, como eu e Qing Ling agora, sobre suas próprias escolhas.

Olhei ao redor da sala cheia de objetos, cada um silencioso sob a poeira do tempo, mas tive a sensação de que não estavam mudos. Eles pareciam sussurrar suas próprias histórias – histórias de sonhos, amor, traição, coragem, fraqueza, sacrifício... tudo girando em torno de escolhas em momentos cruciais. Esta loja Suiyuan não era apenas um lugar que vendia antiguidades, mas mais como uma encruzilhada do destino, onde vidas se encontravam em silêncio.

## **Entre o "destino" arranjado e o "livre-arbítrio" no cultivo espiritual**

As histórias do pingente de fênix de asa quebrada e da bússola perdida permaneceram em minha mente e na de Qing Ling enquanto continuávamos a examinar as outras

antiguidades na loja Suiyuan. Era como se cada item ali fosse uma lição sobre escolha e suas consequências, sobre os caminhos do destino que foram criados por decisões passadas.

Aproximei-me do balcão de madeira onde o dono da loja estava sentado. Ele ainda estava imóvel como antes, seus olhos fixos no espaço à sua frente, aparentemente imerso em pensamentos. A luz bruxuleante da lâmpada a óleo projetava sombras em seu rosto envelhecido, tornando-o ainda mais misterioso.

"Senhor", comecei, tentando manter minha voz normal, embora meu coração estivesse em turbulência, "as histórias que o senhor acabou de contar... sobre os antigos donos desses itens... soa como se seus destinos tivessem sido determinados por escolhas erradas. Então, tudo na vida de uma pessoa já está predestinado? Temos realmente a liberdade de escolher mudar nosso caminho?"

Esta era a pergunta que me incomodava desde que ouvi a senhora tricoteira falar sobre afinidade predestinada e carma. Se tudo é o resultado do carma de vidas anteriores, se todos os laços predestinados já estão conectados, qual o sentido de se esforçar no presente?

O dono da loja virou-se lentamente para me olhar. Desta vez, seus olhos não vagaram mais, mas olharam

diretamente nos meus, um olhar muito profundo, como se pudesse ler todos os meus pensamentos. Ele ficou em silêncio por um longo tempo, e a loja mergulhou novamente naquela atmosfera silenciosa e pesada, apenas o tique-taque indistinto de algum velho relógio de pêndulo em um canto.

Então ele falou, sua voz ainda profunda e rouca, lentamente: "Destino e livre-arbítrio... são como os dois lados de uma mesma moeda, meu jovem."

Ele apontou com um dedo ossudo e fino para um rolo de pintura de paisagem pendurado na parede atrás dele. A pintura retratava montanhas sobrepostas, envoltas em névoa, com uma pequena trilha sinuosa, às vezes visível, às vezes não, na encosta da montanha.

"O caminho da vida de cada pessoa", disse ele, "é como aquela trilha na pintura. O caminho é formado pela forma como as montanhas e os rios são – essas coisas são como o carma, como as circunstâncias em que nascemos, a família, a sociedade. Essa é a parte do 'destino' criada pelo carma que fizemos antes, pela família, pela sociedade em que nascemos. O caminho pode ser difícil, pode ser fácil, pode ser largo, pode ser estreito."

Ele parou, olhando para mim como se avaliasse minha compreensão. "Mas", ele enfatizou, "a pessoa que anda no caminho tem total liberdade de escolher como andar.

Ela pode andar com cuidado, evitando buracos e pedras afiadas. Ela pode escolher parar para descansar quando estiver cansada, ou tentar ir mais rápido. Ela pode escolher ajudar os outros no caminho, ou egoisticamente empurrar para passar na frente. Ela pode até escolher virar para um caminho diferente, embora possa ser mais difícil, se sentir que o caminho antigo não é mais adequado.”

“O senhor quer dizer...?” perguntei, sentindo que estava começando a entender algo.

“Eu quero dizer”, respondeu ele, “que o cenário, o caminho inicial pode ter sido arranjado até certo ponto pelo carma anterior – isso é ‘destino’. Mas como você anda, as escolhas que faz em cada encruzilhada, isso é ‘livre-arbítrio’ – ninguém pode decidir isso por você. E são essas escolhas no presente que continuam a criar novo carma, que pode mudar o caminho à frente, até mesmo mudar o destino final.”

Ele olhou novamente para as antiguidades na loja. “Os antigos donos desses itens, cada um tinha seu próprio caminho. Alguns nasceram em berço de ouro, mas escolheram andar para trás. Alguns começaram com dificuldades, mas se esforçaram e escolheram o caminho certo, e então subiram. O problema não é o ponto de partida, mas as escolhas ao longo de toda a jornada.”

“E quanto ao cultivo espiritual?” Qing Ling perguntou de repente. Minha esposa havia se aproximado e estava ao meu lado sem que eu percebesse. “O cultivo espiritual ajuda as pessoas a verem seu caminho com mais clareza e a fazerem melhores escolhas?” Sua pergunta mostrou que as coisas que ouvimos sobre cultivo espiritual do eremita, do Mestre Mo, realmente a fizeram pensar muito.

O dono da loja virou-se para olhar para Qing Ling, um sorriso muito leve, quase imperceptível, apareceu em seu rosto. “Você perguntou muito bem”, disse ele. “O cultivo espiritual, se seguido corretamente, é a maneira de purificar a mente, de se livrar dos desejos, dos apegos que obscurecem a boa natureza e a sabedoria inerente de uma pessoa.”

“Quando a mente está clara e calma, as pessoas podem ver as coisas com mais clareza, não obscurecidas por emoções ou interesses pessoais. Elas saberão o que é bom, o que é mau, o que é certo, o que é errado. A partir daí, elas podem escolher coisas que estão mais de acordo com a moralidade, com a consciência.”

Ele parou, sua voz um pouco mais séria. “Além disso, o cultivo adequado também ajuda as pessoas a reduzirem o mau carma que fizeram no passado e a acumularem mais virtude e bênçãos. Quando o carma muda, o caminho do ‘destino’ também pode mudar. Pode passar



de difícil para mais fácil, de escuro para mais claro. Esse é o poder de mudar o destino através do cultivo do coração e da mente.”

As explicações do dono da loja pareceram esclarecer muitas coisas em nossas mentes. Não negava o carma ou o destino, mas enfatizava o livre-arbítrio e a escolha de cada pessoa, especialmente quando essa pessoa segue o caminho do cultivo adequado. O destino não é algo que nos prende, mas mais como um rio; podemos aprender a guiar nosso barco para seguir a boa corrente, evitar lugares perigosos e até mesmo melhorar o fluxo.

Senti um peso ser tirado de meus ombros. Entendi que não controlo completamente meu destino, mas tenho o poder e a responsabilidade de influenciá-lo – a cada escolha que faço todos os dias. E o caminho do cultivo espiritual, segundo ele, era a melhor maneira de obter a sabedoria e a força para fazer essas coisas certas.

## **A encruzilhada e as possibilidades futuras**

Após as explicações do dono da loja sobre destino, livre-arbítrio e cultivo espiritual, a atmosfera na loja mudou um pouco. Não era mais tão pesada como no início, mas

como se algo tivesse acabado de ser esclarecido. Senti minha mente também mais leve, mas ao mesmo tempo, entendi melhor o peso de cada escolha à frente.

Quando estávamos prestes a agradecer ao dono e sair, meus olhos foram naturalmente atraídos para um objeto no canto mais escuro da loja, em uma prateleira baixa de madeira de ébano. Não era uma antiguidade chamativa ou estranha como as outras. Era apenas uma caixa de madeira quadrada, pequena, de cor marrom-escura, que parecia velha, mas estava estranhamente limpa, como se tivesse acabado de ser cuidadosamente limpa. O que me chamou a atenção foi que a tampa da caixa não tinha fechadura, nem entalhes, apenas uma superfície de madeira lisa, ligeiramente fosca sob a luz da lâmpada a óleo. Ela estava ali, silenciosa e discreta, mas me deu uma sensação muito estranha, como se contivesse algo muito importante dentro.

Aproximei-me involuntariamente da caixa, e Qing Ling me seguiu curiosa. De repente, senti vontade de abri-la para ver, mas também hesitei um pouco, um sentimento vago, como se abrir esta caixa fosse causar algo irreversível.

Olhei para o dono da loja. Ele ainda estava sentado atrás do balcão, mas seus olhos escuros agora estavam fixos na caixa de madeira, e depois em nós. Um sorriso enigmático apareceu novamente em seus lábios.

“Aquela caixa...” Qing Ling perguntou em voz baixa, sua voz um pouco hesitante, “o que tem dentro?”

O dono da loja não respondeu imediatamente. Ele apenas olhou para nós, depois para a caixa, seus olhos muito profundos. “Dentro?” ele repetiu, sua voz rouca. “Pode ser um mapa para um tesouro. Também pode ser uma antiga maldição. Ou talvez... seja apenas uma caixa vazia.”

Ele parou, olhando diretamente em nossos olhos. “Depende de quem a abre, de seu destino e de sua escolha.”

Suas palavras, embora vagas, carregavam muito peso. Aquela caixa de madeira sem adornos de repente se tornou uma imagem da própria encruzilhada em que parecíamos estar. Continuar a explorar este caminho, aprofundar-se nas coisas espirituais e misteriosas que acabavam de se revelar, ou retornar à vida científica e racional familiar? Escolher qualquer um dos caminhos teria seus ganhos e perdas, assim como o que poderia estar naquela caixa.

Olhei para Qing Ling. Seus olhos também estavam cheios de indecisão. Ela entendeu o que o dono da loja quis dizer. Parecia que estávamos diante de uma porta invisível, e se devíamos ou não atravessá-la, a decisão era nossa. Essa escolha não afetaria apenas os próximos

dias, mas poderia moldar todo o caminho à frente, talvez até mesmo envolvendo as questões de carma e reencarnação sobre as quais havíamos ouvido.

Ficamos ali por um bom tempo, olhando para a caixa de madeira silenciosa no canto escuro. Nenhum de nós estendeu a mão para abri-la. Talvez, este não fosse o momento para decidir. Ou talvez, apenas perceber que estávamos em tal encruzilhada já fosse algo importante.

Finalmente, respirei fundo e me virei para me curvar em despedida ao dono da loja. “Obrigado por seus valiosos conselhos.”

Qing Ling também se curvou. O dono da loja apenas assentiu levemente, seus olhos inalterados, ainda misteriosos e profundos.

Nós nos viramos e saímos da loja Suiyuan, deixando para trás o espaço solene cheio de antiguidades e histórias de destino. O sino de vento na porta tocou suavemente e depois silenciou. A luz da tarde lá fora havia enfraquecido, sinalizando o fim de um dia.

Caminhando pela antiga viela de pedra, meu coração estava cheio de muitas coisas, mas também havia algo mais claro. A loja Suiyuan e seu misterioso dono não nos deram uma resposta final, mas nos ajudaram a entender melhor o poder e a responsabilidade da escolha. O

caminho à frente ainda estava vago, com inúmeras possibilidades e encruzilhadas. Mas agora, entendíamos que cada passo, cada escolha que fizéssemos, estava contribuindo para criar o próprio 'destino' que encontraríamos. A pergunta sobre a caixa de madeira sem resposta e as possibilidades futuras que ela sugeria certamente nos acompanhariam. No dia seguinte, levando esses pensamentos conosco, deixamos Zhenyuan e continuamos nossa jornada em direção a Leshan, onde ficava o famoso Buda Gigante que planejavamos visitar.

## **O Buda Gigante de Leshan e o turismo mundano**

No dia seguinte, levando os pensamentos sobre a caixa de madeira e as escolhas na vida, deixamos Zhenyuan. O carro nos levou para o sul, em direção a Leshan, onde ficava o Buda Gigante sobre o qual eu já ouvira falar, mas nunca tivera a chance de ver. Qing Ling também parecia ansiosa, pois este era um dos mais famosos legados budistas da China.

A estrada para Leshan não era muito longa, e a paisagem de ambos os lados era bastante bonita, com terraços de arroz e aldeias intercaladas. Ao chegar, a primeira coisa

que me impressionou foi a escala da área. Ao contrário dos pequenos templos ou eremitérios remotos que havíamos visitado, Leshan era um enorme complexo turístico, com um vasto estacionamento lotado de todos os tipos de ônibus de turismo, e um fluxo interminável de pessoas.

Seguimos a multidão para a área de visitação. Para ter uma visão panorâmica do Buda Gigante, a melhor maneira era pegar um barco no rio. O barco nos levou lentamente para perto do penhasco onde a estátua do Buda foi esculpida. Quando a estátua gigante gradualmente apareceu, realmente não havia palavras para descrever a grandiosidade. Uma estátua sentada do Buda Maitreya, com mais de setenta metros de altura, esculpida diretamente no penhasco de arenito vermelho, olhando para a confluência de três rios: o Minjiang, o Dadu e o Qingyi. A escala da obra era verdadeiramente surpreendente, especialmente ao pensar que foi construída há mais de mil anos. Tentei imaginar como os antigos conseguiram criar uma obra tão magnífica. A cabeça do Buda estava no nível do topo da montanha, seus pés no rio, sua aparência ao mesmo tempo majestosa e compassiva. Visto de longe, toda a estátua parecia se fundir com a montanha, uma combinação milagrosa da mão humana e da natureza.

Qing Ling também parecia muito comovida. Ela observava em silêncio, ocasionalmente levantando sua

câmera para tirar algumas fotos. Eu sabia que para uma pesquisadora cultural como minha esposa, testemunhar tal legado era uma experiência muito especial.

No entanto, além da magnificência da obra, eu não pude deixar de notar a atmosfera ao redor. O som contínuo dos alto-falantes fazendo anúncios em vários idiomas, o barulho das pessoas conversando, o chamado dos vendedores de souvenirs ao longo da margem do rio e nos caminhos. Depois do passeio de barco, também tentamos subir os degraus na encosta do penhasco para nos aproximarmos da estátua do Buda. Quanto mais alto subíamos, mais lotado ficava, às vezes tínhamos que nos espremer para passar. Ao redor da área da estátua do Buda, muitas barracas vendiam de tudo, desde pequenas estátuas de Buda, pulseiras, rosários, até vários lanches e bebidas. Muitas pessoas até alugavam trajes antigos para tirar fotos. A cena era um tanto caótica e barulhenta, completamente diferente da serenidade e solenidade que eu imaginava de um lugar sagrado.

Em comparação com o silêncio quase absoluto no eremitério do eremita, ou a atmosfera atemporal na Cidade Wangyou, e até mesmo a simplicidade e autenticidade de Huanglongxi, Leshan tinha uma aparência completamente diferente. Este era verdadeiramente um ponto turístico de renome mundial, com toda a agitação e os elementos comerciais que o acompanham. Não tenho a intenção de julgar, pois talvez

isso seja inevitável em lugares que atraem muitos turistas. Mas, na verdade, em meio à multidão e ao barulho, não senti nenhuma "energia" especial, nem tive nenhum encontro espiritual como nos lugares anteriores. Esta viagem, para mim, foi principalmente para admirar uma grande obra de arquitetura e escultura, um testemunho da fé e criatividade dos antigos.

Planejávamos ficar em Leshan por mais alguns dias para visitar alguns templos antigos próximos que se dizia serem muito sagrados. Mas uma noite, enquanto jantávamos na pousada, Qing Ling recebeu de repente um telefonema da América. Ao telefone, sua voz estava inicialmente surpresa, depois se tornou chocada e embargada. Vi os olhos de minha esposa ficarem vermelhos. Depois de desligar, Qing Ling se virou para mim, sua voz trêmula: "Querido... meu primo materno em Xangai... acabou de falecer de repente. Minha mãe acabou de me ligar para avisar."

Era o primo com quem Qing Ling era bastante próxima quando morava em Xangai, embora eles tivessem tido pouco contato depois que ela se mudou para a América. A notícia foi tão repentina que nos deixou atordoados. Embora estivéssemos no meio de uma jornada de descoberta cheia de coisas interessantes, um assunto familiar não era algo que pudéssemos ignorar.



“Temos que voltar para Xangai imediatamente, querido”, disse Qing Ling, sua voz mais calma, apesar da tristeza. “Quero acender um incenso para ele e também confortar minhas tias e tios lá.”

Eu entendi a decisão de minha esposa. Embora houvesse um pouco de pesar por ter que interromper nossa jornada, era a coisa certa a fazer. “Tudo bem, meu bem”, peguei a mão dela. “Vamos providenciar para ir a Xangai o mais rápido possível.”

E assim, nossos planos de explorar mais em Sichuan tiveram que mudar abruptamente. A viagem não pôde continuar como planejado, mas em vez disso, fomos recebidos com notícias tristes de casa e uma decisão apressada em direção a Xangai.

\* \* \*

## CAPÍTULO 8: O LIVRO SEM CAPA

### **Xangai moderna e uma recomendação casual**

A mudança das montanhas de Sichuan para Xangai foi como passar de um mundo para outro. Apenas algumas horas no confortável trem de alta velocidade, e deixamos para trás as cidades antigas cobertas de musgo, os picos enevoados das montanhas, para nos encontrarmos no meio de uma Xangai deslumbrante e movimentada. Os arranha-céus se erguiam lado a lado, as luzes de néon brilhavam intensamente à noite, e o tráfego era sempre intenso. Para mim, essa era uma imagem bastante familiar das grandes metrópoles, mas para Qing Ling, as emoções eram provavelmente muito mais complexas.

Este era o lugar onde ela nasceu, onde ela tinha memórias de infância antes de seguir sua família para a América.

Chegamos a Xangai com um misto de espanto e tristeza, pois o principal propósito desta viagem repentina era comparecer ao funeral do primo de Qing Ling. Ele faleceu de repente, deixando toda a família aqui chocada e triste. Assim que saímos da estação, vimos a tia e o tio de Qing Ling esperando por nós, seus rostos tingidos de melancolia. Nos dias seguintes, passamos a maior parte do tempo na casa de parentes, participando dos rituais, recebendo os visitantes de luto de acordo com o costume. Afinal, ele era um parente do lado materno de Qing Ling, e estar presente neste momento era a coisa certa a fazer, mostrando respeito e afeto pela família, embora muitos anos de distância tivessem tornado o relacionamento menos próximo do que antes. A atmosfera na casa era bastante sombria. Qing Ling também estava um pouco triste e nostálgica ao lembrar de suas memórias de infância com seu primo, mas principalmente compartilhava e mantinha a etiqueta com a família.

Nesses momentos, eu também aproveitava para ligar para a América para saber como estavam meus filhos. Felizmente, eles já estavam crescidos e compreensivos, então não se preocuparam muito com o fato de seus pais terem que ficar na China por mais tempo do que o planejado devido a assuntos familiares.

Depois que o funeral do primo de Qing Ling terminou, a atmosfera na casa ficou um pouco menos tensa. As pessoas começaram a ter mais tempo para conversar umas com as outras. Uma noite, durante o jantar em família, um amigo do tio de Qing Ling veio visitar. Seu sobrenome era Chen, da mesma idade do tio, e ele parecia um homem gentil e sorridente. Depois de perguntar sobre a família, a conversa gradualmente se voltou para assuntos atuais e saúde.

Enquanto conversavam, o Sr. Chen mencionou de repente uma prática que muitas pessoas em seu bairro estavam seguindo. "Ultimamente, muitas pessoas no meu bairro têm praticado um tipo de qigong chamado Falun Gong", disse ele, sua voz muito natural.

Ao ouvir o Sr. Chen dizer isso, Qing Ling e eu nos olhamos. O nome Falun Gong soava um pouco familiar. Parecia que eu já tinha lido algo sobre isso em algum lugar na internet, ou em alguns jornais de língua inglesa nos EUA, informações relacionadas à repressão desta prática na China. Na época, eu não prestei muita atenção para investigar, apenas sabia vagamente que algo assim estava acontecendo.

"Falun Gong?" Qing Ling perguntou suavemente, sua voz um pouco surpresa e cautelosa. "Sr. Chen, essa é a prática de qigong que... está sendo reprimida pelo

governo aqui? Lembro-me de ter lido algumas notícias sobre isso nos EUA."

Ao ouvir a pergunta de Qing Ling, o Sr. Chen pareceu um pouco surpreso, depois assentiu, sua voz também baixando um pouco: "Ah... sim, você também sabe sobre isso? É verdade. Também não entendo por que uma prática que é boa para a saúde e ensina as pessoas a serem boas de acordo com Verdade-Compaixão-Tolerância acabou assim." Ele suspirou e continuou, tentando manter a voz normal. "Mas muitas pessoas ainda acreditam, ainda praticam secretamente, sabe. Os idosos do meu bairro que praticam, todos parecem mais saudáveis e seus espíritos mais felizes. Havia uma senhora que costumava ter dores nas costas o tempo todo e dificuldade para andar, mas depois de praticar por alguns meses, agora ela anda rapidamente e sua pele está rosada."

Ele disse isso e depois baixou ainda mais a voz, olhando ao redor como se estivesse mais cauteloso. "Bem, este assunto é complicado, não devemos discutir isso em profundidade aqui." Ele rapidamente mudou de assunto, claramente não querendo se aprofundar neste tema sensível.

As palavras do Sr. Chen, embora breves e um tanto evasivas, despertaram muitos pensamentos em mim e em Qing Ling. Então, as informações que havíamos lido

eram verdadeiras. Uma prática de qigong aparentemente boa, seguida por muitas pessoas, estava sendo reprimida pelo governo. O que realmente estava acontecendo aqui? Nossa curiosidade inicial agora era acompanhada por um pouco de apreensão e um impulso de entender melhor a situação. "Falun Gong... Verdade-Compaixão-Tolerância... Repressão..." Essas palavras começaram a se tornar mais claras em nossas mentes.

## **Um encontro predestinado nas ruas e um livro precioso**

Nos dias seguintes à conversa com o Sr. Chen, amigo do tio de Qing Ling, as palavras "Falun Gong", "Verdade-Compaixão-Tolerância" e a atmosfera "sensível" que ele mencionou permaneceram em minha mente. Minha esposa também parecia pensar muito sobre isso. Embora fossem apenas informações passageiras, elas despertaram uma curiosidade e uma apreensão indescritível.

Em uma manhã de fim de semana em Xangai, o tempo estava bastante agradável. Depois de vários dias passados principalmente na casa de parentes cuidando de assuntos familiares, decidimos sair para passear e mudar de ares. Qing Ling queria ir a um parque perto da

casa de sua tia e tio, um lugar onde ela costumava brincar quando era criança. Este parque ficava bem no centro da cidade, era bastante grande e tinha muitas árvores verdes, e muitas pessoas vinham aqui para se exercitar pela manhã. A atmosfera aqui era animada e moderna, completamente diferente da quietude das cidades antigas por onde passamos.

Encontramos um banco de pedra sob a sombra de uma árvore e observamos as pessoas em silêncio. Alguns praticavam Tai Chi, outros dançavam ao som de música, outros caminhavam rapidamente. Qing Ling trouxe seu caderno e, ocasionalmente, escrevia algo. Quanto a mim, com minha maleta familiar ainda no ombro, minha mente vagava pelas coisas que havíamos vivenciado e também pelo que o Sr. Chen acabara de contar. Será que aquela prática do Falun Gong era realmente tão boa quanto ele dizia, e por que o governo a estava dificultando?

Imerso em pensamentos, fui subitamente despertado por um barulho incomum por perto. Não muito longe de onde estávamos sentados, em direção ao portão do parque, vi um homem de quarenta e poucos anos, de aparência estudiosa, usando óculos, vestindo uma camisa simples, sendo parado por dois outros homens à paisana, de aparência bastante intimidadora. A conversa entre eles parecia tensa, o homem estudioso tentava

explicar algo, mas os outros dois não pareciam ouvir, e um deles até o empurrou com força no ombro.

Uma vaga sensação de mal-estar surgiu. O comportamento dos dois homens não era o de pessoas comuns, mas mais como policiais à paisana – algo que eu estava começando a aprender a reconhecer. O homem estudioso parecia um pouco assustado, mas tentava manter a calma, olhando ao redor como se procurasse uma saída ou ajuda.

Então, as coisas aconteceram muito rapidamente. Quando os dois policiais à paisana não estavam prestando atenção, o homem estudioso de repente deu um passo para trás, sua mão se movendo rapidamente para tirar um pequeno objeto do bolso do casaco e habilmente o enfiou na fenda entre duas grandes rochas decorativas perto da base da árvore onde estávamos sentados. A ação foi tão discreta e rápida que, se eu não estivesse olhando na direção certa no momento certo, certamente não teria visto. Imediatamente depois, os dois policiais à paisana se aproximaram, seguraram seus braços com força e começaram a revistá-lo.

Qing Ling e eu nos olhamos, atordoados, nossos corações batendo forte. Claramente, o homem estava em apuros, e o objeto que ele acabara de esconder era certamente o que os policiais estavam procurando. O que



era? Estava relacionado ao Falun Gong que o Sr. Chen havia mencionado?

Os dois policiais revistaram o homem estudioso minuciosamente, mas não encontraram nada. Suas expressões eram de frustração e suspeita. Eles começaram a olhar ao redor, seus olhos afiados varrendo a área próxima, incluindo onde estávamos sentados. Tentei manter uma expressão calma, virando-me para observar a multidão como se não me importasse, mas por dentro, eu estava em chamas. Se eles encontrassem aquele objeto, o homem estudioso certamente estaria em perigo.

Um pensamento brilhou em minha mente. Eu tinha que fazer algo. Não podia deixá-los encontrar aquele objeto. Movido por um reflexo de ajudar os mais fracos, e talvez também por um pouco de curiosidade sobre o objeto escondido, especialmente depois do que ouvi, virei-me para Qing Ling, sinalizando com os olhos. Ela entendeu, assentindo levemente, embora seu rosto mostrasse clara preocupação.

Respirei fundo, tentando parecer o mais natural possível. Levantei-me, fingindo passear, passando casualmente pela fenda da rocha onde o objeto estava. Ao passar, aproveitando o momento em que os dois policiais estavam de costas para interrogar o homem estudioso, agachei-me rapidamente como se estivesse pegando algo

que caiu no chão, e em um instante, minha mão tocou o objeto duro e irregular na fenda da rocha. Um pequeno livro, sem capa, frio e duro em minha mão. Peguei-o habilmente, enfiei-o rapidamente na maleta que eu carregava no ombro e continuei a andar como se nada tivesse acontecido, meu coração ainda batendo descontroladamente.

Dei mais alguns passos e voltei para onde Qing Ling estava sentada, tentando manter uma expressão normal. Qing Ling olhou para mim, seus olhos cheios de preocupação e um pouco de admiração por minha audácia. Os dois policiais à paisana, depois de não encontrarem nada suspeito na área e talvez não querendo causar muita atenção em um lugar público, relutantemente soltaram o homem estudioso. No entanto, antes de partirem, eles disseram algo em tom ameaçador e seus olhos continuaram a observá-lo. Claramente, ele ainda não estava livre da vigilância.

Depois que os dois policiais se foram, o homem estudioso ficou em silêncio por um momento, ajustando suas roupas e óculos, seu rosto ainda um pouco chocado, mas mais calmo. Ele olhou em direção à fenda da rocha, e então seus olhos pousaram em nós. Ele assentiu levemente como se reconhecesse algo, e depois caminhou lentamente em nossa direção.

Levantei-me, sentindo-me um pouco nervoso. O livro agora estava seguro em minha maleta.

“Obrigado”, disse o homem em voz baixa quando se aproximou, sua voz suave e educada, em total contraste com a situação perigosa de momentos antes. Ele olhou diretamente nos meus olhos. “Eu vi que você... me ajudou.”

“De nada”, respondi, também baixando a voz. “Eu vi que eles não estavam tratando você muito bem. Isto é... seu, não é?” Estendi a mão com cautela em direção à minha maleta, me preparando para tirar o livro.

O homem acenou apressadamente com a mão, seus olhos mostrando clara cautela enquanto olhava ao redor. “Espere um momento, senhor”, disse ele em voz baixa. “Eles ainda podem estar me observando de longe. Pegar este objeto de volta agora é muito perigoso para nós dois.”

Eu entendi. “Então... o que devo fazer com ele?” perguntei, sentindo-me um pouco confuso por me tornar o guardião relutante de um objeto aparentemente muito sensível.

O homem me olhou com sinceridade, seus olhos cheios de profunda gratidão. “Pode, por favor, guardá-lo para mim por alguns dias? Quando for mais seguro, encontrarei uma maneira de contatá-lo novamente.” Ele

parou por um momento, depois me olhou com um olhar sutil de avaliação. “Você é estrangeiro, não é? Visitando a China?”

“Sim, somos cidadãos americanos de ascendência chinesa”, respondi.

Ele assentiu levemente, uma expressão pensativa em seu rosto. “Talvez... não tenha sido por acaso que você encontrou este livro”, disse ele, sua voz cheia de significado. Ele olhou para minha maleta, onde o livro estava. “Este é um livro muito precioso. Ele ensina os princípios profundos do universo e da humanidade, o caminho do cultivo genuíno para retornar à nossa natureza benevolente.”

Ele olhou diretamente nos meus olhos mais uma vez. “Se você realmente tem uma afinidade predestinada com ele, por favor, tente lê-lo. Talvez ele possa responder às perguntas com as quais você e sua esposa têm lutado, o que vocês têm procurado nesta jornada.”

Dizendo isso, ele se curvou levemente para nós mais uma vez. “Eu preciso ir. Muito obrigado. Cuidem-se!” Ele partiu apressadamente, misturando-se rapidamente à multidão na rua, ocasionalmente olhando para trás com cautela.

Qing Ling e eu ficamos ali, observando sua figura desaparecer. O livro sem capa agora repousava em minha maleta. Não era pesado em peso físico, mas eu sentia seu peso em meu coração. Um livro precioso? Ensinando os princípios do universo e o caminho do cultivo genuíno? "Afinidade predestinada" novamente? As palavras do estranho, juntamente com a situação difícil que acabamos de testemunhar, despertaram em mim uma intensa curiosidade, misturada com um senso de responsabilidade e uma estranha orientação do destino.

Naquela noite, depois de voltarmos para a casa da tia e do tio, discutimos o assunto. Embora muito gratos pela ajuda da família, para estudar este livro em paz, e também para evitar problemas desnecessários para nossos parentes se este livro fosse realmente tão "sensível" quanto pensávamos, decidimos encontrar um lugar para ficar sozinhos. Alguns dias depois, após nos despedirmos e agradecermos à família da tia e do tio, encontramos um pequeno hotel, de aparência bastante tranquila, localizado em uma área um pouco distante do centro de Xangai.

## **O primeiro contato com o "Zhuan Falun"**

### **- Choque e fascínio**

Depois de nos instalarmos no novo hotel, tendo um espaço privado e tranquilo, meu coração ainda estava agitado após o incidente no parque alguns dias antes. Tirei cuidadosamente o livro sem capa da minha maleta e o coloquei sobre a mesa.

Como eu havia sentido inicialmente, este não era um livro impresso profissionalmente. Não tinha capa, apenas um maço de papel marfim, preso na lombada com alguns grampos de aparência bastante tosca. A primeira página também não tinha nome de autor ou editora, apenas os grandes caracteres chineses em negrito "Lunyu" como título da introdução. Em uma inspeção mais atenta, a qualidade da impressão estava um pouco borrada em alguns lugares, claramente este era um material que as pessoas imprimiam para passar de mão em mão. Sua aparência simples me deu ainda mais a sensação de que era algo precioso, mas proibido.

"Você vai mesmo ler isso?" Qing Ling perguntou, sua voz um pouco preocupada ao me ver examinar o livro. "Parece... incomum. E também está relacionado ao que aconteceu no parque. E se nos metermos em problemas?"

"Eu sei", respondi, meus olhos ainda fixos no livro. "Mas aquele homem me pediu para guardá-lo, e ele falou com tanta sinceridade. Acho que devo saber o que está escrito dentro. E, além disso, também estou curioso." Além do mais, eu tinha a sensação de que este encontro e a

obtenção deste livro não foram por acaso, mas talvez um arranjo em nossa jornada.

Folhee as páginas do livro. Estava todo em caracteres chineses simplificados. Qing Ling, sendo muito mais fluente em chinês do que eu, sentou-se ao meu lado e começou a ler os primeiros parágrafos em voz alta, lentamente.

A linguagem no livro era de fato muito direta, simples, não usando palavras floridas ou metáforas difíceis de entender como muitas escrituras antigas sobre as quais Qing Ling me havia falado. O autor parecia estar falando diretamente ao leitor, usando uma linguagem muito coloquial para expressar conceitos imensos sobre o universo, a vida e o verdadeiro propósito de ser humano. O livro falava sobre o "Fa", sobre o "Cultivo", sobre a importância do "Xinxing" (natureza do coração e da mente).

Uma coisa que nos chamou a atenção foi que, embora o livro não tivesse uma capa com o título, no conteúdo, o autor ocasionalmente mencionava o nome do livro que estava ensinando – era "Zhuan Falun". Por exemplo, havia uma passagem que dizia: "Este meu livro Zhuan Falun está ensinando o Fa em um nível muito alto..." ou "Meu verdadeiro propósito ao transmitir o Zhuan Falun é salvar as pessoas para níveis mais altos...". Foi por meio

desses detalhes que descobrimos o nome do livro que tínhamos em mãos.

No início, entender as coisas no livro não foi nada fácil. Muitas palavras como "Verdade-Compaixão-Tolerância", "carma", "virtude", "nível", "Falun"... eram usadas com significados muito profundos e completamente diferentes do que sabíamos. Havia passagens que ensinavam sobre a estrutura multinível do universo, a existência de muitos espaços diferentes ao mesmo tempo, as civilizações de tempos antigos, a causa raiz das doenças sendo o carma... essas coisas pareciam ir completamente contra o conhecimento científico moderno que eu havia aprendido e sempre acreditado. Minha mente científica continuava a fazer perguntas, achando muitos pontos difíceis de acreditar.

"Inacreditável, não é, querido?" disse Qing Ling depois de ler uma passagem sobre raças extraterrestres e sua interferência na sociedade humana. "A escrita é muito direta, mas o conteúdo... está realmente além da imaginação."

"Sim", eu assenti. "Se você apenas ler superficialmente, é muito fácil pensar que isso não é real. Mas..." hesitei. "...por alguma razão, não quero parar de ler."

Havia uma atração muito estranha nessas páginas simples. Apesar do ceticismo inicial, fomos cativados



sem perceber. Quanto mais líamos, mais maravilhados ficávamos com a coerência, a lógica e o sistema muito rigoroso dos princípios do Fa apresentados em "Zhuan Falun". O livro não apenas introduzia conceitos, mas também explicava em grande detalhe sua origem, natureza e as conexões entre eles, do menor ao maior, de uma maneira consistente e surpreendentemente profunda.

E o estranho era que esses princípios do Fa pareciam explicar perfeitamente as perguntas, as coisas estranhas que havíamos vivenciado ao longo de nossa jornada. Quando o livro ensinava sobre o verdadeiro Qigong e as escolas de cultivo, as imagens do Sr. Zhang Feng e do eremita na montanha voltavam. Quando o livro ensinava sobre alma, carma, reencarnação e a capacidade de mudar o destino, as palavras do Mestre Mo, da senhora tricoteira e do dono da loja Suiyuan pareciam ser esclarecidas, vistas de um nível mais alto. Quando o livro ensinava sobre outros espaços e a relatividade do tempo, as experiências na Cidade Wangyou não eram mais completamente irracionais.

Em particular, quando "Zhuan Falun" ensinava sobre "Verdade-Compaixão-Tolerância" como a característica suprema do universo, o único padrão para medir o bem e o mal, e a base de todo o cultivo, senti um forte choque em meu coração. Era simples, direto, mas abrangia tudo.

Era a raiz, a bússola que eu parecia ter procurado por toda a vida sem saber.

Levantei o olhar para Qing Ling. Seus olhos também estavam arregalados, cheios de emoção e uma alegria indescritível. “Ming,” ela disse, sua voz um pouco trêmula. “Este livro... eu sinto que... é real. Este é o verdadeiro Fa!”

Eu entendi o sentimento de minha esposa. Eu mesmo estava passando por um despertar semelhante. Como alguém caminhando na escuridão que de repente vê a luz da manhã. Como alguém com sede no deserto que encontra uma fonte de água fresca. Todas as peças dispersas de experiências espirituais anteriores pareciam ser montadas por "Zhuan Falun" em uma imagem completa, clara e significativa da verdade. Embora minha mente científica ainda tivesse alguns pontos que precisavam de mais tempo para reflexão, no fundo do meu coração, eu sabia que havia encontrado algo extremamente precioso.

## **Princípios profundos do Fa e um profundo choque interior**

Nos dias seguintes em Xangai, nossa vida parecia girar em torno do livro sem capa chamado "Zhuan Falun". Em vez de visitar as famosas atrações turísticas desta cidade glamorosa, passamos a maior parte do tempo no quarto do hotel, lendo e refletindo juntos. O livro tinha uma atração estranha que nos impedia de tirar os olhos dele. Durante o dia, nos revezávamos na leitura, às vezes lendo em voz alta um para o outro, às vezes em silêncio, ponderando por conta própria. À noite, sob a luz, costumávamos ficar acordados até tarde, discutindo o que havíamos acabado de ler, às vezes coisas que nos impressionavam, outras vezes pontos que ainda achávamos difíceis de entender. Parecia que nós dois estávamos embarcando juntos na maior exploração de nossas vidas.

Este livro era realmente muito especial. Quanto mais eu lia, mais sentia a profundidade incomum em cada frase. Não era como nenhum livro religioso ou filosófico que eu já conhecera. O livro falava de coisas muito grandes, do universo com seus inúmeros espaços diferentes, a coisas muito pequenas na matéria, até mesmo além do que meu conhecimento científico moderno conhecia. O livro também falava sobre a verdadeira origem dos seres humanos, que não temos apenas este corpo físico, mas algo mais central, chamado Espírito Primordial, e o propósito de vir a este mundo não é apenas para

desfrutar de coisas materiais, mas para cultivar, para retornar à nossa boa natureza original.

O conceito de "Verdade-Compaixão-Tolerância" como a característica fundamental do universo era repetidamente mencionado. O livro explicava que este não era apenas um padrão moral, mas o Fa do universo, a base de tudo. O cultivo genuíno é se esforçar para viver de acordo com essas três palavras, para se tornar uma pessoa melhor a cada dia. O livro também falava muito sobre a relação de causa e efeito, sobre carma e virtude – as coisas que determinam a felicidade e o sofrimento de uma pessoa, e que podem ser mudadas através do comportamento e do cultivo do xinxing. Essas coisas me lembraram as palavras do Mestre Mo e da senhora tricoteira, mas aqui, tudo era explicado de forma muito mais sistemática e profunda.

“Olhe esta parte, Ming”, disse Qing Ling em voz baixa uma noite, apontando para uma página. “O livro diz que cultivar o xinxing é o mais importante. Todas as outras coisas, como habilidades sobrenaturais ou mudanças no corpo, vêm de se realmente elevamos nosso xinxing. Não se trata de meditar muito ou praticar muito os exercícios. Mas de enfrentar os conflitos na vida diária, no trabalho, na família, ver onde estamos errados, livrar-se de corações ruins como a competitividade, o ciúme, a ostentação... só então podemos progredir.”

Eu li atentamente. Sim, o livro enfatizava que o cultivo deve estar ligado à vida cotidiana, deve colidir com a realidade, enfrentar desafios para ser um cultivo real. Isso era completamente diferente do que eu pensava antes, que para cultivar era preciso ir a um templo, a uma montanha, longe do mundo secular.

Mas o que mais me chocou, como cientista, foi o que o livro dizia sobre a história humana e as limitações da ciência moderna. "Zhuan Falun" apresentava uma visão completamente diferente da origem humana, diferente da teoria da evolução de Darwin, que eu sempre considerei correta. O livro dizia que a humanidade na Terra já havia passado por muitas civilizações, algumas das quais em tempos pré-históricos haviam alcançado um nível muito alto de ciência e tecnologia, até mais do que hoje, mas que acabaram sendo destruídas porque a moralidade social havia declinado.

Para esclarecer, o livro mencionava algumas descobertas arqueológicas que a ciência moderna não consegue explicar, ou deliberadamente ignora porque não se encaixam nas teorias existentes. Por exemplo, o reator nuclear que operou há dois bilhões de anos em Oklo, Gabão; as pegadas gigantes encontradas em muitos lugares; as pinturas rupestres que retratam criaturas estranhas ou objetos voadores não identificados; ou os artefatos incrivelmente bem feitos encontrados em

camadas de rocha onde não deveria haver humanos civilizados...

“Impossível!” murmurei ao ler essas partes. Todo o meu conhecimento de história, de biologia, que eu havia aprendido e ensinado por tantos anos, parecia ser abalado em seus alicerces. Tentei encontrar pontos ilógicos, tentei lembrar das explicações científicas para esses fenômenos. Mas, na verdade, havia muitas descobertas arqueológicas anômalas que a comunidade científica dominante geralmente explicava de maneira muito forçada, ou classificava como “mistérios”. Seria a teoria da evolução apenas uma hipótese incompleta, ou até mesmo errada? Seria a história da Terra e da humanidade realmente muito mais complexa e antiga do que imaginávamos?

Essas perguntas giravam em minha cabeça, me fazendo pensar muito. Por um lado, eu não queria abandonar facilmente minha crença na ciência, nos métodos empíricos que segui por toda a minha vida. Por outro lado, as coisas em “Zhuan Falun”, juntamente com as evidências que o livro apresentava, tinham uma estranha persuasão, explicando até mesmo as coisas que a ciência parecia incapaz de explicar. Comecei a perceber as limitações da ciência moderna: ela se concentra demais no mundo material que podemos ver, ignorando o espírito, a alma; ela é limitada por ferramentas de observação e métodos experimentais; e, às vezes, torna-

se rígida, não ousando aceitar o que está além do conhecimento existente.

Juntamente com a mudança em minha visão da ciência, a maneira como eu via tudo na vida também começou a mudar. Pensei novamente nos sucessos em minha carreira, no dinheiro que tinha, nos meus relacionamentos sociais... à luz do que o livro dizia sobre carma e virtude, sobre o verdadeiro propósito da vida, achei que eles não eram mais tão importantes. As ambições, os cálculos de ganhos e perdas, as lutas no trabalho e na vida que eu antes considerava normais, até necessárias, agora apareciam como coisas ruins, que precisavam ser descartadas.

Também entendi o significado dos estranhos encontros que havíamos tido. O Sr. Zhang Feng e a estranha "leitura de pulso"; os ensinamentos do eremita; a explicação do Mestre Mo sobre alma e carma; a experiência do tempo na Cidade Wangyou; a história de reencarnação da senhora tricoteira; as lições sobre escolha na loja Suiyuan... nada disso foi por acaso. Eles eram como preparativos, orientações habilidosas de alguém invisível, para gradualmente me fazer menos rígido em minha visão materialista, para me ajudar a receber o grande Fa genuíno quando o destino permitisse.

Também percebemos a enorme diferença entre o Falun Gong e outras práticas de cultivo ou religiões que conhecíamos ou sobre as quais havíamos ouvido falar. Esta prática não tinha rituais religiosos complicados, nem templos ou locais de adoração obrigatórios, nem coletava dinheiro ou doações. Ela se concentrava diretamente no cultivo do xinxing do praticante na vida cotidiana, de acordo com o padrão de Verdade-Compaixão-Tolerância, combinado com a prática de 5 exercícios suaves para purificar o corpo. Era um caminho de cultivo do Grande Caminho muito simples, mas muito profundo, que visava diretamente o coração da pessoa. A natureza sistemática, abrangente e a profundidade dos princípios do Fa em "Zhuan Falun" era algo que nunca havíamos visto em nenhuma outra doutrina ou religião.

Embora ainda houvesse muitas coisas no livro que não conseguíamos entender completamente de imediato, embora ainda tivéssemos perguntas em nossas mentes, uma sensação de paz e uma grande esperança começaram a surgir em nós dois. Era como encontrar um porto seguro depois de anos à deriva, encontrar a luz depois de uma longa noite. Olhamo-nos, e em nossos olhos não havia apenas o amor de marido e mulher, mas também a empatia, o encorajamento de companheiros que acabavam de dar os primeiros passos em um grande caminho. Nosso relacionamento parecia se tornar mais



próximo e profundo, enquanto compartilhávamos as mudanças em nossos corações, a alegria de descobrir os profundos princípios do Fa do universo.

Depois de vários dias quase completamente imersos em "Zhuan Falun", sentimos um forte impulso de aprender mais. O livro mencionava cinco exercícios e outros ensinamentos do Mestre que escreveu o livro. Queríamos muito saber como eram os movimentos e ler outras escrituras.

Por hábito, a primeira coisa que pensei foi procurar na internet. Abri meu laptop e me conectei à rede do hotel. Qing Ling sentou-se ao meu lado, também esperando ansiosamente. Digitei "Falun Gong" em inglês e chinês nos mecanismos de busca familiares. Mas os resultados foram decepcionantes. A maioria dos links não podia ser acessada, ou a página da web exibia um erro, ou, pior ainda, estava cheia de informações negativas e grosseiramente distorcidas que tínhamos certeza de que não eram verdadeiras depois de ler o livro. Tentei repetidamente, usando palavras-chave diferentes, mas os resultados foram os mesmos.

"Por que é tão estranho, querido?" Qing Ling perguntou, surpresa. "Uma prática tão boa, com um livro tão profundo, mas por que é tão difícil encontrar informações na internet?"

Lembrei-me de repente do que tinha ouvido sobre a censura da internet na China, o chamado "Grande Firewall". Talvez fosse essa a razão. Todas as informações relacionadas ao Falun Gong pareciam ter sido sistematicamente bloqueadas. Isso nos fez sentir que a natureza "sensível" que o Sr. Chen havia mencionado não era nada simples.

Pensei em usar algumas ferramentas de contorno de firewall que os especialistas em tecnologia às vezes usam, mas para ser sincero, eu não era muito bom nessas coisas, e também não tinha certeza se era seguro enquanto estava na China. Pedir a amigos nos EUA para pesquisar para nós e nos enviar era uma opção, mas provavelmente levaria tempo e não seria tão direto.

Sentamo-nos olhando um para o outro, um pouco perdidos. Então Qing Ling disse de repente: "Ming, que tal... tentarmos perguntar ao Sr. Chen novamente? Ele disse que muitos de seus vizinhos praticam. Talvez ele conheça alguém, ou pelo menos saiba onde eles costumam praticar."

A ideia de Qing Ling me pareceu razoável. O Sr. Chen parecia uma boa pessoa, embora hesitante em falar sobre o assunto "sensível", ele havia compartilhado coisas positivas sobre o Falun Gong. Essa poderia ser uma pista.

Olhando para o livro sobre a mesa, e depois para Qing Ling, eu sabia que se quiséssemos aprender mais, especialmente aprender os exercícios, não poderíamos contar apenas com a internet aqui. Tentar contatar o homem que nos deu o livro era impossível, mas talvez, através do Sr. Chen, tivéssemos a chance de encontrar pessoas que realmente praticavam o Falun Gong nesta cidade de Xangai.

## **A decisão de tentar um novo caminho**

Depois de percebermos o impasse ao procurar informações sobre o Falun Gong na internet e a ideia de procurar o Sr. Chen ter sido sugerida por Qing Ling, sentamo-nos para conversar mais seriamente sobre o que tínhamos acabado de vivenciar e os próximos passos. O quarto do hotel, embora pequeno, era silencioso, com apenas a luz amarela e o livro sem capa colocado solenemente sobre a mesa entre nós. Nos últimos três dias, o que o livro "Zhuan Falun" nos trouxe realmente mudou completamente nossa visão do mundo e de nós mesmos.

Qing Ling foi a primeira a falar, seus olhos brilhando com uma emoção indescritível, ao mesmo tempo comovida e um tanto solene. "Querido", disse ela, sua

voz baixa, mas clara, "nos últimos três dias... sinto como se tivesse percorrido uma longa jornada. Este livro..." Ela colocou suavemente a mão sobre "Zhuan Falun". "...é completamente diferente de tudo o que já conheci. Embora haja partes que ainda não entendo completamente, coisas que parecem difíceis de acreditar, no fundo do meu coração, sinto que é incrivelmente real, incrivelmente correto. Ele responde a todas as perguntas com as quais lutei ao longo desta jornada, e também as perguntas que guardei em meu coração por muito tempo."

Ela respirou fundo, olhando diretamente nos meus olhos, sua determinação clara. "Sinto como se... eu tivesse acabado de encontrar o caminho de casa, Ming. Um forte impulso de dentro me diz que este é o verdadeiro Fa, o Grande Caminho que minha alma talvez tenha procurado por muito tempo."

Eu ouvi em silêncio, meu coração em sintonia com cada palavra dela. Eu também estava passando por uma revolução em minha consciência. Minha sólida visão de mundo científica havia sido seriamente desafiada pelos princípios do Fa em "Zhuan Falun". A lógica rigorosa, o sistema completo, a capacidade de explicar todos os aspectos do universo e da vida humana, especialmente as interpretações da história e das civilizações pré-históricas... tudo me fez repensar o que eu costumava acreditar.

“Eu entendo, Qing Ling”, respondi, minha voz também cheia de emoção. “Eu sinto o mesmo. Embora minha razão ainda tenha muitas perguntas, não posso negar a profundidade e o poder desses princípios do Fa. Eles têm uma lógica interna perfeita. E o mais importante, eles tocam a consciência, a boa natureza das pessoas. O padrão de Verdade-Compaixão-Tolerância... sinto que essa é a verdade universal, o caminho mais correto.”

Olhei profundamente nos olhos de minha esposa. “Acho que... realmente encontramos o caminho que estávamos procurando, meu bem.”

O silêncio retornou, mas desta vez foi o silêncio do acordo, de uma grande decisão que estava gradualmente tomando forma. Sabíamos que apenas ler não era suficiente. Se este era o caminho verdadeiro, tínhamos que percorrê-lo.

“Então... vamos começar procurando o Sr. Chen para perguntar mais, querido?” Qing Ling perguntou, depois que já havíamos discutido a ideia. Seus olhos estavam ao mesmo tempo ansiosos e um pouco apreensivos. “Ele parece saber do assunto. Espero que ele possa nos ajudar a encontrar alguém para nos ensinar os exercícios, ou pelo menos nos dizer onde os praticantes do Falun Gong se reúnem.”

Era isso que eu estava pensando também. Cultivar o xinxing de acordo com Verdade-Compaixão-Tolerância poderia começar imediatamente, tentando nos avaliar em tudo o que fazemos diariamente. Mas os 5 exercícios realmente precisavam de orientação específica para serem praticados corretamente. “Tudo bem”, assenti, sentindo uma clara determinação. “Amanhã, ou o mais rápido possível, encontraremos uma maneira de visitar o tio e perguntar sutilmente ao Sr. Chen. Temos que ser muito discretos e cuidadosos, pois este assunto não parece simples.”

Uma decisão foi tomada. Não pararíamos na leitura do livro. Começaríamos a praticar o que pudéssemos imediatamente – tentando viver de acordo com Verdade-Compaixão-Tolerância em cada pensamento e ação, e buscando ativamente a oportunidade de aprender os 5 exercícios com a ajuda do Sr. Chen, se o destino permitisse. O caminho do cultivo do Falun Dafa havia se aberto diante de nós e, embora ainda houvesse muitas incógnitas, estávamos determinados a dar os primeiros passos juntos, com fé e esperança na verdade que acabáramos de encontrar.

## **As primeiras experiências transcendentais**

Após aquela conversa franca e a decisão monumental que tomamos juntos, uma sensação ao mesmo tempo de euforia e solenidade envolveu nosso quarto de hotel. Não éramos mais meros turistas curiosos explorando; parecia que havíamos voluntariamente cruzado um novo limiar, um caminho completamente desconhecido, mas que prometia coisas que nossos corações ansiavam profundamente.

Enquanto esperávamos pela oportunidade de encontrar o Sr. Chen novamente e, esperançosamente, encontrar alguém para nos ensinar os exercícios, decidimos não ficar parados. O livro "Zhuan Falun" não apenas ensinava os princípios do Fa, mas também descrevia brevemente os cinco exercícios. Entre eles, o quinto exercício, a meditação sentada, era descrito com bastante clareza em termos de postura.

"Que tal... tentarmos nos sentar?" Qing Ling sugeriu uma noite, seus olhos brilhando com uma mistura de determinação e curiosidade. "Enquanto esperamos, podemos praticar o que pudermos por enquanto."

Eu assenti. "Sim, vamos tentar. O livro diz que a meditação se baseia principalmente em acalmar a mente, talvez possamos começar tentando nos sentar em silêncio e esvaziar a mente."

E assim, na quietude do nosso quarto de hotel, fizemos nossa primeira tentativa de praticar de acordo com o livro. Tentei imitar a postura de lótus completa descrita no livro, mas minhas pernas rígidas de alguém que passou a vida inteira sentado em cadeiras só me permitiram colocar relutantemente uma perna sobre a outra coxa na posição de meia-lótus. A dor e a dormência rapidamente se instalaram. Respirei fundo, tentando ignorar o desconforto físico, focando em manter minha mente livre de pensamentos aleatórios, como instruído no livro. Mas pensamentos dispersos continuavam a vir como ondas indesejadas. Isso era, de fato, muito mais difícil do que eu imaginava.

Olhei de relance para Qing Ling. Ela parecia estar se saindo melhor do que eu, talvez devido à sua flexibilidade natural ou por estar familiarizada com algumas posturas sentadas tradicionais do leste asiático. Ela sentou-se na posição de meia-lótus, com as costas retas, as mãos em um gesto de jiejyin na frente do abdômen, os olhos fechados. No início, vi suas sobrancelhas se franzirem levemente, provavelmente também suportando a dor nas pernas ou tentando acalmar a mente.

Mas então, um momento depois, notei algo estranho. O corpo de Qing Ling estava completamente imóvel, sua respiração regular, mas em seu rosto de olhos fechados,



duas fileiras de lágrimas desciam silenciosamente por suas bochechas.

“Ling?” chamei suavemente, sentindo-me um pouco preocupado. “Você... o que há de errado? Suas pernas doem muito?”

Ela não respondeu imediatamente, parecendo ainda imersa em algum estado que eu não conseguia entender. As lágrimas continuaram a cair. Fiquei confuso, sem saber o que fazer, apenas senti em silêncio observando, meu coração cheio de perguntas. Será que ela estava muito comovida ao pensar nos profundos princípios do Fa que acabáramos de ler? Ou era simplesmente uma reação física à meditação pela primeira vez?

Foi só um tempo depois, quando ela abriu lentamente os olhos, ainda cheios de lágrimas, mas brilhando com um espanto, emoção e um toque de transcendência indescritível, que ela se virou para me olhar, sua voz ainda trêmula:

“Ming... eu... eu acabei de ver...”

“O que você viu?” perguntei imediatamente, sentindo que algo incomum havia acontecido.

Qing Ling respirou fundo, tentando falar com clareza. “Eu não tenho certeza... Quando tentei me acalmar de

acordo com o livro... de repente, diante dos meus olhos, não havia mais escuridão. Eu vi... com outro olho, aqui”, ela apontou para a testa entre as sobrancelhas. “Eu vi luz... cores brilhantes e incomuns, diferentes de qualquer cor que eu já tenha visto na vida.”

Sua voz foi baixando, como se estivesse recontando um sonho inacreditável. “Então... então eu vi outro mundo. Tão bonito, tão esplêndido. Eu vi... eu me vi lá, não nesta forma... mas em uma forma diferente, vestindo roupas muito suntuosas... como... como um Rei, um Senhor daquele mundo...”

As lágrimas brotaram novamente dos cantos dos olhos de minha esposa. “Eu até vi uma cena... de mim e de muitas outras pessoas... nos despedindo daquele mundo, descendo... descendo a este reino humano... parecia haver um voto, alguma missão... de esperar pelo Grande Fa neste momento...”

Sentei-me em silêncio, completamente atordado com o relato de Qing Ling. Um mundo esplêndido? Um Senhor Rei? Um voto para descer ao mundo? Essas coisas estavam muito além da minha imaginação, mas sua expressão intensamente comovida, suas lágrimas incessantes e a sinceridade em seus olhos me tornaram impossível não acreditar. Lembrei-me de repente das passagens em "Zhuan Falun" sobre o tianmu (olho celestial), sobre a verdadeira origem da vida, sobre os

diferentes níveis de espaço. Será que... será que Qing Ling realmente havia aberto seu tianmu em sua primeira tentativa de meditação?

Enquanto ela teve uma experiência tão estranha e transcendental, eu, sentado bem ao lado dela, não vi nada além da dor e dormência em minhas pernas e dos pensamentos confusos em minha cabeça. Uma diferença clara. Mas em vez de me sentir desapontado ou cético, a experiência de Qing Ling foi como um forte empurrão em minha consciência. Embora eu não tenha visto por mim mesmo, a história de minha esposa, combinada com o que lemos e os encontros anteriores, fortaleceu minha fé imensamente. Mostrou-me que o que o livro dizia não era teoria vazia, mas a verdade, reinos que poderiam ser alcançados através do cultivo. Entendi que o caminho e o estado de cultivo de cada pessoa são diferentes, o que importa é a perseverança e a capacidade de iluminação.

“Eu acredito em você”, disse eu em voz baixa, colocando a mão em seu ombro. “O que o livro diz... provavelmente é tudo verdade.”

Qing Ling assentiu, seus olhos ainda cheios de profunda emoção. Aquela experiência parecia ter se gravado profundamente em seu coração, trazendo uma compreensão fundamental do significado desta vida.

Nos dias seguintes, embora eu ainda não tivesse nenhuma experiência especial como a de Qing Ling ao meditar, nós dois começamos a sentir outras mudanças sutis. Nossos espíritos pareciam mais revigorados, nossas mentes estranhamente claras e brilhantes. As pequenas preocupações da vida pareciam nos incomodar menos do que antes. Ocasionalmente, eu tinha sonhos estranhos, não claros, mas que traziam uma sensação de paz ou sugeriam algo. Às vezes, uma súbita premonição sobre um pequeno evento se provava surpreendentemente correta.

Essas coisas nos fizeram sentir muito mais confiantes. Este caminho parecia ser realmente o que estávamos procurando. Mas para continuar, especialmente para aprender os exercícios corretamente, precisávamos definitivamente encontrar um instrutor. Isso era o que precisávamos fazer a seguir.

\* \* \*

# **CAPÍTULO 9: OS PRINCÍPIOS ILUMINADORES DO FA E A COMUNIDADE DE CULTIVO**

## **Busca e conexão inicial**

Depois de vários dias lendo e refletindo sobre o livro "Zhuan Falun", juntamente com as experiências estranhas que Qing Ling teve, ambos sentimos um impulso muito forte. Claramente, este não era apenas um livro comum, mas um caminho, uma orientação que tivemos a sorte de encontrar. Mas, como eu disse, para

continuar, especialmente para aprender os cinco exercícios corretamente, precisávamos encontrar um instrutor. Procurar na internet aqui na China era inútil.

A ideia de procurar o Sr. Chen, o amigo do tio de Qing Ling que havia mencionado casualmente o Falun Gong durante o jantar em família, permaneceu em nossas mentes. Embora ele parecesse um pouco hesitante em falar sobre o assunto na época, pelo menos ele sabia sobre isso e até disse que muitos de seus vizinhos praticavam. Essa era a única e mais promissora pista que tínhamos em Xangai naquele momento.

"Precisamos encontrar uma maneira de encontrar o Sr. Chen novamente, querido", disse Qing Ling para mim uma manhã, enquanto nos preparávamos para sair do hotel. "Não podemos simplesmente ficar esperando assim. Vou ligar para minha tia e perguntar se há alguma maneira de convidar o Sr. Chen para uma visita, ou pedir o número de telefone dele para que possamos contatá-lo ativamente."

Achei a ideia razoável. Embora um pouco relutante em incomodar mais a família de minha tia e tio, isso era importante. Qing Ling então ligou para sua tia. Felizmente, sua tia não fez muitas perguntas, apenas pensou que queríamos agradecer ao Sr. Chen por sua visita anterior, então ela alegremente nos deu o número de telefone dele.

Com o número em mãos, Qing Ling ligou diretamente para o Sr. Chen. Ela escolheu suas palavras com muito cuidado, dizendo que apreciámos muito o que ele compartilhou no outro dia sobre métodos de saúde e que tínhamos algumas coisas que queríamos perguntar a ele, se ele estaria disponível para nos encontrar por um momento. Inicialmente, ao telefone, ouvi a voz do Sr. Chen soar um pouco hesitante, ele provavelmente adivinhou sobre o que queríamos perguntar. Mas talvez a sinceridade na voz de Qing Ling o tenha convencido. Finalmente, o Sr. Chen concordou em nos encontrar naquela tarde em uma pequena casa de chá perto de sua casa, um lugar que parecia discreto e menos frequentado.

Na hora marcada, Qing Ling e eu fomos para a casa de chá. Era uma pequena casa de chá, escondida em uma viela, com uma atmosfera bastante tranquila. O Sr. Chen já estava esperando em uma mesa no canto. Ele parecia tão gentil quanto no dia anterior, mas seus olhos pareciam mais cautelosos.

Após algumas saudações educadas, Qing Ling foi direto ao ponto, mas ainda manteve um tom muito educado e respeitoso. "Sr. Chen, no outro dia o senhor mencionou a prática do Falun Gong que muitos de seus vizinhos seguem. Na verdade, por acaso tivemos a sorte de ler o livro principal desta prática, 'Zhuan Falun', e sentimos que os princípios do Fa nele são extremamente profundos e muito significativos. Gostaríamos muito de

aprender mais, especialmente aprender os exercícios, mas não sabemos por onde começar e não conhecemos ninguém aqui."

Qing Ling parou, olhando para o Sr. Chen com um olhar de expectativa e um pouco de súplica. "Sabemos que este pode ser um assunto um tanto sensível, mas estamos realmente muito ansiosos. Gostaríamos de saber se o senhor poderia... nos ajudar? Ou talvez nos apresentar a alguém que pratica?"

O Sr. Chen ficou em silêncio por um momento, olhando para nós e depois para a janela. Eu podia ver claramente a hesitação em seu rosto. Ajudar estranhos a aprender sobre uma prática que estava sob o escrutínio do governo não era uma questão simples. A atmosfera na casa de chá de repente ficou um pouco tensa. Qing Ling e eu também prendemos a respiração em antecipação.

Finalmente, o Sr. Chen suspirou levemente e se virou para nos olhar, seus olhos menos cautelosos do que antes, substituídos por simpatia e talvez um pouco de empatia. "É inesperado que vocês dois tenham tal afinidade com aquele livro", disse ele, sua voz baixando. "É verdade que o verdadeiro Fa não é fácil de encontrar. Eu entendo sua ânsia."

Ele parou por um momento e depois continuou: "Este assunto... é de fato um pouco inconveniente para falar



abertamente. Mas se vocês dois têm o coração para aprender, não posso recusar. Na verdade, eu tenho um amigo próximo, que também é meu vizinho, que pratica o Falun Gong há muitos anos. Ele é uma pessoa muito boa e conhecedora. Talvez... eu possa apresentá-los a ele."

Ao ouvir as palavras do Sr. Chen, Qing Ling e eu sentimos como se um peso tivesse sido tirado de nossos ombros. Uma grande alegria e esperança se espalharam em nossos corações.

"Isso seria maravilhoso!" Qing Ling disse apressadamente. "Nós realmente não sabemos o que dizer para lhe agradecer."

O Sr. Chen acenou com a mão: "Não é nada. Ajudar alguém com afinidade a encontrar algo bom também é fazer uma boa ação. Mas vocês dois devem me prometer ser extremamente cuidadosos e discretos em tudo. Nestes tempos..." Ele deixou a frase inacabada, mas nós entendemos o significado.

Depois disso, o Sr. Chen nos deu o endereço e o número de telefone de seu amigo, chamado Liu Wei, a quem todos chamavam carinhosamente de Tio Liu. O Sr. Chen nos disse para ligar com antecedência e mencionar que fomos indicados por ele. Ele também acrescentou que, quanto aos detalhes do aprendizado dos exercícios,

deveríamos discutir diretamente com o Tio Liu. Ele era um praticante de longa data e muito experiente, e certamente encontraria uma maneira de nos ajudar de forma adequada e segura nas circunstâncias atuais.

O encontro com o Sr. Chen, embora breve, abriu uma porta extremamente importante. Saímos da casa de chá com grande esperança. Finalmente, depois de toda a busca, talvez estivéssemos prestes a entrar em contato direto com as pessoas que realmente trilhavam o caminho do cultivo do Falun Dafa.

## **Estudando o Fa, praticando os exercícios e se integrando à comunidade**

Saindo da casa de chá do Sr. Chen com as informações de contato do Tio Liu Wei, sentimos uma alegria e esperança indescritíveis. Naquela mesma tarde, depois de voltarmos ao hotel, Qing Ling ligou para o Tio Liu. Ela se apresentou cuidadosamente e disse que fomos indicados pelo Sr. Chen, expressando nosso desejo de aprender sobre o Falun Gong e os exercícios. Do outro lado da linha, a voz do Tio Liu soava muito calorosa e aberta, mas também com uma certa cautela. Ele disse que ficava feliz em saber que alguém queria aprender, e depois que Qing Ling repetiu a recomendação do Sr.

Chen, o Tio Liu marcou um encontro conosco na tarde seguinte em sua casa para uma conversa mais conveniente. Ele também nos deu instruções detalhadas sobre como chegar.

Na hora marcada, fomos ao endereço que o Tio Liu nos deu. Era um pequeno apartamento em um antigo complexo residencial, sem nada de notável. O Tio Liu, um homem de meia-idade com uma figura esguia e um rosto bondoso, abriu a porta para nos receber com um sorriso gentil. Depois de nos convidar para entrar, servir água e, talvez, observar que não parecíamos suspeitos, ele começou a se abrir mais.

A alegria e o alívio de encontrar alguém que pudesse nos guiar foram rapidamente seguidos pelo entusiasmo e sinceridade do Tio Liu. Depois de conversar e sentir nossa sinceridade e desejo de aprender, o Tio Liu se ofereceu para arranjar um tempo para nos ensinar os exercícios. Ele disse: "A prática dos exercícios requer quietude e concentração. Eu ensinarei a vocês dois em particular na minha casa. O Falun Gong tem cinco exercícios, quatro em pé e um sentado. O ensino é totalmente gratuito, sem cobrar um único centavo."

E assim, nossa primeira aula começou ali mesmo na pequena sala de estar do apartamento do Tio Liu. O espaço não era grande, mas era muito limpo e silencioso. O Tio Liu até convidou um de seus amigos, também um

praticante veterano, uma senhora muito bondosa de sobrenome Chen (a quem mais tarde também passamos a gostar muito), para nos ajudar a nos guiar com mais cuidado. Os dois se revezaram nos ensinando cada movimento do primeiro exercício - "Buda Mostrando as Mil Mãos". Os movimentos pareciam graciosos e suaves, mas quando tentei segui-los, percebi que não era nada simples. Meu corpo rígido mal conseguia alcançar o relaxamento e a suavidade deles. Especialmente os movimentos de alongamento e extensão, eu podia sentir claramente a estagnação em minhas articulações e músculos pouco usados.

O segundo exercício, "Posição Parada do Falun", que envolvia ficar em pé segurando uma roda, foi um verdadeiro desafio. Depois de apenas alguns minutos segurando a posição "Segurando a Roda na Frente da Cabeça", meus braços estavam exaustos e meu corpo inteiro começou a tremer. Olhei de relance para Qing Ling; ela parecia estar se saindo um pouco melhor do que eu, mas sua testa também estava coberta de suor, suas sobranceiras levemente franzidas enquanto ela tentava suportar. No entanto, o Tio Liu e a Sra. Chen permaneciam firmes, seus rostos calmos, como se estivessem segurando algo muito leve.

"Continuem", a Sra. Chen nos encorajou gentilmente. "Todo mundo é assim no começo. Dói um pouco, mas

depois que você supera, você se sente muito confortável. O importante é a força de vontade."

A paciência e a boa vontade deles nos comoveram profundamente. Eles não mostraram impaciência ou criticaram nossa falta de jeito. Eles corrigiram meticulosamente cada pequena postura, explicaram em detalhes os requisitos de cada movimento, repetindo até que entendêssemos o básico. Nos dias seguintes, fomos regularmente à casa do Tio Liu nos horários combinados para aprender e praticar com eles. Gradualmente, aprendemos todos os cinco exercícios. O quinto exercício, a meditação sentada, "Fortalecendo os Poderes Divinos", que exigia sentar-se na posição de lótus completa ou meia-lótus, foi outro desafio para minhas pernas rígidas. Mas, lembrando da experiência de Qing Ling e do encorajamento de todos, eu também persisti. Embora eu ainda não conseguisse sentar por muito tempo ou esvaziar completamente minha mente, comecei a sentir um fluxo de energia quente se espalhando pelo meu corpo ao praticar os exercícios, uma sensação estranha de conforto e revigoramento após cada sessão.

Mas o cultivo do Falun Gong não se limitava à prática dos exercícios. O Tio Liu nos explicou que o mais importante era cultivar o xinxing de acordo com os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância, e que ler os livros e estudar o Fa era extremamente importante.

Uma tarde, depois de alguns dias nos conhecendo e praticando os exercícios, o Tio Liu nos convidou para jantar e depois participar de um estudo do Fa em grupo com alguns de seus outros amigos. "Costumamos nos reunir para ler os livros e compartilhar nossos entendimentos à noite. É apenas um grupo pequeno, em casa para discipulação e segurança. Se vocês não se importarem, fiquem e participem."

Este convite nos fez sentir muito honrados. Entendemos que, nas atuais circunstâncias na China, convidar estranhos, especialmente estrangeiros, para um estudo do Fa em grupo em casa era um grande sinal de confiança da parte deles.

Naquela noite, após uma refeição vegetariana simples, mas calorosa, na casa do Tio Liu, alguns outros amigos dele chegaram. A pequena sala de estar foi novamente arrumada. Lá dentro, cerca de sete ou oito pessoas já estavam sentadas em esteiras no chão. Além do Tio Liu e da Sra. Chen, havia alguns rostos novos. Havia um jovem que era taxista, uma mulher de meia-idade que era uma operária têxtil aposentada e um homem de aparência sofrida, mas com olhos muito gentis, que se dizia ser um fazendeiro do campo que raramente vinha à cidade. A atmosfera na sala era muito aconchegante e um tanto solene.

O estudo do Fa começou. As pessoas se revezavam na leitura de parágrafos do livro "Zhuan Falun". As vozes eram claras e reverentes. Embora eu já o tivesse lido antes, ao ouvi-lo sendo lido e estudado com todos em tal atmosfera, senti que os princípios do Fa penetravam mais profundamente em minha mente. Depois de ler uma palestra, as pessoas começaram a compartilhar seus entendimentos, suas experiências no cultivo, como haviam se comparado com o Fa para superar dificuldades e conflitos na vida, no trabalho e na família.

Não havia debates acalorados ou palavras floridas. Apenas sinceridade, franqueza e o desejo de progredir juntos. Uma pessoa compartilhava como tentou suportar ser mal compreendida, outra contava como tentou pensar nos outros primeiro ao encontrar um problema. Eles não hesitavam em falar de suas próprias deficiências, de seus corações impuros e de como estavam se esforçando para se corrigir de acordo com os requisitos do Dafa. Qing Ling, com sua fluência em chinês e sensibilidade cultural, também participou compartilhando suas impressões iniciais sobre os princípios do Fa e recebeu a empatia e o encorajamento de todos.

Sentei-me em silêncio, ouvindo, meu coração cheio de emoção. Aqui, não havia distinção entre professor ou operário, engenheiro ou fazendeiro, jovem ou velho. Todos eram iguais, aprendendo juntos, ajudando uns aos

outros a se tornarem melhores no caminho do cultivo. Não havia nenhuma forma de organização, nenhum líder, nenhuma doação de dinheiro, nenhum ritual de adoração. Apenas o livro do Dafa e um coração que queria cultivar genuinamente. A atmosfera pura e benevolente e a conexão sincera entre essas pessoas criaram uma força espiritual invisível, mas imensamente poderosa. Era completamente diferente de qualquer organização, religião ou grupo que eu já conhecesse.

Nos dias seguintes, nos integramos gradualmente a esta pequena, mas calorosa comunidade. Não apenas estudamos o Fa e praticamos os exercícios com eles, mas também ouvimos mais histórias e conhecemos mais pessoas. Cada um com suas próprias circunstâncias, seus próprios destinos, mas todos compartilhando a mesma fé em Verdade-Compaixão-Tolerância, um desejo de se tornar uma pessoa melhor, de retornar à sua verdadeira natureza original. Essa integração não apenas nos ajudou a entender o Falun Gong mais profundamente, mas também fortaleceu nossa determinação e fé no caminho que havíamos escolhido. Sentimos que não estávamos sozinhos nesta jornada.

## **Histórias milagrosas e testemunhos vivos**



Quanto mais tempo passávamos com o grupo de novos praticantes na casa do Tio Liu, mais ouvíamos suas histórias pessoais. Essas histórias não eram teorias elevadas ou filosofias difíceis de entender, mas experiências muito comuns que continham coisas estranhas, evidências vivas do poder do Falun Dafa para mudar as pessoas.

Durante as conversas íntimas após a leitura dos livros juntos, ou enquanto tomávamos chá, as pessoas costumavam contar naturalmente sobre seu caminho para o cultivo. O que me chamou a atenção inicialmente, como professor de medicina, foram as histórias sobre mudanças na saúde.

A Sra. Chen, a senhora idosa com um sorriso gentil que conhecemos, costumava sofrer muito com uma doença cardíaca grave e artrite que dificultava muito sua locomoção, quase a confinando à cama. Ela disse que os médicos haviam dito que sua doença só podia ser controlada com medicamentos, e sua vida estava em declínio. No entanto, desde que começou a praticar o Falun Gong alguns anos atrás, não apenas seu espírito se tornou mais feliz, mas sua saúde também melhorou inesperadamente. Agora, ela podia andar rapidamente, cuidar de si mesma e até ajudar seus filhos com as tarefas domésticas.

"No começo, eu só pensei em praticar para ficar mais saudável", ela riu, um sorriso radiante que não se parecia com o de alguém que já esteve gravemente doente. "Mas o Tio Liu disse que, se eu quisesse me curar, não bastava praticar os exercícios, eu tinha que cultivar meu coração", disse ela, apontando para o peito. "Eu tinha que me livrar da competitividade, do ressentimento, das preocupações inúteis. Tentei seguir o que o Mestre Li ensina no livro, viver de acordo com Verdade-Compaixão-Tolerância. Gradualmente, senti meu coração mais leve, não mais reclamando do destino ou ficando com raiva de meus filhos. E então as doenças simplesmente melhoraram sem que eu percebesse."

Pelo que aprendi em medicina, a recuperação da Sra. Chen era quase inexplicável. Mas era impossível não acreditar na verdade bem diante dos meus olhos: uma senhora idosa cheia de vitalidade, com a pele rosada, andando rapidamente. E ela não era a única. O Sr. Li, o jovem taxista, contou sobre as enxaquecas crônicas que o atormentaram por muitos anos, para as quais nenhum remédio funcionava, afetando seriamente seu trabalho. No entanto, após apenas alguns meses de cultivo, as dores de cabeça gradualmente diminuíram e depois desapareceram completamente. A Sra. Hong, a operária aposentada, compartilhou como sua insônia e esgotamento nervoso de longa data haviam desaparecido, ajudando-a a redescobrir a alegria de viver.

Eu ouvia, meu coração lutando entre meu conhecimento médico e essas realidades inacreditáveis. Claramente, esses casos iam além da capacidade de explicação da medicina moderna, que geralmente se concentra apenas no corpo físico. Mas eu não podia negar a saúde e o espírito alegre que emanavam das próprias pessoas que contavam as histórias. Eles não pareciam estar exagerando ou inventando. Além disso, todos eles enfatizavam um ponto em comum: a melhora na saúde sempre acompanhava o processo de elevação do xinxing, de viver de acordo com os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância. Parecia haver uma conexão muito próxima e profunda entre o estado mental, a moralidade e a saúde física que nossa ciência ainda não havia tocado.

No entanto, as histórias que mais nos comoveram e nos fizeram admirar foram os compartilhamentos sobre as mudanças em seu xinxing, em seu modo de vida.

Havia um homem chamado Qiang, que se dizia ser um alcoólatra inveterado e causador de problemas no bairro. Ele recontou seu passado nada bom com uma voz sincera e um pouco envergonhada, sobre como havia atormentado sua esposa e filhos e feito com que os vizinhos o evitassem. "Naquela época, eu vivia sem pensar no amanhã, sempre que tinha dinheiro, eu bebia, e quando ficava bêbado, causava problemas. Minha esposa chorou inúmeras vezes", disse ele. "Felizmente,

alguém me apresentou ao Falun Gong. Ao ler o livro 'Zhuan Falun', foi como se eu tivesse acordado. Entendi que a causa do meu sofrimento era o carma criado por minhas más ações passadas, e para mudar, eu tinha que cultivar meu xinxing, ser uma boa pessoa." Ele disse que o processo de parar de beber e mudar sua natureza foi muito difícil, mas graças à leitura persistente dos livros, à prática dos exercícios e a sempre se lembrar de ser Verdadeiro, Compassivo e Tolerante, ele gradualmente conseguiu. Agora, o Sr. Qiang havia parado completamente de beber, tornando-se um marido e pai responsável, vivendo em harmonia com todos. Olhando para sua aparência gentil e fala mansa agora, era difícil imaginar a pessoa que ele era antes.

O Tio Liu também compartilhou uma vez como ele costumava valorizar muito a fama e o lucro no trabalho, sempre calculando ganhos e perdas, às vezes até usando métodos ruins para competir com os colegas. "Depois de aprender o Dafa, entendi que as coisas pelas quais as pessoas comuns lutam a vida toda são, na verdade, ilusórias", disse ele com uma expressão pensativa. "O que realmente podemos levar conosco é o carma e a virtude. Como pessoas, devemos viver com verdade e benevolência, sempre pensando nos outros primeiro. Então mudei minha perspectiva, não competi mais, trabalhei com dedicação e tratei a todos com mais

sinceridade. Meu coração ficou em paz, e a vida também ficou muito mais leve."

Qing Ling ouviu essas histórias com especial atenção. Ela me disse que os valores morais como sinceridade, bondade e tolerância que eles praticavam, embora tivessem semelhanças com os ensinamentos da cultura tradicional chinesa que ela havia estudado, aqui eram expressos de uma maneira muito mais prática, concreta e sistemática. Não era apenas teoria nos livros, mas algo que cada pessoa se esforçava para seguir em cada pensamento, palavra e ação diária.

Cada história, cada pessoa que encontramos neste pequeno grupo, era uma prova viva. Eles não precisavam usar palavras elevadas para nos convencer. A própria mudança positiva em sua saúde, o crescimento em sua moralidade, a paz e a benevolência que emanavam deles eram a evidência mais convincente da maravilha do Falun Dafa. Essas histórias e essas pessoas nos deram mais força, fortaleceram nossa fé e nos impulsionaram a dar os primeiros passos no caminho do cultivo com mais determinação.

## **Absorvendo os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância**

As histórias sobre as mudanças na saúde e no estilo de vida que ouvimos foram realmente impressionantes. Mas o que mais nos atraiu e nos fez querer aprender mais foi o fio condutor que perpassava todas essas histórias: o princípio de Verdade-Compaixão-Tolerância. Essas três palavras não pareciam ser apenas um slogan, mas a verdadeira base para todas as mudanças positivas que vimos neles.

Durante os estudos do Fa ou nas conversas com o Tio Liu e os outros, não os ouvíamos analisar essas três palavras de forma elevada. Em vez disso, os ouvíamos contar como tentaram se comparar com Verdade-Compaixão-Tolerância em situações muito específicas da vida.

Percebemos que, para eles, a Verdade não era simplesmente não mentir, mas também viver de acordo com o próprio coração, ser honesto em tudo o que faziam, sem falsidade. O Sr. Qiang, o ex-alcoólatra, compartilhou que o primeiro passo para sua mudança foi reconhecer honestamente seus erros, sem fugir ou culpar os outros.

A Compaixão, através de suas histórias, não era apenas fazer boas ações comuns. Era tolerância, sempre tentando pensar nos outros primeiro, mesmo que isso significasse que eles pudessem sofrer perdas. A Sra. Chen contou sobre a vez em que sua pensão foi mal calculada, e em vez de ficar com raiva ou exigir, ela

pensou que a outra pessoa também poderia estar passando por dificuldades, então ela escolheu deixar passar gentilmente. "Eu cultivo a Compaixão, não posso dificultar a vida de alguém por um pouco de dinheiro e perturbar minha própria paz", ela sorriu gentilmente.

E a Tolerância, talvez fosse o que mais os ouvíamos mencionar ao encontrar dificuldades. Não era uma resignação fraca, mas uma força interior notável. Ouvimos a Sra. Hong contar como ela suportou o ridículo de seus ex-colegas quando souberam que ela praticava o Falun Gong, não revidando, mas apenas fazendo seu trabalho silenciosamente. Ouvimos o Tio Liu contar como ele suportou a injustiça no trabalho no passado, não competindo, mas considerando isso uma oportunidade para pagar o carma e se corrigir. Parecia que, para eles, cada conflito, cada evento indesejável, era um "teste", uma chance de praticar a Tolerância, de encontrar a calma e ver o problema da perspectiva de um cultivador.

O que nos chamou a atenção em particular foi a ênfase que eles davam em "olhar para dentro" ao encontrar problemas. Em vez de apontar o dedo para os outros, eles se voltavam para dentro e se perguntavam: "Fiz algo errado?", "Tenho algum coração ruim (como o coração da competitividade, do ciúme, do medo...) que me levou a encontrar isso?". Essa maneira de ver os problemas nos pareceu muito estranha e também muito admirável. Era

completamente diferente do hábito de muitas pessoas de sempre encontrar falhas nos outros primeiro.

Ouvindo esses compartilhamentos sinceros e simples, vendo como eles se tratavam e a todos os outros diariamente, Qing Ling e eu gradualmente sentimos a profundidade do princípio de Verdade-Compaixão-Tolerância. Não eram mais palavras estranhas, mas se manifestavam vividamente através de cada pessoa, de cada história. Começamos a nos olhar, percebendo quantas falhas, quantos pensamentos egoístas, quantas reações impulsivas haviam se tornado hábitos.

Um impulso de mudar, de seguir essas coisas boas, começou a se formar em nossas mentes. Entendemos que o caminho à frente era se esforçar constantemente para praticar, para viver de acordo com essas três palavras douradas. Essa era a verdadeira essência do cultivo, a chave para se tornar uma pessoa melhor, para encontrar nossa verdadeira natureza. A luz de Verdade-Compaixão-Tolerância, embora apenas revelada através dessas experiências iniciais, foi suficiente para iluminar e nos dar uma fé mais forte no caminho que havíamos escolhido.

\* \* \*



# CAPÍTULO 10: SOB O SOL VERMELHO - A VERDADE OCULTA

## **As primeiras ondas de inquietação**

Após cerca de três semanas em Xangai, integrando-nos ao pequeno grupo do Tio Liu e seus amigos praticantes, sentimo-nos mais próximos e conectados a eles, a essas pessoas benevolentes que tivemos a sorte de encontrar. As sessões de prática de exercícios na casa do Tio Liu ou em alguns outros locais discretos, juntamente com os estudos do Fa e compartilhamentos à noite, tornaram-se uma parte indispensável de nossa vida diária aqui. Essas atividades nos trouxeram paz de espírito e uma grande esperança. No entanto, justamente quando nos

sentíamos mais em paz, os primeiros sinais de inquietação começaram a aparecer silenciosamente, como se pressagassem algo ruim por vir.

A primeira coisa que notamos foi a mudança nos horários de prática dos exercícios. O número de participantes ocasionalmente diminuía inexplicavelmente. Havia rostos familiares que não víamos por vários dias seguidos. Então, uma manhã, o Tio Liu ligou para dizer que a sessão daquele dia seria temporariamente adiada, ou às vezes o local de encontro tinha que ser mudado repentinamente com razões não claramente explicadas, apenas dizendo vagamente que era "mais conveniente" ou "havia um assunto inesperado".

Não apenas isso, a atitude de alguns colegas praticantes também parecia se tornar mais cautelosa. As conversas animadas e abertas após o estudo do Fa agora eram ocasionalmente interrompidas por olhares inquisitivos ao redor, ou alguém de repente baixava a voz ao mencionar certos assuntos. O Tio Liu, o engenheiro aposentado que sempre fora entusiasmado e franco, em uma conversa particular conosco, notei que ele ocasionalmente olhava pela janela, seus olhos mostrando um toque de preocupação que eu nunca tinha visto antes. Ele não disse nada diretamente, mas sua maneira me deu uma sensação de mal-estar sem uma causa clara.

Uma tarde, enquanto Qing Ling e eu passeávamos perto do complexo de apartamentos do Tio Liu, notei um homem à paisana, de aparência bastante estranha, rondando na esquina oposta. Ele não estava fazendo nada específico, apenas encostado na parede, seus olhos ocasionalmente olhando em direção ao complexo de apartamentos do Tio Liu. Poderia ser apenas uma coincidência, mas nessas circunstâncias, a imagem me deixou um pouco desconfiado. Qing Ling também percebeu, ela apertou minha mão com mais força.

Claramente, algo estava acontecendo nos bastidores que não sabíamos. A atmosfera pacífica e aberta inicial parecia estar sendo coberta por uma fina névoa de preocupação e cautela.

Uma vez, durante um estudo do Fa em grupo na casa do Tio Liu (o número de participantes naquele dia também era significativamente menor do que nas primeiras vezes), enquanto compartilhávamos nossos entendimentos do livro, a gentil Sra. Chen suspirou de repente e disse em voz baixa, como se para si mesma: "O tempo parece estar prestes a mudar..."

Perguntei surpreso: "O tempo? Eu acho que o céu ainda está bonito, senhora?"

A Sra. Chen apenas sorriu levemente, um sorriso um tanto antinatural, e não explicou mais nada. O Tio Liu,

sentado ao lado dela, tossiu levemente, depois olhou para nós, sua voz baixando: "Vocês dois são estrangeiros, recém-chegados, pode haver muitas coisas que ainda não sabem. Aqui... as coisas não são tão simples quanto parecem. Ser uma boa pessoa às vezes não é fácil. Vocês... devem ter um pouco de cuidado."

As palavras veladas e enigmáticas do Tio Liu e da Sra. Chen aumentaram minha inquietação. Cuidado com o quê? Por que ser uma boa pessoa não era fácil? As perguntas giravam em minha cabeça, mas eu sentia que não era a hora nem o lugar para perguntar mais. Havia uma cortina invisível escondendo a verdade, uma verdade que nossos novos amigos pareciam estar enfrentando diariamente, enquanto nós tínhamos acabado de tocar em sua borda. Esses sinais de inquietação, embora ainda vagos, eram suficientes para sinalizar que nossa jornada de exploração estava prestes a entrar em uma curva perigosa e mais desafiadora.

## **O sussurro sobre a repressão**

As advertências vagas e a atmosfera cada vez mais cautelosa fizeram com que a inquietação em meu coração e no de Qing Ling crescesse. Embora já tivéssemos uma vaga noção do perigo e da natureza "sensível" do Falun

Gong através do incidente no parque e das dificuldades em encontrar informações online, ainda não tínhamos a imagem completa. A oportunidade de entender melhor veio uma noite, quando fomos novamente convidados para a casa do Tio Liu. Desta vez, a atmosfera estava um pouco diferente. Apenas o Tio Liu, a Sra. Chen e nós estávamos presentes. A pequena sala parecia mais silenciosa do que o habitual, o chá já estava servido na mesa, mas ninguém parecia querer tocá-lo.

O silêncio durou um tempo, e então o Tio Liu olhou diretamente para nós. Seus olhos não tinham mais o olhar inquisitivo das primeiras vezes que nos encontramos, mas estavam cheios de seriedade e um certo peso. Ele suspirou, como se tivesse acabado de tomar uma decisão difícil.

“Vocês dois”, ele começou, sua voz mais profunda e lenta do que o habitual. “Nos últimos dias, percebemos que vocês parecem perplexos e talvez já tenham sentido algumas coisas incomuns. Nós os consideramos como família, não queremos esconder nada, mas falar sobre essas coisas também nos preocupa que possa deixá-los ainda mais ansiosos.”

Qing Ling e eu prendemos a respiração, sabendo que o que estávamos prestes a ouvir provavelmente esclareceria o que já sabíamos e sentíamos vagamente.

O Tio Liu continuou: “Como vocês já sabem pelo livro ‘Zhuan Falun’, o Falun Gong, ou Falun Dafa, é uma escola de cultivo de alto nível da Escola Buda, que ensina as pessoas a viverem de acordo com Verdade-Compaixão-Tolerância, trazendo grandes benefícios tanto para a saúde quanto para o espírito. No passado, havia quase cem milhões de pessoas praticando na China, mais do que o número de membros do Partido Comunista.”

Ele parou, tomando um pequeno gole de chá. “Mas... como vocês talvez já tenham percebido pelo incidente com o colega praticante que lhes deu o livro, desde 20 de julho de 1999, tudo mudou completamente.” Sua voz baixou, e eu pude ouvir uma dor contida nela. “O então líder do Partido Comunista Chinês, Jiang Zemin, por causa de seu ciúme pessoal e medo irracional do rápido crescimento do Falun Gong, temendo que as pessoas acreditassem mais em Verdade-Compaixão-Tolerância do que no Partido, ordenou uma repressão extremamente brutal e irracional em todo o país, visando o Falun Gong e todos que o praticavam, apesar da desaprovação de muitos outros no Politburo.”

Ao ouvir as palavras claras do Tio Liu, os fragmentos de informação que havíamos obtido antes começaram a se conectar. Embora não estivéssemos mais tão surpresos com a repressão, ao ouvir uma pessoa de dentro, alguém que respeitávamos, afirmar uma "repressão

extremamente brutal e irracional em todo o país", a escala do problema começou a parecer muito maior do que poderíamos imaginar.

"Então, o que lemos na internet nos EUA, e o que testemunhamos no parque naquele dia... é tudo verdade, e ainda mais sério, não é, tio?" Qing Ling perguntou suavemente, sua voz incapaz de esconder seu choque com a magnitude do assunto. "Ainda não consigo entender, por que eles teriam que usar medidas tão brutais contra uma prática pacífica que apenas ensina as pessoas a serem boas?"

O Tio Liu balançou a cabeça, uma expressão triste em seu rosto. "Para o Partido Comunista, qualquer coisa que não esteja sob seu controle absoluto, qualquer ideologia que tenha uma grande influência sobre as pessoas e não seja do Partido, é vista como uma ameaça ao seu poder. Eles não podem aceitar que as pessoas tenham fé em Deuses e Budas, em valores universais como Verdade-Compaixão-Tolerância, porque isso vai contra sua natureza ateísta e de luta."

Ele continuou a contar como a enorme máquina de propaganda do estado foi usada sistematicamente para difamar e caluniar o Falun Gong. "Eles usaram todos os canais de mídia, da TV, rádio a jornais, internet... para espalhar mentiras dia e noite. Eles chamaram o Falun Gong de 'seita maligna', inventaram todo tipo de

histórias ruins para incitar o ódio entre as pessoas desinformadas, fazendo lavagem cerebral em toda uma geração. Eles até encenaram o incidente da 'autoimolação falsa' na Praça Tiananmen e culparam o Falun Gong, um drama grosseiro que enganou muitas pessoas tanto dentro quanto fora do país."

A Sra. Chen, sentada ao lado, cujos olhos já estavam vermelhos, acrescentou em voz baixa e embargada: "Milhões de nossos irmãos e irmãs praticantes foram presos arbitrariamente, assediados de todas as formas apenas por não renunciarem à sua fé em Verdade-Compaixão-Tolerância. Suas casas foram invadidas e saqueadas a qualquer hora do dia ou da noite, os livros do Dafa foram confiscados e destruídos, eles foram demitidos de seus empregos, seus filhos foram discriminados na escola, suas famílias foram vigiadas e pressionadas de todas as formas..."

Cada palavra do Tio Liu e da Sra. Chen, embora calma, era como uma faca em meu coração. A escala e a maldade desta perseguição ultrapassavam em muito o que eu poderia ter imaginado. Não era mais uma questão de ser "sensível" ou "enfrentar dificuldades", mas uma campanha deliberada e sistemática para erradicar a fé, de forma extremamente brutal. Como as pessoas gentis e de bom coração que conhecíamos, que só queriam viver melhor de acordo com Verdade-



Compaixão-Tolerância, podiam ser rotuladas de "seita maligna" e suportar coisas tão terríveis?

Olhei para Qing Ling e vi seu rosto pálido, seus olhos cheios de horror e indignação. Os belos valores espirituais que tínhamos acabado de encontrar e prezar agora apareciam como um alvo a ser deliberadamente pisoteado e destruído pelo poder do estado.

"A escala disso... é realmente inimaginável", eu disse, minha voz tentando permanecer calma, mas ainda trêmula. "O que sabíamos antes era apenas uma parte muito pequena."

"Entendemos que é muito difícil para vocês aceitarem e imaginarem tudo isso, especialmente vindo de um ambiente livre", disse o Tio Liu, sua voz cheia de simpatia. "Mas essa é a dolorosa verdade que está acontecendo neste país há mais de vinte anos. É também por isso que temos que ser extremamente cuidadosos em tudo. Não estamos dizendo isso para assustá-los, mas para que vocês entendam melhor a situação real que nós e milhões de outros praticantes enfrentamos todos os dias."

A sala mergulhou novamente em silêncio, mas desta vez foi um silêncio pesado e sufocante pela verdade brutal que acabara de ser exposta. As perguntas sobre a verdadeira escala da repressão, seu nível de brutalidade

e os perigos que nossos novos amigos enfrentavam giravam em minha cabeça. O que o Tio Liu e a Sra. Chen acabaram de nos contar era apenas uma parte de um quadro muito maior e mais sombrio, e eu sabia que precisávamos investigar mais a fundo.

## **Evidências da brutalidade e do absurdo**

As histórias iniciais do Tio Liu e da Sra. Chen sobre a repressão nos deixaram verdadeiramente atordoados. Nos dias seguintes, minha mente girava com aquelas informações terríveis. Poderia a verdade ser tão cruel? Haveria algum engano ou exagero em algum lugar? Minha mente científica ainda tentava encontrar alguma explicação razoável, mas as imagens dos rostos gentis e sinceros dos praticantes que havíamos conhecido continuavam a voltar, em total contraste com o rótulo de "seita maligna" que lhes foi atribuído.

Alguns dias depois, em outra visita à casa do Tio Liu, ele pareceu perceber que ainda tínhamos muitas dúvidas e decidiu falar mais profundamente. Desta vez, havia também uma mulher de meia-idade chamada Lan, que não havíamos conhecido antes. O rosto da Sra. Lan parecia sofrido, mas seus olhos brilhavam com uma determinação estranha. O Tio Liu nos apresentou,

dizendo que a Sra. Lan havia sido presa por vários anos apenas por se recusar a abandonar a prática do Falun Gong.

A Sra. Lan começou a contar sua história. Sua voz era firme, sem qualquer sinal de ressentimento, mas cada palavra cortava o coração de quem ouvia. Ela contou sobre a noite em que a polícia invadiu sua casa, saqueou-a e a levou na frente de seu filho pequeno, que chorava de medo. Ela contou sobre os dias no centro de detenção, e depois no campo de trabalhos forçados.

“Eles não nos tratavam como seres humanos”, disse ela em voz baixa. “Eles usavam todos os tipos de métodos para nos forçar a abandonar nossa fé em Verdade-Compaixão-Tolerância. Eles queriam que escrevêssemos as ‘três declarações’ – uma promessa de não praticar mais, uma carta de arrependimento e uma carta denunciando outros praticantes.”

Ela contou sobre a tortura que ela e outros praticantes tiveram que suportar. Não de forma geral, mas com detalhes específicos que nos fizeram estremecer. “Eles usavam bastões elétricos nas partes mais sensíveis do corpo. Os gritos de agonia ecoavam pelos corredores. Eles nos faziam ficar em pé ou sentados em uma posição por muitos dias seguidos, sem nos deixar dormir; se cochilássemos, éramos espancados sem piedade. Algumas pessoas eram algemadas e penduradas por

horas até desmaiarem. Algumas eram alimentadas à força com um tubo de plástico duro inserido pelo nariz até o estômago, e então eles derramavam comida misturada com água suja, causando dor e danos terríveis...”

Ao ouvir isso, Qing Ling não conseguiu se conter, cobrindo a boca com a mão, seus olhos já cheios de lágrimas. Senti um nó na garganta, uma raiva e nojo subindo em meu peito. Isso não era a ação de aplicadores da lei, isso era claramente um crime.

“A dor mais excruciante não era apenas a tortura física”, continuou a Sra. Lan, sua voz um pouco embargada. “Mas a tortura mental. Eles nos forçavam a assistir repetidamente a vídeos de propaganda difamando o Mestre, difamando o Dafa. Eles usavam a linguagem mais vulgar para nos xingar e nos humilhar. Eles tentavam de todas as formas quebrar nossa vontade e nossa fé.”

Para nos mostrar mais claramente, o Tio Liu cuidadosamente tirou de um armário trancado um fino maço de documentos, embrulhado em várias camadas de pano. Ele o abriu, e dentro havia algumas fotos em preto e branco antigas, mostrando hematomas, queimaduras de bastões elétricos no corpo de pessoas. Havia também uma lista manuscrita, registrando os nomes e endereços de alguns praticantes da região que haviam sido presos,

sentenciados ou desaparecidos sem deixar vestígios ao longo dos anos.

“Isso é apenas uma pequena parte”, disse o Tio Liu, sua voz cheia de tristeza. “Há muitas outras pessoas sofrendo em prisões, campos de trabalho forçado por todo este país. Muitas foram torturadas até a morte, ou secretamente eliminadas sem que suas famílias jamais soubessem a verdade...”

Olhando para as fotos, para aquelas palavras, ouvindo a história dolorosamente real da Sra. Lan, todas as dúvidas remanescentes em mim se dissiparam. A verdade se revelou nua, cruel e extremamente irracional. De um lado, pessoas gentis, que só queriam melhorar sua saúde, elevar sua moralidade de acordo com os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância. Do outro, toda uma máquina estatal, usando os métodos mais brutais, da propaganda mentirosa à tortura selvagem, para destruir sua fé.

Esse contraste me doía no coração. Como poderia existir tal absurdo? Onde estava a lei? Onde estava a justiça? Onde estava a consciência humana? A visão de mundo baseada na lógica científica e na ordem social em que eu costumava acreditar parecia estar se desmoronando diante dos meus olhos.

Olhei para Qing Ling e vi minha esposa limpando silenciosamente as lágrimas. A indignação era clara em seu rosto. Ela nasceu na China, já se orgulhou da longa história e cultura de sua terra natal. Agora, enfrentando essa verdade brutal, a dor e a decepção nela certamente eram muito maiores do que as minhas.

A conversa daquele dia terminou em uma atmosfera muito pesada. Saímos da casa do Tio Liu com o coração confuso, carregando o peso da verdade que acabáramos de aprender. A bela luz do Falun Gong que tínhamos acabado de encontrar agora estava envolta em uma sombra aterrorizante da perseguição. Sabíamos que não podíamos mais apenas observar de fora. Mas o que fazer? Essa pergunta girava em minha cabeça, nos deixando verdadeiramente em um dilema e divididos.

## **Conflito interior e o confronto com a verdade**

Naquela noite, Qing Ling e eu mal conseguimos dormir. Voltamos ao nosso quarto de hotel, mas nossas mentes estavam pesadas com o que tínhamos acabado de ouvir e ver na casa do Tio Liu. O quarto estava silencioso e sufocante, apenas o som do suspiro suave de Qing Ling e as batidas fortes do meu coração no peito. A verdade

sobre a perseguição ao Falun Gong, com suas evidências de brutalidade e irracionalidade, nos deixou atordoados, deixando uma ferida profunda em nossos pensamentos e emoções.

O choque inicial gradualmente deu lugar a um horror arrepiante. Eu não conseguia entender como um país como a China, com sua aparência moderna e as pessoas gentis e simples que conhecemos, poderia ter um aparato estatal que torturava e matava seus próprios cidadãos pacíficos apenas por terem uma fé diferente. Minha visão de mundo, construída sobre a lógica científica e a crença em alguma ordem social, parecia estar se desfazendo. Luz e escuridão, bem e mal, verdade e mentira... tudo se misturava dolorosamente diante dos meus olhos.

Olhei para Qing Ling. Minha esposa estava sentada na cama com os joelhos dobrados, olhando pela janela noturna. As lágrimas haviam secado, mas a dor e a indignação ainda estavam claramente gravadas em seus olhos. Eu sabia que a dor dela era maior que a minha. Esta era a terra natal onde ela nasceu, a cultura que ela amava e costumava ensinar. Enfrentar a verdade de que o governo aqui estava pisoteando os mais belos valores morais, destruindo as pessoas mais benevolentes, certamente era uma ferida e uma decepção muito grandes.

"Como eles podem fazer isso, querido?" A voz de Qing Ling soou suavemente na noite, fraca, mas cheia de indignação. "Pessoas como o Tio Liu, a Sra. Chen, a Sra. Lan... eles só querem ser boas pessoas. Por que tratá-los como inimigos?"

Eu não sabia o que responder. Toda a lógica se tornava sem sentido diante de tal absurdo extremo.

Então o medo começou a se infiltrar, tomando conta da minha mente. Éramos estrangeiros, mas havíamos tido contato próximo com praticantes do Falun Gong. Havíamos aprendido os exercícios, participado de estudos do Fa em grupo, guardado o livro "Zhuan Falun". Estaríamos sendo vigiados? Saber a verdade nos colocaria em perigo? A preocupação com nossa própria segurança começou a crescer.

Mas imediatamente, um sentimento de vergonha me atingiu. Nós só sabíamos disso há alguns dias, e o medo já nos deixava inseguros. E nossos novos amigos? Há quantos anos eles viviam com esse medo? Eles enfrentavam o risco de serem presos, torturados, até mesmo mortos a qualquer momento. No entanto, eles ainda mantinham sua fé, ainda tentavam viver com benevolência, ainda ajudavam os outros. Comparado a eles, nosso medo era tão pequeno e um tanto egoísta.



Uma luta feroz se travou em minha mente. Uma parte racional me dizia para sair imediatamente deste lugar, voltar para a América por segurança. A China era muito perigosa, não deveríamos nos envolver nisso. Mas outra parte, a parte da consciência e da fé em Verdade-Compaixão-Tolerância que acabara de começar a brotar, não me permitia ignorar. Eles nos ajudaram, confiaram em nós para compartilhar a verdade. Partir agora seria nada menos que covardia, traindo a bondade deles, traindo os próprios valores que tínhamos acabado de começar a aprender.

O que deveríamos fazer? Fingir que não sabíamos de nada e partir silenciosamente? Ou ficar, enfrentar o perigo e encontrar uma maneira de ajudá-los em nossa capacidade? O que poderíamos fazer? Éramos apenas dois estrangeiros comuns, sem poder, sem conexões aqui.

Luz e escuridão. Segurança e consciência. Fugir e enfrentar. Esse conflito fez minha cabeça girar. Esta não era mais uma simples viagem de exploração cultural. Fomos arrastados para o meio de um confronto feroz entre o bem e o mal, entre a justiça e a maldade do poder. E fomos forçados a escolher. A verdade havia sido exposta, e agora, tínhamos que enfrentá-la, enfrentar nossos próprios corações, para decidir o caminho a seguir.

\* \* \*

# **CAPÍTULO 11: LÁGRIMAS NA NOITE DE TEMPESTADE - A TRAGÉDIA DE UMA FAMÍLIA**

## **Uma pequena família pacífica antes da tempestade**

Após o choque de saber mais sobre a verdade brutal da perseguição, Qing Ling e eu sentimos nossos corações pesados. Participamos temporariamente de menos estudos do Fa em grupo, em parte para ter mais tempo para nossos próprios pensamentos, e em parte para

evitar causar mais problemas desnecessários para todos na situação aparentemente cada vez mais tensa. No entanto, havia uma família com a qual ainda mantínhamos contato bastante regular, em parte por nosso afeto sincero, e em parte porque sua filha pequena gostava muito de Qing Ling. Era a família do Sr. Kang Yu e da Sra. Chen Mai.

Nós os conhecemos em uma das primeiras sessões de estudo do Fa na casa do Tio Liu. O Sr. Kang Yu tinha cerca de trinta anos, era um carpinteiro habilidoso, de constituição robusta, falava de forma simples, mas seus olhos sempre brilhavam com sinceridade. A Sra. Chen Mai, sua esposa, era professora primária, mas havia deixado o emprego (suponho que também por causa de sua prática de cultivo), seu rosto era muito gentil e sua voz suave. Eles tinham uma filha pequena chamada Xiao Lian, com cerca de três anos, rechonchuda e extremamente adorável, com olhos grandes, redondos e escuros.

Sua pequena família vivia em um modesto apartamento em um complexo residencial na periferia da cidade, sem nada que se pudesse chamar de riqueza, mas sempre cheio de risos e uma atmosfera acolhedora. Tanto o Sr. Kang Yu quanto a Sra. Mai eram praticantes muito diligentes do Falun Gong. A fé em Verdade-Compaixão-Tolerância era evidente em cada gesto, palavra e na maneira como tratavam os outros. Eles viviam de forma

simples, em harmonia com os vizinhos, sempre prontos a ajudar os outros se pudessem.

Fomos convidados para jantar na casa deles algumas vezes. Eram refeições simples com alguns vegetais caseiros e tofu, mas a atmosfera era extremamente calorosa. O Sr. Kang Yu costumava contar histórias engraçadas de seu trabalho, a Sra. Mai cuidava gentilmente de sua filha, e a pequena Xiao Lian tagarelava, ocasionalmente correndo para o colo de Qing Ling para pedir uma história. Olhando para eles, eu sentia uma felicidade muito simples e genuína, uma paz que emanava das almas de pessoas que tentavam viver uma vida boa.

A pequena Xiao Lian gostava especialmente de Qing Ling. Talvez porque Qing Ling também amasse crianças e sempre brincasse pacientemente e lesse histórias para ela. Toda vez que chegávamos, Xiao Lian gritava de alegria, correndo para abraçar as pernas de Qing Ling, pedindo para "Tia Ling" pegá-la no colo. A imagem daquela menina inocente e pura era como um ponto de luz quente em meio à atmosfera cada vez mais sufocante que sentíamos neste lugar.

Porque, paralelamente à paz naquela pequena família, sabíamos que a sombra escura da perseguição estava se aproximando. Através das histórias incompletas de outros praticantes, das poucas informações que

conseguimos ler ao tentar contornar o firewall, sabíamos que a situação em muitos lugares estava se tornando muito tensa. Havia novas ondas de prisões, assédio a praticantes ocorrendo com mais frequência. Mesmo aqui em Xangai, embora parecesse mais pacífico do que em alguns outros lugares sobre os quais ouvimos falar, uma atmosfera de ansiedade ainda pairava em algum lugar.

Podíamos ver a preocupação passageira nos olhos do Sr. Kang Yu e da Sra. Mai sempre que a situação geral era mencionada casualmente. Eles conheciam os perigos que eles e outros colegas praticantes enfrentavam. Mas em vez de medo ou evasão, eles pareciam ainda mais firmes em sua fé. Eles ainda liam os livros e praticavam os exercícios silenciosamente em casa todos os dias, ainda ensinavam sua filha com bondade.

“Nós não fizemos nada de errado”, o Sr. Kang Yu me disse uma vez em uma conversa particular, sua voz profunda, mas muito resoluta. “Nós só queremos ser boas pessoas de acordo com Verdade-Compaixão-Tolerância. O Dafa trouxe tantas coisas boas para minha família, como poderíamos abandoná-lo apenas por causa de calúnias e ameaças?”

A firmeza deles nos fez admirá-los e também nos preocupar. Por quanto tempo essa paz frágil duraria? Esta pequena e feliz família conseguiria resistir à tempestade que se aproximava? Olhando para o sorriso

inocente da pequena Xiao Lian, os olhos gentis da Sra. Mai e a expressão firme do Sr. Kang Yu, um pressentimento indescritível surgiu em meu coração. Eu só podia esperar silenciosamente por sua segurança, embora a razão me dissesse que, nessas circunstâncias, uma oração parecia muito frágil.

## **A brutal invasão da meia-noite**

Meu mau pressentimento sobre a família do Sr. Kang Yu, terrivelmente, tornou-se realidade, de uma maneira muito mais súbita e brutal do que eu poderia ter imaginado.

Naquela noite, eu me revirei na cama, incapaz de dormir. Talvez os pensamentos sobre a perseguição, sobre os perigos que os praticantes enfrentavam, assombrassem minha mente. O tempo de verão em Xangai era bastante abafado, e embora houvesse ar condicionado no quarto do hotel, eu ainda me sentia sufocado. Por volta da uma da manhã, incapaz de suportar, saí silenciosamente para a varanda para tomar um pouco de ar noturno. Nosso hotel não ficava muito perto do complexo residencial do Sr. Kang Yu, a algumas centenas de metros de distância, mas da varanda do andar alto, eu ainda podia ver uma parte daquela área.

Enquanto olhava para longe, tentando afastar os pensamentos pesados, de repente me assustei ao ver as luzes do apartamento do Sr. Kang Yu acesas de forma incomum no meio da noite. E logo depois, embora à distância e o som fosse muito abafado, eu ainda podia sentir vagamente ruídos altos e anormais – algo como batidas na porta, gritos indistintos e o vislumbre de pessoas se movendo caoticamente dentro da janela iluminada. Meu coração se apertou. Um arrepio percorreu minha espinha. Virei-me apressadamente para chamar Qing Ling, que também havia sido acordada pelo meu barulho. "Ling, algo aconteceu! Acho que... acho que é a casa do Sr. Kang Yu!"

Sem hesitação, vestimos rapidamente um casaco, saímos silenciosamente do hotel e corremos em direção ao complexo residencial do Sr. Kang Yu. Não ousamos nos aproximar muito, apenas nos escondemos atrás de uma grande árvore no início do quarteirão, de onde podíamos ver o apartamento do Sr. Kang Yu a algumas dezenas de metros de distância.

Sob a luz amarelada dos postes de rua, a cena diante de nós nos deixou paralisados. A porta do pequeno apartamento da família do Sr. Kang Yu havia sido arrombada, arrancada de suas dobradiças. Vários homens uniformizados e alguns à paisana de aparência muito agressiva estavam bloqueando a porta. Dentro do apartamento, as luzes estavam acesas, e os sons de gritos



e o choro de partir o coração da pequena Xiao Lian ainda ecoavam.

Então os vimos arrastando o Sr. Kang Yu para fora. Ele estava apenas com um pijama fino, suas mãos torcidas atrás das costas, e parecia haver um hematoma em seu rosto. Ele lutava, seus olhos olhando para o apartamento cheios de dor e impotência. Imediatamente depois, a Sra. Chen Mai também foi arrastada por duas mulheres à paisana, seu cabelo estava uma bagunça, seu rosto atordoado, ela tentou chamar o nome de sua filha, mas foi amordaçada por um deles.

"Rápido! Entrem no carro!" um dos homens uniformizados gritou, empurrando o Sr. Kang Yu e a Sra. Mai em direção a uma pequena van sem identificação estacionada nas proximidades.

O Sr. Kang Yu tentou olhar para trás uma última vez, gritando alto: "Falun Dafa é bom! Verdade-Compaixão-Tolerância é bom! Abaixo a perseguição!"

Imediatamente, um policial o atingiu com força no estômago com a coronha de sua arma, fazendo-o dobrar-se de dor. Eles empurraram brutalmente o casal para a parte de trás da van e bateram a porta. O veículo acelerou, desaparecendo na noite escura, deixando para trás um espaço vazio e o choro incessante da pequena Xiao Lian ainda ecoando do apartamento devastado.

Os homens restantes continuaram a saquear o interior por mais um tempo. Vimos eles carregando várias caixas, provavelmente livros do Dafa e materiais relacionados, e as jogando em outro veículo. Depois de pegarem o que queriam, eles também partiram rapidamente, deixando para trás o apartamento com a porta quebrada, as luzes ainda acesas e o choro de uma criança abandonada.

Todo o incidente durou menos de meia hora, rápido e brutal como um pesadelo. Ao redor, os outros apartamentos permaneceram em silêncio, ninguém se atreveu a olhar para fora. Talvez eles estivessem muito acostumados com cenas como esta, ou o medo os impediu de ter qualquer reação. Uma atmosfera de terror envolveu todo o complexo residencial, fria e assustadora.

Qing Ling e eu ficamos paralisados atrás da árvore, nossos corpos tremendo. Não pelo frio da noite, mas pelo horror e pela raiva que ferviam em nossos peitos. Testemunhamos com nossos próprios olhos a brutalidade, a desumanidade do chamado "governo do povo". Eles invadiram descaradamente a casa de alguém no meio da noite, arrombaram a porta, espancaram, prenderam pessoas como se fossem animais, deixando para trás uma criança de apenas três anos em terror absoluto.

Senti um nó no estômago por causa da sensação de impotência. Não podíamos fazer nada para ajudá-los.

Éramos apenas espectadores fracos, testemunhando a tragédia se desenrolar sem poder fazer mais nada. A raiva contra este regime subiu à minha garganta. E a preocupação com o destino do Sr. Kang Yu, da Sra. Mai e especialmente da pequena Xiao Lian era como uma grande rocha pesando em minha mente. O que aconteceria com eles? E aquela pobre criança, agora sozinha na casa vazia, o que seria dela? O choro da menina era como facas cortando nossos corações, assombroso e persistente.

## **Más notícias após más notícias - pais desaparecidos**

Após a noite aterrorizante em que testemunhamos a prisão da família do Sr. Kang Yu, a preocupação e a ansiedade pesaram sobre nossas mentes e as de nossos colegas praticantes. A coisa imediata a fazer era descobrir para onde o Sr. Kang Yu e a Sra. Chen Mai haviam sido levados e qual era a situação deles.

No entanto, encontrar informações nessas circunstâncias era como procurar uma agulha no palheiro, e também extremamente perigoso. As delegacias de polícia e os centros de detenção nunca davam informações aos familiares, especialmente em casos considerados

relacionados ao Falun Gong. Qualquer tentativa de perguntar poderia levantar suspeitas e trazer mais problemas.

O Tio Liu e alguns outros praticantes mais velhos e experientes tentaram descobrir notícias através de canais não oficiais, de forma muito discreta e cuidadosa. Eles pediram a conhecidos que trabalhavam em agências governamentais de baixo escalão, ou perguntaram a praticantes de áreas vizinhas se alguém sabia de alguma coisa. Cada dia passava em uma espera ansiosa. Nós nos revezávamos para cuidar da pequena Xiao Lian. A menina foi temporariamente cuidada por uma gentil, mas também muito assustada, família vizinha durante o dia. Tentamos confortá-la e brincar com ela, mas o olhar confuso e assustado de Xiao Lian e sua pergunta inocente "Onde estão mamãe e papai?" apenas apertavam ainda mais nossos corações.

Cerca de uma semana após aquela noite terrível, as primeiras más notícias chegaram. O Tio Liu nos encontrou com o rosto pálido, seus olhos vermelhos por falta de sono e preocupação. Ele havia recebido notícias de uma fonte confiável dentro do centro de detenção (provavelmente alguém com uma consciência que não suportava a crueldade e vazou a informação). O Sr. Kang Yu... não estava mais vivo.

"Eles disseram... eles disseram que Yu teve uma 'morte súbita' durante o interrogatório", a voz do Tio Liu falhou, embargada. "Mas a fonte disse que, nos dias anteriores, ele foi torturado muito brutalmente por se recusar a confessar, por se recusar a escrever as 'três declarações'. Ele insistiu que o Falun Dafa é bom."

Meu coração pareceu parar. Kang Yu, o carpinteiro simples e saudável que tínhamos acabado de conhecer, poderia ter uma "morte súbita" apenas uma semana após ser preso? Era muito ilógico.

Mas o mais horrível ainda estava por vir. O Tio Liu baixou a voz, quase um sussurro, seus olhos revelando uma raiva e nojo indescritíveis. "A pessoa também disse... que antes de morrer, Yu e alguns outros foram levados para um 'exame de saúde' muito completo, mas em um lugar que não parecia um hospital normal. E então... seu corpo foi devolvido muito rapidamente, não permitindo que a família o examinasse de perto, apenas vendo algumas suturas muito estranhas em seu abdômen... Eles suspeitam que..."

O Tio Liu não terminou a frase, mas tanto eu quanto Qing Ling entendemos imediatamente. A terrível suspeita sobre a extração forçada de órgãos de praticantes saudáveis do Falun Gong – um crime contra a humanidade do qual havíamos ouvido falar, mas nunca ousamos acreditar que fosse real – agora aparecia

de forma mais clara e horrível do que nunca. Eles haviam matado o Sr. Kang Yu, não apenas por sua fé, mas também possivelmente por seus órgãos saudáveis.

Senti uma náusea e um frio percorrerem meu corpo. A brutalidade deste regime havia ultrapassado todos os limites da imaginação humana. Isso não era mais uma perseguição política ou religiosa comum, era a destruição da humanidade, o crime mais bárbaro. Qing Ling caiu em uma cadeira, cobrindo o rosto com as mãos e soluçando. Ela não conseguia suportar essa verdade excessivamente cruel.

A dor de perder um colega praticante ainda não havia diminuído quando, algumas semanas depois, mais notícias chegaram sobre a Sra. Chen Mai. Através de um advogado consciencioso (que não ousou assumir publicamente casos do Falun Gong, mas ainda ajudou secretamente a obter informações), soubemos que a Sra. Mai havia sido condenada a 8 anos de prisão sob a acusação forjada de "usar uma seita maligna para minar a aplicação da lei". Imediatamente após uma sentença de primeiro grau apressada e superficial, ela foi transferida para uma prisão feminina em alguma província montanhosa remota. A partir de então, não houve mais notícias dela. A família não tinha permissão para visitá-la, e as cartas também eram interceptadas. Era como se ela tivesse desaparecido completamente deste mundo, ninguém sabia se estava viva ou morta.

Más notícias após más notícias. Em um curto período de tempo, uma família feliz foi completamente destruída. O marido foi torturado até a morte, e ainda havia a suspeita de ser vítima de extração de órgãos. A esposa foi presa e desapareceu, sem saber quando poderia retornar. Apenas a filha pequena ficou abandonada em um mundo de injustiça. A tragédia da família do Sr. Kang Yu e da Sra. Chen Mai foi como um corte profundo, expondo a natureza maligna e desumana da perseguição ao Falun Gong. Não eram mais histórias ouvidas ou números em um jornal, mas a dor presente, as lágrimas e o sangue de pessoas de carne e osso que conhecíamos e gostávamos. Essa verdade gravou uma marca indelével em nossas mentes, e ao mesmo tempo levantou uma questão urgente: O que deveríamos fazer por Xiao Lian, aquela pobre criança órfã?

## **A criança abandonada e uma decisão do coração**

Depois que as notícias dolorosas sobre o destino do Sr. Kang Yu e da Sra. Chen Mai foram confirmadas, uma questão angustiante pairou no ar: Quem cuidaria da pequena Xiao Lian? A criança de apenas três anos havia perdido pai e mãe em circunstâncias impossivelmente

cruéis, tornando-se uma criatura pequena e indefesa em meio à tempestade.

A gentil família vizinha, embora gostasse muito da menina, claramente não poderia abrigar Xiao Lian por muito tempo. O medo após testemunhar a brutal prisão naquela noite ainda os assombrava. Eles viviam com ansiedade, temendo serem implicados por ajudarem a filha de pessoas consideradas "elementos do Falun Gong". Em uma conversa com o Tio Liu, eles expressaram seu dilema e preocupação, sugerindo a possibilidade de ter que levar Xiao Lian para um orfanato ou encontrar algum outro parente – opções que todos sabiam serem extremamente frágeis e cheias de riscos para o futuro de uma criança como Xiao Lian.

Toda vez que eu e Qing Ling visitávamos Xiao Lian, nossos corações se apertavam. Ela não era mais a Xiao Lian animada e brincalhona de antes. Agora, ela costumava se sentar encolhida em um canto, seus grandes olhos redondos sempre arregalados de medo e confusão, olhando para um espaço vazio. Ela falava pouco, sorria pouco, e às vezes gritava "Papai! Mamãe!" em seu sono e acordava assustada, chorando inconsolavelmente. A imagem daquela criança inocente e pura sendo arrastada para o turbilhão cruel da perseguição, perdendo tudo apenas por causa da fé de seus pais, cortava nossos corações com uma dor e indignação indescritíveis.



Nós não podíamos ignorar. O princípio da Compaixão que estávamos tentando aprender, e a humanidade mais básica, não nos permitiam virar as costas para a situação extremamente trágica de Xiao Lian. Levá-la para um orfanato, onde ela poderia ser discriminada e maltratada, era algo que não podíamos aceitar.

No entanto, a decisão de estender a mão veio com grandes riscos. Éramos estrangeiros, e adotar abruptamente uma criança chinesa sem documentos claros em uma situação tão sensível era como nos colocar na mira do governo. Poderíamos ser suspeitos, vigiados, até mesmo presos ou deportados. Nossa própria segurança, nossos planos de voltar para a América, tudo poderia ser seriamente ameaçado. Esse medo era muito real, infiltrando-se em cada pensamento, nos fazendo hesitar e nos sentir divididos.

Naquela noite, depois de deixarmos a casa do vizinho onde Xiao Lian estava hospedada temporariamente, nossos corações estavam pesados. Caminhamos de volta ao nosso quarto de hotel em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos, mas todos voltados para este mesmo problema difícil. De volta ao quarto, sentamo-nos frente a frente por um longo tempo, ninguém disse nada, apenas o som de suspiros suaves.

De repente, Qing Ling levantou a cabeça e olhou diretamente nos meus olhos. Seus olhos não tinham mais

a hesitação habitual, mas sim uma estranha firmeza, uma resolução que parecia vir do fundo de seu coração.

“Ming”, disse ela, sua voz trêmula, mas muito clara e forte. “Eu pensei muito sobre isso. Eu... eu não posso abandonar a menina. Vê-la assim, meu coração dói. Temos que fazer algo por ela. Não importa o quão perigoso seja, não posso deixar Xiao Lian enfrentar um futuro incerto sozinha.”

As palavras de Qing Ling foram como um choque elétrico percorrendo meu corpo. Não era uma pergunta de opinião, mas uma afirmação firme, uma decisão formada a partir de uma profunda Compaixão, do amor que ela provavelmente sentiu através do Dafa e do impulso da consciência ao enfrentar a dor de Xiao Lian. O conflito dentro de mim se dissolveu instantaneamente, dando lugar ao acordo e à admiração pelo coração de minha esposa.

“Eu entendo”, respondi, minha voz também cheia de emoção, pegando sua mão com força. “Você tomou a decisão certa. Faremos isso juntos. Levaremos Xiao Lian conosco, cuidaremos e a protegeremos.”

A decisão final foi tomada, não por um cálculo de ganhos e perdas para nossa própria segurança, mas pelo forte impulso do coração, da compaixão e da fé nos valores de Verdade-Compaixão-Tolerância que

estávamos aprendendo. Embora soubéssemos que o caminho à frente era cheio de dificuldades, com perigos à espreita, ao olhar nos olhos determinados de Qing Ling, senti uma estranha firmeza.

No dia seguinte, informamos nossa decisão ao Tio Liu e à família vizinha. No início, eles ficaram um pouco chocados e, sem dúvida, preocupados com a segurança de dois estrangeiros como nós, mas depois se comoveram e entenderam nosso coração. Com a ajuda discreta deles, preparamos tudo o que era necessário para levar Xiao Lian para nosso quarto de hotel.

Quando chegamos, Xiao Lian ainda estava sentada encolhida no canto, seus olhos cheios de medo. Foi Qing Ling quem se aproximou suavemente, sentou-se ao nível dos olhos da menina, sorriu gentilmente e abriu os braços. “Doce Xiao Lian, venha para a tia”, a voz de Qing Ling era quente e suave.

A menina olhou para Qing Ling por alguns segundos, confusa, e então, como se sentisse a segurança e o amor genuíno que emanavam de minha esposa, Xiao Lian se levantou timidamente, deu pequenos passos em direção a Qing Ling e se aninhou em seus braços. No momento em que Qing Ling abraçou Xiao Lian com força, sua mão acariciando suavemente o cabelo bagunçado da menina, confortando suas costas pequenas e trêmulas, vi o rosto

de Qing Ling brilhar com uma beleza sagrada, um amor imenso e uma força extraordinária.

Olhando para aquela imagem, uma imagem que eu nunca esquecerei, entendi que nossas vidas haviam realmente virado uma página completamente nova. A viagem de verão de três meses, que deveria terminar no final de agosto, agora se estendia até quase o final de outubro. Inicialmente, decidimos ficar mais tempo apenas porque queríamos aprender mais sobre este caminho de cultivo, mas agora, com a chegada de Xiao Lian, essa decisão certamente nos manteria nesta terra turbulenta por muito mais tempo, por quanto tempo, não sabíamos. Não éramos mais apenas turistas. Havíamos nos tornado pais relutantes, carregando em nossos ombros a sagrada responsabilidade de abrigar e proteger uma pequena alma que acabara de escapar de uma situação trágica. Esta decisão do coração, nascida da Compaixão e da coragem de Qing Ling, e que nós dois concordamos em realizar, foi a lição prática mais profunda e verdadeira de Verdade-Compaixão-Tolerância que tivemos em meio à adversidade. E também nos colocou oficialmente em uma nova jornada, uma jornada cheia de perigos, mas também cheia de significado: a jornada para encontrar um caminho de vida para nós três em meio à tempestade da perseguição.

\* \* \*

## **CAPÍTULO 12:**

# **ATRAVESSANDO A NOITE ESCURA - CONFRONTO E FUGA**

### **Planejando e iniciando a jornada de fuga**

No momento em que Qing Ling abraçou Xiao Lian, entendemos claramente que a segurança relativa que tínhamos em Xangai não existia mais. O fato de termos adotado Xiao Lian, a filha de dois praticantes do Falun Gong que haviam sido presos – um morto, outro desaparecido – certamente não passaria despercebido pelo aparato de segurança. Embora eles ainda não

tivessem agido, eu tinha um sentimento muito claro de que todas as nossas ações desde que acolhemos Xiao Lian provavelmente já estavam sob vigilância. Ficar neste hotel por mais um dia seria muito perigoso, não apenas para nós, mas também para Xiao Lian e para aqueles que nos ajudaram, como o Tio Liu.

Naquela noite, depois que Xiao Lian adormeceu de cansaço nos braços de Qing Ling, sentamo-nos no quarto do hotel, sussurrando nossos planos. A situação era urgente.

"Temos que sair imediatamente, esta noite ou o mais tardar amanhã de manhã", eu disse, tentando manter a voz calma, embora meu coração estivesse batendo muito forte. "Ficar aqui é como esperar que eles venham nos prender."

Qing Ling concordou com a cabeça, seu rosto pálido, mas seus olhos muito determinados. "Para onde vamos agora, querido?"

"Só há uma opção", respondi. "Temos que encontrar um jeito de chegar ao Consulado Americano. Felizmente, há um consulado aqui mesmo em Xangai. Esse será nosso objetivo imediato."

Qing Ling pareceu um pouco aliviada por não termos que viajar para muito longe imediatamente, mas depois

ficou preocupada: "Mas como chegaremos lá em segurança, querido? Daqui até a área do consulado não é perto, e se eles realmente já nos notaram..."

Sim, embora o alvo estivesse na mesma cidade, mover-se com Xiao Lian sem documentos válidos ainda era muito perigoso se fôssemos parados. "Ainda temos que ser extremamente cuidadosos", eu disse. "Talvez não iremos direto ao consulado, mas encontraremos outro lugar temporário para ficar, muito discreto, em outro distrito da cidade, para monitorar a situação e encontrar o momento certo. Teremos que nos mover usando os meios de transporte menos controlados, talvez táxis para trechos curtos ou ônibus em rotas secundárias, tentando evitar as áreas centrais com muita polícia."

O plano preliminar foi traçado: Sair deste hotel esta noite ou de madrugada. Encontrar um novo lugar temporário, mais discreto, talvez em uma área mais suburbana de Xangai. De lá, tentaríamos contatar ou encontrar o caminho mais seguro para o Consulado Americano, enquanto tentávamos não atrair mais atenção.

Antes de partirmos, tentei contatar o Tio Liu com muito cuidado através de uma mensagem simplesmente codificada que havíamos combinado antes (usando apenas palavras sugestivas, sem falar diretamente), informando-o da situação e de nossos planos, e também pedindo-lhe que, se possível, informasse as pessoas na



rede de praticantes em outras localidades para que pudessem nos ajudar se necessário em nossa jornada, caso a situação piorasse e fôssemos forçados a deixar Xangai. Sabíamos que este era um pedido muito arriscado para o Tio Liu, mas nessas circunstâncias, não tínhamos outra escolha.

A preparação foi rápida e silenciosa na escuridão. Arrumamos apenas o essencial em duas pequenas mochilas: algumas mudas de roupa, o pouco dinheiro que nos restava, nossos documentos de identificação e, claro, o livro sem capa "Zhuan Falun" que sempre carregávamos. Qing Ling preparou um pouco de leite em pó, biscoitos e algumas roupas pequenas para Xiao Lian que havíamos comprado às pressas alguns dias antes.

A pequena Xiao Lian ainda dormia profundamente, talvez estivesse exausta após os terríveis acontecimentos. Qing Ling a pegou gentilmente, envolvendo-a firmemente em um grande xale. Apagamos as luzes, trancamos a porta do quarto do hotel pela última vez e saímos silenciosamente sob o manto da noite.

As ruas de Xangai à noite ainda tinham alguma luz, mas as pequenas vielas estavam desertas. Cada barulho súbito nos assustava. Eu sempre tinha uma sensação desconfortável de estar sendo observado, embora tentasse não demonstrar. Caminhamos uma boa distância até um ponto de ônibus na periferia da cidade,

onde havia ônibus que faziam rotas longas dentro da cidade e para os distritos periféricos.

Felizmente, havia um ônibus noturno prestes a partir, indo para um distrito nos subúrbios que havíamos escolhido como nosso esconderijo temporário. Compramos as passagens, tentando manter a expressão mais normal possível, e depois embarcamos rapidamente, escolhendo dois assentos no final, escondidos na escuridão. Qing Ling segurou Xiao Lian com força, cantando suavemente canções de ninar familiares para que a menina continuasse a dormir em paz.

Quando o ônibus começou a se mover lentamente, deixando a área central movimentada, mas também perigosa, para trás, soltei um pequeno suspiro de alívio, mas apenas temporário. Olhando pela janela, a escuridão densa era como o futuro incerto que nos esperava. A perigosa jornada de fuga de nós três, embora apenas nos primeiros passos dentro desta cidade, havia começado. Não sabíamos o que teríamos que enfrentar, não sabíamos se conseguiríamos chegar ao consulado em segurança. Apenas uma coisa era certa: tínhamos que proteger Xiao Lian a todo custo, e nossa fé na ajuda do Dafa e nos corações bondosos ao longo deste caminho difícil.

## **A rede de benevolência em meio ao perigo**

Nossa jornada para encontrar um novo refúgio seguro na vasta cidade de Xangai foi uma série de dias tensos e cansativos. Depois de deixarmos o antigo hotel no ônibus noturno para os subúrbios, tivemos que nos mover constantemente, evitando ficar em um lugar por muito tempo. Encontrar uma pousada discreta que não exigisse documentos rigorosos e que garantisse a segurança de Xiao Lian não foi nada simples. Toda vez que tínhamos que passar por áreas patrulhadas pela polícia, mesmo que fosse apenas uma verificação de trânsito de rotina, meu coração batia forte. Qing Ling e eu tentávamos manter a expressão mais calma possível; Qing Ling costumava segurar Xiao Lian, que estava dormindo ou fingindo dormir, com força, na esperança de que a presença de uma criança os fizesse prestar menos atenção.

A comida era principalmente o que comprávamos às pressas em lojas de conveniência ou pequenos restaurantes de beira de estrada. A pequena Xiao Lian, embora ainda pequena, parecia sentir a anormalidade e a atmosfera tensa. Ela estava mais bem-comportada do que o normal, chorando menos, apenas se aninhando silenciosamente nos braços de Qing Ling, ocasionalmente olhando confusa para a paisagem

desconhecida das novas ruas que passavam. Vê-la assim apenas fortaleceu nossa determinação de encontrar rapidamente uma solução segura.

Naqueles primeiros dias difíceis, quando às vezes nos sentíamos completamente sozinhos, não esperávamos que a mensagem que enviamos ao Tio Liu através de uma mensagem codificada realmente tivesse efeito. Uma rede invisível de bondade e apoio mútuo, conectada por uma fé comum em Verdade-Compaixão-Tolerância, havia operado silenciosamente aqui mesmo em Xangai para nos ajudar.

Quando estávamos lutando para encontrar um lugar temporário em outro distrito, após um dia de viagens em círculos e começando a nos sentir um pouco desesperados, uma mulher de meia-idade com um rosto bondoso de repente se aproximou de nós em um ponto de ônibus deserto. Ela não disse muito, apenas entregou a Qing Ling um pequeno pedaço de papel com um endereço e disse em voz baixa: "Vocês são amigos do Tio Liu, não são? Sigam-me."

Embora um pouco hesitantes no início, sem saber o que era verdade, ao olharmos para seus olhos sinceros e sua calma, decidimos confiar nela. Ela nos levou a um pequeno apartamento no fundo de uma viela tranquila, longe das ruas principais. Era a casa dela. Naquela noite, pela primeira vez após vários dias de movimento

constante, tivemos um lugar quente para dormir, uma refeição quente e uma sensação temporária de segurança. Ela não perguntou muito sobre nossa situação, apenas ajudou silenciosamente. Ela preparou um pouco de comida seca para levarmos, deu a Xiao Lian alguns doces e nos aconselhou sobre quais rotas tomar no dia seguinte se quiséssemos continuar, para evitar postos de controle ou áreas com muitos policiais à paisana.

“Sintam-se à vontade para descansar aqui por um ou dois dias. Este lugar é temporariamente seguro”, disse ela antes de nos deixar descansar. “Muitos de nós já passamos por circunstâncias difíceis. Ajudamos quando podemos. Apenas confiem no Mestre, confiem no Dafa, e tudo ficará bem.”

Essa ajuda não veio apenas uma vez. Nos dias seguintes em Xangai, quando tivemos que mudar de lugar várias vezes para garantir a segurança, recebemos apoio semelhante de outras pessoas na rede do Tio Liu. Às vezes era um jovem que nos pegava em um ponto de encontro combinado e nos levava para sua casa por uma noite. Outras vezes, era um casal de idosos que nos indicava uma pequena pousada cujo dono eles sabiam ser uma boa pessoa e não faria muitas perguntas sobre documentos. Uma vez, até fomos levados por um praticante em seu carro particular por algumas áreas onde não conhecíamos o caminho, ajudando-nos a evitar lugares potencialmente perigosos.

Toda vez que recebíamos essa ajuda, nossos corações se enchiam de profunda gratidão. Sabíamos que essas pessoas, esses praticantes comuns do Falun Gong no coração de Xangai, estavam colocando a si mesmos e suas famílias em grande perigo para nos ajudar – a nós, que eles só conheciam por meio de uma recomendação. Eles não faziam isso por nenhum ganho pessoal, mas simplesmente por Compaixão, por camaradagem entre praticantes, por sua crença na retidão do que estavam fazendo. A coragem, a calma e o altruísmo deles irradiavam uma força espiritual extraordinária, em total contraste com a brutalidade e o medo que este regime tentava espalhar.

Não apenas os praticantes do Falun Gong, às vezes também recebíamos ajuda inesperada de pessoas comuns em Xangai, que talvez não soubessem ou não entendessem completamente o Falun Gong, mas cuja consciência e bondade ainda os impulsionavam a agir. Uma vez, quando estávamos descansando em um pequeno restaurante de beira de estrada, a dona viu que Xiao Lian parecia cansada e silenciosamente trouxe uma tigela de mingau quente para a menina sem cobrar. Outra vez, um taxista, vendo que parecíamos perdidos e com uma criança pequena, não fez um desvio e ainda nos mostrou a maneira mais rápida e segura de chegar ao nosso destino.

Esses pequenos atos de bondade, não importando de quem viessem, eram como chamas quentes que nos aqueciam nestes dias ansiosos, dando-nos mais fé na boa natureza da humanidade, a fé de que mesmo nas circunstâncias mais sombrias, a luz da Compaixão sempre existe e se espalha silenciosamente. Essa rede invisível de benevolência era um apoio espiritual precioso, dando-nos mais força e esperança para continuar nossa jornada em direção ao consulado, em direção à luz da liberdade e da justiça.

## **Caindo na rede - Wang Ming é preso**

Graças à rede de benevolência e à coragem dos colegas praticantes e dos bons cidadãos de Xangai, superamos muitos dias de esconderijo e movimento temeroso. Após quase duas semanas desde que deixamos o antigo hotel, mudando constantemente de abrigo temporário e tentando nos mover da forma mais discreta possível na vasta cidade, finalmente sentimos que estávamos muito perto de nosso objetivo: o Consulado Americano.

De acordo com as informações que havíamos apurado, o consulado estava localizado em uma área bastante central. Planejamos encontrar um café ou algum lugar público perto do consulado, de onde poderíamos

observar a situação e encontrar o momento certo para entrar. A esperança de segurança e uma saída começou a crescer mais forte do que nunca.

Naquela tarde, tínhamos acabado de sair de um táxi em uma rua a algumas centenas de metros do Consulado Americano. Descemos deliberadamente a uma certa distância para evitar chamar atenção direta. A rua estava bastante movimentada, com muitas lojas e escritórios. Qing Ling estava acalmando Xiao Lian, que parecia um pouco cansada após a viagem pela cidade. Eu tentava manter a calma, observando os arredores e procurando um lugar onde pudéssemos descansar temporariamente antes de nos aproximarmos mais do consulado.

Nesse exato momento, senti que algo estava errado. Alguns homens à paisana, que pareciam estar rondando por perto desde que descemos do táxi, de repente começaram a se aproximar de nós de forma intencional. Meu coração bateu forte. A intuição me disse que algo ruim estava para acontecer.

"Verificação de documentos", disse um deles, sua voz fria, mostrando um distintivo da polícia muito rapidamente antes de guardá-lo. Seus olhos nos varreram, demorando-se em Xiao Lian, que esfregava os olhos no colo de Qing Ling.



Tentei manter a calma, tirando meu passaporte e o de Qing Ling. Embora eu estivesse preparado para o pior, o incidente aconteceu tão rápido e neste exato momento que não pude deixar de ficar chocado.

"Esta criança é filha de vocês?" perguntou outro, apontando para Xiao Lian.

"Sim, ela é nossa filha", respondi, tentando parecer natural, embora eu soubesse que eles já sabiam de tudo.

"Onde estão os documentos dela?" o primeiro policial perguntou, sua voz ainda firme, mas seus olhos se tornaram mais afiados, como se ele soubesse com certeza que não os tínhamos.

Isso era o que mais temíamos. Não tínhamos nenhum documento que provasse que Xiao Lian era nossa filha. Comecei a tentar dar uma desculpa de que estávamos no processo de refazer os documentos dela porque os havíamos perdido... Mas eu sabia que a explicação era completamente inútil. Eles nos seguiram, sabiam quem éramos, e escolheram este exato momento, quando estávamos prestes a chegar a um lugar onde poderíamos buscar proteção, para agir.

Sem esperar que eu terminasse a frase, um deles fez um sinal. Imediatamente, mais alguns homens de cantos próximos da rua se aproximaram, cercando-nos

rapidamente. A atmosfera de repente ficou extremamente tensa. Era o fim. Eles haviam esperado por este momento.

"Vocês dois virão conosco para a delegacia", disse o líder, sua voz agora firme. "Há algumas questões a serem esclarecidas."

"Nós não fizemos nada de errado!" Qing Ling disse em pânico, abraçando Xiao Lian com mais força. "Nós somos cidadãos americanos..."

"Silêncio! Venham conosco!" gritou outro, afastando bruscamente a mão de Qing Ling.

Eles se moveram para segurar meus braços. Por reflexo, dei um passo para trás, usando meus braços para proteger Qing Ling e Xiao Lian. "O que vocês estão fazendo? Temos o direito de contatar o consulado! O consulado fica bem aqui perto!" tentei gritar, na esperança de atrair a atenção dos transeuntes.

Mas essa ação pareceu apenas irritá-los e fazê-los agir mais rápido. Dois homens fortes imediatamente se lançaram sobre mim, torcendo meus braços para trás das costas. Tentei lutar, mas não consegui resistir. Algemas frias apertaram meus pulsos.

"Ming! Ming!" Qing Ling gritou, tentando correr para me segurar, mas foi bloqueada por outro homem. Xiao Lian, vendo a cena, gritou de terror, seu choro de partir o coração ecoando na rua movimentada.

"Soltem ele! O que vocês estão fazendo?" Qing Ling gritou em desespero, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Fui arrastado em direção a uma van sem placa estacionada em uma esquina próxima, provavelmente esperando por nós. Tentei olhar para trás para ver Qing Ling e Xiao Lian uma última vez. A imagem das duas, mãe e filha, abraçadas e chorando no meio do cerco de homens à paisana e da multidão curiosa que começava a se formar, foi como uma faca em meu coração. Uma dor, impotência e preocupação avassaladoras me tomaram. O que aconteceria comigo? Mais importante, o que Qing Ling e Xiao Lian fariam nesta cidade sem mim?

Fui empurrado com força para a parte de trás da van. A porta bateu, trancando-me na escuridão e no medo. O veículo acelerou, deixando para trás o choro de Xiao Lian e a imagem desesperada de Qing Ling, uma imagem que me assombraria nos dias sombrios que viriam. O cerco havia se fechado bem quando estávamos prestes a alcançar a esperança. Eu havia caído na rede.

## Meses na escuridão da prisão

Fui levado para um lugar que eles chamavam de "Centro de Detenção e Interrogatório". Na verdade, era uma prisão temporária em algum lugar de Xangai, um lugar frio, úmido e sempre envolto em uma atmosfera sufocante e assustadora. Depois de alguns procedimentos superficiais, como tirar minhas impressões digitais, tirar fotos e confiscar todos os meus pertences pessoais (felizmente, o livro "Zhuan Falun" estava na mochila de Qing Ling na época, senão provavelmente o teriam levado também), fui empurrado para uma cela apertada e fedorenta com quase vinte outras pessoas.

As condições de vida aqui eram tão ruins que era difícil imaginar. O ar estava sempre espesso com o cheiro de suor, mofo e o odor desagradável do banheiro aberto no canto da sala. Tínhamos que dormir amontoados no chão frio de cimento, cada um com apenas uma esteira rasgada. A única luz vinha de uma lâmpada amarelada pendurada no teto, que nunca se apagava, fazendo com que o dia e a noite se misturassem. A comida era apenas algumas porções escassas de prisão, geralmente arroz branco seco com alguns vegetais cozidos amassados e alguns pedaços de tofu, nunca o suficiente para saciar a fome persistente.

Mas o desconforto físico não era nada comparado à pressão mental e aos interrogatórios constantes que tive que suportar. Quase todos os dias, geralmente nos momentos mais inconvenientes, como no meio da noite ou de madrugada, eu era arrastado para fora da cela e levado para uma pequena e fria sala de interrogatório. Lá, sob a luz ofuscante de uma lâmpada elétrica apontada diretamente para o meu rosto, eu tinha que enfrentar vários policiais que se revezavam para me interrogar.

Eles não acreditaram em minha explicação de que éramos apenas turistas na China e que havíamos adotado Xiao Lian por compaixão. Eles insistiram em me acusar de ser um espião americano, usando o turismo para coletar informações e conspirar com a "organização de seita maligna" Falun Gong para subverter o governo chinês. Eles até distorceram deliberadamente a verdade, dizendo que eu havia sequestrado Xiao Lian para algum propósito sombrio.

"Confesse! De quem você recebe ordens? Quem está na sua rede aqui?" Eles batiam na mesa, gritando, suas vozes cheias de ameaças. "Você acha que ter cidadania americana é grande coisa? Isto é a China! Se você não confessar honestamente, vai apodrecer na prisão!"

Eles usaram todos os tipos de métodos para aplicar pressão psicológica. Às vezes, eles me ameaçavam,

dizendo que sabiam onde Qing Ling e Xiao Lian estavam, e que se eu não cooperasse, elas estariam em perigo. Outras vezes, eles fingiam ser brandos, prometendo clemência e ajuda para minha libertação antecipada se eu "prestasse um serviço meritório", ou seja, admitisse as acusações fabricadas e entregasse os nomes dos praticantes do Falun Gong que nos ajudaram.

Para aumentar a pressão, eles também usaram formas de tortura mental e física. Embora não tão selvagens quanto o que a Sra. Lan havia descrito (talvez porque eu era estrangeiro, eles tinham alguma contenção), foi o suficiente para quebrar o espírito de uma pessoa. Eu era frequentemente forçado a ficar em pé ou sentado em posições muito desconfortáveis por horas durante interrogatórios intermináveis. Eles deliberadamente me privavam de sono, acordando-me a cada poucas horas para interrogatório ou fazendo barulhos altos na cela. Uma vez, porque eu me recusei a admitir as coisas absurdas que eles me acusavam, um interrogador com raiva me deu um tapa forte no rosto e me chutou para o chão.

Eles também me forçaram a assistir a vídeos de propaganda muito grosseiros, cheios de calúnias e difamação do Falun Gong e do Mestre Li Hongzhi. Eles me deram materiais impressos e me forçaram a ler artigos que difamavam o Dafa. Foi verdadeiramente uma

tortura mental, tentando abalar a fé que acabara de se formar em mim.

Naqueles longos e sombrios meses de desespero – eu estimo que fui detido aqui por cerca de um mês e meio, talvez quase dois meses – quando a preocupação com Qing Ling e Xiao Lian, juntamente com o tormento físico e mental, parecia que poderia me quebrar, foi o que testemunhei e ponderei na prisão que se tornou um grande apoio espiritual.

Em minha cela, havia alguns outros prisioneiros que também foram presos por praticar o Falun Gong. Eles não falavam muito sobre suas circunstâncias, mas através de suas palavras suaves, gestos gentis e calma incomum ao enfrentar a dureza, eu os reconheci. Eu os vi sentados silenciosamente em meditação quando os guardas não estavam prestando atenção, mesmo que por apenas alguns minutos. Ouvi-os sussurrar poemas de "Hong Yin" quando pensavam que ninguém estava ouvindo.

Eu também testemunhei eles sendo levados para interrogatório e voltando com novas feridas em seus corpos, mas seus olhos ainda brilhavam com uma estranha firmeza, sem qualquer ressentimento ou medo. Havia um velho fazendeiro que foi espancado tão severamente que mal conseguia andar, mas quando outro prisioneiro ficou doente, ele ainda tentou

compartilhar sua escassa porção de comida. A extraordinária Compaixão e Tolerância deles em uma situação tão extrema me impactaram profundamente.

Foram essas imagens, juntamente com minha recitação mental contínua dos princípios do Fa que aprendi em "Zhuan Falun", especialmente o princípio de Verdade-Compaixão-Tolerância, que me ajudaram a manter minha razão e fé. Comecei a entender por que eles podiam ser tão resilientes. Porque eles haviam encontrado a verdade, o verdadeiro significado da vida. Eles sabiam que essas tribulações eram apenas temporárias, oportunidades para se temperarem, para eliminar o carma e retornar à sua boa natureza original.

Testemunhar em primeira mão a natureza brutal e irracional do Partido Comunista Chinês em seu tratamento aos cidadãos mais benevolentes dissipou todas as dúvidas remanescentes em mim sobre o que o Tio Liu, a Sra. Chen e a Sra. Lan haviam contado. Percebi claramente que esta não era uma luta entre um governo e um grupo de pessoas "supersticiosas", mas um verdadeiro confronto entre o Bem e o Mal, entre a Retidão e a Maldade. E eu sabia de que lado eu tinha que ficar.

Quase dois meses na escuridão da prisão não me quebraram. Pelo contrário, foi como uma fornalha de provação, tornando minha fé no Falun Dafa ainda mais



forte. Embora meu corpo estivesse cansado, faminto e enfrentando um futuro incerto, em meu coração havia uma clareza e firmeza incomuns. Eu não sabia quando sairia deste lugar, mas tinha certeza de uma coisa: nunca me curvaria ao mal, nunca abandonaria o caminho do cultivo genuíno que tive a sorte de encontrar.

## **Intervenção diplomática e uma fuga espetacular**

Nos primeiros dias de dezembro, o tempo em Xangai começou a ficar mais frio. Na cela úmida, eu havia perdido gradualmente a noção do tempo, apegando-me apenas à minha fé e aos princípios do Fa que recitava em minha mente para resistir à dureza das circunstâncias e ao frio que se infiltrava gradualmente em meu corpo. Eu não sabia como Qing Ling e Xiao Lian estavam, se minha esposa e filha estavam seguras, se alguém as estava ajudando nesta vasta cidade. Essa preocupação às vezes me atormentava mais do que as surras ou os interrogatórios.

Então, em uma manhã fria, enquanto eu tentava me sentar de pernas cruzadas no chão frio de cimento, a porta da cela se abriu de repente. Um guarda chamou meu nome, sua voz ríspida: "Wang Ming! Saia!"

Eu não sabia o que estava para acontecer. Outro interrogatório? Ou eles estavam me transferindo para outro lugar? Levantei-me cambaleando, meu corpo exausto pela falta de comida, sono e pelo frio, e segui silenciosamente o guarda para fora da cela, sem ousar ter muita esperança.

Mas em vez de ser levado para a familiar sala de interrogatório, fui conduzido por outros corredores, para uma área que parecia ser um escritório. Lá, um oficial que parecia ser um superior esperava. Ele me olhou de cima a baixo com um olhar indecifrável, e depois gesticulou para um conjunto de roupas limpas (embora não fossem minhas) sobre a mesa.

“Troque de roupa”, ele ordenou. “Você está sendo libertado.”

Meus ouvidos zumbiram. Libertado? Depois de quase dois meses de detenção, tortura e acusações absurdas, agora eles de repente dizem que estou sendo libertado? Eu não podia acreditar no que ouvia. “Por quê...?” gaguejei.

“Não faça muitas perguntas”, ele interrompeu, sua voz impaciente. “Houve um ‘mal-entendido’ durante a investigação. As autoridades superiores revisaram seu caso. Você é um cidadão americano, nós respeitamos o direito internacional. Você pode ir.”

“Mal-entendido”? Eu sabia muito bem que isso era apenas uma desculpa. Deve ter havido uma forte intervenção externa. Será que... Qing Ling conseguiu? Será que o Consulado Americano em Xangai havia intervindo? Um raio de esperança começou a brilhar em meu coração, mas eu ainda não tinha certeza.

Depois de completar alguns procedimentos simples de papelada muito rapidamente, fui levado para fora dos portões da prisão. A fraca luz do sol de inverno atingiu meus olhos, fazendo-me semicerrar. O ar frio do lado de fora atingiu meu rosto, mas era o ar da liberdade. Respirei fundo, tentando me manter firme.

E então, eu a vi. Qing Ling estava esperando não muito longe dos portões da prisão, seu rosto magro e pálido de preocupação e falta de sono, mas seus olhos brilharam quando me viram. Ao lado de minha esposa, segurada pela mão de uma mulher de meia-idade desconhecida (que eu supus ser uma praticante do Falun Gong), estava a pequena Xiao Lian. A menina também estava muito mais magra, seus olhos ainda com um toque de medo, mas quando me viu, ela chamou suavemente: "Tio Ming!".

Naquele momento, toda a força contida em mim pareceu explodir. Corri em direção a eles. Qing Ling também correu, abraçando-me, soluçando. Abracei minha esposa com força, sentindo seu corpo frágil e trêmulo em meus

braços. Minhas lágrimas também não puderam ser contidas – lágrimas de alegria, da dor passada e da felicidade de um reencontro que parecia impossível.

“Você... você conseguiu... você está livre...” Qing Ling soluçou em meus braços.

“Eu sei... eu sei que foi você...” respondi, com a voz embargada, acariciando o cabelo bagunçado de minha esposa.

Abaixei-me para olhar para Xiao Lian, a menina ainda um pouco tímida. Abracei-a gentilmente. "Doce Xiao Lian, está tudo bem agora. O tio voltou para você."

A mulher que os acompanhava sorriu gentilmente. "Ela esteve conosco nas últimas semanas, está segura. Sua esposa passou por muita coisa para conseguir sua libertação."

Mais tarde, Qing Ling me contou todo o seu árduo processo. Depois que fui preso, minha esposa ficou em pânico. Mas com a ajuda desta bondosa mulher e de alguns outros praticantes com quem o Tio Liu conseguiu entrar em contato, ela e Xiao Lian encontraram um abrigo temporário seguro em um lugar discreto em Xangai. Imediatamente depois, apesar do perigo, ela tentou de todas as formas chegar ao Consulado Americano em Xangai. No início, abordar e apresentar o

caso não foi fácil, enfrentando burocracia e uma atitude um tanto cética. Mas com perseverança, evidências de minha prisão injusta (ela havia guardado meu passaporte) e a audácia de mencionar nossa conexão com o Falun Gong (embora soubesse que era muito arriscado), minha esposa finalmente convenceu um funcionário consular a acreditar nela e a intervir. Eles enviaram oficialmente uma nota diplomática, exigindo que o lado chinês esclarecesse o caso e libertasse o cidadão americano Wang Ming. A pressão diplomática contínua por quase dois meses finalmente forçou as autoridades locais em Xangai a ceder.

Nosso reencontro foi breve, mas cheio de emoção. Sabíamos que ainda não estávamos verdadeiramente seguros. Este ainda era o território da China, e minha "libertação" poderia ser apenas temporária. Tínhamos que sair daqui o mais rápido possível.

Com o apoio mais ativo do consulado após minha libertação, começamos a correr contra o tempo para completar os procedimentos necessários para nós três. Obter documentos de viagem para Xiao Lian foi muito difícil, mas graças à forte intervenção do consulado e à urgência humanitária, finalmente recebemos uma permissão especial para levar a menina para fora da China conosco.

Finalmente, nos últimos dias de dezembro, quando a atmosfera de Natal já permeava o mundo, estávamos no Aeroporto Internacional de Pudong, em Xangai, segurando as passagens de avião de volta para a América. A jornada através da noite escura, enfrentando o perigo e, finalmente, a fuga espetacular, havia terminado. Sobrevivemos, protegemos Xiao Lian e, mais importante, nossa fé não apenas não foi destruída, mas se tornou mais forte do que nunca. A luz no fim do túnel havia realmente aparecido.

\* \* \*

# **CAPÍTULO 13: O ORIENTE RESPLANDECE - RETORNO E DISSEMINAÇÃO**

## **O voo de volta e a terra da liberdade**

Sentado no avião que gradualmente deixava a pista do Aeroporto Internacional de Pudong, em Xangai, apertei a mão de Qing Ling. A sensação de tensão extrema só começou a diminuir um pouco quando o avião realmente decolou do solo chinês. Até o último momento na sala de embarque, durante os procedimentos de imigração, o medo de ser parado, de enfrentar dificuldades, permaneceu constante em nossas mentes. Agora, olhando pela janela e vendo a terra da China recuar cada vez mais, uma sensação de imenso alívio,

embora misturada com muitas emoções confusas, finalmente se instalou em meu coração.

O longo voo sobre o Oceano Pacífico pareceu ser a pausa necessária para realmente percebermos que havíamos escapado do perigo. Nossos corpos, exaustos após as semanas terríveis, rapidamente adormeceram. A pequena Xiao Lian, talvez também sentindo a mudança na atmosfera, dormiu profundamente nos braços quentes de Qing Ling durante a maior parte da viagem. Ocasionalmente, ao acordar e ver Qing Ling e Xiao Lian dormindo pacificamente ao meu lado, meu coração se enchia de uma gratidão indescritível por alguma proteção milagrosa que nos ajudou, a nós três, a superar tudo.

Mas esse alívio não conseguia apagar o peso em meu coração. As imagens do assassinato do Sr. Kang Yu, do desaparecimento da Sra. Chen Mai na prisão, as imagens do Tio Liu, da Sra. Chen, da Sra. Lan e de tantos outros praticantes que ainda enfrentavam a brutal perseguição em sua terra natal continuavam a voltar, me atormentando. Estávamos livres, mas e eles? A alegria de nosso reencontro e fuga parecia tingida de tristeza, um vago sentimento de culpa por tê-los deixado para trás.

Finalmente, após uma jornada que pareceu interminável, o avião pousou no aeroporto internacional nos EUA. Eram os últimos dias de dezembro. Ao sair do avião,



respirando o ar familiar, ouvindo os sons e vendo as paisagens queridas de nossa segunda pátria, uma sensação de segurança absoluta nos envolveu. O aeroporto estava esplendidamente decorado com luzes cintilantes, árvores de Natal e melodias natalinas suaves tocando nos alto-falantes. O calor, a agitação e a atmosfera de liberdade aqui contrastavam totalmente com a atmosfera sufocante, tensa e perigosa que tínhamos acabado de experimentar na China.

Aqui estávamos, a terra da liberdade. Havíamos realmente retornado.

Qing Ling abraçou Xiao Lian com força, e a menina olhou ao redor com seus grandes olhos curiosos. Olhando para aquela imagem, percebi profundamente que não havíamos retornado como as duas pessoas que partiram, mas como três. Havíamos trazido um novo membro, uma nova família formada em meio à tempestade. Xiao Lian não era apenas uma órfã que havíamos acolhido; ela agora era nossa filha, um testemunho vivo da jornada turbulenta que havíamos passado, uma responsabilidade sagrada que nos comprometemos a assumir.

Pisar no solo familiar da América, com a sensação avassaladora de segurança e liberdade, ainda deixava meu coração pesado. As memórias de quase sete meses na China – da curiosidade inicial, dos encontros

estranhos, da alegria de encontrar o Dafa, ao horror de testemunhar e vivenciar diretamente a perseguição – tudo ainda estava muito fresco, muito profundo, impossível de desvanecer. Havíamos retornado à terra da liberdade, mas uma parte de nossas almas parecia ter ficado no Oriente, com nossos colegas praticantes que suportavam bravamente e esperavam por um amanhã mais brilhante. Este voo de volta marcou o fim de uma fuga espetacular, mas também o início de um novo capítulo em nossas vidas, uma nova vida sob a luz do Dafa nesta terra de liberdade.

## **Construindo uma nova vida sob a luz do Dafa**

Nos primeiros dias de volta à América, tentamos restabelecer nossas vidas, que haviam sido completamente viradas de cabeça para baixo após quase sete meses na China. Nossa casa familiar agora tinha a voz e o riso da pequena Xiao Lian, trazendo uma nova atmosfera, mas também responsabilidades consideráveis. Contatamos familiares, amigos e colegas, tentando explicar da forma mais breve possível nossa longa ausência e a chegada do novo membro da família. A maioria das pessoas ficou surpresa e curiosa, mas também expressou simpatia e apoio. Nossos filhos mais

velhos, após a preocupação inicial, ficaram muito felizes com nosso retorno seguro e acolheram Xiao Lian como uma irmã mais nova.

A tarefa mais importante agora era ajudar Xiao Lian a se adaptar ao novo ambiente. A menina ainda tinha traumas psicológicos do que havia passado. À noite, ela costumava acordar gritando, chamando por seus pais. Qing Ling passava quase todo o seu tempo ao lado dela, cuidando, confortando e amando a menina. Com paciência e amor genuíno, minha esposa gradualmente ajudou Xiao Lian a se sentir mais segura, mais aberta e a começar a se familiarizar com o inglês e a nova vida. Vendo como Qing Ling cuidava de Xiao Lian, eu via claramente a Compaixão e a tolerância de uma mãe, de alguém que tentava praticar o que acreditava.

Paralelamente à estabilização da vida familiar, rapidamente procuramos nos conectar com a comunidade local de praticantes do Falun Gong. Apenas alguns dias após voltarmos para casa, encontramos o local de prática mais próximo e começamos a participar das sessões de exercícios matinais e dos estudos do Fa em grupo nos fins de semana.

A sensação de poder praticar os exercícios livremente ao ar livre, de ler abertamente os livros do Dafa e de compartilhar experiências de cultivo com outros praticantes sem o medo de ser vigiado ou preso era algo

extremamente precioso, completamente diferente do que havíamos experimentado na China. Aqui, conhecemos praticantes de muitos países e culturas diferentes, mas todos compartilhando a mesma fé em Verdade-Compaixão-Tolerância, esforçando-se juntos para fazer melhor. A atmosfera de cultivo aberta, harmoniosa e pura aqui nos ajudou a nos sentirmos reenergizados e fortalecidos.

A prática consistente de ler os livros e fazer os exercícios tornou-se a base sólida de nossa nova vida. Os profundos princípios do Fa em "Zhuan Falun" não apenas nos ajudaram a entender melhor o significado das tribulações que havíamos passado, mas também iluminaram o caminho à frente. Aprendemos a enfrentar as memórias dolorosas com uma mente mais calma, considerando-as como testes a serem superados para elevar nosso xinxing. Aprendemos a transformar essas experiências ruins em motivação para cultivar ainda mais diligentemente.

Nossa vida, embora tivesse passado por tempestades terríveis, agora se tornou muito mais significativa e pacífica do que antes. Entendemos melhor que o propósito da vida não é buscar fama e ganhos materiais externos, mas cultivar, retornar à nossa boa natureza original. A cada dia que passava, tentávamos comparar nosso comportamento e pensamentos com o padrão de

Verdade-Compaixão-Tolerância, tentando desempenhar melhor nossos papéis na família e na sociedade.

O relacionamento entre mim e Qing Ling se tornou ainda mais próximo e compreensivo depois dos desafios quase de vida ou morte que passamos juntos. Não éramos apenas marido e mulher, mas também colegas praticantes que se lembravam e se guiavam no caminho de volta. Líamos os livros do Fa juntos, compartilhávamos nossos entendimentos e nos lembrávamos quando víamos algo que não estava certo no outro.

Também tentamos criar Xiao Lian em um ambiente cheio de amor e dos valores de Verdade-Compaixão-Tolerância. Contamos a ela histórias sobre bondade, honestidade e tolerância. Gradualmente, o sorriso voltou aos lábios da menina, seus olhos mais claros e animados. Embora ainda muito pequena para entender completamente o Dafa, acreditamos que as sementes da benevolência estavam sendo plantadas em sua alma pura.

Embora a longa viagem e os eventos inesperados nos tenham forçado a adiar muitos planos de trabalho e também custado uma quantia considerável, nossa nova vida na América se tornou muito mais significativa espiritualmente. A luz do Dafa iluminou cada pequeno canto de nossas vidas, ajudando-nos a encontrar paz interior, força para enfrentar as dificuldades e um

propósito de vida mais nobre. Estávamos reconstruindo nossas vidas, não apenas com coisas materiais, mas com a fé e a prática de Verdade-Compaixão-Tolerância todos os dias.

## **Tempestade em meio à calmaria**

Após as terríveis reviravoltas que minha esposa e eu enfrentamos na China continental, nossa vida na América gradualmente se estabilizou. A empresa farmacêutica na qual eu havia dedicado todo o meu coração começou a dar passos firmes, o produto foi bem recebido pelo mercado, trazendo a principal fonte de renda para a família. Ao mesmo tempo, ambos encontramos cargos de professores em uma universidade. Embora a renda desse trabalho não fosse significativa em comparação com os lucros da empresa, nos trazia a alegria de contribuir em um ambiente acadêmico, manter nossa reputação científica, a oportunidade de interagir com intelectuais e continuar as atividades de pesquisa pelas quais ambos éramos apaixonados. Tínhamos mais tempo para o cultivo pessoal, para os estudos do Fa em grupo, para horas de meditação profunda e para participar de atividades de divulgação do Fa com outros praticantes do Falun Gong na área, onde encontramos empatia e conexão com

muitas pessoas da mesma origem cultural chinesa. Nossa pequena casa estava novamente cheia de risos, embora meu coração ainda estivesse pesado com a preocupação pelos colegas praticantes que ainda sofriam tribulações na China continental.

Mas a paz não durou muito.

As primeiras ondas apareceram em minha empresa farmacêutica. Inicialmente, foram apenas alguns pequenos contratos cancelados no último minuto por razões vagas e incompreensíveis. Com minha experiência de mercado, eu apenas considerei isso como riscos normais. Mas então, os problemas começaram a aparecer com mais frequência. Um lote de produtos que exportamos para a Europa de repente teve problemas com os padrões de qualidade, embora nosso processo de controle interno fosse extremamente rigoroso. Em seguida, rumores falsos sobre os produtos da empresa começaram a se espalhar em alguns fóruns online, semeando dúvidas entre os consumidores. Parceiros de longa data começaram a mostrar hesitação, e alguns projetos promissores de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos foram subitamente paralisados devido à falta de fornecimento de matéria-prima ou ao vazamento inexplicável de informações importantes.

Minha mente estava tensa como uma corda de violino. Tentei manter a clareza de um cientista, revisando cada

etapa da gestão e operação, mas não consegui encontrar nenhuma falha fatal. Um sentimento de impotência e uma vaga ansiedade começaram a tomar conta de minha mente.

O golpe fatal veio quando meu cunhado, que também era um grande acionista e costumava confiar muito na direção da empresa, de repente anunciou a retirada de todo o seu capital, citando "reestruturação de portfólio de investimentos pessoais". Eu sabia que por trás dessa razão havia confusão com os rumores falsos e talvez a pressão de sua própria família ao ver minha empresa em apuros. A decisão do meu cunhado, a quem eu sempre considerei um irmão, foi como uma bomba que abalou toda a empresa, desencadeando um efeito dominó. Os bancos que antes eram acolhedores e promissores de repente congelaram os empréstimos aprovados, usando todos os tipos de desculpas para atrasar o desembolso. Enquanto isso, os juros dos investimentos anteriores continuavam a chegar regularmente, como uma corda apertando gradualmente o pescoço da empresa.

Paralelamente à tempestade na empresa, uma sombra semelhante também começou a pairar sobre o trabalho de ensino de minha esposa e eu. Em meu departamento, sussurros e olhares inquisitivos começaram a aparecer. Alguns colegas que antes eram amigáveis agora se mostravam distantes. A administração do departamento mencionou vagamente a "necessidade de melhorar o



desempenho" e "feedback não positivo dos alunos" sem fornecer qualquer evidência concreta. Minha esposa, Qing Ling, enfrentou uma situação semelhante em seu departamento. A pressão invisível aumentava a cada dia, e o risco de perder o ambiente de trabalho acadêmico que amávamos e valorizávamos pairava sobre nós dois.

Qing Ling, embora com o coração em turbulência, tentou ser meu apoio espiritual. Nossos dois filhos mais velhos, um no segundo ano da universidade e o outro no décimo primeiro ano do ensino médio, embora já crescidos e capazes de cuidar de muitas coisas por si mesmos, ainda precisavam de um apoio considerável da família, especialmente quando também sentiam as perturbações que estavam ocorrendo. Mas Xiao Lian era diferente. A menina ainda era pequena e carregava os traumas dos dias terríveis no orfanato e na fuga. Ela precisava de cuidados especiais, de amor e paciência ilimitados para se recuperar gradualmente. À noite, depois de colocar Xiao Lian para dormir, minha esposa e eu nos sentávamos juntos, não para discutir como resolver os problemas aparentemente intermináveis, mas para estudar o Fa juntos, para encontrar a calma na meditação. Qing Ling costumava me lembrar gentilmente dos princípios do Fa, da palavra "Tolerância" diante da adversidade, de olhar para dentro para ver se eu tinha algum apego a ser abandonado.

Além das dificuldades crescentes do trabalho, também tínhamos que lidar com a preocupação da família. Meus pais, agora com mais de setenta anos, aposentados e morando com a família do meu irmão mais velho. Eles nasceram e cresceram na China e imigraram para os EUA nos anos 70, então entendiam muito bem a natureza do Partido Comunista Chinês. Embora nenhum dos dois realmente entendesse o Falun Gong e o que estávamos buscando, meu pai era mais calmo, ele era de poucas palavras e sempre respeitou as escolhas de seus filhos. Minha mãe era diferente. Ocasionalmente ela ligava, e cada vez era um desafio para mim. Desde que soube que fui detido por quase dois meses na China, seu medo do PCC se aprofundou. Ela me amava, sentia pena do que minha família estava passando, mas a maneira como ela expressava isso me deixava extremamente cansado. Minha mãe costumava falar com uma voz cheia de preocupação, meio conselho, meio repreensão: "Ming, eu não acho que isso esteja certo. Você se envolvendo com o Falun Gong assim, e os problemas na empresa e na universidade, você não acha estranho? Eu só tenho medo... medo que eles não deixem vocês em paz, como da vez na China." Ela tentou me convencer a ser mais "flexível", a "conhecer a si mesmo e aos outros", e até mesmo sugeriu que eu deveria "deixar de lado temporariamente" a prática de cultivo para "me proteger".

Nesses momentos, embora um pouco perturbado pelas estranhas coincidências, eu ainda tentava tranquilizar minha mãe, e também a mim mesmo. Pensei, talvez minha mãe estivesse se preocupando demais devido a velhos traumas. Nos EUA, um país de liberdade e estado de direito, como poderiam acontecer coisas tão sutis e subversivas? Eu ainda acreditava que as dificuldades da empresa eram devido a problemas de gestão interna, flutuações de mercado ou minha própria incompetência. Eu precisava encontrar a causa e a solução sozinho, em vez de culpar alguma força invisível. As palavras de minha mãe, embora eu soubesse que vinham do amor e do medo inerente, ainda me pesavam e às vezes me faziam sentir impotente por não conseguir tranquilizá-la.

“Ming,” Qing Ling me disse suavemente uma vez, após um telefonema assim de minha mãe, “acho que nada acontece por acaso. Talvez este seja um teste do Mestre, para ver se nossa fé é forte, se podemos realmente abandonar as coisas materiais deste mundo, e também esses laços emocionais.”

Segurei a mão de minha esposa em silêncio. Eu entendi. Mas entender era uma coisa, enfrentar e superar era outra jornada árdua. A pressão financeira, a responsabilidade por centenas de funcionários, a preocupação com o futuro da família, o sustento dos dois filhos e, especialmente, como garantir o melhor ambiente para a recuperação de Xiao Lian, juntamente com a dor

de não conseguir tranquilizar meus pais, pesavam sobre meus ombros.

A situação piorava a cada dia. Para salvar a empresa, fui forçado a tomar decisões dolorosas. As demissões começaram. De uma empresa com mais de quinhentos funcionários cheios de entusiasmo, ela encolheu para um esqueleto precário. Uma atmosfera de luto pairou sobre as últimas reuniões, os olhares desapontados e confusos daqueles que haviam estado comigo me partiram o coração. No final, restavam apenas pouco mais de vinte pessoas, aquelas verdadeiramente dedicadas, ou que, por algum motivo, ainda escolheram ficar com o navio que afundava.

Mas mesmo com essa força de trabalho mínima, o fardo dos custos operacionais e, especialmente, os juros dos empréstimos bancários, ainda era insuportável. Os credores ligavam constantemente, ameaçando confiscar os ativos da empresa. Não havia outra escolha. Após muitas noites sem dormir, discuti com Qing Ling e decidi vender duas das três propriedades que nossa família havia acumulado ao longo dos anos nos EUA. Era uma casa de investimento e um apartamento para alugar. Com pouco dinheiro e precisando dele urgentemente, tive que aceitar "vender barato" por um preço muito inferior ao seu valor real. Minha família se mudou para a casa menor, cortando todas as despesas desnecessárias. Os carros de luxo, cada um valendo mais

de duzentos mil dólares, que minha esposa e eu usávamos, também tiveram que ser vendidos. Em vez disso, compramos dois carros usados, cada um por pouco mais de dez mil dólares, o suficiente para nos locomover. Os jantares de fim de semana em família em restaurantes sofisticados também foram completamente cortados; em vez disso, tínhamos refeições caseiras simples e aconchegantes. A vida material de minha família agora era muito diferente de antes.

Por três meses, depois seis, a tempestade nos testou incessantemente. A empresa mal se mantinha. Minha esposa e eu, por mais que tentássemos, finalmente recebemos o aviso de não renovação de nossos contratos de ensino da universidade. Perdemos nossa última fonte de renda estável, mas, mais importante, perdemos um ambiente acadêmico onde poderíamos contribuir com nossa especialidade, manter nossa reputação científica e nos conectar com a comunidade intelectual.

Naqueles dias sombrios, eu me questionava incessantemente. Enfrentei a dura realidade, tentando entender a causa honestamente (Verdade), mas todos os esforços foram em vão. Não reclamei do destino nem culpei ninguém, apenas suportei em silêncio (Tolerância). Para as mais de vinte pessoas que restaram na empresa, fiz o meu melhor para garantir um sustento mínimo para elas, usando minha benevolência e sinceridade para encorajá-las (Compaixão).

Muitas noites, vendo Qing Ling ter que abandonar os hábitos de vida luxuosos de antes, adaptando-se silenciosamente a uma vida mais simples na casa menor, considerando cuidadosamente cada despesa, preparando as refeições em família em vez dos jantares de fim de semana em restaurantes, adiando viagens distantes ou itens de luxo que antes ela podia comprar facilmente, enquanto ainda tinha que dedicar toda a sua energia para cuidar de Xiao Lian, tentando curar as feridas psicológicas da menina, meu coração doía como se estivesse sendo cortado. Embora as necessidades básicas da família em termos de comida e roupas ainda fossem atendidas com o que restava, a queda de uma vida de milionário para apenas o suficiente para cobrir as despesas como uma família de classe média me fazia sentir um fardo invisível. Eu me perguntava, estaria eu muito apegado à reputação de um cientista, de um empresário de sucesso? A perda do meu cargo na universidade, a perda do reconhecimento do mundo acadêmico, seria parte de um teste para eu abandonar o "renome" ao qual ainda me apegava? Estaria eu muito apegado aos ganhos materiais, ao conforto e à afluência, como carros caros, refeições luxuosas ou férias de luxo, esquecendo o verdadeiro significado da vida de um cultivador? Essas perguntas se aprofundaram em minha alma, forçando-me a olhar para dentro, a enfrentar as camadas mais profundas de minha consciência.

## **Ressurgindo das cinzas, em direção à luz**

Os dias mais sombrios pareciam ter chegado ao fundo do poço. Minha esposa e eu, embora tivéssemos perdido quase tudo o que havíamos construído, permanecemos firmes em nossa fé. Os mais de vinte funcionários restantes, aqueles que escolheram ficar quando a empresa estava afundando, tornaram-se uma pequena, mas preciosa fonte de motivação para mim. Eles não eram mais apenas funcionários, mas companheiros, juntos no mesmo barco tentando escapar do redemoinho mortal.

Em um encontro casual com um colega praticante mais velho, que vivia nos EUA há muitos anos e também havia passado por altos e baixos, compartilhei as estranhas reviravoltas que haviam acontecido com minha empresa e minha carreira. Conteí sobre os contratos cancelados sem motivo, os rumores falsos, a retirada de capital do meu cunhado e os avisos ansiosos de minha mãe sobre a possível interferência do Partido Comunista Chinês. O colega praticante ouviu com muita atenção e depois disse pensativamente: "Wang Ming, as palavras de sua mãe não são infundadas. Nos EUA, os agentes do PCC operam de forma muito sutil e desenfreada. O fato de seus negócios, que iam tão bem,

terem despencado de forma tão anormal, temo que não seja uma coincidência. É muito provável que a mão deles esteja envolvida para sabotar pessoas relacionadas ao Falun Gong ou que ousam falar sobre as injustiças no continente. Tente investigar cuidadosamente, talvez você encontre uma pista."

As palavras do colega praticante foram como um alarme, iluminando as vagas suspeitas que já haviam se infiltrado em minha mente, especialmente após os avisos de minha mãe. Antes, eu as havia descartado, pensando que tais coisas não poderiam acontecer nos EUA, que eu deveria encontrar a falha em mim mesmo. Mas agora, ouvindo um praticante experiente dizer isso, as peças dispersas do quebra-cabeça começaram a se encaixar. Lembrei-me de repente dos detalhes ilógicos, dos incidentes inexplicáveis que haviam ocorrido. Será que minha mãe estava certa? Será que minha ingenuidade sobre um "mundo completamente livre" me tornou complacente? Com o incentivo de Qing Ling, decidi que tinha que descobrir a verdade, por mais dura que fosse.

Com a mentalidade de um cientista, comecei a revisar todo o sistema, as transações, os registros de pessoal, prestando atenção especial aos novos funcionários contratados durante o período em que a empresa começou a ter problemas. Pedi discretamente a um especialista em segurança cibernética, um amigo de confiança, para verificar todo o sistema de computadores



e as comunicações da empresa. Os resultados me deixaram atordoado e magoado. Um novo funcionário no departamento de vendas, a quem eu costumava considerar enérgico e sociável, tinha sinais de atividade suspeita: acessando dados fora de seu escopo de trabalho, comunicações externas incomuns e, o mais importante, havia evidências de que essa pessoa havia vazado intencionalmente informações de projetos e sabotado contratos importantes.

Enfrentando a amarga verdade de que fui sabotado por outro chinês, que se supunha ser um infiltrado do governo chinês, um sentimento inicial de raiva surgiu em mim. Mas rapidamente me lembrei de que sou um cultivador, lembrei-me dos ensinamentos do Mestre sobre Compaixão e Tolerância. Não podia deixar que a raiva ou o ressentimento ditassem minhas ações. Depois de reunir provas suficientes, eu e o advogado da empresa relatamos todo o incidente às autoridades americanas. O agente secreto foi rapidamente demitido e enfrentou uma investigação legal. Embora não pudesse restaurar imediatamente os enormes danos causados, a remoção desse "verme" ajudou a empresa a se livrar de um fardo invisível e, mais importante, confirmou minhas suspeitas, ajudando-me a entender melhor a natureza desta perseguição – ela não se limitava às fronteiras da China.

Com apenas pouco mais de vinte pessoas dedicadas restantes, entendi que a empresa não poderia continuar operando no modelo antigo. Tínhamos que reestruturar completamente, encontrar uma nova direção, um produto central verdadeiramente inovador. Em reuniões tensas, mas construtivas, as ideias começaram a se formar. Das lições sobre valorizar os valores tradicionais, sobre a harmonia entre o homem e a natureza que compreendi do Dafa, combinadas com meu conhecimento científico moderno, tive uma ideia ousada: desenvolver uma nova linha de produtos farmacêuticos, combinando a essência da medicina tradicional oriental com os rigorosos processos de pesquisa e teste da ciência ocidental.

Compartilhei essa ideia com a equipe restante. Muitos estavam céticos no início, pois era muito diferente do que já havíamos feito. Mas meu entusiasmo e visão, juntamente com análises científicas específicas, gradualmente os convenceram. Embarcamos em uma nova aventura, com recursos limitados, mas com alta determinação. Qing Ling e eu, juntamente com os cientistas principais restantes, trabalhamos dia e noite no laboratório. Estudamos centenas de ervas preciosas raras da medicina oriental, tentando extrair seus ingredientes ativos, combinando-os de acordo com os princípios científicos modernos para otimizar seus efeitos e minimizar os efeitos colaterais. O processo de pesquisa

foi extremamente árduo, com muitos fracassos que quase nos fizeram desistir. Nesses momentos, estudávamos o Fa juntos, reencontrando a calma e a fé. A imagem do Mestre e os ensinamentos no Fa nos davam mais força.

Após quase um ano de trabalho incansável, finalmente, um novo produto nasceu. Era um medicamento de suporte para o tratamento de doenças crônicas, feito inteiramente de ingredientes naturais de acordo com o conhecimento da medicina oriental, mas padronizado e testado quanto à eficácia e segurança através de ensaios clínicos que seguiam os rigorosos padrões da medicina ocidental.

No dia em que o produto foi lançado no mercado, meu coração estava cheio de expectativa. Não ousávamos esperar muito depois de tudo o que havíamos passado. Mas sinais positivos começaram a aparecer. Primeiro, foram os bons feedbacks de um pequeno número de pacientes que o experimentaram, depois, gradualmente, médicos e especialistas em saúde também começaram a notar a singularidade e eficácia do produto, especialmente sua segurança e a quase ausência de efeitos colaterais. A reputação do produto foi gradualmente construída através de resultados reais e da recomendação de quem o usou. Os pedidos começaram a mostrar um claro aumento, trazendo esperança e as primeiras receitas que ajudaram a empresa a se estabilizar gradualmente.

Minha pequena empresa, à beira da falência, de repente deu passos positivos. Minha reputação na indústria farmacêutica, embora severamente danificada antes, também começou a ser restaurada passo a passo. Com esses sinais promissores, eu tinha uma base para reconstruir gradualmente a empresa, talvez recontratar alguns dos antigos funcionários dedicados quando as condições permitissem, e expandir cautelosamente a escala de produção.

Mas mais importante do que os sinais de recuperação financeira, minha esposa e eu sentimos uma alegria mais profunda. Havíamos transformado a adversidade em oportunidade, não apenas para reviver nossas carreiras, mas também para criar produtos verdadeiramente benéficos para as pessoas, contendo tanto a sabedoria da medicina tradicional quanto a transparência da ciência moderna. O caminho à frente se abriu novamente, não apenas o futuro de um negócio, mas também o futuro de pessoas que ousaram manter sua fé, ousaram enfrentar desafios e encontraram a luz a partir de seu próprio cultivo. Entendi que todas as tribulações que passamos foram para temperar nossa vontade, para lavar nossos apegos e para que pudéssemos caminhar com mais firmeza no caminho de volta.

## **Um hino de esperança da tempestade, espalhando a luz**

A vida na América, após as terríveis reviravoltas na China continental, parecia ter se estabilizado gradualmente, mas a verdadeira paz não durou muito. Dificuldades financeiras e de carreira se acumularam, levando minha dedicada empresa à beira da falência e fazendo com que tanto eu quanto minha esposa perdêssemos nossos empregos de professores. Após um longo período enfrentando adversidades sem uma causa clara no início, finalmente descobrimos a trama de sabotagem secreta dos agentes do PCC e, passo a passo, reconstruímos nossa carreira das cinzas, com uma nova direção que combinava a medicina oriental e ocidental.

Superar essa tempestade não apenas nos ajudou a reviver nossas carreiras, mas também temperou nossa vontade, lavou nossos apegos e fortaleceu nossa fé no Dafa. E foi neste momento, quando a vida gradualmente se estabilizou novamente, que Qing Ling e eu sentimos que nossa responsabilidade era ainda maior.

Voltando da China, trazendo não apenas uma nova família, mas também o fardo da verdade sobre a brutal perseguição que ocorria lá, sentimos que tínhamos que falar a verdade. Não podíamos ficar em silêncio sabendo que milhões de pessoas inocentes estavam sofrendo

apenas por sua fé em Verdade-Compaixão-Tolerância, quando o horrível crime da extração forçada de órgãos ainda continuava a portas fechadas para o mundo.

Espalhar essa verdade não foi nada fácil, especialmente diante da indiferença, do ceticismo ou mesmo da apreensão de parte do público ocidental. Mas as imagens do Sr. Kang Yu, da Sra. Chen Mai, do Tio Liu, da Sra. Chen, da Sra. Lan e de tantos outros que conhecemos, juntamente com as experiências terríveis que eu mesmo passei no centro de detenção, nos impulsionaram a agir.

Começamos com as pessoas mais próximas: família, amigos, colegas de mente aberta. Contamos nossa jornada, compartilhamos a beleza do Falun Gong e a dura verdade sobre a perseguição. Gradualmente, a sinceridade em nossas histórias e as mudanças positivas em nós mesmos fizeram com que muitas pessoas comesçassem a ouvir e a pensar mais seriamente.

Mas apenas compartilhar pessoalmente não era suficiente. Participamos ativamente das atividades organizadas pela comunidade local de praticantes do Falun Gong. Nos fins de semana, juntávamo-nos a outros praticantes em protestos pacíficos em frente ao Consulado Chinês, participávamos de desfiles, organizávamos exposições de documentários e exposições de arte de Verdade-Compaixão-Tolerância. Qing Ling, com suas habilidades linguísticas e compreensão cultural,

costumava apresentar o Falun Gong e responder a perguntas. Eu participava da coleta de assinaturas para petições, enviando cartas a legisladores e organizações de direitos humanos.

Cada atividade, por menor que fosse, era um esforço para quebrar o silêncio. Encontramos muitas dificuldades: indiferença, obstrução secreta por parte do governo chinês e, às vezes, até mal-entendidos. Mas, olhando para os outros praticantes, muitos dos quais também eram refugiados que haviam escapado da perseguição, que ainda persistiam, pacífica e pacientemente, em falar a verdade ano após ano, sentimo-nos fortalecidos. Entendemos que espalhar a verdade não era apenas uma responsabilidade para com aqueles que sofriam na China, mas também uma responsabilidade para com nossa própria consciência e o futuro do mundo. Porque o silêncio diante do mal é conivência com o mal.

O tempo passou rapidamente desde que reconstruímos tudo. A nova vida com Xiao Lian, com os esforços para cultivar a nós mesmos e espalhar a verdade, tornou-se uma jornada incessante. Olhando para o caminho que percorremos, não posso deixar de me sentir comovido. De um professor de medicina, um empresário que acreditava apenas na ciência empírica, passei por uma completa transformação de consciência e fé. Essa jornada me levou do ceticismo à curiosidade, da descoberta à

aceitação, da fé inicial à firmeza inabalável no Falun Dafa, na existência de Deuses e Budas e nos profundos princípios do universo.

Eu já estive no auge da fama e do sucesso pelos padrões mundanos, mas me sentia vazio. Agora, depois de passar por provas de vida ou morte, de enfrentar o mal supremo e de testemunhar uma benevolência sem limites, eu realmente encontrei o verdadeiro significado da vida. Não é o gozo material ou a luta por fama e ganho triviais, mas o retorno à nossa natureza inata e pura, a assimilação com a característica suprema do universo: Verdade-Compaixão-Tolerância. O caminho do cultivo do Dafa é a escada para o céu.

As tribulações que passamos, embora dolorosas e duras, foram os testes necessários para temperar nossa vontade, eliminar nosso carma e elevar nosso xinxing. Cada vez que enfrentávamos o perigo, cada vez que tínhamos que escolher entre a segurança pessoal e a consciência, éramos abençoados pelo Dafa, nossa fé e coragem eram fortalecidas. A tragédia da família do Sr. Kang Yu e da Sra. Chen Mai, a brutalidade da perseguição, tudo isso não nos assustou nem nos fez recuar, mas, pelo contrário, nos fez perceber mais claramente a natureza maligna do PCC e a grandeza e retidão do caminho que escolhemos.

Acredito firmemente no poder de Verdade-Compaixão-Tolerância para mover os corações das pessoas. Essa luz



não apenas ilumina a nós, cultivadores, mas também tem o poder de inspirar e despertar a consciência de todas as pessoas no mundo. Embora a escuridão do mal ainda cubra a terra da China, embora a perseguição continue brutalmente, acredito que é apenas a loucura final antes do amanhecer.

Porque o Falun Dafa se espalhou pelos cinco continentes, enraizado profundamente nos corações de centenas de milhões de pessoas. Os verdadeiros cultivadores, com sua firmeza em Verdade-Compaixão-Tolerância, com sua paz e compaixão ilimitadas, estão trabalhando dia e noite para esclarecer a verdade, dismantelar as mentiras e expor os crimes do regime maligno. Como flores de lótus puras que se erguem da lama, eles estão usando sua própria benevolência e tolerância para enfrentar a violência, usando a verdade para derrotar o engano.

Acredito que o dia em que o povo chinês perceber a verdadeira face do PCC, o dia em que a verdade sobre a perseguição ao Falun Gong for totalmente exposta à opinião pública, não está longe. Então, a escuridão terá que se dissipar, o mal será eliminado, e um futuro brilhante e de liberdade de crença, onde os valores morais tradicionais serão revividos, chegará verdadeiramente à antiga terra da China. O verdadeiro amanhecer surgirá no Oriente.

E eu percebi que Verdade-Compaixão-Tolerância não é algo estranho ou exclusivo do Oriente. São valores aos quais, no fundo da alma, talvez todos aspirem. Em um mundo moderno que às vezes faz as pessoas se perderem, o Falun Dafa foi como uma fonte de água fresca, ajudando-me a encontrar o equilíbrio, a elevar minha moralidade e a entender melhor o verdadeiro significado da vida. Acredito que as coisas boas e genuínas terão naturalmente o poder de se espalhar.

\* \* \*

# EPÍLOGO

Quando as histórias em "Poeira Vermelha, Luz Dourada" se concluem, talvez o que permaneça no coração do leitor não sejam os detalhes ou o destino de cada personagem. Mas sim um contraste silencioso, porém intenso: entre um mundo mundano cheio de poeira e uma luz pura que sempre busca se manifestar.

À primeira vista, esta é uma coleção de vidas separadas, cada uma com suas próprias tristezas, seus próprios fardos, sua própria luta entre os ganhos e perdas do mundo. Elas são arrastadas pelas correntes do destino, da ambição, dos traumas e dos erros. Essa é a imagem da *Poeira Vermelha* – sufocante, caótica e fascinante.

No entanto, ao dar um passo para trás e observar, um fio dourado teceu silenciosamente uma tapeçaria comum. Nos momentos mais sombrios, em meio às escolhas mais difíceis, a *Luz Dourada* apareceu. Essa luz não foi um milagre que desceu do céu para resgatar, mas uma escolha que surgiu do lugar mais profundo da humanidade: um ato de altruísmo, uma palavra de perdão, um momento de abandono do apego, ou um pensamento benevolente mantido diante da adversidade.

Esta obra, portanto, não conta apenas histórias sobre eles. Ela nos reflete. Cada leitor está caminhando em sua própria poeira vermelha, com seus próprios fardos e suas próprias escolhas.

E talvez, a pergunta mais importante que o livro deixa não seja o que os personagens encontraram, mas sim: Em meio à vasta poeira da vida, seremos capazes de reconhecer e nos agarrar à nossa própria luz?

**Sophia Bell**

THE LIVES MEDIA

\* \* \*

# SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA

## SOBRE A AUTORA

**Sophia Bell** é uma escritora independente que explora temas relacionados à política, cultura, sociedade, ciência e espiritualidade. Seu trabalho busca a verdade, desperta a consciência e dá voz às reflexões sobre o destino da humanidade.

Suas obras frequentemente se originam de entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de iluminação.

## SOBRE O PROJETO

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de

notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

## CONTATO

- ✧ Website: [www.thelivesmedia.com](http://www.thelivesmedia.com)
- ✧ Email: [editor@thelivesmedia.com](mailto:editor@thelivesmedia.com)
- ✧ QR Code:



## OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

- *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light) → este livro
- *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy)

- *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science)
  - *O Véu Vermelho* (The Red Veil)
  - *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time)
  - *A Entrada no Mundo* (Entering The World)
  - *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)
  - *Antes de Nós* (Before Us)
  - *Mil Vidas* (Thousand Lives)
- 

**Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.**

